# COMPREENSÃO

## Escritos

**Afonso Fonseca**

***A vivência do sentido ontológico da inutilidade amalgama-se com a vivência da drmática da ação, do desdobramento do possível, da possibilidade, da criação.***
***Como* condito sine qua non *da ação compreensiva e musculativa. Da criatividade, da poiese.***
***Da existência.***

***O presente* caderno *é um núcleo temático de nossa produção. Contém erros formais na sequência dos ensaios, duplicatas, que serão corrigidos nas próximas versões. Igualmente orientará a produção de ensaios sobre o tema.***

1. ONTOLÓGICA DA PRESENÇA E DA ATUALIDADE 5

ONTOLOGIA, PRESENÇA E ATUALIDADE. APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA 28

2 . A PERPLEXIDADE COMO MÉTODO 33

3. CONCEITUAÇÃO. O TEMPO, O CONCEITO, E O PRECONCEITO. O CONCEITO E O TEMPO. 39

4. COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO. A APURAÇÃO IMPLICATIVA GESTALTIFICATIVA, E A DECEPAÇÃO PURIFICATIVA, PUTATIVA. 51

5. A AÇÃO NÃO É SÓ *AÇÃO MUSCULAR.* COMPPREENSÃO TAMBÉM É LEGITIMAMENTE AÇÃO NA MUSCULAÇÃO, A COMPREENSÃO TAMBÉM É MUSCULAR 60

6. SINERGIA SINESTÉSIOLÓGICA DA COMPREENSÃO, E SINESTESIOLOGIA DA SINERGIA DA MUSCULAÇÃO COMPREENSIVA. SINERGIA SINESTESIOLÓGICA DA COMPREENSÃO-MUSCULAÇÃO: SINERGIA DA AÇÃO. 63

ESTÉTICA, ESTESIA E SINESTESIA, SINESTESIOLOGIA. DIALÓGICA, EXPERIMENTAÇÃO 67

7. ERRÂNCIA INSISTENCIAL NA EPISTEMOLÓGICA FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL GESTALTIFICATIVA 87

8. FORÇAS DA VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICA, AS POSSIBILIDA-DES, NA FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO, E NA FORMAÇÃO DAS COISAS INSTALATIVAS. GESTALTIFICAÇÃO. 90

9. DIALÓGICA, HERMENÊUTICA E ESTÉTICA DO CONFLITO 116

10. A EXPLICAÇÃO &A IMPLICAÇÃO COMPREENSI VA.COMPREENSÃO IMPLICATIVA. INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA. COMPREENSÃO INTERPRETATIVA. AÇÃO. COMPREENSIVAÇÃO. AFONSO H LISBOA DA FONSECA, *PSICÓLOGO.* 144

11. IMPLICAÇÃO, *IMPLEXAÇÃO.* FENOMENOLÓGICA DA IMPLICAÇÃO, DA PERFORMAÇÃO, E DA *PERPLEXIDADE.* FENOMENOLÓGICA DA AÇÃO. DA GESTALTIFICAÇÃO. 2

12. IMPLICAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, COMPREENSÃO 23

13. INSISTENSIA NA INSISTENSIA. *FENOMENOLOGIA GESTALTIFICATIVA*. 25

12. EKSISTENCIA [IN-SISTOLE(EKS)-TENSIA-ENTIA)], E [EXSISTENCIA (EX- SISTOLE-TENSIA-ENTIA)]. 32

13. A EKSISTENCIA – INSISTENSIA -- É UMA SÍSTOLE. 10

14. INTUIÇÃO DA INTENSIONALIDADE DA AÇÃO, E O CÁLCULO. 35

15. PROJETO, DESIGN, AÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO 40

1. A COMPREENSÃO É EMPÁTICA. A EMPATIA É COMPREENSIVA. (ALIÁS, *COMPREENSÃO EMPÁTICA* É UMA REDUNDÂNCIA...) 45

# 1. ONTOLÓGICA DA PRESENÇA E DA ATUALIDADE

**Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.**

*O objeto deve consumir-se para tornar-se presença.*

M Buber.

## CONCLUSÃO

*Presença* e *Atualidade* são duas perspectivas descritivas das características do modo ontológico de sermos. Junto com as outras características deste modo de sermos -- como a sua não objetividade nem subjetividade, o seu dar-se no modo dialógico da ação, e não no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o seu característico e intrínseco despropósito, a sua característica despropositalidade acausal, o seu intrínseco caráter de inutilidade, por se dar num modo de sermos que é anterior ao modo de sermos dos úteis e das utilidades – o caráter de *presença* – como o modo não cois, pré-coisa, de sermos; e de *atualiade*, como o modo de sermos da ação – constituem a vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

De modo que é essencial a compreensão e a consideração pela presença e pela atualidade, e pelas demais características do modo ontológico de sermos, para a compreensão da concepção e da metodologia de uma abordagem que, conceitual e metodologicamente, privilegia, em sua prática estética e poiética da *inutilidade,* este modo ontológico de sermos, da criação, da alegria, da superação, da saúde. .

## INTRODUÇÃO.

Da perspectiva de uma Ontologia Fenomenológica, podemos enquanto humanos, existir de dois modos distintos, e alternantes. Cada um com suas particularidades experienciais próprias e específicas. A cada um deles correspondem, respectivamente, modos diferentes de sermos, modos diferentes de consciência: o modo de ser fenomenológico, da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa; e o modo de sermos da consciência reflexiva, explicativa, e/comportamental.
Podemos existir, assim:
(1) como coisa instalativa, como acontecido, como passado, e como espectado. Ao modo da consciência reflexiva, teorética, explicativa.
Ou podemos existir:
(2) como vivência e ação, vivência de ação, como acontecer, como atores, como atualidade e presença – ao modo da consciência pré-reflexiva, compreensiva, implicativa, fenomenológico existencial e dialógica; também

chamada de Ontológica. Na medida em que é entendido como, igualmente, Ontológico oeste modo específico de sermos.

Ao modo explicativo de sermos -- ao modo de sermos da coisidade instalativa, ao modo de sermos do passado, e do acontecido -- dá-se, ainda, o modo de sermos do comportamento. Caracteristicamente, própria e especificamente, o comportamento é o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva. Que, enquanto tal, quanto mais padronizada e repetitiva, menos consciência é. Cada vez mais desnecessária a consciencia, na medida em que mais padronizada e repetitiva é a atividade.
O modo compreensivo e implicativo de sermos da ação, e o modo de sermos explicativo e teorético da coisidade instalativa, são intinsecamente caracterizados como modos de sermos de consciência.

Um, o modo de sermos da consciência compreensiva, implicativa. O outro, modo de sermos da consciência explicativa, teorética.

Assim, é exatamente esta específica característica de desconcienciação que torna o modo explicativo de sermos do comportamento, enquanto modo de sermos, intrínsecamente distinto, tanto do modo de sermos da consciência compreensiva e implicativa -- pré-reflexiva, ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, consciência do ator, do acontecer --; como igualmente distinto do modo de sermos do espectador, do modo de sermos do acontecer, da coisa instalativa, da consciência teorética e reflexiva, explicativa.

Alternamos regularmente entre estes dois modos de sermos. Entre o modo implicativo, compreensivo, de sermos do presente e da presença, da ação, da ataulização, do acontecer; e o modo explicativo de sermos.

O modo implicativo de sermos é originário. E desdobra-se no sentido do modo explicativo de sermos.

A coisa, característica da instalação do modo explicativo de sermos, é, em Grego, designada de ente. Donde deriva a designação de Ôntico de seu modo de ser. Ôntico significando ‘do ente’.

Em contraposição à designação de Ontológico, que recebe o modo de sermos implicativo da ação, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo. Caracterizado pela vivência de sentido – pelo logos – da consciência pré-reflexiva, onto-lógica, fenomeno-lógica, dia-lógica; compreensiva e implicativa.

Como o modo explicativo de ser da coisa, do ente, dá-se em seguida à vivência do modo ontológico de sermos, este modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dialógico, é o modo pré-ente de sermos, o modo de sermos de pré-coisa, o modo presente de sermos. O modo de semos do presente, da presença. Da atualidade (Que, enquanto tal, é definida pelo ato, pela ação).

Própria e especificamente, neste modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, vivenciamos a Presença e a Atidade -- a Atualização, a Atualidade. Que são qualidades próprias e específicas,

intrinsecamente constituintes, deste modo de sermos. Cognitivamente constituídas como consciência pré-reflexiva, como compreensão, e implicação.

As qualidades de Presença e de Atualidade são, pois, características ontológicas fundamentais. As noções de Presença e de Atualidade descrevem portanto duas características intrínsecas ao modo Ontológico de sermos – intrínsecas ao modo de sermos fenomenológico, existencial, e dialógico. Modo originário de sermos da vivência da ação, e de sentido (de logos), da consciência compreensiva e implicativa, pré-reflexiva, fenomenológica, existencial, dialógica, ontológica.

## O *ONTOLÓGICO*, assim, enquanto PRESENÇA e ATUALIDADE, enquanto o modo, *pré-coisa,* pré-ente, *presente*, de sermos; enquanto vivência de sentido, *logos,* o sentido, *logos,* ontológico de sermos, fenomenológico, existencial, e dialógico, compreensivo, e implicativo; e enquanto modo de sermos característico e distintivo do humano.

Podemos ser, assim, de dois modos distintos. Modos estes que correspondem a dois modos distintos de consciência.
(1) O modo de sermos da ação, e do ator; modo de sermos da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa, modo de sermos da vivência de sentido (logos), fenômeno-lógico, onto-lógico, implicativo, especificamente a preseça, o modo pré-coisa (pré-ente) de sermos, modo de sermos pré-ente, presente, atual – da atualização e da atualidade.
(2) E o modo de sermos, explicativo, do espectador, e da instalação da coisidade -- que não é o modo próprio de sermos da ação nem do ator, que não é o modo de sermos da consciência, própria e específica, da presença, da ação, da atualização, e da atualidade. Modo teórico de sermos, o modo de sermos do espectador, é o modo de sermos da consciência reflexiva, representativa, explicativa – que não é consciência implicativa, que não é implicação.

Temos a considerar, ainda, como modo não implicativo, explicativo, de sermos, como observamos, o modo de sermos do Comportamento. Que é o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva. Que, como tal, não se caracteriza por um modo de consciência, na medida em que -- atividade padronizada e repetitiva --, é um modo de sermos de cada vez mais plena de desconscienciação.

Sendo, assim, o oposto polar, o antípoda, do modo ontológico, fenomenológico existencial, compreensivo, e implicativo, de sermos. Na medida em que a instantaneidade momentânea da vivência deste modo ontológico de sermos é toda ela impregnada de consciência, própria e especificamente, de logos, de sentido: a consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa; a consciência do ator, e da ação.

O modo explicativo de sermos do comportamento, modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, portanto, é um modo de sermos da

desconscienciação. Enquanto que o modo ontológico de sermos da ação é um seu oposto polar, enquanto modo de sermos. Um seu antípoda, na medida em que é, essencial e especificamente, impregnado de logos, de vivência de sentido, de vivência de consciência – como desdobramento de possibilidades. Pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva, implicativa.

Ação e Comportamento não são a mesma coisa (Arendt). Ação e Comportamento são modos distintos, e polares, de sermos. A ação é lógica. Mas onto lógica, fenomeno lógica, dia lógica. Enquanto que o comportamento, enquanto atividade padronizada e repetitiva, é (se nos permite) des lógico, des logia, des logização.

Comportamento não é ação; ação não é comportamento.

O que caracteriza a ontológica do modo ontológico de sermos da ação -- fenomenológico, existencial, e dialógico -- é a vivência do logos compreensivoe implicativo que se constitui ao longo do desdobramento das possibilidades. A vivência de sentido. A consciência que é vivência de logos, de sentido. Que é consciência compreensiva.

A ação é desdobramento de força: desdobramento de possibilidades. No seu desdobramento, as possibilidades originariamente se constituem como consciência pré-reflexiva. Elas são preendidas, compreendidas, compreensão, como consciência pré-reflexiva, como sentido, como logos. Fenomeno-logos, onto-logos. O modo de sermos com-preensão – do logos, do sentido. Apresentação.

Diferentemente da consciência teórica, explicativa, que é re(a)-presentação, representação, re-flexão. Que se constitui como repetição, re(a)presentação. Não se constituindo a partir do desdobramento de possibilidades, e da constituição deste desdobramento como sentido, como compreensão, e implicação. Ação.

De modo que a consciência ontológica, compreensiva, implicativa, especificamente é apresentação. Enquanto que a consciência explicativa, na qual não se constitui significativamente o desdobramento de possibilidades, a compreensão, o sentido, a implicação, é da ordem do acontecido, da re-presentação – da re(a)presentação.

A vivência das possibilidades em seus desdobramentos -- que é o que entendemos por ação, atualização, e que se dá no modo de sermos da presença --, se constitui como consciência pré-reflexiva, como logos, onto logos, se constitui como sentido (logos), fenômeno. Aparece e se constitui, e se apresenta como tal em todo o decorrer de seu desdobramento. Ou seja, em todo o seu desdobramento a vivência da ação é vivência de sentido, compreensivo, implicativo, vivência de logos, fenômeno-logos, onto-logos.

Assim, a consciência ontológica, compreensiva -- enquanto desdobramento da ação -- é apresentação, é vivência de consciência originária, vivência de sentido, original, inédito, único, irrepetível. É assim na medida em que é vivência original e originária de possibilidades, inéditas e únicas.

(1) Este sentido que vivenciamos no decorrer da vivência fenomenológica, que é intrinsecamente ação compreensiva e implicativa, é a vivência de sentido, de logos, que nos caracteriza enquanto humanos. Este sentido que vivenciamos neste modo de sermos é, portanto, ontológico.

(2) O modo de sermos no qual vivenciamos este sentido ontológico é o modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico. Modo de sermos da ação, compreensiva e implicativa.

(3) Este modo de sermos é ontológico, ainda, porque, numa perspectiva da Ontologia (que é a área da Filosofia que estuda os aspectos definidores dos seres), é o modo de sermos que é característico e definidor deste ser humano que somos, devimos.

Este modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, modo ativo – e não instalativo – de sermos, implicativo – e não explicativo --, caracteriza-se por ser da ordem do modo de pré-coisa, de pré-ente, de sermos; modo de sermos do presente, da Presença.
E, por ser da ordem da ação, caracteriza-se por ser o mododе sermos da atualização, da atualidade.

## PRESENÇA

Para compreendermos o sentido de vivência da presença -- como qualidade característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico --, é importante entendermos, pois, e considerarmos, que podemos -- e que pode o mundo que nos é intensionalmente cabível e concomitante – alternativamente ser
(1) Presente, não coisa, vivência. No modo compreensivo e implicativo de sermos da ação, da atualização, do acontecer, pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, ontológico. Modo de sermos – eu-tu -- alheio à dicotomia sujeito-objeto. Especificamente projeto, projetação da expressão das possibilidades. Não objetivo nem subjetivo, acausal, inútil, não real. Pelo seu caráter próprio de possibilidades em desdobramento. De ação, atualização, realização --;
e podemos, e pode o mundo,
(2) ser coisa, instalativa -- no modo explicativo de sermos do acontecido, reflexivo, teorético, objetivo e subjetivo, intersubjetivo, causal, útil, real.

A dinâmica da momentaneidade instantânea do modo não coisa de sermos -- como ação, como atualização, compreensiva, de possibilidades -- conflui, escoa, sempre, para o modo coisa de sermos. À medida que a possibilidade perde em força, e assim se atualiza, se realiza; e, simultaneamente, se coisifica, se constitui em coisa. Instal-ação.

Como observamos, a palavra ente significa, em Grego, coisa.

De modo que, no explicativo, não implicativo, modo coisa de sermos somos -- e é o mundo -- entes, ônticos (de entes).

Sempre como resultado da vivência da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos, se constitui a condição do modo de sermos das coisas, a condição do modo de sermos dos entes, própria e especificamente.

Já no modo ontológico de sermos, no modo de sermos do desdobramento da força, desdobramento das possibilidades, não somos coisas, não somos entes. No modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico -- não somos a condição, o modo de sermos do ente, e de ser o mundo e de seus entes.

Em específico, no modo ontológico de sermos, fenomenológico, existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, somos pré-entes. Somos presentes. Somos o modo de sermos do presente. O modo de sermos da presença.

Modo de sermos da vivência da ação, anterior e mais originário, assim, com relação ao modo de sermos das coisas, dos entes.

O modo ontológico de sermos – modo de sermos do presente e da presença -- é, não obstante, o modo de sermos no qual emergem e se constituem, se atualizam, as coisas, os entes. Originariamente, eles se dão como possibilidades, como possíveis em desdobramento, no modo de sermos da presença. O modo ontológico de sermos, modo de sermos do presente e da presença, é o modo de sermos em que as coisas, em que os entes, estão “prontos”. Estão “prestes” (estão pret, pré), como possibilidades, como forças.

Este modo ontológico de sermos, portanto -- fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, o modo de sermos da ação, e do ator --, é, assim, o modo pré-ente, de sermos, o modo de sermos do presente, da presença, o modo pré-coisa de sermos... Carracterizado pela consciência pré-reflexiva, fenomenológica e existencial, compreensiva e implicativa.

Presença, assim, é a vivência de sentido (lógica) deste modo de sermos -- ontológico, fenomenológico, existencial, dialógico, compreensivo, e implicativo, vivência do modo de sermos do presente --, que se constitui e caracteriza como o ativo modo de sermos de pré-coisa. Modo de sermos anterior ao modo de sermos em que a coisa, o ente, está constituido. O presente, a presença, são pré-entes, *pré* modo de sermos do ente; presente, pré modo de sermos da coisa. Pré-coisa, própria e especificamente – pré-ente. Presença.

Vivência de consciência pré-reflexiva, compreensiva, implicativa, fenomenológica e existencial, dialógica, ação e acontecer, a momentaneidade instantânea do modo de sermos do presente, a presença, tem características próprias muito específicas e peculiares.

Dentre outras, como já observamos, o modo de sermos do presente e da presença é caracterísicamente o modo de sermos da vivência de possibilidades e do desdobramento compreensivo de possibilidades. É o modo de sermos da ação, da atualização, da atualidade, do acontecer.

Que é dialógica eu-tu; e que, pour cause, é pré-objetivo, e pré-subjetivo. Não sendo, naturalmente, intersubjetivo.

O modo de sermos do presente, a presença, não é da ordem do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto. Ainda que o seja, sempre, a dinâmica da dialógica da relação com uma alteridade radical. Ainda que o seja, sempre, a dialógica da Relação eu-tu. Projetação do desdobramento, da expressão, da força plástica da possibilidade, o modo de sermos do presente é todo ele ação.

Projetação, própria e especificamente. E não subjetivação, ou objetivação, ou intersubjetividade. Da mesma forma que, nem sujeito, nem objeto, também não é intersubjetivação.

O modo de sermos da presença, enquanto acontecer – vivência do desdobramento de possibilidades --, não é, igualmente, da ordem da causalidade, não é da ordem das relações de causa e efeito. Não sou eu quem cria as possibilidades, mas elas não acontecem sem mim (Buber). Sou inter-ação com as possibilidades, na dinâmica dramática de uma relação eu-tu. De modo que o modo de sermos do desdobramento das possibilidades, o modo de sermos do presente e da presença é participativo, mas não é causal. É desproposital. Desprositativo.

É, antes, a espontaneidade não causal, desproposital, do acontecer fenomenológico existencial. Eminentemente desproposital, despropósito. Estética, Estaktica, fenomenaktica, fenomética, a presença, o modo de sermos do presente, igualmente não é da ordem do modo de sermos em que vigoram os úteis e a utilidade.

O modo de sermos do presente é o modo de sermos de uma entrega participativa ao desdobramento da ação, do acontecer. Que é a tensional, intensional. Vivência compreensiva e implicativa do desdobramento de possibilidades. Possibilidades estas que, segundo a arguta observação de Buber, não sou eu quem cria, mas que não acontecem sem mim.

No ineditismo imediato da vivência de seu acontecer, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto, e ao modo de sermos das relações de causa e efeito, e anteriormente ao modo de sermos da realidade, a atualização das possibilidades, a ação, dão-se, e se desdobram, portanto, fora das condições do uso e da utilidade.

O modo de sermos do presente e da presença, portanto, dá-se assim, própria e especificamente, como um modo inútil de sermos. Não objetivo, não subjetivo, não causal, não proposital, despropositalal, e especificamente inútil. Acontecimento, e acontecer, as possibilidades em desdobramento, a ação -- na ontológica, dialógica, da presença -- não é da ordem da realidade, da ordem do modo de sermos real, coisificado, acontecido; não é da ordem da relação sujeito-objeto, nem da utilidade. Estas são as condições do possível, as codições da possibilidade.

Este modo de sermos da vivência do desdobramento do possível, a presença, o modo de sermos do presente, com as suas características assim de inobjetividade, e não subjetividade, de não causalidade, não utilidade, e irrealidade -- enquanto vivência de possibilidades --, é o modo de sermos, plasticamente possível e potente, da experiência estética.

Em sua inutilidade e irrealidade, o modo de sermos do presente e da presença não é da ordem do modo de sermos de uma pragmaktica, de uma pragmótica, de uma pragmética.

A pragmética, a pragmática, a pragmótica antagonizam-se com, e inviabilizam, a experiência estética. Inviabilizam as condições, portanto, da experiência estética, como modo ontológico de sermos da ação, da vivência de possibilidades, de seu intrínseco desdobramento em ação, compreensiva, implicativa; na sua intrínseca esteticatividade, na sua intrínseca esteticação, de desdobramento de força plástica.

Acontecer, intensional, a presença é realização, atualização. E não é da ordem do modo de sermos da realidade, extensional. A presença é, própria e especificamente, da ordem do modo de sermos da possibilidade, em seu desdobramento, a presença e o presente são, própria e especificamente, da ordem da ação, da vivência, compreensiva, e implicativa, do desdobramento, das possibilidades.

## ATUALIDADE

O caráter ativo, de ação, de desdobrmento de possibilidades -- o caráter de acontecer, pré-objetivo e pré-subjetivo, acausal, inútil, e não real, do modo ontológico de sermos da presença; fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo --, é propria e específicamente a atualidade.

Presença e atualidade conjugam-se simultaneamente, portanto, como características intrínsecas ao modo implicativo e compreensivo de sermos, ontológico, fenomenológico existencial e dialógico.

A Presença, a característica vivencial de pré-coisa.

A Atualidade a intrínseca característica de ação, que impregna este modo ontológico de sermos. A característica de que a vivência ontológica da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico -- é toda ela impregnada da vivência de possibilidades; sendo, assim, impregnada do intrínseco desdobramento de possibilidades (Já que as possibilidades só existem em desdobramento -- Deleuze). Desdobramento compreensivo de possibilidades que é a Ação propriamente dita. O Ato, a Atualidade.

A vivência da possibilidade é a vivência de uma força. Como força que é a possibilidade só existe em seu desdobramento. Este desdobramento próprio à possibilidade -- que se constitui como sentido, como logos, compreensivo -- é a ação. A atualidade, a atualização. Ação, atualidade, que se dá na constituição da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos da presença.

A momentaneidade instantânea do desdobramento da possibilidade, da ação, tem, assim, durante todo o seu percurso, um componente cognitivo. Ou seja, o desdobramento da possibilidade se constitui como consciência pré-

reflexiva, implicativa, gestáltica: como dinâmica de sentido, como logos, como lógica do sentido (expressão de Deleuze): como compreensão, e implicação.

O desdobramento de possibilidades, a ação, na medida em que é o desdobramento de uma força, implica um intrínseco e progressivo dispêndio desta força, um progressivo decaimento (Heidegger). A atualização implica uma desatualização (Buber) desta força. Desdobradas, atualizadas, as possibilidades progressivamente perdem em força, e se des-atualizam. E assim, se coisificam. Constituindo sua condição de coisa, sua condição ente (coisa, no Grego). A sua condição ôntica.

Constituída, em decorrência da vivência do desdobramento das possibilidades -- inerentes ao modo ontológico de sermos, em decorrência da vivência, da atualidade, da ação --, a condição do modo de sermos do ente, da coisa, do acontecido, a condição do modo ôntico de sermos, define o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial -- que lhe é anterior, e no qual está pronta a coisa, na ação de sua possibilidade formativa -- como o modo de sermos que é pret-ente, como vimos, que é o modo presente de sermos, o modo de sermos do presente, e da presença. O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, modo de sermos da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa, é, portanto, o modo de sermos do presente (pret-ente, pré-ente), e da presença.

O modo de sermos ***do ente*** -- ***da coisa***, ***da coisidade***, ***o modo ôntico de sermos***, ***pós-ente*** -- não é, portanto, o modo de sermos da atualidade e da presença. Uma vez que a atualidade e a presença caracterizam, se conjugam no, e constituem, o modo pret-ente, pré-ente, presente, de sermos. O modo ôntico de sermos da coisa é da ordem do acontecido, é da ordem do passado.

De modo que, pré-entes, a atualidade e a presença se implicam mutuamente, na constituição do modo, pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo.

A atualidade é assim a qualidade própria e específica do ato, da ação.

A ação impregna intrinsecamente, como consciência compreensiva e implicativa, o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos: como vivência de possibilidades, e do intrínseco e inevitável, desdobramento de possibilidades.

Lógica (do sentido – Deleuze -- logos), a ação é intrínseca e inevitavelmente constituída como consciência pré-reflexiva, é intrínseca e inevitavelmente constituída como compreensão, e implicação, é fenomenológica, fenomeno-logos; é dialógica, dia-logos.

De modo que, intrínseca e inevitavelmente, a ação é compreensão – ou seja, a ação, a atualidade, se constitui como consciência pré-reflexiva, como logos; como sentido.

Dialógicas, fenomenológicas, a presença e a atualidade, o modo ontológico de sermos é eminentemente compreensivo.

Inevitavelmente compreensão, a ação, a atualização, pode ser:
(1) meramente compreensiva, meramente compreensão;

e/ou:
(2) compreensiva e somática, muscular.

De modo que, presente e eminentemente compreensiva, e implicativa, temos a ação que se dá meramente como compreensão; e a ação que se dá como compreensão e como muscularidade voluntária.

Sempre atualidade, sempre presença, e compreensão. Como vivência do presente, como ação, compreensiva e implicativa. Como desdobramento de possibilidades.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Empatia.

A empatia é própria e especificamente a vivência no modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo de sermos.

Como o modo ontológico de sermos, é uma redundância falarmos de compreensão empática. Uma vez que, como tal, toda empatia é compreensiva; e toda compreensão é empática.

O termo – empatia – deriva do significado Grego da palavra pathos. Que significa algo como sensibilidade emocionada. Naturamente que com o conteúdo implícito, implicativo, de ação. Na medida em que a moção da e-moção é a vivência da ação, da atualização; a própria vivência e vivência do desdobramento de possibilidades. Característica do modo ontológico de sermos da presença, da atualidade.

O sentido normalmente utilizado na cultura da civilização ocidental para o termo pathos não é este sentido Grego, mas o sentido Latino, de sofrimento, de doença.

No seu sentido Grego de em-pathos, enquanto o modo fenomenológico existencial dialógico, compreensivo e implicativo de sermos, a empatia é presença e atualidade. A empatia é, eminentemente, vivência motiva, motivativa, emocionada, compreensiva, de ação, de atualização. No modo pré-coisa, presente, e atual de sermos.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Superação.

O modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico da presença, e da atualidade -- enquanto modo de sermos da vivência, e da vivência do desdobramento de possibilidades -- inéditas, únicas, e irrepetíveis --, modo de sermos da ação, da atualização, do acontecer --, é, intinsecamente, o modo de sermos da superação.

Nunca é muito lembrarmos, neste sentido, a observação de Nietzsche: *E eis o que me segredou a existência: eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...*

Nietzsche entendeu que a característica fundamental da existência é a superação. Mas a superação não se dá no modo explicativo de sermos, teorético ou comportamental. A superação é intrínseca e característica, é uma propriedade intríseca, do modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo e implicativo. É uma característica que é inerente à atualidade, à atualização, àção; inerentes a este modo de sermos da presença ontológica.

A vivência deste modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é toda ela ação (Buber). É, toda ela, atualização e atualidade. Ou seja, é toda ela emergência e desdobramento, atualização, de possibilidades.

E o desdobramento de possibilidades, é inerentemente devir, vir a ser, e a superação.

Foi esse aspecto, da predominância da ação e da superação no modo fenomenológico existencial de sermos, no modo páthico, empáthico, de sermos que levou Carl Rogers a fundar toda a sua concepção de psicologia e de psicoterapia, e a sua atitude metodológica de privilegiamento do modo ontológico de sermos, na tendência para a ação; na tendência atualizante. Como superação, a ação, a tendência atualizante nos cria e recria continuamente, sendo a fonte da contínua geração e regeneração de nós outros. Mesmo nas situações mais destrutivas e mais difíceis.

Os aspectos cognitivos do desdobramento das possibilidades – do desdobramento da ação, da atualidade, da atualização, no modo de sermos da presença, a compreensão implicativa -- são processos fenomenologicamente formativos. Intrínsecos à compreensão. Do mesmo modo que é formativa a objetivação da coisa, em sua materialidade.

Estas características formativas é o que Rogers, com efeito, chamou de tendência formativa.

A tendência formativa é assim o aspecto cognitivo da vivência compreensiva do desdobramento da possibilidade, do desdobramento da ação, da atualização -- da efetivação da tendência atualizante --, da superação. E é a própria formação, a própria constituição material, objetiva, da coisa; neste mesmo processo de superação que é inerente à atualização.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Moção, Emoção, e Motivação.

A emoção é intrínseca à dinâmica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico – compreensivo, e implicaivo.

Na medida em que este é específicamente moção, atualidade e atualização. Na medida em que este é devir, é vir a ser, especificamente movimento da ação, atuação, atualização, vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades. De um modo tal, que o modo de sermos compreensivo e implicativo do desdobramento da ação, do desdobramento das possibilidades, é, própria e especificamente, o modo de

sermos da moção, da emoção. O modo de sermos da sensibilidade emocionada, o modo de sermos no qual se constitui o que entendemos como emoção.

De modo que ação, a atualização, a implicação, a compreensão – cognição compreensiva --, experiência estética, e a emoção são partes de um mesmo todo vivencial, fenomenológico existencial e dialógico, constituído pelas condições da presença e da atualidade.

Em sendo moção, e emoção, o modo ontológico de sermos, da presença e da atualidade, é o modo de sermos não só da ação, mas o modo de sermosda vivência que, em sua propulsividade e caráter intrinsecamente emocionados, é o modo de sermos da motivação.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Tendência Atualizante Formativa.

Podemos assim falar que somos animados pela ação, por uma tendência atualizante.

E é, portanto, inteiramente pertinente, e consonante com uma postura fenomenológico existencial dialógica, a premissa de Carl Rogers de fundar a sua abordagem na tendência atualizante. E na compreensão.

Certo é que, ao nível teórico e da fundamentação, Carl Rogers não tinha muita clareza sobre o que estava falando. O momento cultural de seus embates epistemológicos, e ontológicos, era um momento muito significativo, e intenso. E ele se dedicava à busca e à experimentação de uma concepção fenomenológico existencial empirista, e de sua respectiva metodologia. Sua teorização nesta época é, mais, um desvencilhar-se de premissas explicativas e teoréticas, em direção aos fundamentos, à ciência, e à metodologia da compreensão, e da implicação.

Naturais os seus limites, naquele momento. Ainda hoje em dia, um outro tempo e lugar, muitos de seus supostos seguidores obstinam-se em papaguear bobagens. Contra natural...

Rogers intuía, entretanto, de modo consistente e profundo, pioneiro e original, as suas premissas. O bastante para desenvolver, ao longo de sua vida profissional, uma profícua e consistente experimentação, e elaboração experimental, de sua importante abordagem fenomenológico existencial dialógica de psicologia e de psicoterapia.

Perls não chega a falar de uma tendência atualizante. Mas, quando entendemos que o que ele falava acerca de contato se refere, própria e especificamente, à ação compreensiva, e implicativa, entendemos, também, que, evidentemente, a metodologia de sua Gestalt Terapia tinha igualmente implícitos um conceito de ação, e um conceito de tendência atualizante – fundamentados naturalmente numa fenomenologia da ação compreensiva.

Compreensiva e implicativa a ação, a tendência atualizante tem, como uma de suas características fundamentais, a de ser, também, formativa. A de

ser uma tendência formativa. A tendência atualizante é a tendência formativa. Melhor seria até que falássemos de tendência atualizante formativa...

A tendência atualizante, a ação, constitui-se, compreensivamente, na pontualidade do desdobramento da ação, em vivência de processo de formação de figura e fundo; e de formação da coisa do mundo, em sua materialidade objetiva; ou da coisa subjetiva, mental; ou ainda da coisa comportamental .

A ação da tendência atualizante, assim, se dá, compreensivamente, como tendência formativa, como a vivência de processos de form-ação de figura e fundo.

Ao nível de sua cura (Heidegger) --, de sua realização, a ação se dá como processo de coisificação, de constituição, de formação, da coisa, em suas formas. Derivadas estas de suas possibilidades. Como processo de coisificação, de constituição, de formação, do objeto, da objetividade. E de formação das formas da subjetividade, em suas específicas formas e qualidades de coisa, de acontecido. De realidade extensa, e/ou da cogitans.

De modo que a ação, a atualização, a atualidade, da tendência atualizante, dá-se como formação, como per-formação, como per-fazimento; como per-feição, como per-formance. A formatividade da tendência formativa, necessariamente, é uma dimensão intrínseca da ação. Da tendência atualizante.

Como força, que só existe em seu desdobramento (Deleuze), a possibilidade pressiona, sempre, no sentido de sua ex-pressão. Expressão esta que constitui a ação, a atualização a atualidade. Que se dão no modo de sermos da atualidade e da presença – modo de sermos compreensivo, e implicativo.

Neste sentido, a existência da possibilidade é sempre existência como pressão. Como jatação, como jetação, como projeto, como projetação. (Aristóteles, Brentano, Heidegger). Daí, a característica específica do modo ontológico de sermos, como contínua tendência, tendência da possibilidade para a ação, tendência atualizante.

Além de formativamente constituir as coisas em sua condição instalativa, a atualização pode também vivificá-las, recriando-as, regenerando-as. Pela conversão da experiência da coisa à vivência da dialógica da relação eu-tu, ontológica, fenomenológico existencial, compreensiva e implicativa. Pela conversão da experiência da coisa à vivência ontológica da presença e da atualidade.

Deste modo, a coisidade instalativa é infundida de possibilidades, de ação, atualizando-se à condição, não coisa, de presença e de devir. À ventura do desdobramento de novos possíveis atualizativos. Como novos e inéditos processos de devir. E de novas formas e formações.

A tendência formativa da tendência atualizante, a formatividade da ação, intrinsecamente caracteriza a presença e a atualidade, como características

próprias e específicas do modo fenomenológico existencial de sermos, modo dialógico, ontológico, compreensivo, e implicativo de sermos.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Estética

As possibilidades – cuja presença, e intrínseco, e contínuo, desdobramento constitui a atualidade, a ação, a atualização –, possibilidades que se dão, assim, no modo fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo de sermos --, caracterizam-se por ser um impulsionamento, uma força, uma força plástica, que devém, que se desdobra, na vivência da criação. No modo sensível de sermos, as possibilidades se desdobram em ação criativa como a força impulsionante de um vento.

Os Gregos identificaram esta força impulsionante da vivência do desdobramento das possibilidades -- desdobramento ativo, criativo -- com a força impulsionante do vento Estésico, que numa determinada época do ano sopra, nos litorais da Grécia, e impulsiona os navios a se fazerem ao mar, a desportarem.

E, ao identificarem a força impulsionante da possibilidade com a força impulsionante do vento Estésico, identificaram e denominaram de Estesia ao modo de sermos da vivência e da vivência do desdobramento das possibilidades -- o modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, da presença e da atualidade, compreensivo e implicativo.

Assim sendo, o modo estético de sermos, o modo de sermos da experiência estética é o modo de ontológico de sermos da atualidade e da presença. O modo de sermos do conhecer ativo, da ciência estética, ativa, compreensiva, e implicativa, o modo de sermos da criatividade.

Estética, portanto, é a ética de sermos da estesia. A ética do modo ontológico de sermos da experiência estésica, estética, da presença e da atualidade. A ética do modo de sermos do desdobramento das possibilidades, da ação, da atualização.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Implicação – Gestalt.

O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, implicativo, modo de sermos da presença e da atualidade, é impregnado da vivência compreensiva de forças – as possibilidade. As possibilidades são sempre infinitamente múltiplas. E, como possibilidades, forças, existem sempre em seus desdobramentos.

São múltiplas. E cada possibililidade, cada força, é composta por uma multiplicidade de outras. E assim sucessivamente.

Na multiplicidade de seus desdobramentos, as possibilidades se constituem como consciência pré-reflexiva. Constituem-se como *logos*, como sentido. Sendo esta constituição compreensiva como sentido o logos, do

fenomeno logos, do dia logos. Ou seja, o logos sentido, que se constitui como compreensão.

Constituídas como consciência pré-reflexiva, compreensiva, implicativa, as possibilidades, em seus desdobramentos ativos, se organizam em conjuntos, totalidades significativas, compreensivas e implicativas, segundo suas dominâncias. Conjuntos que fluem nas dinâmicas de sua relação parte-todo, figura e fundo, e que se sucedem. Em suas multiplicidades enquanto totalidades significativas, as possibilidades em desdobramento se constitutem como plexos de possibilidades m desdobramento, ação, atualização, compreensiva e implicativa. Constituindo especificamente estes conjuntos, em desdobramento ativo, estas totalidades significativas, plexos de ação e de sentido.

De modo que a vivência dos desdobramentos das possibilidades -- que se dá no modo de sermos da presença --, a ação, a atualização, a atualidade, a interpretação compreensiva, a experimentação, igualmente compreensiva, se dão, sempre, como a vivência compreensiva – plic, em Grego – de plexos de possibilidades, plexos de forças em desdobramento. Que se constituem como vivência, como consciência pré-reflexiva, como fenomeno logos, como dia logos. Como compreensão, enfim.

Como gestalts, como im plic ação, implexação, própria e especificamente.

Assim, a vivência compreensiva desses plexos de possibilidades em desdobramento, constitui a vivência gestáltica, implicativa. Constitui compreensivamente a ação, a atualização, a interpretação, a experimentação fenomenológico existenciais compreensivas. Que se dão como presença, e como atualidade.

Talvez pudéssemos dizer que o sentido da palavra de origem Grega implicação é o mesmo que o da palavra Germânica Gestalt. Em essência elas se referem ao mesmo processo da multiplicidade, da pluralidade, das forças, vivenciadas compreensivamente como forças de possibilidades, organizadas segundo as suas dominâncias. Sendo o caráter de sua organização o seu caráter própria e especificamnente gestáltico. Ou implicativo.  Não explicativo.

O sentido da raiz Grega ***plic*** – do termo implicação () -- é o de entrançamento, o entrançamento dos pêlos da crina e do rabo dos cavalos.

As Gestalts, gestaltificações, as implicações, são sempre a vivência da expressividade da ação. Na medida em que são vivências do desdobramento de possibilidades. São, sempre, as próprias atualizações, e a atualidade. Que se dão no modo de sermos da presença. Fenomenológico existencal e dialógico. Compreensivo e implicativo.

A experiência gestáltica, a implicação, a atualização, é sempre, própria e especificamente, a vivência compreensiva do desdobramento de um plexo de possibilidades. É, sempre, a vivência em desdobramento das sucessões, dos devires, de multiplicidades, de pluralidades organizadas de possibilidades, no modo de sermos da presença e da atualidade.

De tal forma que a sua vivência se dá, sempre, como a vivência dos desdobramentos de uma totalidade significativa, que tem características muito peculiares.

Dentre elas a de que o todo, as totalidade significativas, as gestalts, as implicações, se dão originalmente como tais, ou seja na vivência de suas totalidades, enquanto totalidades que se dão diferentemente da soma, e mesmo da configuração, de suas partes.

Vivenciadas, inicialmente, como vivências compreensivas da sucessão das totalidades, as vivências gestálticas, as vivências implicativas, desdobram-se, compreensivamente, como processos de formação de figura e fundo. Nos quais, paulatinamente, as partes da multiplicidade do todo se constituem figurativamente. Com a vivência do todo como fundo. Num sucessivo processo de formação, de performance, de perfazimento, de performação de figura e fundo.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Implicação, Formação de Figura e Fundo, Performação, Performance -- e Tendência Formativa. Tendência Gestaltizante.

Assim, é necessário entender que a tendência formativa, de que fala Rogers, é a tendência gestaltizante do processo da ação. A tendência gestaltizante do processo da atualização, do processamento, da operacionalização, da tendência atualizante. Da tendência para a ação.

Uma tendência implicativante, ou implicativativa.

Uma tendência compreensiva dos processos da ação, dos processos dos desdobramentos das possibilidades. Para se constituirem, formativamente, performativamente, e compreensivamente, como processos de formação. De formação de figura e fundo.

Ao mesmo tempo em que, como processos da ação, se constituem como processos de constituição, de formação, da coisa, do objeto. Sejam coisas, objetos, mentais; ou coisas, objetos, materiais.

A tendência formativa -- como característica da ação, como característica da tendência atualizante --, a implicação, é característica da presença e da atualidade. É, assim, intrínseca característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Interpretação – Hermenêutica --, Fenomenológico Existencial, Compreensiva, Implicativa, Dialógica.

A atualidade, na presença, a ação, a atualização, em sua intrínseca cognitividade compreensiva, é vivência do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades.

Esta vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades é o que chamamos interpretação (especificamente)

compreensiva (Heidegger). Não a explicativa. Fenomenológico existencial e dialógica.

A arte da interpretação, a estética da interpretação, é o que chamamos de hermenêutica – a arte de Hermes (Palmer). O modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos, compreensivo e implicativo, modo de sermos da presença e da atualidade, compreensivo e implicativo, é, portanto, o modo de sermos própria e especificamente hermenêutico. Porque é o modo de sermos da interpretação fenomenológica, compreensiva. Interpretação implicativa. E não explicativa.

Heidegger viria, assim, a dizer que o homem é o ser hermenêutico por excelência. Dada a característica de que, enquanto atualização e atualidade, a existência é própria e especificamente, eminentemente, interpretação compreensiva, implicativa, e especificamente hermenêutica, portanto.

## ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Experimentação Compreensiva, e Implicativa, Fenomenológico Existencial e Dialógica

De modo extremamente fecundo, e cheio de implicaçõs, Buber observa que não sou eu que crio a possibilidade, mas ela não acontece sem mim... Com esta observação, ele caracteriza muito da condição da vivência da possibilidade, da ação, atualização, da atualidade, e da presença. Que impregnam o modo fenomenológico existencial de sermos.
(Dialogicamente) Interagimos com a possibilidade, na dialógica compreensiva da ação. Mas não controlamos a possibilidade, que é uma força plástica, poiética, autônoma, e despropositai. Não obstante, o devir e o acontecer da possibilidade, necessariamente, demandam e requerem a nossa tentatividade, o nosso arriscar, nos seus desdobramentos. Em particular, consideradado o intrínseco caráter incerto e arriscado, de incerteza, e de risco, da possibilidade e de seu desdobramento.

É a resoluta e ativa disposição de tentar atualizar a possibilidade na vivência de seu desdobramento, mesmo em seu caráter incerto e arriscado, a disposição de desportar, à ventura de sua ventura, que constitui, própria e especificamente, a experiência da experimentação fenomenológico existencial compreensiva e implicativa. Ontológica. Clarice Lispector diria: toda a vida verdadira é experimentação.

O radical ***peri***, da palavra experimentação – da mesma forma que o radical piri, de empírico; e o pir de pirata; e de respiração; de piração – quer, justamente, dizer, arriscar, tentar.

Podemos ver, assim, que a experimentação fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, que se dá na atualidade e na presença, tem uma natureza radicalmente distinta da experimentação explicativa, teorética, e científica. Nesta são, exatamente, os elementos de incerteza e de risco que são, cuidadosa, e às vezes obsessivamente, evitados.

A presença, e a atualidade -- como características do modo fenomenológico existencial e dialógico, ontológico, de sermos, modo de sermos compreensivo implicativo -- são, neste sentido da atualização das

possibilidades, da afirmação resoluta a incerteza e do risco da ação -- eminentemente experimentais.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Grupo, e o trabalho fenomenológico existencial com grupos.

Da mesma forma que individualmente, existimos em grupo, alternativamente, (a) ao modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, modo de sermos da ação e do acontecer; e (b) ao modo de sermos da coisidade, explicativo, teorético, modo de sermos do acontecido.

Enquanto coletivo, enquanto consciência coletiva, o grupo existe, igualmente, de ambas as formas dos modos de sermos – implicativo, ontológico, e explicativo.

O modelo conceitual e metodológico do Grupo vivencial, característico da abordagem rogeriana e da abordagem gestáltica, em sua qualidade especificamente de privilegiamento do modo ontológico de sermos, compreensivo e implicativo é uma originalidade na metodologia do trabalho com grupos, experimentada e desenvolvida por Carl Rogers, com influências da Gestal'terapia de Fritz Perls, ao longo das décadas de setenta e oitenta.

A concepção e a metodológica da abordagem de Carl Rogers aos grupos, a partir dos anos setenta, vai se caracterizar como uma progressiva radicalização de uma postura fenomenológico existencial e dialógica da concepção e da facilitação. Como ontológica, como epistemologia, e como metodologia do trabalho com grupos. Na psicoterapia, e na prática do trabalho psicológico.

Isto se dá à medida que ele e seus colaboradores vão descobrindo e entendendo as características ontológicas, fenomenológico existenciais e dialógicas do desdobramento dos processos grupais. E na medida em que vão entendendo que a momentaneidade instantânea da vivência grupal -- enquanto vivência coletiva -- é compatível com as premissas do que entendemos como ação, atualização, e do que eles entendiam como operação da tendência atualizante.

Com efeito, em seus momentos de vivência ontológica coletiva, ao mesmo tempo que de vivência individual, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, momentos de atualidade e de presença, o grupo é vivência de e vivência da atualização de possibilidades.

Ou seja, a vivência grupal, enquanto vivência individual e coletiva, no modo de sermos da presença e da atualidade, é vivência compreensiva, implicativa; consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica; processamento do desdobramento de possibilidades, ação, atualização. A vivência grupal é -- no modo de sermos da atualidade e da presença, no modo presente de sermos -- vivência de ação, de atualização, atualidade... Experimentação e interpretação, hermenêutica, compreensivas, e implicativas, fenomenológico existenciais.

É importante salientar o pioneirismo de Rogers e colaboradores em experimentar intensivamente com esta perspectiva ontológica e epistemológica, na medida em que explorava, e experimentava o desenvolvimento de uma metodologia compatível.

Implicações fundamentais e importantíssimas do trabalho de Rogers são, assim, as de que, como as pessoas, os grupos existem, igualmente, e igualmente agem no seu modo de ser ontológico, fenomenológico existencial e dialógico – compreensivo e implicativo. E de que, dadas as características especificamente ontológicas deste modo de sermos, avultavam como fundamentais as demandas e as necessidades para o desenvolvimento de uma metodologia com estas características compatíveis. Rogers, e alguns gestalt terapeutas do Instituto de Gestalt de Cleaveland exploraram e experimentaram intensa e pioneiramente esta metodologia. Exploração e experimentação das quais estamos ainda nos primórdios. (E que estejamos sempre...).

Ou seja, uma metodologia compatível com a sua não objetividade -- nem subjetividade -- muito menos intersubjetividade. Compatível com o caráter intrinsecamente dialógico deste modo de vivência, pautado pelos processamentos de dialógica eu-tu, alheios à dicotomização sujeito-objeto. Compatível com o característico caráter despropositado deste modo de vivência, a sua não vinculação às dinâmicas da causalidade, das relações de causa e efeito. Compatível com o caráter de inutilidade da momentaneidade instantânea da vivência ontológica fenomenológico existencial dialógica, ou seja, a sua impertinência ao modo de sermos dos úteis e das utilidades. E uma metodologia compatível com o seu caráter de vivência e de vivência do desdobramento de possibilidade, o seu caráter experimental e hermenêutico de ação, de atualização, o seu caráter de atualidade e de presença. Ou seja, compatível com o seu caráter intensional de vivência compreensiva e implicativa, vivência do desdobramento da ação, e do acontecer. Distinta do caráter de acontecido, e de coisa, do modo explicativo de sermos da realidade, extensional.

No cerne do interesse de Carl Rogers no desenvolvimento de sua metodologia para o trabalho com grupos, e mesmo no desenvolvimento de uma metodologia para o trabalho diádico, o grupo de dois – como dizia John Wood -- está uma consideração bastante genuína para com cada um, e para com o conjunto,  destes aspectos intrínsecos e fundamentais à momentaneidade da vivência grupal ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa.

O paradigma rogeriano de concepção e de metodologia do trabalho com grupos vai radicar, assim, na constatação de que, como as pessoas, o grupo constitucionalmente oscila e alterna entre (1) o modo não ontológico de ser, de uma consciência, teórica, explicativa; ou ao modo explicativo de desconcienciação que é o comportamento; e (2) o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico; caracterizado este pela compreensão e pela implicação, pela presença e pela atualidade. Pela consciência, compreensiva e implicativa, que se constitui como sentido, o aspecto cognitivo compreensivo da ação, da atualização, do desdobramento das possibilidades.

Constatado este modo de ser, como modo de ser das pessoas e do coletivo grupal, Rogers e colaboradores entendem que este modo inter ativo da

vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades é um modo natural de vivência do grupo, da ação grupal, da vivência da ação pelas pessoas no âmbito do contexto grupal. Um modo de ser que se caracteriza pela presença e pela atualidade. E que permite a criação, a criatividade, a geração e a regeneração existenciais, grupais e pessoais.

E se dispõem a criar condições para o privilegiamento das condições deste modo de sermos nos grupos como concepção e metodologia de trabalho com grupos, e com as pessoas no âmbito grupal.

Entendem, liminarmente, que o grupo não pode ser tratado como um objeto sobre o qual um líder, um coordenador, um facilitador, praticam intervenções. Dado o caráter não objetivo, nem subjetivo, deste modo de sermos da vivência grupal, dado o seu caráter alheio à causalidade, à utilidade, e à realidade, o facilitador carece de se constituir dialógica e implicativamente, compreensivamente, na própria dialógica da vivência grupal. E ser e atuar como partícipe desta dialógica da presença e da atualidade.

Carl Rogers e colaboradores exploraram e experimentam intensamente esta perspectiva de concepção e da facilitação de grupos. E buscaram o desenvolvimento de elementos conceituais e metodológicos que pudessem ser assim compatíveis com estas características de privilegiamento da vivência grupal ontológica, da vivência grupal de presença e atualidade.

## PRESENÇA, ATUALIDADE, ONTOLOGIA. Ambiente, Ambientologia, Ciência Ambiental.

Intrinseca e indissociavelmente correlativo ao que somos, aos modo de sermos, o Ambiente existe:
(1) como *coisidade instalativa*, como coisa, no modo ôntico de sermos. E
(2) ontologicamente, como presença e atualidade; compreensiva e implicativamente, como vivência fenomenológico existencial e dialógica.
Neste caso particular, então, o Ambiente, como vivência em sua efetividade imediata, intuitiva, existe não como acontecido, como objeto, no âmbito da relação de cause e efeito, utilitária e real. Mas como uma alteridade radical, como um tu, como possibilidade em desdobramento, como ação, eminentemente como experimentação, e interpretação, compreensiva, e implicativa. Na pontualidade fenomenológico existencial de sua instantaneidade momentânea, de sua presentividade, e atualidade, ontológicas.

O ambiente no modo de ser/sermos explicativo de sua objetivdade, e subjetividade; no modo de ser de sua causalidade, o ambiente em sua útilidade e realidade acontecida, o ambiente acontecido, em sua instalação como coisa, não é o Ambiente em sua ontológica. Não é o Ambiente em sua essência ontológica -- eminentemente aparencial, fenomenal --, e que só se dá como acontecer, como vivência e como compreensão, como implicação, à experimentação e à interpretação fenomenológico existenciais dialógicas -- presentes, e atuais.
Isto define, liminar e primariamente, a Ética Ambiental. O ethos do Ambiente. Somente a partir do qual o Ambiente pode ser abordado, somente a partir do

qual o ambiente é possível -- como a alteridade radical do tu de uma dialógica --, e pode ser avaliado.

As questões acerca da avaliação, e dos critérios de abordagem do Ambiente, assim, não podem residir na objetividade do ambiente, como coisa; ou na subjetividade; nomodo de sermos de sua causalidade; em sua utilidade; em seu valor pragmático, pragmético, em sua realidade, como acontecido, como coisa instalativa.

O Ambiente ontológico é fenomenológico existencial experimental e hermenêutico, implicativo e compreensivo, presente, e atual. E somente neste modo de ser de sua éticidade é que ele pode ser avaliado.

Isto define os critérios, não só de uma epistemologia ambiental, mas, precípua e primariamente, os critérios de uma Ontologia Ambiental -- que lhe dá fundamento.

Não é o que vigora no âmbito da sociedade civil, no âmbito da cultura em geral, no âmbto da ciência, em particular da Biologia, da Ecologia, da Psicologia, da Antropologia. Que, em geral, abordam o Ambiente no, ôntico e não ético, modo de ser de sua condição de coisa, de sua explicativa, não presente, e não atual, condição de acontecido.

Com relação ao Ambiente temos uma tarefa radical, a do desenvolvimento de critérios éticos para a abordagem do ambiente, para a avaliação do ambiente, para a valoração, e para o conhecimento do Ambiente. Em sua ontológica. Na ontológica presença e imediata atualidade fenomenológico existencial, compreensiva, e implicativa.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Experiência Esportiva

Na instantaneidade momentânea de seu paroxismo, a experiência esportiva é, própria e especificamente, desdobramento do paroxismo fenomenológico existencial e dialógico, pré-reflexivo, compreensivo, e implicativo, da ontológica da presença, e da atualidade. É desdobramento do paroxismo da vivência da ação, e do acontecer, como emergência e desdobramento de possibilidades. O paroxismo da experiência esportiva é, portanto, fenomenológico existencialmente experimental, e hermenêutico.

De modo que todo o processamento da experiência esportiva, em sua pontualidade paroxística, é dialógico. Tanto no caso do atleta individual -- na dialógica com seus instrumentos, com o ambiente ontologicamente vivido, e com a radicalidade alteritária da possibilidade; como no caso dos atletas nos times de esportes coletivos. Para estes acrescente-se a intensiva e refinada dialógica da interatividade inter humana, inter individual, e grupal, intra grupal e inter grupal -- com os demais participantes de seu time, e os do time adversário.

Assim, como em todo o humano, os atletas, enquanto indivíduos e enquanto grupos, e inter indivíduos, e inter grupos, podem existir ao modo semi inerte da coisidade instalativa, explicativo, teorético; ou comportamental. Ou podem existir, individual e coletivamente, ao modo ontológico de sermos,

compreensivo e implicativo, da atualidade e da presença, fenomenológico existencial e dialógico.

À medida que se constitui a dialógica implicativa da instantaneidade momentânea do paroxismo da experiência esportiva -- a partir de uma específica disposição pré-dialógica -- o(s) atleta(s) evolui(em) do modo semi inerte (recordar que a inércia é o movimento sem aceleração. Sem ação, diríamos) de sermos, da coisidade instalativa; para o modo ontológico de sermos da atualidade, da ação e da atualização, compreensivas e implicativas. Para o estético modo de sermos da presença.

Como modo de sermos da atualização, da ação, do desdobramento de possibilidades, o modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico, de consciência pré-reflexiva, compreensiva e implicativa, modo de sermos do acontecer --, é, própria e especificamente, o modo de sermos da superação. Superação que, no modo dialógico de sermos, pré-objetivo, pré-subjetivo, é superação de nós próprios e do mundo.

Disto, da superação, é do que se ocupa a estética do paroxismo da experiência esportiva. Superação de nós próprios, superação dos adversários, superação do mundo. Superação que se dá na medida em que condescendemos com a presença e atualidade da momentaneidade instantânea da vivência no modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, da ação, do acontecer.

A potencialização pois dos atletas, nos esportes individuais, e nos esportes coletivos, para a auto-superação e para a superação, envolve o desenvolvimento da habitualidade para o funcionamento, para a arte e maestria, individual e coletiva, no modo ontológico de sermos da atualidade e da presença, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Psicoterapia

Na psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestalt e Abordagem Rogeriana -- a questão central é a da ação, da atualização fenomenológico existencial, da superação fenomenológico existenciais. A questão central é a questão da vivência da presença e da atualidade, portanto. Mais própria e especificamente, a questão da atualização, da atualidade, que são intrínsecas à presença.

Presença e atualidade estas características do modo ontológico, fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo e implicativo de sermos.

De modo que a questão central nestas abordagens de psicologia e de psicoterapia sempre foi a do privilegiamento deste modo ontológico de sermos, como o modo natural de operacionalização da tendência atualizante que formativamente nos constituti. De operacionalização da ação, da atualização. De superação, pelo devir do desdobramentodo possível, do qual a ação se constitui.

Isto não era tão claro na formulação original dos pioneiros da Gestalt Terapia e da Abordagem Rogeriana. Mas é uma formulação adequada de suas intuições conceituais, metodológicas e experimentais.

Privilegiarmos o modo ontológico de sermos é apenas privilegiar o modo mais natural e espontâneo de sermos. Privilegiar o 'óbvio', como dizia Fritz Perls.

Mas este modo de sermos do óbvio é um modo pouco apreciado de sermos no âmbito da prática profissional. Neste âmbito é mesmo um modo de sermos que é desqualificado pelo moralismo.

Mas o outro modo de sermos, o modo explicativo de sermos -- teorético, ou comportamental -- não possibilita a vivência do possível, a ação, a atualização, a presença, a superação, quando se trata da existência. *E eis o que segredou-me a existência: eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...* Entendeu Nietzsche, através do Zaratustra. Mas a superação demanda o modo ontológico de sermos, o modo implicativo de sermos.

De modo que, dadas as suas características próprias, os modos de sermos da explicação não propiciam a ontológica e existencial superação.

O modo explicativo de sermos, a objetividade, e a subjetividade, e mesmo a tal da intersubjetividade, os modos de sermos das relações de causa e efeito, da utilidade, do realismo ou, simplesmete, da realidade -- como característicos do modo explicativo de sermos -- teorético ou comportamental, não são próprios, bnignos ou condizntes com a superação. Na verdade, obstruem a vivência de possibilidades, característica do modo compreensivo e implicativo de sermos; obstruem a atualização das possibilidades, o seu devir, e a superação.

Inicialmente, o grande interesse de Perls e de Rogers era o de superar posturas metodológicas fundadas no modo explicativo de sermos. Posturas abstaratvamentente teoréticas, moralistas, fundadas na causalidade, fundadas na utilidade, no pragmatismo, na realidade, e mesmo num realsmo qualquer.

Perls e Rogers conheciam, e reconheciam as caracteríticas não teoréticas, não práticas, inúteis e despropositais do modo de sermos da superação, da atualização, da ação, da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades, da compreensão, e da implicação, da ação, da atualização, da superação.

Rogers dedicou-se ao desenvolvimento de condições que privilegiassem -- na relação terapêutica, no grupo, na pedagogia, e em outros âmbitos -- a prevalência deste modo fenomenológico existencial, ontológico, implicativo, de sermos.

Perls enfatizou o caráter eminentemente experimental – no sentido compreensivo, fenomenológico existencial, e dialógico – da ação, da atualização, da implicação, do devir, da superação. De modo que sua concepção e sua metodológica preconizavam, e preconizam uma ousada postura afirmativa, experimental, e estética.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA E ATUALIDADE. Aprendizagem, Educação e Pedagogia

Naturalmente, a aprendizagem efetiva implica, necessariamente, a mudança cognitiva. Mudança cognitiva que se constitui como a própria vivência da movimentação da compreensão implicativa, inerente ao desdobramento compreensivo de possibilidades, que, ao nível cognitivo, é pré-reflexivo, fenomenológico existencial dialógico, experimental, e hermenêutico -- ação, atualização.

Compreensivamente, o desdobramento de possibilidades, a ação, a atualização, que se dá na vivência do modo ontológico de sermos, intrinsecamente se constitui como *sentido*. Único e irrepetível. Como *logos* -- onto-logos, fenomeno-logos, dia-logos -- do desdobramento implicativo e compreensivo de possibilidades.

Própria e especificamente, portanto, a aprendizagem ontológica é compreensiva, implicativa, não explicativa, vivencial, fenomenológico existencial e dialógica, experimental, hermenêutica -- numa palavra, ativa...

Este movimento, esta mudança, que é o processamento constituinte da compreensão, a compreensão enquanto desdobramento da possibilidade, a ação, é sempre moção, emoção. E motivação.

Razão pela qual aprendemos, sempre, na condição de atores, na moção, motiv ação, e no modo afetivo de sermos da emoção. Não aprendemos teóricamente: não aprendemos como espectadores.

O desdobramento implicativo de possibilidades, a compreensão, a ação, que se dá no modo de sermos da compreensão implicativa -- modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, modo, sempre, necessária e intrinsecamente, de conhecer, de ciência, de consciência -- é, sempre, afetivamente tingido pela emoção, e potencializado como motivação.

O que fazia Roland Barthes, em sua magnífica *Aula*, observar que a palavra *saber*, vem da palavra *sabor*. De modo que, sem *sabor*, sem emoção e motivação, o conhecimento não é efetivamente saber. Não é efetivamente conhecimento.

Depois que se desdobra, no modo ontológico de sermos, como ação, como desdobramento de possibilidades, como acontecer -- como moção, como emoção e motivação, vale dizer --, depois que perde a sua força atualizativa, a compreensão implicativa se contitui explicativamente como explicação, como acontecido, como coisa, como teoria, especificamente -- na modorra de sua instalatividade. Poderndo ser, então, objeto da contemplação teórica. Em atendimento a uma re-petição, constituindo-se, então, como objeto de re-flexão, de re-presentação, de re(a)presentação.

Só aprendemos, portanto, no desdobramento da ação. Só aprendemos como atores, no modo fenomenológico existencial dialógico, ontológico, da ação, da compreensão, e da implicação.

Não aprendemos teóricamente.

Ou seja, não aprendemos no modo de sermos do acontecido, do objeto, das relações de causa e efeito, da coisidade instalativa, explicativa: não aprendemos como espectadores. A aprendizagem se nos dá na condição do modo de sermos de atores.

Efetivamente podemos re-petir, e reapresentar um conhecimento coisificado, teorético, no modo de sermos da coisidade instalativa, no modo sermos do acontecido, abstratamente. Na abstração de corpo, de vivência, e de sentidos --, sem moção, sem movimento, sem emoção, sem motivação.

Razão de ser do interesse dos preconizadores de uma Educação, de uma Pedagogia, e de uma aprendizagem, ontológicas -- como Paulo Freire, e Carl Rogers -- por uma concepção e metodologia fenomenológico existencial e dialógica, ativa, hermenêutica e experimental.

Uma pedagogia ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, pressupõe o privilegiamento do modo ontológico de sermos, modo de sermos da presença e da atualidade, modo de sermos da dialógica interhumana, modo compreensivo e implicativo de sermos da ação. Modo de sermos própria e especificamente da experimentação e da interpretação, hermenêutica, fenomenológico existenciaial compreensiva, dialógica, e implicativa.

Mais que isto, o desenvolvimento, o exercício, de uma metodologia intrínsecamente constituída a partir das características fundamentais deste modo ontológico de sermos da ação, da atualização. Modo de sermos da presença e da atualidade interativas, implicativamente compreensivas.

Ou seja, uma consideração intrínseca e radical, na aprendizagem, pela pontualidade da interação com a alteridade -- enquanto parceiro e enquanto temática de aprendizagem. Não a coisa instalada, enquanto objeto de estudo.  Mas com a força possibilitativa e dialógica de um tu, que se dá na presença e atualidade, experimental e hermenêutica, do modo onológico de sermos.
Uma consideração radical -- como concepção e como metodológica pedagógica -- pela instantaneidade momentânea da dialógica deste modo de sermos. No âmbito domqual não somos sujeitos, nem o parceiro é objeto, mas somos ambos atores inter ativos.

A dialógica pressupõe um investimento na ação, como atualização interativa de possibilidadeds, na precariedade própria de sua incerteza, e infirmeza, que nos solicita a decidida afirmação da dança que ambas constiuem, enquanto vivência potente, possível. Mas sem objetividade, sem subjetividade, sem intersubjetividade. Alheia aos mecanicismos das causas e dos efeitos. Alheia à própria dimensão do real e da realidade, extensivos, explicativos. Enquanto ela própria, própria e especificamente, é intensiva, intensional.

## ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Mediação para a Facilitação da Resolução de Conflitos.

A prática da mediação, e negociação, para a facilitação da resolução de conflitos é uma área muito importante de aplicação da metodologia fenomenológico existencial ontológica -- da presença e da atualidade. Carl Rogers foi um pioneiro nesta aplicação, quando utilizou a metodologia de sua abordagem de trabalhos com grupos para a mediação e negociação para a facilitação da resolução de conflitos.

O conflito se caracteriza e recrudesce pela cronificação de sua instalação no tempo ôntico, no tempo cronificado, no tempo coisificado. No tempo *chronos-lógico*. Na perduração e permanência de sua experiência na repetitividade do modo coisa de sermos, modo de sermos do passado, modo de sermos do acontecido. Na abstenção do concurso ontológico e atualizativo da presença e da atualidade.

Uma vez, nas suas origens, o conflito foi vivo. Deu-se e se constituiu na vivência do tempo ontológico, da atualidade e da presença. Tempo da vivência implicativa das possibilidades e da atualização de possibilidades, na atualidade, e na presença. No modo de sermos do tempo ontológico, o *tempo da oportunidade*, o tempo Grego de *Kairós*, temporalidade do possível, da possibilidade, e do vir a ser, da ação.

Por algum motivo, o desdobramento do conflito em seu devir, como desdobramento de possibilidades, como ação, se interrompeu. Não escoando, assim, para a sua resolução, e superação. Resultando na sua instalação, na instalação de suas partes, neste seu modo ôntico, e cronificado, coisificado, de ser.

O natural caminho para a resolução, e para a superação da condição instalada do conflito, é o de trazer as suas partes à oportunidade da vivência de suas questões e tensões, da vivência de sua dialógica, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, da presença e da atualidade.

Trazer, assim, as partes conflitantes à oportunidade da interação dialógica em momentos de vivência do tempo ontológico, de vivência do tempo como oportunidade do possível, da temporalidade do desdobramento de possibilidades, do devir, e da ação, compreensiva e implicativa.

Esta oportunidade de vivência ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, experimental, e hermenêutica, do conflito por suas partes pode contribuir significativamente para desinstalar a experiência do relacionamento conflitual. E propiciar o movimento de suas possibilidades. Conjuntamente engendradas, vividas, e desdobradas. No sentido de suas resoluções.

Este é, pois, o sentido do Grupo Vivencial, e o sentido de sua metodologia, como metodologia de mediação para a facilitação da negociação e da resolução de conflitos.

Para tal, a concepção e a operacionalização do Grupo Vivencial, ainda que respeite e considere a experiência do tempo crônico, do tempo cronificado

-- do tempo coisificado, realizado, acontecido, passado, não atual, não presente --, privilegia o fluxo natural da experiência grupal no sentido dos seus elementos constituintes, propiciadores, possíveis. Elementos da vivência da momentaneidade instantânea do tempo e modo de sermos do presente e da atualidade.

Permitida certa liberdade ao grupo para constituir os seus processos vivenciais, e o respeito às características particulares deste, o processo grupal tende, cada vez mais, para um funcionamento ontológico, compreensivo e implicativo. Característico do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos. Tende para a momentaneidade instantânea da vivência fenomenológico existencial e dialógica, caracterizada pela vivência de possibilidades e pela atualização de possibilidades, pela superação, no âmbito de sua vivência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa.

## CONCLUSÃO

*Presença* e *Atualidade* são duas perspectivas descritivas das características do modo ontológico de sermos. Junto com as outras características deste modo de sermos -- como a sua não objetividade nem subjetividade, o seu dar-se no modo dialógico da ação, e não no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o seu característico e intrínseco despropósito, a sua característica despropositalidade acausal, o seu intrínseco caráter de inutilidade, por se dar num modo de sermos que é anterior ao modo de sermos dos úteis e das utilidades – o caráter de *presença* – como o modo não cois, pré-coisa, de sermos; e de *atualiade*, como o modo de sermos da ação – constituem a vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

De modo que é essencial a compreensão e a consideração pela presença e pela atualidade, e pelas demais características do modo ontológico de sermos, para a compreensão da concepção e da metodologia de uma abordagem que, conceitual e metodologicamente, privilegia, em sua prática estética e poiética da *inutilidade,* este modo ontológico de sermos, da criação, da alegria, da superação, da saúde. .

## Bibliografia de Referência

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

PALMER, Richard HERMENÊUTICA.

## 2 . A PERPLEXIDADE COMO MÉTODO

**Perplexidade como caminho**

**Afonso Fonseca, psicólogo.**

**Ontologicamente, somos criativos.**

**Basicamente, vivenciamos o possível como experiência ontológica, e criamos a nós mesmos e ao mundo, na no desdobramento da vivência da experiência ontológica da possibilidade.**

**A experiência ontológica do possível a é a experiência de forças, múltiplas forças sempre. Lógicas, fenomenológicas, ontológicas, dialógicas. Que hierarquicamente competem e argumentam entre si, e coalescem e se organizam, como a vivência da constituição de dominâncias.**

**Plexos de dominâncias. A implicação.**

**Dominâncias que, ao se desdobrarem, fenomenologicamente, prevalecem, como a vivência formativa do curso da ação, constituindo-se cognitivamente como a vivência da compreensão e da implicação, como vivência compreensiva e implicativa.**

**Em específico, a implicação é a estrutura da dinâmica dramática da duração da ação.**

**É a momentaneidade instantânea desta vivência formativa, compreensiva, do desdobramento de possibilidades.**

**Como consciência pré-reflexiva, processo figurativo de formação de figura e fundo da ação musculativa e da compreensão, de constituição de dominâncias gestaltificativas resultante das competições e argumentação entre as possibilidades.**

**A *preensão* cognitiva de seus processamentos e dominâncias figurativas é a compreensão.**

**A vivência da dinâmica dramática do desdobramento da multiplicidade e da organizatividade formativa das possibilidades, em dominâncias, própria e especificamente cognitiva é, na vivência de sua momentaneidade instantânea, o que entendemos como implicação, e como compreensão, como ação. A nossa vivência ontológica fenomenológico insistensial, e dialógica.**

**Na formatividade da momentaneidade instantânea da duração desta nossa vivência ontológica, fenomenológico insistensial, especificamente criamos a nós próprios e ao mundo. Como inéditos, como acontecer.**

**Somos então o *presente*. O acontecer formativo, da fenomenológica da ação, como vivência do desdobramento implicativo e compreensivo de possibilidades.**

**Mais que criarmos -- na pontualidade da vivência, presente, da duração da fenomenológica ontológica da ação --, nós nos superamos, nós somos superação.**

**A ação é superação.**

**Superamos o passado, o acontecido, de nós próprios e do mundo. Na medida em que, presentes, somos o acontecer.**

**No modo de sermos da implicação, e da compreensão, na compreensão e na implicação, na fenomenológica ontológica da ação, nós nos regeneramos, somos regenerabilidade, regeneração.**

**Na medida em que somos a vívência contínua da emergência e reemergência de forças, as possibilidades. Que mais uma vez, e sempre, se constituem implicativa e compreensivamente.**

**Regenerativa a ação, a implicação e a compreensão, enquanto modo de sermos no qual vivenciamos a contínua emergência de forças possíveis, é, por isto, o modo de sermos da produção de nossa saúde. Tanto como saúde existencial, saúde psicológica; e delas como componentes de nossa saúde física.**

**O modo ontológico de sermos da ação – da implicação, e da compreensão – é, assim, o modo de sermos da criação, da superação, da saúde, e da regeneração. É o ethos, o modo ético de sermos, a ética, da criação, da superação, da regeneração, da saúde.**

**Como modo de sermos da vivência da ação, da vivência do desdobramento de possibilidades, o modo de sermos da ação, da implicação e da compreensão, é própria e especificamente o modo de sermos da *movimentação*, da *moção*. Existencial, psicológica, e física. Convenhamos que seja a inércia o movimento sem ação...**

**Como modo de sermos da movimentação, o modo de sermos da ação, modo de sermos da implicação e da compreensão, é assim o modo de sermos da moção.**

**Enquanto tal é o *motivo* modo de sermos da *motivação*.**

**E, *motivo, emotivo, motivação,* é o modo de sermos da *emoção*.**

**Modo ontológico de sermos, fenomenológico insistensial, e dialógico, é o modo de sermos implicativo e compreensivo. É, assim, o ethos, ética, o modo ético de sermos da moção, da movimentação fenomenológica, ontológica, dialógica; o modo ético de sermos da emoção, da motivação. Modo ético de sermos da ação, da criação, da superação, e da regeneração.**

**De nós próprios e do mundo que nos diz respeito.**

***Implicação***, *implexação,* **e sua concomitante *compreensão.***

**O modo ontológico de sermos da ação, fenomenológico insistencial, e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo – ética da ação, da movimentação, moção, emoção, motivação; criação, superação; e de regenerabilidade, regeneração, da saúde, da *grande saúde --,* é o modo ético de sermos da duração da vivência gestaltificativa do desdobramento de *plexos,* ou seja, de *multiplicidades autoorganizativas* de possibilidades – *implexação.***

**Que gestaltificativamente se constituem como ação. Implicação.**

**PerPLEXIdade. PerPLEXIficação.**

**Enquanto tal, implicação e compreensão, *perplexidade, perplexificação,* constituem o metodológico modo de sermos, a ética, da ação, da movimentação – moção --, emoção, da motivação; da criação, e da superação.**

**Como tais, *perplexidade, implicação* – a duração da vivência da travessia dos *plexos* de possibilidades, no modo pré-reflexivo de sermos– *a perplexificação,* configura, não só a ética da ação – da moção, da emoção, da motivação, da criação, da superação, e da regeneração, da saúde – mas a sua própria metodológica.**

**A ética e a metodologia da ação – da moção, da emoção, da motivação, da criação, da superação, e da regeneração, da saúde – é a perplexidade característica da vivência do modo de sermos da ação – fenomenológico insistensial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo.**

**A perplexidade, perplexificação, a implicação e a compreensão, têm as suas próprias condições de possibilidades. Condições próprias e específicas da vivência da duração da momentaneidade instantânea do modo de sermos da ação, do desdobramento de possibilidades.**

**Em primeiríssimo lugar, o caráter de instantaneidade e momentanea da duração de sua vivência perplexa.**

**Pulso que se esvai é a duração da momentaneidade instantânea da vivência da implicação, da vivência da ação, e da compreensão, da vivência da perplexidade.**

**Em sendo forças, as possibilidades, emergem fortes, potentes. E se despotencializam, à medida em que se desdobram. Buber diria, *toda ação envolve uma desatualização...***

**A perplexidade, a ação, é instantânea e momentânea. E *decadente*, segundo a terminologia de Heidegger.**

**Ao decaírem as suas forças, a possibilidade instala-se como coisa.**

**Até que a dialógica abertura estética para a coisa, em sua instalatividade coisificativa, mais uma vez, desvende a possibilidade em sua instalação.**

**Desvendamento que, estalação do possível, mais uma vez, então, se desdobra, como ação.**

**Em segundo lugar, é preciso considerar que, diferentemente do modo de sermos da explicação, o modo de sermos da implicação, e da compreensão, especificamente é pré-reflexivo, não é reflexivo; é despropositativo, não é proposital; está fora do eixo da causalidade, das causas e dos efeitos, característicos do modo explicativo de sermos; a perplexidade da implicação não é da esfera da utilidade, não é pragmática, como o é o modo acontecido de sermos da explicação; e o modo de sermos da perplexidade implicativa, e compreensiva, é da ordem do modo de sermos da possibilidade, da vivência da possibilidade, e não é da ordem do modo de sermos da realidade. Que é característica do acontecido modo de sermos não perplexo, da ex-plicação (*Ex-plexação*).**

**A reflexividade se constitui no modo acontecido de sermos.**

**Coisificando-se ônticamente como acontecido, a consciência inspectativa do ator se cinde, na constituição do sujeito e do objeto, e da sua dicotomização.**

**A consciência do sujeito flete, flexiva e reflexivamente, face ao objeto que se lhe depara. E isto propriamente se constitui como a reflexão do modo acontecido, explicativo, de sermos.**

**Não mais *jeto*, não mais *pro-jeto* -- característicos da ação, característicos do modo de sermos do ator, e do acontecer --, reflexivo, o modo de sermos do acontecido estrutura-se na dicotomização entre o *subjeto flexivo, re-flexivo, e o objeto que se lhe depara,* ao qual contempla como espectador.**

**A reflexão é teorética. É a contemplação do objeto pelo sujeito. Que se dá no reflexivo, o modo acontecido, modo coisa de sermos.**

**A *perplexidade compreensiva* é, especificamente, pré-reflexiva. Fora, e anterior, à dicotomia sujeito-objeto. Modo de sermos da ação.**

**Eu-tu, a ação é dialógica.**

**A dialógica da relação eu-tu, sobretudo, não é dicotomia sujeito-objeto. Vivência ontológica e dialógica do desdobramento de possibilidades, a perplexidade da ação dá-se no modo de sermos do acontecer: modo de sermos do ator. E não no modo reflexivo de sermos, modo acontecido de sermos, dos sujeitos e objetos.**

**Vivência ontológica e dialógica do desdobramento de possibilidades, a perplexidade compreensiva, a ação, em sua atualização, está fora do eixo da causalidade. Não é da ordem das causas e dos efeitos.**

**Da mesma forma que, *inutilidade produtiva da ação, poiética,* além de especificamente estética, a *perplexidade compreensiva* está fora do eixo da utilidade, dos úteis e dos usos.**

**As utilidades, os úteis e os usos dão-se no modo acontecido de sermos da instalação coisificativa, da coisa. No modo de sermos dos úteis nós não criamos – inclusive não criamos úteis e usos, utilidades...**

**E, vivência da possibilidade, acontecer, a ação em seu desdobramento, a vivência da *perplexidade compreensiva*, não é da ordem da realidade.**

**A realidade é o acontecido, em sua condição de coisidade instalativa. A *perplexidade compreensiva* é vivência do acontecer da ação, vivência do desdobramento da ação, como vivência da duração do desdobramento de possibilidades.**

**De modo que a metodológica da *perplexidade compreensiva* da ação pressupõe a preservação de suas condições de possibilidades.**

**A condição de instantaneidade momentânea da vivência do acontecer fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo e implicativo, gestaltificativo da ação. Seu caráter pré-reflexivo, e de ação desproposital. Seu caráter de experiência não causal, não causativa; desproposital. Seu caráter de vivência da inutilidade produtiva. E seu caráter, vivência do desdobramento de possibilidades, de acontecer do desdobramento compreensivo da ação.**

**Dentre suas qualidades, como vivência pré-reflexiva, a *perplexidade compreensiva* da vivência da ação é eminentemente dialógica. Dialógica na medida em que, própria e especificamente, é intrínseca interação com a outridade, no modo de sermos da produção de sentido, e de ação, sentidação. Na duração instantaneamente momentânea, e sempre recorrente, da esfera interativa do compartilhamento da ação, e do logos: do sentido.**

**A interatividade da relação com outridade. Outridade da natureza não humana, a outridade humana -- inter-humana --, a outridade do sagrado.**

**Privilégio da vivência ontológica na atualidade e presença de sua duração, a *perplexidade implicativa,* enquanto metodológica, é eminentemente dialógica.**

**Dialógica, na momentanidade instantânea de sua duração, en quanto ação, enquanto acontecer, nunca é dicotomia sujeito-objeto.**

**140521.**

## 3. CONCEITUAÇÃO. O TEMPO, O CONCEITO, E O PRECONCEITO. O conceito e o Tempo.

**Afonso H L da Fonseca, psicólogo.**

## INTRODUÇÃO

É interessante considerar que, em específico, o ***conceito*** é coisa, acontecido. Um tipo de *excrescência, excretude, concrescência, concretude,* explicativa, da duração da momentaneidade instantânea de episódio da implicação. Explicação.

A ***conceituação***, ao contrário, que o precede, é vivência fenomenológico insistensial de ação.

Fenomenodialógica, pré-coisa, atualidade e presença. É acontecer. A ***conceituação*** é ontológica, ação, implicação. Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O ***conceito*** é ôntico, ente, objeto, explicação. Que não é presença nem atualidade.

E é interessante considerar as próprias e específicas condições e características que disto derivam.

## CONCLUSÃO

O conceito, em suas características de acontecido, própria e especificamente deriva da conceituação.

A conceituação é vivência do acontecer fenomenodialógico da ação.

A ontológica e a epistemológica do conceito demandam uma dedicação própria às características interpretativas, hermenêuticas -- no sentido fenomenológico compreensivo --, da ontológica fenomenológica da conceituação, da ontológica da ação. Nietzsche diria, *a temporalidade da Filologia*[1]. O que permite a boa qualidade, não só da vivência ontológica ativa, fenomenológico insistensial, epistemológica, epistemogênica, epistemocoativa, assim hermenêutica -- o próprio processo da hermenêutica, compreensiva e implicativa, formativa, da unidade, da clareza, da objetividade do conceito.

[1] **PIMENTA**, Silvia **Crítica do Conceito de Consciência na Filosofia de Nietzsche**. Relume-Dumará.

Como toda vivência ontológica, fenomenológica, como vivência do desdobramento de possibilidades, ação, a vivência da conceituação é um pulsar, que se desdobra em começo, meio e fim. Concluindo-se num anticlímax. Em que as forças múltiplas, e compreensivas, da implicação da ação apuram-se dramática e compreensivamente -- na formação do que vão ser as grandes linhas da abstração conceitual. Constituída a abstração conceitual, a seguir definham e fenecem. Restando, enquanto experiência da abstração conceitual, apenas os grandes eixos da formação apuriativa da conceituação. A unidade, a clareza ônticas do conceito.

Isto significa que a apuração conceitual implicativa, a apuração formativa, e hermenêutica, do conceito é, enquanto vivência ontológica, a vivência dialógica de uma temporalidade própria e específica, a temporalidade da momentaneidade instantânea da ação, em suas características e condições particulares.

Que envolvem o momento da emergência de uma multiplicidade de forças, na implicação, a apuração delas, num processamento ontológico de competições e argumentações, e a constituição dos eixos predominantes da abstração conceitual.

Coisificando-se e fenecendo as demais forças, em seus vários níveis, da implicação conceituativa, em seguida à constituição dos eixos principais desta abstração conceitual.

Em suas características ontológicas -- fenomenológico insistensiais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativa --, a vivência da temporalidade da ação, da implicação, da conceituação, é: pré-reflexiva, é não causal, despropositál, é inútil, não pragmática, e irreal.

Diversa e heterogênea com relação às características do modo acontecido de sermos. Modo acontecido de sermos do conceito, da abstração conceitual.

Que é ôntico, explicativo (não implicativo), reflexivo, causal, útil, pragmático, e real...

A vivência própria da ontológica da temporalidade da conceituação demanda uma dedicação a suas características próprias, em particular a esta sua temporalização. Que envolve o surgimento e o desdobramento da multiplicidade de forças da implicação, a sua apuração, enquanto ação compreensiva; e a constituição do conceito, explicativo. Com a decapitação, pelo decaimento, da maior parte das forças que apuraram para a constituição dos eixos principais da abstração conceitual. Do conceito.

Este processo fenomenológico hermenêutico, em suas características próprias, constitui um todo, com começo, meio, e fim... Levando, da vivência do ontológico, à experiência ôntica; da vivência da compreensão, e da implicação, à experiência da explicação; da atualidade da presença do acontecer, à coisidade do acontecido. Da conceituação, ao conceito.

A duração da instantaneidade momentânea do modo ontológico de sermos pode ser invadida e interrompida disruptivamente pelas características do modo acontecido de sermos. Na forma do comportamento proposital e

deliberado. Invasão esta que precipita o processo da vivência ontológica, precipitando disruptivamente o processo da conceituação.

Resultando num conceito pobre, aquém de suas possibilidades. Ou no puro e simples preconceito.

Na conceituação, a epistemologia ontológica compreensiva e implicativa, fenomenológico insistensial e dialógica; e, efetivamente, a própria epistemologia explicativa dependem de um respeito à, e uma dedicação à, um usufruto, da duração da momentaneidade instantânea da temporalidade da vivência ontológica. Fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Sob o risco do empobrecimento substancial do conceito. Ou de operar na mera produção, e operação, do preconceito.

Operado, equívoca ou oportunisticamente, pela precipitação explicativa da implicação.

## TEMPORALIDADE E CONCEITUAÇÃO. E O TEMPO CRÔNICO DO CONCEITO

Fundamentalmente, medeia uma questão de tempo entre a vivência da ***conceituação***, e o ***conceito***,

Própria e especificamente, a questão da duração da vivência da temporalidade ontológica da ação. Implicação.

Já que, ontológica, a ***conceituação,*** especificamente, é a vivência da ação. A vivência ontológica de sua temporalidade, como ação, implicação. Fenomenológica insistensial, e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

E, ainda enquanto tal, a culminância da momentaneidade instantânea do episódio de seu pulsar, sua necessária culminância, portanto – a culminância da ***conceituação -***, no modo acontecido de sermos. Própria e especificamente, explicativo. A sua culminância no decurso inerte do tempo cronificada do ***conceito***; na sua própria instalação, enquanto coisa. A coisa ***conceito***.

Que assim prevalece, até o momento estético da estalação de sua instalação, pela poiética de seu eterno retorno ao possível. Uma vez mais, o retorno da vivência da ação.

Ontológica, a vivência da ***conceituação*** é, propriamente, a vivência da duração da temporalidade fenomenodialógica da ação, da implicação. O que quer dizer, a vivência propriamente da temporalidade própria do desdobramento do possível, do desdobramento de forças plásticas, criativas,

as possibilidades, enquanto a instantaneidade momentânea da ação. A vivência da hermenêutica, a hermenêutica da vivência da ação.

Fenomenológico insistencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Ou seja, especificamente pré-reflexiva, não causal, despropositál, inútil, irreal. Ainda que moção, comoção insistensial, emoção, cognição fenomenológica, fenomenativa; criação, superação, e regeneração –, não obstante.

Coisa, instalação da coisa, a experiência do ***conceito*** é a experiência do acontecido.

Efetivamente, enquanto tal, o conceito é atemporal, atemporativo, a atemporalidade.

No sentido de que o seu *tempo* é o *tempo* inerte, a inércia, da coisa. O *tempo* crônico, o *tempo* cronificado do acontecido, do passado...

Distinção de tempo e atemporalidade, medeia entre a possibilidade da ***conceituação*** e a realidade do ***conceito*** a hermenêutica temporalidade fenomenativa da ação, da implicação. Até a culminância e anti clímax da culminância de sua duração, no modo de sermos, em específico, que ***não é*** implicação: no modo de sermos da explicação.

Assim sendo, a unidade, a clareza e a distinção apolíneas do ***conceito***; a unidade, a clareza e a distinção apolíneas do conceitual, só resultam efetivas enquanto tais, depois que, chegando à explicação, fenecem as potências múltiplas da temporalidade da implicação. No transcurso fenomenológico da ação, da implicação. Da ***conceituação.***

Apuração hermenêutica, própria e inerente à duração da vivência da temporalidade múltipla e potente das forças ativas, criativas, formativas, da implicação.

Que, fatalmente, direcionam-se, decadentemente, na momentaneidade instantânea da ação, de seu pulsar, em direção ao fato, ao acontecido. À factualidade, do ***conceito***. Em toda a sua unidade, clareza, e distinção apolíneas. Conceituais.

Ao se exaurirem, assim, as forças múltiplas da ação, da implicação, na vivência da ***conceituação***, elas se coisificam, no ***conceito***.

## DECAPITAÇÃO, DECEPAÇÃO, CONCEITUAL. E CONCEITO.

Desculpe esta primeira metáfora, mas é análogo a uma lepra seca. Na qual os dedos, os membros, vão se desvitalizando, fenecendo, morrendo; até caírem...

Ou como o belo e colorido molde em plástico da árvore vascular de um órgão.

Depois do órgão morto, e retirado todo o tecido orgânico vital.

Analogamente, assim é a constituição do conceito, como resultante do decaimento das múltiplas forças da implicação, na vivência da duração do episódio de seu pulsar, na duração do epsódio da ação... Na vivência da duração da temporalidade ***conceituação***. E de constituição da coisa, o ***conceito coisa, a coisa conceito***, em sua instalação.

Maravilhoso objeto de estudo, o molde em plástico... Para a Anatomia Patológica...

E quão diverso da maravilha do órgão vivo, e funcional. Com a atividade de todos os seus vasos vivos, até à micro capilaridade dos espaços do tecido intersticiais.

Analogamente, só que muito mais ricas e ativas, assim é a multiplicidade, e a multiplicação, de forças criativas da vivência da duração da momentaneidade instantânea da ação, da implicação, da conceituação. Com seus elementos múltiplos multitudinariamente interagindo, apurativamente, na constituição da dramática fenomenodialógica da ação, da implicação.

Como o ciclo diário do sol, no seu momento de intensidade máxima, o pulso da reiteração do episódio da momentaneidade instantânea da ação é sucedido por um declínio. E, ao declinarem, decaem, e fenecem, as forças que, como implicação, constituíram-se como a ação – compreensiva, e musculativa. Na conceituação, em particular.

Resta o que, analogamente, seria o molde de plástico da árvore vascular. Com seus vasos e sua rede vascular plastificados, acontecidos, mortos. Prestes a preciptarem-se numa inexorável decapitação e decepação.

Até que, decapitados, só restem, tétricos, devidamente enrijecidos, unificados e claros, conspícuos, os seus eixos principais.

Na analogia, os eixos principais restantes são os conceitos. Em sua unidade e clareza individual – desabilitados e desprovidos da multiplicidade da implicação. Efetivamente mortos, acontecidos, tétricos em sua rigidez.

Mas este é, apenas, o momento da instalação conceitual, da instalação da coisa, da instalação desta coisa que é o conceito.

Instalação que permanece -- não como duração, mas como inércia --, até o momento em que a estética estala a instalação da possibilidade na coisa conceito, no conceito coisa. E este retorne, por seu turno, à abertura da momentaneidade instantânea da vivencia do desdobramento da possibilidade. De modo que, mais uma vez possível, ele retorne revoltosamente à ação, conceituação. À Implicação.

Inexorável, a conceituação, como toda ação, direciona-se e conclui-se, em seu decaimento, na precipitação, a *ciptação*, da decapitação, conceitual.

A toda conceituação -- ontológica, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa -- segue-se a constituição ôntica do conceito – acontecido, desistencial, não dialógico, em sua inércia e cronicidade dura de coisa, explicativo... Para isto, um decaimento e fenecimento da multiplicidade de suas forças implicativas, e a decapitação, a decepção, do que não forem os seus eixos principais. Acontecidos, coisificados.

Não há, então, porque temer. Como prometido, a conceituação, inexorável e irreversível, no conceito resulta.

Não obstante, cumpre considerar que, como ação, ontológica, em especfico, a conceituação, implicação, é a vivência fenomenológica, dedicada e hermenêutica, de uma temporalidade própria. Ontológica, e epistemologicamente, cumpre a consideração, e a dedicação, à temporalidade própria à ontológica da ***conceituação***.

Pré-reflexiva, não causal, despropositał, inútil, irreal...

Mas moção insistencial, ação, emoção, cognição, criação, superação, motivação, regeneração...

Na sua culminância de desdobramento da instantaneidade momentânea da duração desta temporalidade, dá-se a decapitação natural da multiplicidade de forças ativas... No seu anticlímax, a conceituação entrega-se ao conceito... Ao conceito, bem fornido, e bem constituído...

Natural...

## DESTEMPÊRO. O TEMPO DA MISTURA, E A EXPLICATIVA COMPORTAMENTAL DO PRECONCEITO. PRECARIZAÇÃO DA ONTOLÓGICA INSISTENCIAL, DA EPISTEMOLÓGICA COMPREENSIVA DA IMPLICAÇÃO. ... E DA *EPISTEMOLÓGICA* EXPLICATIVA.

Má epistemologia, entretanto, precária epistemologia, é não se dar à dedicação própria, à vivência da duração da temporalidade ontológico da ação, implicação. Da conceituação. Desqualificando-se este tempo. Pela imposição, e impostura, do preconceito. Ou desqualificando-se a vivência da duração desta temporalidade da conceituação, pela precipitação...

A *cipitação* é a culminância natural da vivência da duração da conceituação, que resulta no conceito. Ontológica, como ação, implicação, a conceituação -- a decepação dos elementos da árvore multitudinária de forças da vivencia da implicação, depois que elas decaem, e fenecem, na sua atualização -- é a sua natural, e despropositał, culminância. Processo no qual desvelam o conceito, como acontecido, em sua unidade, clareza e pureza apolíneas.

A ***precipitação*** pode invadir, como *cipitação* prematura -- deliberada, reflexiva, causativa, utilitária, realista --, o modo despropositał de sermos da ação, da implicação, da conceituação. E determinar um prematuro corte, precipitado, precipitante, da multiplicidade de forças da implicação – processo este que naturalmente se daria, em sua efetividade ontológica, na culminância da vivência da natural duração pré-reflexiva da conceituação. Preciptado, precipita desta forma, o conceito, por uma prematura decapitação, precipitação, da implicação. Da ação. Da ação da conceituação...

Precipitado, prematuro, o corte da implicação determina uma pré-conceituação.

A constituição de um conceito pobre, aquém de suas possibilidades.

Ou a mera intromissão de um preconceito. Um conceito predeterminado, precário e fraudulento. Resultante do prejuízo, da prejudicação, da vivência própria da ontológica e da epistemológica da ação, da implicação. Da conceituação. E da intromissão fraudulenta de um conceito prévio.

Assim, o conceito pobre ou deliberadamente empobrecido, e a intromissão são as consequências da precipitação da momentaneidade instantânea da implicação, na conceituação.

Como ocorre com o termo *precipitação, s*ão dois os sentidos do termo *preconceito*.

*Precipitado* é todo o vigor da vivência pré-reflexiva, *anterior* ao decaimento, e ao fenecimento, das forças ativas, criativas, da ação, da implicação. No caso, da conceituação. A *cipitação* dá-se naturalmente, a seguir, a decapitação, dos membros do esqueleto das forças decaídas e desnaturadas, fenecidas, da implicação. Toda a vivência anterior a *cipitação* é *pré-ciptação.* Plenamente vigorosa, e não pré-matura.

Não obstante, p*reciptado* é o corte prematuro destas mesmas forças, ainda ativas. E que naturalmente resulta não no conceito, em sua instalação de coisa. Mas na coisa preconcebida que é o preconceito.

Este *preconceito, preconceitual*, é anterior à natural constituição, compreensiva, e implicativa, do conceito. É o preconceito.

Mas todo o vigor da vivência implicativa intensional da duração da temporalidade da ação, da implicação, da paulatina apuração do sentido --

promovida pela interação das forças múltiplas da implicação, anteriormente à natural decapitação, que sucede ao seu decaimento e fenecimento --, é prévia, e prepara, na conceituação, o conceito. É pré-conceitual, e assim prepara. o conceito. *Preconceitual* no sentido de que é anterior e prepara o conceito. Toda a vivência da ação, da implicação, na instantaneidade momentânea de sua duração, especificamente é preconceitual. Naturalmente resulta no conceito. Mas não em sua precipitação...

Toda a vivência da conceituação é especificamente, assim, pré conceitual. Na medida em que é o processo anterior à constituição do conceito, e o prepara, e o gera, e determina.

Mas o termo pré-conceito também remete ao conceito pré-maturo, imaturo, o *preconceito.* Determinado pela inconclusa vivência da conceituação, e sua precipitação conceitual, a precipitação de sua *cipitação*. Resultando na tosca elaboração, e empobrecimento do conceito, em sua constituição, em sua conceituação. E dando espaço -- não para a ativa, implicativa, constituição fenomenológica do conceito --, mas para a específica imposição do preconceito. Quer seja pela pobreza conceitual resultante. Quer seja pela imposição fraudulenta de um conceito prévio. Com o intuito de interromper a efetiva conceituação.

## INTRODUÇÃO

É interessante considerar que, em específico, o ***conceito*** é coisa, acontecido. Um tipo de *excrescência, excretude, concrescência, concretude,* explicativa, da duração da momentaneidade instantânea de episódio da implicação. Explicação.

A ***conceituação***, ao contrário, que o precede, é vivência fenomenológico insistensial de ação.

Fenomenodialógica, pré-coisa, atualidade e presença. É acontecer. A ***conceituação*** é ontológica, ação, implicação. Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O ***conceito*** é ôntico, ente, objeto, explicação. Que não é presença nem atualidade.

E é interessante considerar as próprias e específicas condições e características que disto derivam.

## CONCLUSÃO

O conceito, em suas características de acontecido, própria e especificamente deriva da conceituação.

A conceituação é vivência do acontecer fenomenodialógico da ação.

A ontológica e a epistemológica do conceito demandam uma dedicação própria às características interpretativas, hermenêuticas -- no sentido fenomenológico compreensivo --, da ontológica fenomenológica da conceituação, da ontológica da ação. Nietzsche diria, *a temporalidade da Filologia*[2]*.* O que permite a boa qualidade, não só da vivência ontológica ativa, fenomenológico insistensial, epistemológica, epistemogênica, epistemocoativa, assim hermenêutica -- o próprio processo da hermenêutica, compreensiva e implicativa, formativa, da unidade, da clareza, da objetividade do conceito.

Como toda vivência ontológica, fenomenológica, como vivência do desdobramento de possibilidades, ação, a vivência da conceituação é um pulsar, que se desdobra em começo, meio e fim. Concluindo-se num anticlímax. Em que as forças múltiplas, e compreensivas, da implicação da ação apuram-se dramática e compreensivamente -- na formação do que vão ser as grandes linhas da abstração conceitual. Constituída a abstração conceitual, a seguir definham e fenecem. Restando, enquanto experiência da

[2] **PIMENTA**, Silvia **Crítica do Conceito de Consciência na Filosofia de Nietzsche**. Relume-Dumará.

abstração conceitual, apenas os grandes eixos da formação apuriativa da conceituação. A unidade, a clareza ônticas do conceito.

Isto significa que a apuração conceitual implicativa, a apuração formativa, e hermenêutica, do conceito é, enquanto vivência ontológica, a vivência dialógica de uma temporalidade própria e específica, a temporalidade da momentaneidade instantânea da ação, em suas características e condições particulares.

Que envolvem o momento da emergência de uma multiplicidade de forças, na implicação, a apuração delas, num processamento ontológico de competições e argumentações, e a constituição dos eixos predominantes da abstração conceitual.

Coisificando-se e fenecendo as demais forças, em seus vários níveis, da implicação conceituativa, em seguida à constituição dos eixos principais desta abstração conceitual.

Em suas características ontológicas -- fenomenológico insistensiais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativa --, a vivência da temporalidade da ação, da implicação, da conceituação, é: pré-reflexiva, é não causal, despropositál, é inútil, não pragmática, e irreal.

Diversa e heterogênea com relação às características do modo acontecido de sermos. Modo acontecido de sermos do conceito, da abstração conceitual.

Que é ôntico, explicativo (não implicativo), reflexivo, causal, útil, pragmático, e real...

A vivência própria da ontológica da temporalidade da conceituação demanda uma dedicação a suas características próprias, em particular a esta sua temporalização. Que envolve o surgimento e o desdobramento da multiplicidade de forças da implicação, a sua apuração, enquanto ação compreensiva; e a constituição do conceito, explicativo. Com a decapitação, pelo decaimento, da maior parte das forças que apuraram para a constituição dos eixos principais da abstração conceitual. Do conceito.

Este processo fenomenológico hermenêutico, em suas características próprias, constitui um todo, com começo, meio, e fim... Levando, da vivência do ontológico, à experiência ôntica; da vivência da compreensão, e da implicação, à experiência da explicação; da atualidade da presença do acontecer, à coisidade do acontecido. Da conceituação, ao conceito.

A duração da instantaneidade momentânea do modo ontológico de sermos pode ser invadida e interrompida disruptivamente pelas características do modo acontecido de sermos. Na forma do comportamento proposital e deliberado. Invasão esta que precipita o processo da vivência ontológica, precipitando disruptivamente o processo da conceituação.

Resultando num conceito pobre, aquém de suas possibilidades. Ou no puro e simples preconceito.

Na conceituação, a epistemologia ontológica compreensiva e implicativa, fenomenológico insistensial e dialógica; e, efetivamente, a própria epistemologia explicativa dependem de um respeito à, e uma dedicação à, um usufruto, da duração da momentaneidade instantânea da temporalidade da vivência ontológica. Fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Sob o risco do empobrecimento substancial do conceito. Ou de operar na mera produção, e operação, do preconceito.

Operado, equívoca ou oportunisticamente, pela precipitação explicativa da implicação.

**BIBLIOGRAFIA**

**ALBETAZZI**, Lilian **The School of Franz Brentano.**

**BUBER**, Martin **Eu e Tu.**

**HEIDEGGER**, Martin **Ser e Tempo.**

**PIMENTA**, Silvia **Crítica do Conceito de Consciência na Filosofia de Nietzsche**. Relume-Dumará.

## 4. COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO.
## A apuração implicativa gestaltificativa, e a decepação purificativa, putativa.

Afonso Fonseca, *psicólogo*.

Como a raiz do termo *conceito,* a raiz de *percepção* tem o sentido forte de *capturado, prisioneiro de guerra, capado...*

Se assim o são, o conceito e a percepção enquanto tais veem de um território alienígena, e inimigo. Invasores contumazes de um exército de diabos...

Invasores, sem dúvida. Uma vez que, travestido de instalação coisificativa, o ontológico em sua dramática constante e continuamente invade a esfera do acontecido. Mesmo à custa de se coisificar, e de se desatualizar, em acontecido.

Seria um inimigo?

Viria de um território inimigo, e alienígena?

Teria que ser assim? (*Dionísio, o estrangeiro do interior?*).

É certo que o processo de sua constituição é eivado de incerteza. A percepção e a conceituação...

Para uma postura que rigidamente encistou-se na (suposta) certeza da coisidade, e do acontecido, o percepto, o concepto, não enganam, são inimigos que emergidos de terras alienígenas e ignotas, profanas, a serem capturados e aprisionados. Captados, capturados, decapitados, como a mão que captura um saco de cunhões, prestes a ser decepado.

Digo: conceptuado, perceptuado. Apenas...

Mas, para que o escândalo? ...

O prisioneiro em breve estaria inevitavelmente instalado em seu ataúde de coisa. Desprovido de sua dramática furibunda, de suas nuances e detalhes. Paralítico, rígido, unificado... Mumificado...

Naturalmente oferecer-se-ia, entregar-se-ia assim, como capturado. Como prisioneiro, como aprisionado. Ao findarem as suas forças...

Tratar-se-ia de se garantir, como morto, e investir contra a vida da possibilidade... Inevitável e indestrutivelmente refugiada no recôndito da instalação da coisa.

Não vejo como poderia...

Do mesmo modo que não se pode evitar a instalação da dramática possibilidade na coisidade da coisa, não podemos evitar a ressurgência, a insurgência, a re-volta, como diria Maffesoli, da possibilidade, ao estalo da instalação da coisa.

Quando a prenhez da coisa pela possibilidade estiver a termo...

*... E é tempo todo tempo... Mas não basta um século para fazer a pétala... Que um só instante faz, ou não... Mas a vida muda...*[3]

Estará então prestes e a postos a estética, como parteira...

[3] Ferreira Gullar: ... *A vida muda, rapidamente/como a cor dos frutos/A vida muda lentamente/Como a flor em fruto/Mas quando é tempo/E é tempo todo tempo/Mas não basta um século para fazer a pétala/Que um só instante faz/Ou não)/Mas a vida muda)/...*

***Compreensão*** e ***Percepção*** são processos experienciais radicalmente distintos.

E aqui, não nos enganemos com o sentido comunal do termo *experiência.*

*Experiência* é, naturalmente, um termo que serve tanto à epistemologia de um empirismo fenomenológico, quanto à epistemologia de um empirismo objetivista. E pode, portanto, referir-se tanto à ontológica fenomenológico existencial da presença e da atualidade da ***compreensão,*** como à ôntica da instalativa da ***percepção***.

Normalmente distingue-se que só a ***percepção***, objetiva, é ***experiência****.*

Apesar de o sentido original do termo *experiência* designar fidedignamente a ontológica fenomenológica intrínseca à vivência pré-reflexiva. Eminentemente *experimental.*

De fato, a compreensão é efetivamente *experiência* no sentido de que é ***insperiência...***

Na própria distinção diversa dos dois sentidos do termo *experiência* está dada a pista para a radical distinção de sentidos entre ***Compreensão****,* e ***Percepção****...*

Este ensaio busca tematizar esta distinção.

Assim, antecipadamente digamos que a ***Compreensão,*** naturalmente, é ontológica. E a ***Percepção*** é ôntica.

Mas não seria a ***compreensão*** um tipo de ***percepção***?

Podemos dizer que o processamento da ***compreensão***, como processamento cognitivo da ação, culmina na ***percepção***. Mas é crucial distinguir a momentaneidade e a temporalidade própria à

presença e atualidade da ***compreensão***, com relação ao caráter ôntico, coisificado, acontecido, da ***percepção.***

Poderíamos identificar ***compreensão*** e ***percepção*** se o processo de constituição da ***percepção*** não fosse uma de**cep**agem, uma de**cep**ção. Um limite, uma limitação, e um corte da multiplicidade característica da implicação da vivência de sentido que é a ***compreensão***.

A ***compreensão*** é uma apuração, uma apuria.

A ***percepção*** uma purificação, uma puria.

O processo gestaltificativo de constituição da ***compreensão*** – *apuração, apuria* -- reside exatamente na preservação da integridade da multiplicidade da implicação. Na preservação do processo *apurativo* da interação -- competição e argumentação -- entre os elementos da multiplicidade de possibilidades da implicação. Que resulta na constituição de seu processo formativo, na constituição da formação figurativa da vivência fenomenológica, e na figurativa formação das coisas...

Isto, é, assim, uma decorrência da distinção entre o caráter ontológico da ***compreensão***, e o caráter ôntico da ***percepção***.

A ***purificação conceitual*** da percepção, o conceito, decorre, em princípio, do próprio processo do decaimento das possibilidades e de sua instalação coisificativa. No decorrer paulatino do qual a multiplicidade de possibilidades da vivência pré-reflexiva, atualizadas, tem desatualizadas, e instaladas coisificativamente, como coisa, a intensidade de suas forças.

De uma rede infinita de possibilidades que constituem a implicação, resta os eixos de seu esquemático esqueleto coisificado. A coisa, então, a ser percebida, o conceito.

O que Fink chamava de *a casca vazia que outrora inervava a intuição...*

A distinção entre ***compreensão*** e ***percepção*** não é, assim, uma distinção quantitativa. Mas uma distinção eminentemente qualitativa, que envolve distintos modos de sermos. Distintos modos de sermos, que se constituem como distintos modos de conhecermos.

A ***apuração*** pré-reflexiva específica da implicação, que especificamente se constitui como ***compreensão***. Característica do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos, do acontecer.

E a ***puria, purificação, putificação, putabilidade,*** característica do con**cep**tual. Do per**cep**tual

Intrinsecamente decorrente do decaimento da ação, da conceituação. O conceito -- reflexivo, objetivo, ou subjetivo, coisificado, e explicativo -- que se constitui como a ***percepção***. Característica do modo coisificado de sermos, explicativo, do acontecido.

A conceptualização, assim, decorre do desbaste da presença, e da atualidade, da multiplicidade de possibilidades da vivência momentaneamente instantânea da implicação, da vivência fenomenológica da ação.

A ***compreensão*** é conhecer, epistemológica, conhecimento, intrínsecos à momentaneidade instantânea e dramática da ação. Da implicação, em sua intrínseca multiplicidade apuriativa, apurativa. O conhecer, a epistemologia ontológicos, pré-conceituais, pré reflexivos, inspectativos, implicativos, gestaltificativos. O processo apuriativo de constituição de sentido, especificamente como ***apuração*** da vivência das competições e argumentações entre os elementos da multiplicidade de possibilidades, da multiplicidade de forças criativas, da vivência ontológica. Fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas.

A ***percepção --*** explicativa, a não implicação --, o conhecimento acontecido, característico da *epistemológica* ôntica – reflexiva, teorética, conceitual. Putativa. Produzida pela putação, pela pu(t)rificação, pela decepação, pela castração, capação -- dos elementos da multiplicidade das possibilidades ontológicas.

Possibilidades estas que apurativamente se afiguram, na momentaneidade instantânea da ação, como os sentidos da ***compreensão,*** como a própria epistemológica fenomenológica da implicação ontológica da ação. Para serem a seguir desbastadas, podada – com o decaimento da ação --, na constituição da instalação coisificativa característica do modo acontecido de sermos.

Como con**cep**to. Como per**cep**to. Como ***percepção***.

| **COMPREENSÃO** | **PERCEPÇÃO** |
|---|---|
| ONTOLÓGICA | ÔNTICA |
| FENOMENOLÓGICA | INSTALAÇÃO COISIFICATIVA |
| INSISTENSIAL | EXISTENSIAL |
| INTENSIONAL | DISTENSIONAL |
| DIALÓGICA EU-TU | NÃO DIALÓGICA, EU-ISSO |
| COM-PREENSÃO | SEM-PREENSÃO |
| IMPLICAÇÃO | EXPLICAÇÃO |
| APURIA. APURAÇÃO. INIMPUTÁVEL. INCONTÁVEL. | PUTATIVA. PURIA. PURAÇÃO. IMPUTÁVEL. CONTÁVEL. |
| AÇÃO. ATOR | INSTALAÇÃO |
| INSPECTAÇÃO | ESPECTAÇÃO |
| FAZER DIALÓGICO | FATO. FEITO. |
| TEATRO. DRAMÁTICA. | SUJEITO. OBJETO. FATO. FEITO. |
| GESTALTIFICATIVA | GESTALT |

Como a raiz do termo *conceito,* a raiz de *percepção* tem o sentido forte de *capturado, prisioneiro de guerra, capado...*

Se assim o são, o conceito e a percepção enquanto tais veem de um território alienígena, e inimigo. Invasores contumazes de um exército de diabos...

Invasores, sem dúvida. Uma vez que, travestido de instalação coisificativa, o ontológico em sua dramática constante e continuamente invade a esfera do acontecido. Mesmo à custa de se coisificar, e de se desatualizar, em acontecido.

Seria um inimigo?

Viria de um território inimigo, e alienígena?

Teria que ser assim? (*Dionísio, o estrangeiro do interior?*).

É certo que o processo de sua constituição é eivado de incerteza. A percepção e a conceituação...

Para uma postura que rigidamente encistou-se na (suposta) certeza da coisidade, e do acontecido, o percepto, o concepto, não enganam, são inimigos que emergidos de terras alienígenas e ignotas, profanas, a serem capturados e aprisionados. Captados, capturados, decapitados, como a mão que captura um saco de cunhões, prestes a ser decepado.

Digo: conceptuado, perceptuado. Apenas...

Mas, para que o escândalo? ...

O prisioneiro em breve estaria inevitavelmente instalado em seu ataúde de coisa. Desprovido de sua dramática furibunda, de suas nuances e detalhes. Paralítico, rígido, unificado... Mumificado...

Naturalmente oferecer-se-ia, entregar-se-ia assim, como capturado. Como prisioneiro, como aprisionado. Ao findarem as suas forças...

Tratar-se-ia de se garantir, como morto, e investir contra a vida da possibilidade... Inevitável e indestrutivelmente refugiada no recôndito da instalação da coisa.

Não vejo como poderia...

Do mesmo modo que não se pode evitar a instalação da dramática possibilidade na coisidade da coisa, não podemos evitar a ressurgência, a insurgência, a re-volta, como diria Maffesoli, da possibilidade, ao estalo da instalação da coisa.

Quando a prenhez da coisa pela possibilidade estiver a termo...

*... E é tempo todo tempo... Mas não basta um século para fazer a pétala... Que um só instante faz, ou não... Mas a vida muda...*[4]

[4] Ferreira Gullar: ... *A vida muda, rapidamente/como a cor dos frutos/A vida muda lentamente/Como a flor em fruto/Mas quando é tempo/E é tempo todo tempo/Mas não basta um século para fazer a pétala/Que um só instante faz/Ou não)/Mas a vida muda)/...*

Estará então prestes e a postos a estética, como parteira...

**BIBLIOGRAFIA**

**BUBER, Martin Eu e Tu**

**GOULART, Ferreira Dentro da Noite Veloz.**

**HEIDEGGER, Martin Ser e Tempo.**

**HOUAISS, Antonio Dicionário Eletrônico Houaiss.**

**MAFFESOLI, Michel A Conquista do Presente.**

## 5. A AÇÃO NÃO É SÓ *AÇÃO MUSCULAR.* COMPPREENSÃO TAMBÉM É LEGITIMAMENTE AÇÃO NA MUSCULAÇÃO, A COMPREENSÃO TAMBÉM É MUSCULAR

Afonso Fonseca, psicólogo.

Restou como aspecto negativo de Freud uma idéia de que o psíquico é só o *mental.* O *corpo* seria uma instância heterogênea, não raro alienígena. Fantasmática.

Reich trouxe o corpo para a psicologia e para a psicoterapia, de um modo enfático. Não importa quais sejam os seus equívocos, é seu este mérito.

Podemos dizer que Fritz e Laura Perls são mais um degrau nesta trajetória ascendente em direção à integração do corpo.

Com motivos, enfatizaríamos a Laura Perls neste sentido.

Trabalhando com expressão corporal, Laura tinha uma intuição profunda da integração da consciência-corpo. E muitas vezes indicou para a Gestalt o caminho do corpo, pelo caminho da arte. Uma via diferente do holismo científico de Kurt Goldstein.

Mas não podemos ignorar as fortes intuições de Fritz Perls em direção ao corpo. Primeiro, mas sem ordem de precedência, por influência do próprio Reich. Influência pessoal e das idéias. Nessa ordem da terapia, as influências das metodologias terapêuticas de Ida Hoffmann. E, evidentemente, do próprio Goldstein.

Dentre estas influências, sobressai a influência da expressão corporal no teatro expressionista, a experiência da expressão corporal do *Expressionismo* sobre Fritz Perls. A própria importância do corpo para a expressão na expressividade expressionista.

Há um nexo não explicitado, em termos desta integração do corpo, que envolve a Fenomenologia, os teóricos da Gestalt, teoria da Gestalt, Kurt Goldstein, W. Dilthey, Max Wertheimer, Brentano, Expressionismo – porque não colocar a Max Reinhardt? –Fritz Perls...

Não sei se um nexo não explicitado, não sei se um nexo que eu não atino. Não seis se um nexo que eles não atinavam. Mas que intuíam.

O expressionismo vai muito longe em experimentar, e explorar, teatralmente esta integração organísmica de compreensão e muscularidade.

De que Kurt Goldstein vai se aproximar, pela via de sua Neurologia Organísmica.

Certamente temos que trazer a Brentano, sua Fenomenologia. Principalmente em termos de sua compreensão da ação, sua compreensão de que a ação não é comportamento. E de que o sujeito não é o ator...

E Martin Buber e sua abordagem da dialógica...

Fato é que a vivência da ação é a dimensão de nossa ontologia em que participam cognição e muscularidade. Porque, em específico, a ação é compreensão e muscularidade.

Compreensão e musculação são vivência da atualização de possibilidades.

Têm, assim, todas as características da ação.

A compreensão e a musculação são, enquanto atualização de possibilidades, moção, emoção, cognição, criação e superação. São estéticas e poiéticas. São pré-reflexivas e pré-conceituais, não pragmáticas, não reais...

A ação é pré-reflexiva. Mas, não existe ação, efetivamente, sem cognição: ação como cognição pré-reflexiva. Que é a compreensão.

E não existe ação sem a dimensão da muscularidade da ação. Sem a musculação.

Compreensão e musculação, pre-reflexivas, a ação é *apresentação*.

E não *representação* (*re-apresentação*).

De modo que, na fenomenologia da ação, na ontologia da ação, no episodio fenomenológico existencial da ação, cognição e muscularidade, compreensão e musculação são intrínsecas dimensões, que se dão necessariamente.

A compreensão -- própria e especificamente no âmbito da implicação – é própria à ação. Dá-se no modo de - sermos do *pathos da sensibilidade emocionada.* A compreensão impregna-se da emoção. E, sobretudo, é diversa da percepção.

Que é conceitual. E reveste-se das características do modo coisa de sermos. Apartando-se do ontológico modo de sermos do fazer.

Como um resíduo freudiano, ainda que nas abordagens fenomenológico existenciais, mesmo quando fenomenológicamente inspiradas, efetivamente, resta o resíduo de que as resoluções seriam mentais. Que se dariam ao nível psicológico da compreensão, em seu aspecto cognitivo.

*Compreendeu, em particular, compreendeu o que eu quero, tá bom...*

Não. As resoluções dão-se ao nível da ação.

E a ontológica fenomenológica da ação é inspectativa, cognitiva e muscular. Compreensiva e musculativa. Na sinestesiologia da fenomeno ontológica da ação.

A compreensão não é subjetiva. E não se dá isoladamente, mas improvisativamente acompanha *pari passum* todos os momentos do desdobramento do episódio fenomenológico existencial da ação.

Mas é necessário entender, substancialmente, o caráter pre-reflexivo e pre-conceitual da ação. O caráter pre-reflexivo e pré-conceitual específico da compreensão e da musculação, como dimensões da ação.

Mais simples, talvez, o caráter de prereflexividade da ação significa que ela se dá no modo de sermos do fazer, do acontecer. E não do fato.

Que é o modo de sermos do ator, e não o modo de sermos do sujeito. E do objeto.

Em seu caráter pré-conceitual, a vivência da ação se constitui a partir de uma vivência de multiplicidade de possibilidades. Multiplicidade esta que, na vivência do episódio da ação, se organiza, pela implicação, pela gestaltificação, em linhas de ação.

No seu desdobramento, a ação, o fazer, transita do modo ontológico para o modo ôntico de sermos; do fazermos para o fato, o feito. Da ação para o teorético. Com a tendência à redução de sua multiplicidade à unidade do conceito.

E isto significa a passagem, no episódio existencial, do modo pré-conceitual ao modo conceitual de sermos. A par da transição do modo pré-reflexivo ao modo reflexivo de sermos...

Na duração do episódio fenomenológico existencial da ação, todavia, a compreensão e a musculação dão-se de modo pre-reflexivo e pré-conceitual.

Compreensão e musculação pré-reflexivas e pré-conceituais.

Compreensão que, além de cognitiva, é, também, muscular.

A musculação, além de especificamente muscular, é propriamente cognitiva. Compreensiva.

A musculação é compreensiva, a compreensão é musculativa.

Compreensão e musculação são dimensões da ação.

A ação, a fenomenologia ontológica da ação, é compreensiva e musculativa.

# 6. SINERGIA SINESTÉSIOLÓGICA DA COMPREENSÃO, E SINESTESIOLOGIA DA SINERGIA DA MUSCULAÇÃO COMPREENSIVA.
# SINERGIA SINESTESIOLÓGICA DA COMPREENSÃO-MUSCULAÇÃO: SINERGIA DA AÇÃO.

**Sinetésica estética da sinergia implicativa da ação, da compreensão, e da musculação compreensiva**

**Afonso H L Fonseca, psicólogo.**

## O INCENSÁRIO

*Uma mulher de Nagasaki chamada Kame dedicava-se à fabricação de incensários. Os incensários são, no Japão, um delicado trabalho de artesanato, e são utilizados nas salas de chá ou diante dos oratórios familiares.*

*Kame, cujo pai havia sido um destacado artista do mesmo grêmio, era bastante chegada à bebida. Também fumava, e bastava-se para associar-se com homens e tocar o seu pequeno negócio. Sempre que conseguia reunir algum dinheiro, celebrava uma festa, para a qual convidava artistas, poetas, carpinteiros e trabalhadores, homens de todas as vocações e profissões. Falava com eles e apreendia novas idéias para seus desenhos.*

*Kame era extraordinariamente lenta em sua atividade criativa. Sua produtividade, em consequência, era escassa. Uma vez concluídos, entretanto, seus trabalhos eram considerados, sem exceção, como obras de arte. Seus incensários acumulavam-se em lares cujas mulheres nuca bebiam, nem fumavam, nem se associavam livremente com homens.*

*Um dia, o alcaide de Nagasaki encomendou-lhe um incensário. Kame, ao cabo de quase meio ano, não havia ainda encontrado o desenho definitivo. O alcaide, que esperava ser transferido em breve para uma cidade distante, apressou-a para que desse início ao trabalho.*

*Recebida, enfim, a inspiração, Kame fabricou o incensário. Uma vez concluído, colocou-o sobre uma mesa, olhando-o longa e detidamente. Fumou e bebeu diante dele como se se tratasse de um companheiro de conversa. Passou todo o dia a observá-lo.*

*Fê-lo por fim em pedaços com um martelo.*

*Não era a criação perfeita que sua mente havia imaginado.*

**(*Incensário.* CARNE DE ZEN OSSOS DE ZEN. Org. Paul Weiss).**

**CONTEÚDO**

O INCENSÁRIO.....63

CONTEÚDO.....64

INTRODUÇÃO. DA SINERGIA SINESTÉSICA DA AÇÃO. O SINESTÉSICO É SINESTESIOLÓGICO.....65

CONCLUSÃO .....66

ESTÉTICA, ESTESIA E SINESTESIA, SINESTESIOLOGIA. DIALÓGICA, EXPERIMENTAÇÃO E HERMENÊUTICA DRAMÁTICA DA CINEMÁTICA DA AÇÃO. .....67

INTRÍNSECA ESTÉTICA DA AÇÃO, INTRÍNSECA ESTÉTICA DO ACONTECER.....70

SOBRE A INTRÍNSECA CINEMÁTICA DA ESTÉTICA DA AÇÃO....72

FORMATIVIDADE, CRIATIVIDADE, DA AÇÃO .....74

DE PERFEIÇÃO, E PERFORMANCE, DA CRIAÇÃO NA AÇÃO.....74

SOBRE A ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICA, IMPLICAÇÃO, DA COMPETIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO ENTRE AS POSSIBILIDADES -- AS FORÇAS VIVENCIAIS DA VIVÊNCIA DA AÇÃO .....76

SINESTESIOLOGIA E SINERGIA DA COMPREENSÃO.....77

SINERGIA E SINESTESIOLOGIA DA MUSCULAÇÃO .....80

SINESTESIA SINESTESIOLÓGICA E SINERGIA DA COGNIÇÃO/MUSCULAÇÃO COMPREENSIVAS. SINESTESIOLOGIA E SINERGIA DA AÇÃO .....81

AVALIAÇÃO DA AÇÃO .....82

CONCLUSÃO .....84

INTRODUÇÃO. DA SINERGIA SINESTÉSICA DA AÇÃO. O SINESTÉSICO É SINESTESIOLÓGICO.....84

## INTRODUÇÃO. Da sinergia sinestésica da ação. O sinestésico é sinestesiológico

Em sua efetividade e eficácia, a ação, efetivamente, é sinérgica. Na medida em que é articulação vivencial eficaz de multiplicidade de forças.

Sinérgica, efetivamente a ação, não só mobiliza as suas forças, as possibilidades, mas -- na homogeneização e concentração na vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual, que lhe é própria --, otimamente mobiliza, e potencializa, na dialógica da implicação, a dinâmica da organização perplexiva do desdobramento de possibilidades.

Permitindo a otimização do desdobramento da ação, da efetividade e eficácia da ação. Em seu caráter de moção existencial, em seu caráter de emoção, de cognição compreensiva e implicativa -- sinestesiológica --, de motivação, de criação, de superação, e de regeneração.

Esta sinergia sinestesiológica da efetividade e eficácia da ação decorre da experimentação vivencial na dialógica da implicação -- constituinte do caráter estético da vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual. Vivência ontológica, fenomenológico existencial, própria ao caráter estésico, à estesia, à estética da vivência pré-reflexiva.

Enquanto vivência de forças, as possibilidades.

Que, na implicação, se organizam como perplexidade.

O movimento e a dramática da perplexidade é a própria sinestesesia, sinestética, sinestesiológico, da cinemática da ação.

Cinemática da compreensão e da musculação compreensivas -- sinestesiológica. Que configuram a ação, na dialógica da experimentação fenomenológico existencial.

Ontológica, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa – enquanto o modo de sermos do acontecer – a ação guarda, na momentaneidade instantânea de sua duração, as condições fundamentais deste modo de sermos.

Ou seja, de ser pré-reflexiva e pré-conceitual, ao modo de sermos inspectativo do ator (e não do sujeito). De não ser teorética, nem moralista, portanto. De não ser causal, e estar fora das determinações de causa e feito. De não ser prática, nem pragmática; já que configura o modo poiético de sermos, que está fora do modo de sermos dos úteis, dos usos, e das utilidades. De não ser da ordem do modo de sermos da realidade, mas de ser da ordem do modo de sermos da experimentação da vivência do desdobramento de possibilidades...

Da mesma forma que a ação guarda as características do modo ontológico de sermos. O seu caráter de moção existencial, de emoção, de cognição, motivação, de criação, superação, e de regeneração.

A cognição que se desdobra na pontualidade do evento da ação, é a compreensão implicativa. Que é a própria constituição do sentido (*logos*) que deriva da organização implicativa do desdobramento de multiplicidade de possibilidades, a sinestesia. De modo que, vivência de constituição e desdobramento de sentido (de *logos*), a sinestesia é sinestesiológica. O fenomenológico, o ontológico, o dialógico, é sinestesiológico.

Critério para a vivência da efetividade e eficácia da ação, e para sua avaliação.

## CONCLUSÃO

Temos, assim, que a ação se constitui como o modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. O modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O modo de sermos da implicação e da compreensão, em contraposição ao modo de sermos da explicação. O modo de sermos do acontecer, em contraposição ao modo de sermos do acontecido. O modo de sermos da atualidade e da presença, em contraposição ao modo coisa de sermos.

A dialógica da dramática da ação é atualidade e presença.

O modo de sermos da atualidade e da presença, o modo ontológico de sermos da dramática da ação, é o modo de sermos da vivência, como implicação e compreensão, de multiplicidade de forças plásticas que constituem a ação. O modo estético de sermos, que sinestesicamente, pela implicação gestaltificativa, organiza a multiplicidade de forças em plexos, gestaltificações, cognitivas e musculativas, que compreensiva e musculativamente constituem os episódios pulsativos, fenomenológico existenciais, da dramática da ação.

É o envolvimento estético, sinestesiológico, na implicação da vivência pré-reflexiva e pré-conceitual da ontológica da ação que determina a qualidade sinestésica da efetividade e eficácia de seu episódio.

Ou seja, a eficácia e efetividade da ação dependem sempre da radicalidade da experimentação da dialógica estética de sua sinestesiologia.

Da mesma forma que as possibilidades de sua avaliação.

## ESTÉTICA, ESTESIA E SINESTESIA, SINESTESIOLOGIA. DIALÓGICA, EXPERIMENTAÇÃO E HERMENÊUTICA DRAMÁTICA DA CINEMÁTICA DA AÇÃO.

*... A pior coisa que pode acontecer com um ator é ele sair preparado.* (pré-parado?).

*Você sai quase...*

*Com vontade de jogar...*

**Bruno Gagliasso. Ator.**

O modo de sermos da ação, o modo de sermos do acontecer, presença e atualidade -- fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo, o modo ontológico de sermos --, é, em específico, própria e especificamente, o modo de sermos da ***estesia***. O modo de sermos de vivência das forças da ação, forças *lógicas, ontológicas, fenomenológicas,* que permitem a criação e o conhecimento sensíveis. E que são chamadas de ***possibilidades.*** Modo de sermos que é o ***ethos da estesia.*** A ***Estética.***

A vivência das possibilidades organiza-se como ***implicação.***

***Implicação* é o modo de organização do fluxo do desdobramento das possibilidades, como ação, no modo ontológico de sermos.**

Na *implicação* as possibilidades competem e argumentam entre si. Constituindo ***plexos* (*plics*), que são as dominâncias na constituição cognitiva e musculativa da ação. A sua sinestesia, sinestética. Que, compreensão, conhecimento pré-reflexivo, é vivência sinestesiológica.**

As *possibilidades* são forças plásticas, formativas, criativas, gestaltificativas. Que se atualizam operacionalmente, enquanto tais, nos seus desdobramentos na momentaneidade instantânea do episódio da ação.

São, igualmente, forças lógicas -- fenomenológicas, ontológicas, dialógicas --, que na atualidade e presença de seu

desdobramento como ação são cognoscíveis, são cognição de criação pré-reflexiva, pré-conceitual – ***compreensão.***

A compreensão é imediata vivência de sentido, de logos.

Que se constitui, como consciência fenomenológica, na pontualidade do desdobramento da ação. Esta consciência é ***sinestesiologia,*** é ***sinesteiológica.*** Na medida em que se constitui, intrinsecamente, como o desdobramento auto-organizativo da multiplicidade de forças da implicação, a *estesia*, a *sinestesia* das possibilidades. Que se constitui fenomenológicamente como ***sinestesiologia.***

Fenomenologicamente, a sinestesiologia não é, de modo algum, o estudo de um objeto – não estamos no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, da objetividade, do objetivismo. Na qual, na teorética, um sujeito contempla, é espectador, de objetos.

No modo ontológico de sermos da ação não existe o sujeito, mas o ator. Pré-reflexivo (anterior à dicotomia sujeito-objeto), é o no qual não se dá a existência do sujeito espectador, o sujeito que contempla objetos.

No modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, o ator é *inspectador*.

O ator é cognoscente, compreensivo, compreensão, na estesia da cinemática, na estética, sinestesia, sinsestética, sinestesiológica, da ação.

Não como teorética explicativa, mas como implicação compreensiva. Que, inspectação, é a sinestesioiologia da ação.

Estesia, estética, sinestesia, sinestesiologia, sinestesiológica, da ação.

Não acontecendo no modo, reflexivo, de sermos da dicotomia sujeito-objeto -- mas no modo pré-reflexivo de sermos, implicação compreensiva --, a sinestesiologia da ação, inspectação, dá-se como interação do eu com uma alteridade absoluta, o tu. Um tu da natureza não humana, um tu humano, ou um tu sagrado... Segundo Buber.

Numa interação que é a vivência compartilhada da implicação da emergência e do desdobramento de possibilidades, e da produção de sentidos que lhe é concomitante. Como dia-lógica. A sinestesiologia é dialógica.

As possibilidades vividas no modo ontológico, pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, forças plásticas, e a sua compreensividade implicativa, são afirmativas, são afirmação. E não são vividas como objetos, mas como tu. E, para o seu efetivo desdobramento, elas demandam a disposição de uma afirmação. Que se configura, assim, como *afirmação da afirmação.*

Atualidade e presença, dialógica – antes projeto, e não objetos – *que não acontecem sem nós, mas que não somos nós que produzimos* (Buber) –, as possibilidades não são certezas. Mas possibilidades, que demandam a confirmação de sua inerente incerteza, na afirmação de sua afirmação.

E isto constitui a vivência de sua experimentatividade fenomenológica existencial.

A ação só se dá ao modo de sermos da experimentação compreensiva e implicativa; fenomenológico existencial, compreensiva. Implicativa, gestaltificativa...

Precipuamente, ***experimentar*** originariamente significa *arriscar, tentar...* Este é o sentido da experimentação fenomenológico existencial...

E é especificamente pelo risco, e pela tentatividade, pela experimentação da possibilidade possível, potente, no âmbito do modo ontológico de sermos, que a ação é possível. Que é possível o vir a ser que gestaltificativamente se anuncia projetativamente na vivência do despontar da ação.

Mas não existe certeza... Se não não existiria o possível.

Só existe o arriscar e o tentar do possível potente. A experimentação fenomenológica.

*Perire,* que é o radical que dá origem ao termo *ex**peri**mentação,* é o mesmo radical que dá origem ao termo e ao conceito de ***perí**cia* (ainda que seja, também, o mesmo radical que dá origem a *perigo*).

É na perigação, o tentar e o arriscar da experimentação fenomenológica, que se desenvolve a perícia experimental da ação.

A ação, assim entendida, em específico é a *interpretação implicativa e compreensiva.* A hermenêutica (*arte da interpretação*) fenomenológico existencial. Da cinemática cinestésica, sinestésica, e sinesiológica, da estética da ação.

## INTRÍNSECA ESTÉTICA DA AÇÃO, INTRÍNSECA ESTÉTICA DO ACONTECER

Entendido que -- na momentaneidade instantânea do episódio da ação --, o envolvimento, a absorção, na implicação da ação, em seu caráter ontológico, pré-reflexivo e pré-conceitual, a ssua sinestesiologia, é o natural e efetivo caminho, o único, estésico, estético, para a eficácia e efetividade da ação.

Para a efetiva sinestesia e sinestética da sinergia da ação. Da sua poiese, de sua cognição, e de sua musculatividade.

Dito de outro modo: é o envolvimento sinestesiológico na fenomenológica da momentaneidade instantânea do episódio da ação que é a condição de sua sinestesia. Da efetividade e eficácia de sua sinergia.

A ação, a fenomenológica da ação, é assim a vivência do que entendemos como estesia, sinestesiologia. A *ética da estesia,* a estética.

Estesia, estética, em seus melhores momentos, a ação é sinestesia, é sintestésica, sinestesiológica, em sua sinergia. Em sua sinestética.

A ação é estesia, é estética, é sinestética. Estésica, é sinestésica. Sinesiológica.

O caráter sinestético da ação em específico remete ao seu caráter de movimento, como vivência do desdobramento, da atualização, de possibilidades. Da sua condição estésica, da sua condição estética, derivam as condições da ação, e em específico a sua cinestesia, e o seu caráter cinemático.

Em sendo estética, estésica -- sinestética, sinestésica – a ação é vivência de movimento. E, movimento, a vivência da ação é cinemática, em suas dimensões próprias de compreensão, e de musculação -- componentes própria e especificamente intrínsecos, e incontornáveis, da ação. A musculação é vivência fenomenológico existencial de movimento. Da mesma forma que o é a compreensão. A musculação é compreensiva. A sinestesiologia da cognição compreensiva e a sinestesiologia da musculação compreensiva são cinemáticas.

O caráter, e a qualidade cinemáticos, estéticos, da vivência sinestesiológica da ação decorrem, em particular, do envolvimento pré-reflexivo, da absorção, na vivência do fluxo sinestesiológico da implicação. Na sua momentaneidade instantânea, enquanto processo organizativo, gestaltificativo, da vivência do desdobramento de possibilidades. Enquanto organização, lógica, ontológica, fenomenológica, do processo de constituição, em sua episodia, da ação. Pela vivência gestaltificativamente intuitiva das competições e argumentações --, inerentes aos desdobramentos das forças lógicas, ontológicas, fenomenológicas, da ação: as possibilidades.

Quanto mais envolvimento sinestesiológico, quanto mais imersão, quanto mais radicalização, na estética da implicação da vivência do episódio de sua momentaneidade instantânea, mais sinestética, mais sinestésica, mais sinérgica, a vivência da sinergia da ação.

Na sinestésica de sua sinestética, como vivência do desdobramento de possibilidades, em sua sinestesiologia, a ação é cognitivamente vivenciada, na duração de sua momentaneidade instantânea, como compreensão.

Além de forças, formativas, forças plásticas, implicativas, da ação, forças criativas, as possibilidades são forças lógicas, cognoscíveis, como compreensão, na vivência de seu desdobramento.

A vivência do desdobramento de possibilidades constitui o sentido, na vivência de sua duração. Sinestesiologicamente, o sentido se dá como compreensão.

Própria e especificamente, as possibilidades são as forças constituintes da compreensão, musculativa; e da musculação, compreensiva. E que se desdobram na duração da vivência da momentaneidade instantânea da episoidial vivência da ação.

Compreensão, assim, é ação. Da mesma forma que a musculação. Que, eminentemente, é compreensiva.

Ação, a compreensão e a musculação -- o modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos --, o mesmo não se pode dizer da reflexão ou do comportamento. O mesmo não se pode dizer da objetividade. Nem da subjetividade.

Presente e atual, vivência ontológica, fenomenológica, sinestesiológica, da presença e da atualidade, a ação é acontecer. O modo de sermos do acontecer. A reflexão, o comportamento, a objetividade a subjetividade, incontornavelmente se configuram como

o nosso modo passado de sermos. O modo coisa, acontecido, de sermos.

## SOBRE A INTRÍNSECA CINEMÁTICA DA ESTÉTICA DA AÇÃO

Fluída e eficaz, a ação é especialmente estética, estésica.

Nos seus melhores momentos, a ação é sinestésica, sinestética, sinestesiológica, em sua sinergia... Vivência de multiplicidade de forcas, em sua instataneidade momentânea, a implicação da ação, sinestesia, é organização fluída e eficaz destas forças, na sinestésica da fluidez e eficácia compreensiva e musculativa da ação.

Em sua sinergia, a estética e a estesia da ação, sua sinestética, sinestésica, sinestesiológica, em especial, decorre da vivência consistente do padrão de sua implicação.

Ou melhor, a sinergia sinestética da ação é diretamente proporcional à consistensia da imersão na estética de sua implicação – na sua sinestesiologia.

Que envolve, na momentaneidade instantânea do episódio da ação, da vivência do interesse que naturalmente decorre da ação, a vivência de suas características, fluentes e eficazes: de movimento fenomenológico existencial, como cognição, e como musculação— moção, como cognição compreensiva, e como musculação compreensiva --, de emoção -- de alegria --, de cognição – implicação e compreensão --, de motivação, de criação – poise --, de superação; e de regeneração...

A ação é interessante. Porque é cinemática cinestésica. É emoção, é emocionada. É conhecer sensível do poiético inédito. É motivação. É criação. É superação. E regeneração.

Por tudo isso, mas, em particular, isso quer dizer: por ser dialógica. Interessante é outro termo para *dialógica.* E a ação é interessante porque é dialógica. É dialógica, porque é interessante.

Vivência da atualização motiva de possibilidades, motricidade cognitiva e muscular, em específico, a ação é própria e especificamente cinemática. Mocionante. E mocionante, emocionante...

Ação, intrinsecamente, a compreensão, e a musculação compreensiva, são, portanto, estéticas, estésicas; mais ou menos sinestéticas, sinestésicas; e, própria e especificamente, cinestéticas, cinestésicas. Cinemáticas... A compreensão e a musculação compreensivas são cinemáticas. Sinestesiologicamente cinemáticas.

Siergicamente, sinestética, e sinestesicamente, cinemática, estética, a ação é, em específico, fenomenológica existencial e

dialógica, em sua vivência sinestesiológica. Compreensiva, implicativa, gestaltificativa...

Os Gregos chamaram de *estética* à *ética da estesia.* A ética da vivência da estesia.

O pathos da vivência emocionada, a vivência da implicação do desdobramento de multiplicidades de possibilidades, em seu caráter cognitivamente compreensivo, e musculativo – a vivência do modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo, implicatvo, gestaltificativo.

Como vivência de multiplicidade de forças, o modo de sermos pré-reflexivo e pré-conceitual, da vivência fenomenológica da implicação, da ontológica da ação, foi especificamente associado, pelos Gregos, ao vento ***estesio –*** que, na Grécia, sopra e impulsiona as velas dos navios a fazerem-se ao mar, numa certa época do ano.

De modo que eles chamaram de ***estesia*** à vivência deste modo de sermos da vivência fenomenológica ontológica de possibilidades, as forças pré-reflexivas e pré-conceituais que em sua organização se configuram como ação. O modo de sermos, o ethos, da estesia da ação, a ***estética.***

Que, eminentemente, própria e especificamente, é moção – motricidade cognitiva e musculativa, existencial. Que é emoção; cognição – compreensiva --; motivação, criação, superação, e regeneração...

Em suas características de compreensão e de musculação.

A compreensão constitui-se e prolonga-se em musculação. A musculação é vivenciada, necessariamente, de modo compreensivo.

Em suas próprias característica de movimento, compreensiva e musculativa, a ação, sinergicamente, é, assim, estética, estésica; sinestésica e sinestésica. Sinestesiologicamente cinemática.

Isto define características peculiares da vivência da ação. Em particular, que, acontecer, pré-reflexivo e pré-conceitual, a ação em tudo se diferencia da reflexão, e do comportamento. Reflexão não é ação; comportamento não é ação. Mais se configura a vivência da ação (mais que com/portamento) como um desportamento – estésico, estético, sinestésico, sinestético, cinemático, sinestesiológico no desdobramento de possibilidades... Um mergulho na atualidade e na presença da vivência do desdobramento de possibilidades...

Como compreensão, a ação pode dar-se, predominantemente, na ausência de musculação. Ou pode se dar de modo mais, ou menos, compreensivamente musculativo.

Por definição, toda ação é fenomenológica. Toda fenomenologia é fenomenologia, própria e especificamente, da ação.

Fenomenologia da ação, meramente cognitiva, compreensivamente. Ou fenomenologia da ação compreensivamente musculativa...

## FORMATIVIDADE, CRIATIVIDADE, DA AÇÃO

A ação é eminentemente criação, e superação: a ação é formativa. Gestaltificativa.

Precipuamente isto quer dizer que a ação é criativa.

A ação é o processamento do vir a ser de algo que não existe. A atualização de possibilidades. Tanto em termos vivenciais, como em termos materiais. A ação é o devir fenomenológico de formas – formas vivenciais, e formas materiais --, que não existiam. Mas que vêm a ser, na intrínseca poiese da duração de sua momentaneidade instantânea.

A ação, o fenomenal, a vivência ontológica --, compõe-se de compreensão, na vivência da implicação, como uma de suas intrínsecas dimensões. E compõe-se, com relação à muscularidade, de musculação. Musculação que é, intrinsecamente, própria e especificamente, musculatividade compreensiva.

Compreensão e musculação, deste modo, são as dimensões constituintes da vivência da ontológica fenomenológica da ação. Enquanto o vir a ser de algo que não existia anteriormente à eventualidade do episódio da ação.

Tanto ao nível da cognição, como ao nível da musculação, a ação é a cinemátia sinestesiológica da criação, e da superação.

Um específico fazer, um específico modo de fazer, feição, gestaltificativa.

Em seu fazer, em sua constituição de formas, a ação é sempre original e única, na criação gestaltificativa das formas da vivência fenomenológica -- gestaltificação --, e na criação, no fazimento, das formas das coisas. Na sua efetividade eficácia, a ação resulta sempre na completude, na completa complementação de sua conclusão. Na complementação do projeto gestaltificativo, como totalização significativa, com o qual ela se anuncia enquanto tal.

## DE PERFEIÇÃO, E PERFORMANCE, DA CRIAÇÃO NA AÇÃO

Gestaltificativamente, a vivencia formativa, o fazer da ação, inicia-se pela vivência de uma totalidade significativa, que se apresenta original e originariamente, como projeto – projetação --;

rascunho, como esboço, disegno, Gestalt, de todo o transcurso da ação.

Esta totalidade significativa, composta de partes, participações, se apresenta originariamente, enquanto totalidade. Anteriormente a qualquer manifestação de suas partes constituintes.

De modo que as partes se explicitam -- em seguimento à vivência da apresentação do projeto --, na duração do transcurso da ação, como vivência do desdobramento de possibilidades. Com contingências eventuais, reconstituindo, com as contingências, a totalidade significativa que se apresenta originariamente.

Para, em seguida, objetivar a gestaltificação, na Gestalt da coisa instalada, agora como coisa, e como acontecido, que se constitui depois, e em decorrência, da ação.

De modo que podemos dizer que termos e conceitos como p*ossibilidade, Interpretação, Ação, Implicação, Jeto, Projeto, disegno, esboço, rascunho, Gestaltificação...* são sinonímias.

A ação é a *terceira margem.*

Como sabia Rosa, *a verdade não se põe no início nem na chegada, mas na travessia...*

Ou Pessoa: *o mundo não s fez para aqueles que pensam que podem conquista-lo, mesmo que tenham razão... Mas para os que de fato o conquistam...*

A momentaneidade instantânea da vivência do episódio da ação, da gestaltificação, é o movimento de uma *travessia.* Vivencialmente percorrê-la é o que se chama de *interpretação, experimentação, gestaltificação, ação; perfeição,* enquanto específico modo de fazer, na completa e conclusiva vivência da atualização do possível. No específico sentido implicativo, compreensivo; fenomenológico existencial e dialógico, gestaltificativo. Estético, estésico, sinestesiológico...

A ação é a vivência fenomenológica que medeia, como vivência do desdobramento das possibilidades, entre, e inclusive, a apresentação do projeto gestaltificativo, e a conclusão de sua explicitação, na inevitável constituição da instalação da coisa.

A ação é a vivência do **PER**curso do trânsito, da travessia, entre a apresentação vivencial do projeto gestaltificativo e o seu *fechamento.* A efetiva conclusão de sua explicitação..

De modo que, enquanto fazer, enquanto feição; enquanto **FORM**ação, o **PER**curso da ação, o **PER**curso da gestaltificação, é o **PER**curso de um **PER**fazer, o **PER**curso de uma **PER**feição. Que, em específico é, enquanto fazer, o **PER**curso de uma formação; uma **PER**formação, uma **PER**formance...

As coisas, materiais e não materiais, necessariamente feitas no transcurso da ação efetiva e eficaz, são ***perfeitas***. No sentido de que são feitas completamente, perfeição, em relação ao projeto gestaltificativo. Desde a vivência, compreensiva e musculativa, da apresentação deste, à sua conclusão, na específica duração do episódio da ação.

Observe que *perfeição* aqui nada tem a ver com a aproximação a um modelo ideal. Mas define o modo de fazer da ação, em especial a conclusão de sua completude, desde a vivência da apresentação de seu projeto gestaltificativo, à vivência de sua conclusão, enquanto ação, na coisificação.

E **PER**fazer é **PER**formar na performance. É, do mesmo modo, *formar completamente.* Na vivência de todo o processamento do episódio da ação. Desde a vivência fenomenológico existencial da apresentação do projeto gestaltificativo da ação, à conclusão da sua projetação, na coisidade.

Agir é perfazimento, agir é perfazer. É perfeição, e performance.

Agir é criar. É viver, performaticamente, a dialógica da formatividade do que não existe, e vem a ser como perfeito, na duração do episódio da ação.

Agir é a performance da perfeição.

É a perfeição da performance...

## SOBRE A ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICA, IMPLICAÇÃO, DA COMPETIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO ENTRE AS POSSIBILIDADES -- AS FORÇAS VIVENCIAIS DA VIVÊNCIA DA AÇÃO

A ação é o que entendemos como o modo fenomenológico existencial de sermos da estesia, o modo estético de sermos, sinestesiológico. Sinestesia, sinestética, nos melhores momentos de sua sinergia.

A implicação da multiplicidade de forças que se configuram, em suas dominâncias, como vivência da momentaneidade instantânea do episódio da ação, constitui a ação como vivência das competições e das argumentações entre as forças, entre as possibilidades que se desdobram na constituição da ação.

Competições e argumentações estas que, gestaltificativamente, configuram os plexos, as gestaltificações, da episódica da ação.

Intuitivamente fenomenológica, como compreensão - estética, estésicamente vivenciadas --, a fluidez e a eficácia efetiva e

efetivante da ação, decorrem, assim, do caráter mais ou menos problemático, e intenso, intensional, das competições e argumentações gestaltificativas entre as possibilidades, na implicação da ação.

De modo que o caráter especificamente sinestésico, sinestético, sinestesiológico da sinergia da ação, a sinergia da ação, propriamente dita -- da cognição e da musculação da ação --, decorre e depende -- já como vivência --, das competições, e das argumentações, entre as forças, que são as possibilidades, na constituição gestaltificativa da cognição e da musculação do episódio da implicação da ação.

## SINESTESIOLOGIA E SINERGIA DA COMPREENSÃO

Cinemática, como a musculação -- ao nível da cognição --, a compreensão é estésica, sinestésica, na medida em que se dá, se desdobra, esteticamente, sinestéticamente, sinestesiologicamente. Como vivência do desdobramento de possibilidades.

Cognição, eminentemente, intrinsecamente constituinte da fenomenológica ontológica da ação, a compreensão também é musculação compreensiva. Quando a ação propende para a musculação.

Ainda que tenda a ser "meramente" compreensiva, quando a ação propende predominantemente para uma modalidade "meramente" cognitiva.

Mas é interessante entender que a compreensão é cognição e musculação. Musculação e cognição.

Podendo ser mais ou menos musculativa. Mas, sempre compreensiva...

Sendo eminentemente cognitiva quando é musculação.

Em termos de ação, podemos ter assim um espectro em que, na cinemática de sua sinergia sinestésica, a compreensão vai desde a condição de ser "meramente" cognitiva; até à condição de ser compreensão musculativa.

Posto sempre que, tanto como cognição, como como musculação, a compreensão é sempre cognição & musculação. Compreeensiva & muscular. Compreensiva e musculativa. Na medida em que em sua inerência a musculação é propriamente compreensiva. A vivência da musculação é compreensão. A vivência sinestesiológica da ação é cognitiva e musculativa.

Interessante observar que, em termos de musculação, de compreensão musculativa, estamos, em específico, nos referindo, sempre, naturalmente, à motricidade da musculatura esquelética voluntária. Uma vez que o funcionamento vegetativo da musculatura estriada, involuntário, não obedece aos comandos e intuições da ação. Não é voluntário. Nem consciente, em sua funcionalidade fisiológica.

Mas é importante entender que, em sua intrínseca cinestésica, cinestética, sinestesiológica, mesmo quando "meramente" compreensiva, a compreensão inerente à ação é, eminentemente, cinemática. É eminentemente motricidade.

Meramente dado o seu intrínseco caráter de ação, movimento, como vivência do desdobramento de possibilidades.

Estranhativo, para a civilização socrática – explicativa --, é o entranhado caráter intuitivo da cognoscibilidade da compreensão. Eminentemente implicativo. Implicação. Especificamente pré-reflexivo, e pré-conceitual.

Não se pode questionar é o seu intrínseco caráter de conhecimento, enquanto ato, ação, atualidade e presença de conhecer. Que é eminentemente, própria e especificamente, pré-reflexivo e pré-conceitual. O conhecer inédito e original, como ação, o conhecer do ator, pré-reflexivo e pré-conceitual. Impossível para o sujeito.

Porque -- implicação e compreensão, e não explicação --, trata-se do próprio *logos.* Sinestesiológos. Da vivência de sentido – o *logos,* privativo da vivência da ação. Que é inerente, e intrínseca, própria e especificamente, à pontualidade da momentaneidade instantânea da vivência da duração do episódio da ação.

O onto***logos,*** o fenomeno***logos,*** o diá***logos.***

Este é o logos, o sentido, vivenciado, em sua cinemática cinestesica, estética e sinestesicamente, sinestesiologicamente, na pontualidade da duração da compreensiva da implicação da ação.

Cinemática, a cinestésica cognitiva da implicação, e da compreensão -- meramente compreensiva, ou compreensiva e musculativa --, como sinestésica e sinestética, sinestesiológica, depende da imersão na estesia, na estética afirmativa, da duração da momentaneidade instantânea da ação.

Seu caráter mais ou menos sinérgico, mais ou menos sinestésico, sinestético, sinestesiológico, depende da homogeneidade sincrônica da imersão na vivência da estética compreensiva e implicativa da momentaneidade instantânea da duração da ação.

Ontológica. Fenomenológico existencial e dialógica. Compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O que quer dizer, ***atualidade***, e ***presença***.

A ação, o desdobramento, pré-reflexivo e pré-conceitual, de possibilidades, na específica vivência e condição do ator constitui a implicação e a compreensão como modo específico de conhecer, pré-reflexivo e pré-conceitual. Distinto do modo de conhecimento, reflexivo e conceitual, a explicação do sujeito.

E este particular conhecer sensível do ator dá-se como vivência intuitiva da implicação da sinestesia, sinestesiologia, da competição e argumentação da multiplicidade de possibilidades da momentaneidade instantânea do episódio da ação. É esta sinestesia que responde pela efetividade e eficácia da ação.

Implicação e compreensão, pré-reflexivo e pré-conceitual, este modo de devirmos, e de conhecer, é absolutamente incomensurável com o conhecimento, reflexivo e conceitual, do sujeito: a explicação.

Em particular porque o conhecer sensível e criativo, poiético, que é a implicação e a compreensão inerente à ação, inerente ao ator, tem suas características e critérios próprios.

Além de ser pré-reflexivo (está fora da dicotomia sujeito-objeto), e pré-conceitual, está fora da dicotomia causa e efeito, não é causal; está fora da utilidade, não é da ordem do modo de sermos dos úteis, das utilidades, e dos usos; está fora do modo de sermos da realidade, porque é da ordem do modo de sermos da vivência da possibilidade (O modo de sermos de vivência da realidade é o modo acontecido de sermos. O modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades, o modo de sermos da ação, é o modo de sermos do acontecer).

À sinestesia, sinestesiologia, compreensiva e pré-compreensiva, da vivência do desdobramento de possibilidades, da ação, no âmbito destas características do modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, deve à implicação e à compreensão as suas características enquanto modo ontológico de sermos da ação, modo particular e sensível de conhecermos.

A metaforização é a sua mais pura e sinestésica, sinestesiológica, expressão.

> *No próprio conhecimento, o que sinto não é ainda senão a alegria de minha vontade a gerar e a crescer; e, se há inocência no meu conhecimento, é porque há nele a vontade de gerar.*
>
> (F. Nietzsche. Zaratustra).

## SINERGIA E SINESTESIOLOGIA DA MUSCULAÇÃO

*O passo de cada um revela se ele se encontra já no seu próprio caminho. Vede-me, portanto, caminhar! Mas aquele que se aproxima do seu fim... Esse dança.*
*E, na verdade, não me transformei em estátua, ainda não estou entorpecido, pesado, petrificado, colocado como se fosse uma coluna; gosto da corrida veloz.*
*E, ainda que na terra haja pântanos e uma profunda tristeza, aquele que tem os pés leves corre por cima da lama e dança como sobre gelo polido.*
*Corações ao alto, meus irmãos, ao alto, ainda mais alto! E não esqueçais as pernas! Levantai as pernas, bons dançarinos, e, melhor, ainda: sabei aguentar-vos sobre a cabeça.*
*(...)*
*Mais vale ainda ser louco de felicidade do que louco de infelicidade, mais vale dançar pesadamente do que arrastar a perna. Aprendei, portanto, comigo, a minha sabedoria: mesmo a pior das coisas tem dois lados bons. Mesmo a pior das coisas tem boas pernas para dançar: aprendei, portanto, vós próprios, homens superiores, a manter-vos direitos sobre as vossas pernas!*
*Esquecei, portanto, a melancolia e toda a tristeza do populacho!*
*(...) E que por nós seja considerado perdido o dia em que não dançamos! E que por nós seja considerada falsa a verdade que não é acompanhada por uma risada!*

(F. Nietzsche. Zaratustra).

Na ação, a musculação também é naturalmente sinérgica.

Em sua cognoscibilidade intuitivamente sinestésica, sinestesiológica, a musculação, como dissemos, é própria e especificamente, compreensiva. Integrando-se cognoscibilidade e musculação, gestaltificativamente, como *um todo que é diferente da soma das partes,* na compreensão.

Estética, estésica, sinestésica, sinestesiológica, assim, a muscularidade aufere a sua efetividade e eficácia da implicação sinestésica da implicação, na momentaneidade instantânea da ação.

É muito importante entender que, para o modo pré-reflexivo de sermos da ação, o corpo não é um objeto. Nem a compreensão um atributo mental, muito menos neurológico, de um sujeito. Muito menos, na ação, o corpo é um sujeito.

Na dialógica sinestesiológica da ação, a muscularidade e a sinergia musculativa é um tu. Na dialógica da dramática da ação. Indissociável de um eu que, ativo e dialógico, não é um eu subjetivo. Mas um eu *jetivo,* projetativo, enquanto estética poiética do desdobramento de possibilidades, da ação.

Eu e tu, eu-tu, interessantes, desdobramento de possibilidades, atualização, na instantaneidade momentânea da dialógica da dramática da ação.

Implicação gestaltificativa, compreensão, fazem com que a atualização de cerca de 200, 300 ou 400 músculos esqueléticos, e mais suas centenas de articulações, e outras estruturas, organize-se intuitiva e sinestesicamente, sinestesiologicamente, em sua cinestesia cinemática, e produzam a ação, em sua momentaneidade instantânea, como totalizações significativas de compreensão e musculação, efetivas e eficazes. Ação, que nunca é a ação de um sujeito voluntário, mas que é permeável à experimentação de um eu dialógico, na momentaneidade instantânea de sua duração e performance.

Na cinestésica de sua sinestesia, sinestesiológica, a musculação guarda todas as características e condições da ação. As características de moção fenomenológica existencial, de emoção, de cognição implicativa e compreensiva, de motivação, criação, de superação, e de regeneração.

E guarda, em especial, as condições de possibilidade da ação, do modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos.

Assim, em primeiríssimo lugar, as de dar-se, em sua momentaneidade instantânea, como a atualização de possibilidades no modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. Como implicação compreensiva, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. A sua condição não teorética. A sua condição de dar-se, no episódio de sua duração, no modo não causal de sermos. De ser despropositál. Não útil e não pragmática. E a condição de não ser, na duração de sua momentaneidade instantânea, da ordem da realidade; mas da específica ordem da atualização de possibilidades, sinérgica e sinestesiologicamente musculativas. Musculativas, e compreensivas.

## SINESTESIA SINESTESIOLÓGICA E SINERGIA DA COGNIÇÃO/MUSCULAÇÃO COMPREENSIVAS. SINESTESIOLOGIA E SINERGIA DA AÇÃO

A ação pode dar-se predominantemente como cognição, compreensiva. E aí a ação é *meramente* cognitiva.

Ou pode dar-se como musculativa.

Esta distinção é meramente didática. Porque toda ação, meramente cognitiva, ou cognitiva e musculativa, dá-se como cognição compreensiva.

A cognição da ação prolonga-se e prolonga na musculaidade gestual a sua explicitação. É compreensiva a muscularidade, a musculação, do gesto.

Mas as possibilidades da gestualidade muscular têm as qualidades de um tu particular, na dialógica da ação. Da mesma forma que dão-se com um outro tu, na mesma dialógica, as possibilidades meramente cognitivas da ação.

A gestualidade musculativa, e as possibilidades cognitivas da ação dão-se, ambas, e encontram-se, na implicação, e na compreensão. Como implicação e compreensão *meramente* cognitiva, e implicação cognitiva e muscular. Ou muscular e cognitiva.

O importante é que, dialógicas – ontológicas, e fenomenológicas --, as possibilidades, quer sejam compreensão meramente cognitiva, ou compreensão cognitiva e musculativa têm a condição da alteridade de um tu. Através da qual a ação, como devir do inédito, pode dar-se como dialógica.

Efetivamente, na duração da sinestesia dialógica da ação, cognição pré-reflexiva, e muscularidade compreensiva, igualmente pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo...

## AVALIAÇÃO DA AÇÃO

Por suas próprias características implicativas, a ação e a sua avaliação podem ser comunicadas dialogicamente, o que quer dizer, compreensiva e implicativamente, mas a ação e sua avaliação são refratárias à objetividade, ou subjetividade, à explicação e à avaliação explicativa. Constituindo-se sempre a ação em sua característica implicação e compreensão, em seu caráter de acontecer, mais especificamente, como inovação e superação, e criando, como tais, os critérios de avaliação.

Por suas características, a ação é pré-reflexiva, não se submete à condição do sujeito ou do objeto, não é do âmbito da teorética.

O modo ontológico de sermos da ação não é da ordem da causalidade. Nem da ordem da utilidade. Não é da ordem da realidade.

De modo que, se a ação pode ser vista e avaliada partir destes critérios da perspectiva ôntica explicativa, esta não pode

evidentemente ser o critério último de avaliação de suas motivações, processsamento, e efeitos.

Refratária à perspectiva ôntica explicativa, a ação tem decisivos determinantes ontológicos implicativos e compreensivos.

Não menos importante deles, a alegria – que levava Nietzsche a designar o conhecimento que emana com a ação como *gaya scienza* – a ciência alegre.

Que se contrapõe à ciência triste, que é a ciência explicativa. que bane e opõe-se ao modo de sermos da alegria.

O conhecer implicativo e compreensivo, oriundo da duração da dramática da ação, é o próprio modo de sermos da alegria. Isto, em particular, porque, dentre outros aspectos, é o modo de sermos da emoção. Moção, movimento, cognitivo e musculativo, a ação é o próprio modo de sermos da emoção.

Poderosamente, é o modo de sermos da constituição e da vivência de sentido – de logos --, o modo de sermos da compreensão, da implicação. É o modo de sermos da motivação, da força das possibilidades, que nos movem existencialmente, como ação. É o modo de sermos da criação, e o modo de sermos da superação. Superação do acontecido, e da própria compreensão. Na medida em que se constitui a compreensão a partir dos fortes influxos da implicação pré-compreensiva...

Não fosse suficiente, a ação é o modo de sermos da regeneração. Na medida em que é o modo de sermos do eterno retorno das forças de vida, e da ação. As possibilidades. Força que quanto mais vivida, mais se potencializa. Promovendo uma superabundância de forças de vida, vivida como alegria, e como saúde existencial.

Se a ação é refratária à avaliação explicativa, objetiva ou subjetiva, teorética, ela constitui-se a partir de poderosos condicionantes compreensivos e implicativos, que podem ser compartilhados à compreensão e implicação da dialógica, mas que não são plausíveis à objetividade, nem à subjetividade.

A avaliação da ação tem os seus próprios critérios intrínsecos de constituição e de avaliação na própria vivência pré-conceitual, ontológica, da ação. Esteticamente. Sinesteticamente. Sinestesiologicamente.

## CONCLUSÃO

Temos, assim, que a ação se constitui como o modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. O modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O modo de sermos da implicação e da compreensão, em contraposição ao modo de sermos da explicação. O modo de sermos do acontecer, em contraposição ao modo de sermos do acontecido. O modo de sermos da atualidade e da presença, em contraposição ao modo coisa de sermos.

A dialógica da dramática da ação é atualidade e presença.

O modo de sermos da atualidade e da presença, o modo ontológico de sermos da dramática da ação, é o modo de sermos da vivência, como implicação e compreensão, de multiplicidade de forças plásticas que constituem a ação. O modo estético de sermos, que sinestesicamente, pela implicação gestaltificativa, organiza a multiplicidade de forças em plexos, gestaltificações, cognitivas e musculativas, que compreensiva e musculativamente constituem os episódios pulsativos, fenomenológico existenciais, da dramática da ação.

É o envolvimento estético, sinestesiológico, na implicação da vivência pré-reflexiva e pré-conceitual da ontológica da ação que determina a qualidade sinestésica da efetividade e eficácia de seu episódio.

Ou seja, a eficácia e efetividade da ação dependem sempre da radicalidade da experimentação da dialógica estética de sua sinestesiologia.

Da mesma forma que as possibilidades de sua avaliação.

## INTRODUÇÃO. Da sinergia sinestésica da ação. O sinestésico é sinestesiológico

Em sua efetividade e eficácia, a ação, efetivamente, é sinérgica. Na medida em que é articulação vivencial eficaz de multiplicidade de forças.

Sinérgica, efetivamente a ação, não só mobiliza as suas forças, as possibilidades, mas -- na homogeneização e concentração na vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual, que lhe é própria --, otimamente mobiliza, e potencializa, na dialógica da implicação, a dinâmica da organização perplexiva do desdobramento de possibilidades.

Permitindo a otimização do desdobramento da ação, da efetividade e eficácia da ação. Em seu caráter de moção existencial, em seu caráter de emoção, de cognição compreensiva e implicativa --

sinestesiológica --, de motivação, de criação, de superação, e de regeneração.

Esta sinergia sinestesiológica da efetividade e eficácia da ação decorre da experimentação vivencial na dialógica da implicação -- constituinte do caráter estético da vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual. Vivência ontológica, fenomenológico existencial, própria ao caráter estésico, à estesia, à estética da vivência pré-reflexiva.

Enquanto vivência de forças, as possibilidades.

Que, na implicação, se organizam como perplexidade.

O movimento e a dramática da perplexidade é a própria sinestesesia, sinestética, sinestesiológico, da cinemática da ação.

Cinemática da compreensão e da musculação compreensivas -- sinestesiológica. Que configuram a ação, na dialógica da experimentação fenomenológico existencial.

Ontológica, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa – enquanto o modo de sermos do acontecer – a ação guarda, na momentaneidade instantânea de sua duração, as condições fundamentais deste modo de sermos.

Ou seja, de ser pré-reflexiva e pré-conceitual, ao modo de sermos inspectativo do ator (e não do sujeito). De não ser teorética, nem moralista, portanto. De não ser causal, e estar fora das determinações de causa e feito. De não ser prática, nem pragmática; já que configura o modo poiético de sermos, que está fora do modo de sermos dos úteis, dos usos, e das utilidades. De não ser da ordem do modo de sermos da realidade, mas de ser da ordem do modo de sermos da experimentação da vivência do desdobramento de possibilidades...

Da mesma forma que a ação guarda as características do modo ontológico de sermos. O seu caráter de moção existencial, de emoção, de cognição, motivação, de criação, superação, e de regeneração.

A cognição que se desdobra na pontualidade do evento da ação, é a compreensão implicativa. Que é a própria constituição do sentido (*logos*) que deriva da organização implicativa do desdobramento de multiplicidade de possibilidades, a sinestesia. De modo que, vivência de constituição e desdobramento de sentido (de *logos*), a sinestesia é sinestesiológica. O fenomenológico, o ontológico, o dialógico, é sinestesiológico.

Critério para a vivência da efetividade e eficácia da ação, e para sua avaliação.

# 7. ERRÂNCIA INSISTENCIAL NA EPISTEMOLÓGICA FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL GESTALTIFICATIVA

*Ética e performática do erro, da errância, na perfeição, no perfazimento, da experiência, e da metodologia fenomenológico existencial gestaltificativa.*

**Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.**

*O que o poeta quer dizer no discurso não cabe*
*e se o diz é pra saber o que ainda não sabe.*
**Ferreira Gullar**. ***A Não Coisa***.

**INTRODUÇÃO**

A experiência do modo reflexivo de sermos, modo de sermos explicativo, representativo, modo coisa de sermos do acontecido, distingue-se da experi-mentação do modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, compreensivo, feno-menológico existencial e dialógico. Porque a momentaneidade instantânea do modo pré-reflexivo de sermos é vivência implicativa, fenomenológico existenci-al e dialógica, gestaltificativa. Ação, atualização, modo de sermos, presente, do acontecer.

A vivência fenomenológica gestaltificativa, e a metodológica gestaltifica-tiva fenomenológico existencial constituem-se como uma entrega às temporali-dades próprias à experimentação vivencial fenomenológico existencial e dialó-gica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa deste modo de sermos.

A vivência da implicação fenomenológica gestaltificativa, no modo pré-reflexivo de sermos é a vivência do desdobramento fenomenológico, fenome-nativo, eminentemente cognoscitivo, de uma multiplicidade de forças plásticas. Forças, de múltiplas intensidades. As possibilidades.

Que se organizam criativamente, formativamente, nos processos figura-tivos de formação de figura e fundo; e nos processos de formação das coisas.

A experimentação, a ética, e a metodológica gestaltificativas -- enquanto entrega à vivência ativa das temporalidades propriamente fenomenológicas da emergência e do desdobramento das possibilidades --, constituem-se, intrínse-ca e inerentemente, como um pervagar, um errar, uma ativa errância performa-tiva, despropositAl, acausativa, e não pragmática, nem realista, pelas tempora-2

lidades próprias das intensidades dos desdobramentos destas possibilidades. Na dialógica de seus gestaltificativos processos de formação.
Formação criativa de figura e fundo, e formação criativa de coisas.
Que, percurso de projetação das forças criativas, form-ativas, das possi-bilidades, em suas temporalidades próprias, é, a cada um de seus momentos, a performance de um fazer, nas temporalidades dos desdobramentos próprios de suas intensidades, um per-fazer, um per-fazimento. Per-feição.
A ética e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais consistem no privilegiamento deste modo fenomenológico existen-cial e dialógico de sermos, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O que significa a aquiescência com a vivência das temporalidades da errância gestal-tificativa que caracteriza a emergência e o desdobramento, na ação, na atuali-zação, das forças das possibilidades que constituem a sua vivência. 3

**CONCLUSÃO**

Assim, a experiência, a experimentação, a ética, e a metodologia feno-menológicas, e fenomenativas, gestaltificativas, das psicologias e psicoterapias são uma incidência insistencial na dialógica da experiência pré-reflexiva, e da experimentação do desdobramento de possibilidades fenomenológico existen-ciais, gestaltificativas. O que implica, intrínseca e inerentemente, um certo tipo de errância fenomenológica pelas temporalidades das intensidades das domi-nâncias das forças das possibilidades, em suas constituições e atualizações, em seus processos de formação de figura e fundo, e de formação de coisas.

Uma ativa pervagância despropositAl, uma transvagância, do erro, da er-rância gestaltificativa. Que, pelas desiguais temporalidades das desiguais in-tensidades das forças desiguais das possibilidades e possibilitações, em sua ontológica emergência e desdobramento, é sempre uma *extra-vagância.* E, formação, um fazer, uma feição, ao modo do perfazer, ao modo da perfeição fenômeno dialógica gestaltificativa. 4

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO ..... 1**
**CONCLUSÃO ..... 3**
**SUMÁRIO ..... 4**
**FORÇAS DA VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICA, AS POSSIBILIDADES, NA FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO, E NA FORMAÇÃO DAS COISAS INSTALATIVAS. GESTALTIFICAÇÃO. ..... 5**
**INSPECTADORES DA AÇÃO. INSPECTADORES DO ACONTECER. ATORES. ..... 8**
**ERRÂNCIA E DOMINÂNCIA NA TENSÃO, NA TENSIONALIDADE, NA INTENSIONALIDADE. ..... 9**
**EM SEU ACONTECER, AS PERCEPÇÕES SÃO MÚSICAS ..... 11**
**VONTADE DE NADA, NIILISMO RESSENTIMENTO E A ÉTICA, ESTÉTICA, E METODOLÓGICA DA ERRÂNCIA GESTALTIFICATIVA FENOMENO DIALÓGICA. ..... 12**
**VONTADE DE IMPOTÊNCIA. VONTADE DE NADA. NIILISMO E NILISMO RESSENTIMENTO. PUNIBILIDADE E PUNIÇÃO DA ERRABUNDAGEM ..... 13**
***DANE-SE A REALIDADE...* ..... 16**
**A PERFEIÇÃO DO ERRO. PERFAZIMENTO, PERFORMANCE DO ERRO, PERFORMANCE DA ERRÂNCIA. ..... 17**
**PERFEIÇÃO, PERFAZIMENTO, DA AÇÃO, DA INSPECTAÇÃO. O *CAMINHO DO MEIO.* O *MOVIMENTO PELA LINHA DE MENOR RESISTÊNCIA*. ..... 19**
**PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA, COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA, E ERRÂNCIA FENOMENOLÓGICA GESTALTIFICATIVA. ..... 23**
**VIVÊNCIA GRUPAL. GRUPATIVIDADE. INTENSIONALIDADE, ERRÂNCIA E INTENSIFICAÇÃO NA EXPERIÊNCIA COLETIVA GRUPATIVA. ..... 24**
**CONCLUSÃO ..... 26**
**INTRODUÇÃO ..... 27**
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 29**
5

## 8. FORÇAS DA VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICA, AS POSSIBILIDADES, NA FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO, E NA FORMAÇÃO DAS COISAS INSTALATIVAS. GESTALTIFICAÇÃO.

O modo ***implicativo*** de sermos se distingue do modo ***explicativo*** de sermos por ser fenomenológico existencial, e dalógico; compreensivo e gestal-tificativo, própria e especificamente. O modo ***implicativo*** de sermos é o modo de sermos de consciência, de cognição, pré-reflexivas, fenomenológico exis-tenciais. Modo de sermos pré-reflexivo da vivência do desdobramento gestalti-ficativo de possibilidades. A ação, a atualização. O que quer dizer, o modo ***im-plicativo*** de sermos, é o modo de sermos do ***acontecer.*** Diversamente do mo-do ***explicativo*** que é caracteristicamente o modo de sermos do ***acontecido.***

O que caracteriza o modo implicativo de sermos, fenomenológico exis-tencial e dialógico, compreensivo e implicativo, é que ele é o modo fenomeno-lógico existencial de sermos ***da ação***. Da criação. Que é a vivência, cognitiva, pré-reflexiva, do desdobramento fenomenológico de possibilidades.

As possibilidades que constituem a vivência fenomenológica pré-reflexiva da ação são sempre múltiplas, infinitamente múltiplas...

E intrinsecamente organizam-se em ***plexos*** – ***plic*** -- de possibilidades. Que significaria *o entrançamento das possibilidades.* Daí *im**plic**ação,* como designação própria desse modo de sermos. As gestaltificações.
As possibilidades são forças intrinsecamente cognoscíveis, por defini-ção, em seus desdobramentos fenomenológicos gestaltifictivos. De modo que, inerente e intrinsecamente, se os desdobramentos de possibilidade se consti-tuem como consciência. Em específico, a experiência e a experimentação pré-reflexivas da consciência fenomenológica gestaltificativa.
Assim, na sua vivência fenomenológica implicativa, na instantaneidade de cada um de seus momentos, as possibilidades são eminentemente múltiplas em seus desdobramentos. A consciência fenomenológica gestaltificativa se constitui vivencialmente, pré-reflexivamente, fenomenologicamente, como pro-cessos de figuração, como processos de *formação de figura e fundo*, a partir de multiplicidades de forças plásticas, formativas, gestaltificativas, que são intrin-secamente cognoscentes em seus desdobramentos, e que se organizam impli-cativamente.
A vivência fenomenológica implicativa do desdobramento das possibili-dades constitui o que chamamos de ***ação.***
A vivência da dinâmica ***dramática*** -- quer dizer ***ativa, drama*** quer dizer ***ação*** --, desta organizatividade fenomenológica gestaltificativa decorre de que, especificamente cognitiva (***logos***, ***fenômeno logos, sentido***), a vivência da multiplicidade de forças plásticas, formativas, a vivência dos desdobramentos das possibilidades, se dá caracteristicamente entre elas em **competições** e **argumentações**[1] **fenomenológicas**.

[1] ALBERTAZZI, L. **The School of Franz Brentano.** 6

Resultando destas lógicas, fenômeno-lógicas, onto-lógicas, dia-lógicas, competições e argumentações plastificativas a vivência fenomenológica gestal-tificativa da constituição de ***dominâncias.***[2]

[2] PERLS, F **Gestalt Therapy.**

***Dominâncias*** que figuram, então, como **formações** e como **formas** da consciência fenomenológica, pré-reflexiva; **figurações** que cognitivamente, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, fulguram, contra suas fundações. E que se constituem, a seguir, em **instalações coisificativas**, subjetivas, e obje-tivas.

A vivência da constituição das **dominâncias**, nos processos de forma-ção de figura e fundo, e da formação de coisas instalativas, é o ***acontecer fe-nomenológico gestaltificativo.***

A experiência objetiva, e subjetiva, da factualidade da coisidade instala-tiva é o ***acontecido,*** que decorre do acontecer***.***

Nós não controlamos deliberadamente a ação fenomenológica do des-dobramento das possibilidades. Buber já diria, ontológico, que ***não somos nós que criamos as possibilidades****,* ***e os desdobramentos delas***; arrematariа paradoxalmente, não obstante, que, ***sem nós elas, as possibilidades, não acontecem****.*

Isto nos confere uma intrínseca parceria participativa na fenomenológica interpretação da dramática interativa dos processos da ação, de atualização das possibilidades; nos desdobramentos de seus processos lógicos, fenômeno dialógicos, compreensivos, e implicativos, de competição e de argumentação. Uma parceria participativa nos processos de formação das dominâncias, da formação de figura e fundo da vivência fenomenológica gestaltificativa. E, no limite, nos processos de formação das coisas.

Mas, *fenomenológica parceria participativa interativa*, compreensiva e implicativa. Dialógica. Apenas.

Retira-nos o controle deliberado e premeditativo.

Como forças especificamente plásticas que são, *plastificativas,* as possi-bilidades, em suas gestaltificações, são eminentemente criativas, formativas.

De um modo tal que a característica especificamente ***gestaltificativa*** i-nerente ao processo da vivência fenomenológica e existencial reside de um modo essencial, dentre outros de seus aspectos essenciais, no seu caráter in-trinsecamente ***formativo.*** Em seu caráter de ***ação formativa*** (*form-ativa*).

Dentre outros de seus aspectos, gestaltidade, gestaltificação, é formati-vidade. 7

Não *forma,* simplesmente; mas *formação,* vivência formativa.
Vivência própria e especificamente ***Formativa:***
(1) Vivência inspectativa formativa das **formas** e das dinâmicas pré-reflexivas, fenomenológicas, de figuração e fundação, **de formação de figura e fundo**.
Vivência ***formativa*** das figuras, vivência das ***figurações.***
E, no seu limite, vivência formativa
(2) ***das coisas***, como ***instalações;*** das coisas como ***coisas instalati-vas***.
Coisas mentais e coisas materiais.
Porque, própria e especificamente, a vivência gestaltificativa é ***formativa*** do processamento de formação de figura e fundo da consciência pré-reflexiva, e do processo formativo da formação das coisas, a vivência fenomenológico existencial é, assim, própria e especificamente, ***gestaltificativa***. É **Fenomeno-logia Gestaltificativa.**
As possibilidades que se constituem em vivência gestaltificativa dão-se sempre como **multiplicidades de forças**. Vivência de **multiplicidades,** multi-plicidades de **forças. Forças eminentemente plásticas, formativas, que se constituem pré-reflexivamente, conscientemente, como a experiência es-tética e poiética.**
O **caráter gestaltificativo** da vivência fenomenológica se dá ainda de uma outra maneira.
Na intrínseca e inerente condição de que, de um modo característico, **anteriormente aos seus desdobramentos como partes**, a vivência fenome-nológica se dá, pré-reflexiva e intuitivamente, como a **vivência de totalidades.** Como a vivência de **totalidades significativas**. Gestaltificações.
De modo que anteriormente ao desdobramento de suas participações, de suas figurações, as possibilidades, as forças plásticas que constituem a vi-vência, intuitivamente se dão, figuram, como **totalidades significativas**. Poste-riormente a esta figuração como totalidades significativas, as possibilidades se desdobram desfiando as ***figurações dos processos particulares de forma-ção de figura e fundo,*** constituintes e reconstituintes das totalidades significa-tivas que anteriormente se apresentam***.***
Nos seus desdobramentos plasticamente formativos, sequencialmente à vivência da intuição das totalidades significativas, a multiplicidade das forças delas constituintes, **as possibilidades**, se organiza temporal e ritmicamente em ***dominâncias*** (Perls). Que se constituem como particip-ação das **figura-ções** participativas da vivência dos processos gestaltificativos de formação de figura e fundo.
Que escoam, a seguir, no seu decaimento (Heidegger), nos processos de constituição objetiva, e subjetiva, de **coisas, a instalação de coisas,** as coisas instalativas, em sua em sua inovatividade criativa. 8

**INSPECTADORES DA AÇÃO. INSPECTADORES DO ACONTECER. ATORES.**
***Inspectadores***, **atores** -- e não *espectadores*, já que não somos, nestes momentos, sujeitos, na contemplação de objetos --, vivemos de modo **interativamente dialógico** a relação com a alteridade das forças que são as possibilidades. Na vivência fenomenológica gestaltificativa, fenomenativa, as possibilidades, não são objetos para nós outros; não são objetos do sujeito que *sería-mos,* na espectação, e não o somos na ***inspectação***. Não somos, na instata-neidade momentânea da vivência fenômeno dialógica gestatificativa, da ação, o sujeito, sujeitado, que seríamos na acontecida condição do acontecido, na condição de coisa instalativa. Nos modos teorético, e comportamental, de ser-mos.
Não temos com elas, as possibilidades, uma relação objetiva, nem sub-jetiva – porque não estamos no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, nem no modo de sermos de sua teorética dicotomização. No modo de sermos da ação, modo de sermos fenômeno dialógico do desdobramento de possibili-dades, não estamos no modo de sermos da causalidade; nem no modo de sermos da relação proposital; nem modo de sermos da pragmática dos utei, e das utilidades; nem no modo de sermos da realidade. Todas estas caracterísi-cas do modo de sermos do *acontecido*.
Quando, na momentaneidade instantânea da vivência dramática do desdobramento das possibilidades, somos *acontecer*.
Em seu acontecer gestaltificativa e dialogicamente fenomenológico, as possibilidades em seus desdobramentos, e com as quais interativamente nos vinculamos, não são objetos, mas a alteridade dialógica de um tu.
Na vivência do desdobramento das possibilidades, na dialógica da rela-ção com elas, especificamente **criamos,** a nós próprios e ao mundo, com os outros. À *imagem e semelhança de Deus*.
Mas não temos com as possibilidades inerentes a nossa vivência feno-menológica gestaltificativa uma relação objetiva, nem subjetiva, nem uma rela-ção causal, nem proposital, nem pragmática, nem realista.
E elas, as possibilidades, **forças**, são sempre **múltiplas**, na vivência, infinitamente múltiplas. Multiplamente emergentes em sua originalidade fenomenológica. E múltipla e implicativamente se apresentam, e se organizam, gestaltificativamente. Ontologicamente emergentes do *Ser.* Em seus desdobramen-tos cognoscentes. 9

**ERRÂNCIA E DOMINÂNCIA NA TENSÃO, NA TENSIONALIDADE, NA INTENSIONALIDADE.**

Intensidades, intensões, intensionalidades, intensificações; que, tempo-ral e ritmicamente, se organizam em dominâncias. As possibilidades, em suas multiplicidades, forças e temporalidades, temporalizações que são, são ten-sões, intensões, tensionalidades, nas vivências, intensionalidades, de seus desdobramentos temporativos.

A constituinte, formativa, fenomenologia gestaltificativa de suas vivên-cias é a temporativa de um **vagar**, de um divagar, de um pervagar, de um errar, de uma errância; vigorosamente direcionada pelos vetores de força do fluxo de suas intensidades, na constituição expressiva de suas dominâncias gestaltifica-tivas.

A vivência fenomenológica gestaltificativa se constitui, assim, como a temporalidade de uma **errância** formativa pelas temporalidades das forças das possibilidades, na constituição e desdobramentos de suas dominâncias feno-menativas.

A vivência da ética e da metodológica fenomenológica existencial gestal-tificativas constitui-se, assim, como a vivência da performance, da performa-ção, das temporalidades de uma vagância, de uma errância fenomenológico existencial gestaltificativa, formativa.

Como vivência interativa dos desdobramentos das temporalidades das competições e argumentações entre as possibilidades, na constituição de suas dominâncias figurativas; e, a seguir, instalativas.

Dialógicamente, logicamente, fenomenologicamente, compreensiva e implicativamente, experimental e hermeneuticamente, assim, o que vivemos de modo gestaltificativamente fenomenológico na dramática da ação, na dramática fenômeno dialógica da atualização das possibilidades, na dramática da vivên-cia fenomenológica gestaltificativa da ação, são as temporalidades de um va-gar, um pervagar; um *devagar divagar.* As temporalidades da errância ativa e cognitiva, motiva, e emotiva, motivativa, no fluxo fenomenológico gestaltificativo das competições e argumentações multívagas das dádivas das possibilidades.

Exclusivamente guiados, e fortemente guiados, entusiasticamente guia-dos, motivamente, emotiva e motivativamente, pelas variações das intensida-des plastificativas e intensificações gestaltificativas de suas multiplicidade de forças, na constituição de suas dominâncias.

Forças que se formam cognitivamente, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, em dominâncias figurativas, nos processos de formação de figura e fundo; e, no limite, nos processos da formação das coisas instalativas. 10

Assim, na pontualidade de sua duração, o processo fenomenológico -- fenomenativo, gestaltificativo, o processo fenomenologicamente formativo da ação -- é, por excelência, o processo gestaltificativo **intensional** de formação de figura e fundo, e o processo de formação de coisas, a gestaltificação. Que sucessivamente se constitui, a partir da constituição temporal das dominâncias na interação entre as possibilidades.

Fenomenologicamente, a gestaltificação é a vivência de uma ***errância*** pelas competições e argumentações das possibilidades, ritmicamente tempora-lizadas pela força de suas intensidades, intensificações, intensionalidades, na constituição da dominância de suas figurações, vivenciais; e instalativamente coisificantes. De modo que o erro, a errância, são inerentemente constituintes do ethos, da ética, da qualidade, da vivência fenômeno dialógica gestaltificati-va.

**Não se trata, de modo algum, de um errar randômico e aleatório.** Uma vez que é um errar vigorosamente impulsionado pela inerente e intrínseca força das possibilidades e de suas dominâncias; e todo ele intensão, intensio-nalidade, portanto, na pontualidade de sua duração.

Mas a vivencia intensional do desdobramento das possibilidades, a vi-vência fenomenológica gestaltificativa da ação é intrínseca e inerentemente **despropositAl, um despropósito**.

Já que, inspectativa, fenômeno dialógica, compreensiva e implicativa, é anterior à constituição coisificativa de sujeitos e objetos. Vivenciamos mas não controlamos as suas emergências, as suas forças, os seus desdobramentos...

Ainda que deles inteira e integramente participemos, na ontológica fe-nômeno dialógica gestaltificativa do modo interativamente dialógico de sermos. Fenomenológico existen***s***ial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltifica-tivo...

A vivência fenomenológica formativa da figuração, contra a fundação, do fundo; a vivência igualmente, da formação de coisas; a ação; decorre, assim, de que este processo fenomenologicamente gestaltificativo de figuração, e de coisificação, se dá, originariamente, como a vivência das temporalidades do desdobramento *de forças*, como vivencia dos desdobramentos de possibilida-des. Possibilidades que, nos seus desdobramentos *pressivos*, expressivos, como tais, se *projetam*, se lançam, fenomenologicamente, se expressam, como vivencia, como forças, como possibilidades em desdobramentos: *projetos*, *je-tos, jatos,* projetações; como esboços, como *disegnos,* como perspectivas, perspectivações, como gestaltificações, como interpretações.

Interpretações compreensivas, e implicativas... 11

**EM SEU ACONTECER, AS PERCEPÇÕES SÃO MÚSICAS**

Alguém já disse, não recordo quem, fico devendo, que seria fantástico se pudéssemos perceber as pessoas como músicas...

Fantástica a ideia.

Intrinsecamente vivencial, fenomenológica, a percepção de cada pesso-a, cada percepção, em verdade, em sua atualidade, é como a atualidade, e a atualização, de uma música. Com seus acordes, com seus tempos, movimen-tos; enfáticos, sutis, breves, longos... Com as temporalidades da duração da errância de suas intensidades...

Tão sábios são os Africanos Sudaneses, e tanto sabem disso, me con-tou a minha amiga Morgana, que quando uma pessoa nasce compõem para ela uma música. A música *dela*. Que é tocada nas datas e momentos celebrati-vos. Disse Morgana que quando a pessoa comete uma falta, a aldeia se reúne, coloca a pessoa no centro de um círculo, e canta para ela a música *dela*. Até que ela possa voltar a si. Incrível a sensibilidade dos Sudaneses, inclusive nesta sofisticada per-cepção da essência de nós outros como músicas.

Este é já um aspecto mais ritual, relativo a este caráter musical de nosso ser, de nosso vir a ser.

Na verdade, **toda vivência, toda percepção é música**. Toda vivência é música, na temporalidade própria da errância de sua expressão, na errância de sua interpretação fenômeno dialógica... Um vagar, um divagar devagar, um *erro*, uma errância, *intensional, insistensial, inspectativa,* pelas temporalidades dos desdobramentos cognoscitivos de intensidades de possibilidades, que se organizam e atualizam na constituição de dominâncias.

Quer dizer, se admitimos, se aquiescemos, se condescendemos, se *in-sistimos*, na vivência de suas temporalidades próprias, pré-reflexivas, fenome-nológico existenciais e dialógicas, compreensivas, e implicativas, gestaltificati-vas.

Não só na atualização da *revivescência* de possibilidades incrustadas na instalação de um acontecido, na instalação de uma coisa -- atualização que é sempre nova, sempre atualização na instalação coisificada, acontecer, tam-bém. Mas, igualmente, a atualização, como emergência do desdobramento, interpretação, da possibilidade inédita.

Na condescendência sutil com as temporalidades, das intensidades, de suas forças, de suas possibilidades, próprias, toda vivência é música. Se con-descendemos com a musicalidade intrínseca de suas temporalidades. Se con-descendemos com a errância própria e particular das temporalidades de suas tensionalidades, se condescendemos com a errância particular das forças e dominâncias de suas intensionalidades.

Um errar, uma errância expressivamente fenômeno dialógica, compre-ensiva e implicativamente, interpretativa. Por competições e argumentações, intensidades, intensões, intensionalidades; por dominâncias, de possibilidades. Pela vivência de forças. Plásticas forças. Por tons e ritmos, que rigorosa e sua-vemente, ou não, se organizam e se expressam figurativamente; que se confi-12

guram, figuram, segundo as dominâncias, seguindo a temporalidade das dominâncias, de suas intensificações plásticas, criativas, formativas. Seguindo as dominâncias de suas intensificações.

**VONTADE DE NADA, NIILISMO RESSENTIMENTO E A ÉTICA, ES-TÉTICA, E METODOLÓGICA DA ERRÂNCIA GESTALTIFICATIVA FENOMENO DIALÓGICA.**

O caráter errativo -- o caráter de erro, de errância, de variação -- da constituição da vivência, da ética, da estética, gestaltificativa fenômeno dialógi-ca, e da metodológica gestaltificativa --, do processo gestaltificativo performáti-co de formação de figura e fundo, e de formação de coisas --, advém, assim, no limite, destes dois aspectos intrínsecos e fundamentais das possibilidades e de sua atualização gestaltificativamente fenomenológica e pré-reflexiva.

(a) Esta intrínseca característica da vivência fenomenativa de se consti-tuir especificamente como a vivência *de forças*; forças plásticas, ten-sionais, intensionais, estéticas, poiéticas. As possibilidades. As forças de tudo em que agimos, as forças de tudo em que devimos em nosso ser no mundo. E que se expressam em competições e argumenta-ções, constituindo dominâncias, lógicas, fenomenológicas, dialógicas, ontológicas.

(b) E a intrínseca característica de que estas forças, as possibilidades experienciadas na vivência ontológica -- pré-reflexiva, fenomenológi-co existencial, e dialógica, compreensiva e implicativa -- intrinseca-mente se constituírem como vivência *de multiplicidades de forças*. Como vivência de *multiplexidades, implexativas, implicativas.* Como a vivência de multiplicidades infinitas de forças plásticas.

Forças múltiplas. Forças que, em suas multiplicidades, competem e ar-gumentam entre si, constituindo dominâncias, que se destacam cognitivamen-te, que se impõem na constituição da vivência das figurações dos processos de formação de figura e fundo. Processos igualmente ontológicos de criação de coisas. Forças, multiplicidade de forças, é o que constitui a nossa vivencia fe-nômeno dialógica lógica compreensiva e implicativa, gestaltificativa.

Nos fluxos dos desdobramentos cognitivos da vivência, esta multiplici-dade de possibilidades organicamente se organiza de um modo característico, de um modo rítmico, segundo a ordem estética e poiética da temporalidade de suas intensidades plásticas, segundo a ordem de suas competições e argu-mentações, enquanto intensidades cognitivas.

A vivência de multiplicidades infinitas de forças, de possibilidades, forças cognitivamente plásticas, que vivencialmente se organizam em suas competi-ções e argumentações, faz com que a aquiescência, intensional, inspectativa, na temporalidade própria da duração de suas intensidades, de suas competi-ções e argumentações ontológicas, seja, em específico, um *errar*, a temporali-dade de um errar, a temporalidade de uma *errância* gestaltificativa, improvisati-va e formativa.

O erro e a errância vivenciativas por intensidades, intensões, 13

intensidades, intensionalidades; e dominâncias, mais ou menos, mas sempre, provisórias.
Um errar vivido de um modo rítmico vigoroso, como processo de forma-ção de figura e fundo, e como processo de formação de coisas...
Naturalmente que não nos referimos aqui ao ***erro*** no sentido moral, de *certo* e de *errado.*
Até porque este ***errar*** *gestaltificativamente fenomenológico* se dá e se desdobra no domínio do ético.
Aliás, própria e especificamente, no domínio ético do *est-ético.* E, evi-dentemente, no domínio do *poi-ético,* ético, da vivência fenômeno dialógica gestaltificativa do desdobramento de possibilidades*.*
No sentido de **um caráter ético própria e especificamente errabundo[3] da vivência fenômeno dialógica gestaltificativa da ação, da vivência do desdobramento cognoscitivo das possibilidades.**

3 (fr)[Classe...]
(demorarse; durar; ir despacio; tomarse su tiempo; demorar; moverse muy despacio), (andanza; vagabundeo; odisea; andanzas; extravío; merodeo; viajes; vuelta; paseo)[Thème]
(vía; carril), (moverse), (tráfico; tránsito; circulación)[Thème]
qui se déplace (fr)[Classe]
**errabundo (adj.) (http://dictionnaire.sensagent.com/errabundo/es-es/).**

E não no domínio teorético do moral. E dos moralismos.
***Errar*** no sentido metafórico de errância, de *vagar,* de *perambular...*
De *erro* e de *errância* falamos aqui no sentido, pré-reflexivo, ético, de *pensamento errante,* de que falam os nietzscheanos...

**VONTADE DE IMPOTÊNCIA. VONTADE DE NADA. NIILISMO E NILISMO RESSENTIMENTO. PUNIBILIDADE E PUNIÇÃO DA ERRABUNDAGEM**

Uma errabundagem, naturalmente, nas forças das potências do possí-vel, as possibilidades. O erro, o errar, a errância, fenômeno dialógicos gestalti-ficativos são indissociáveis e intrínsecos não só à ação, como movimento, à *moção*; mas indissociáveis e intrínsecos à própria *e-moção*, e à *motivação,* i-gualmente intrínsecas e inerentes à ação.
E aí as coisas mais se complicam, na ótica da *vontade de nada* do nii-lismo, e da moral do fatalismo e da fatalidade.
Porque, em essência, a errância possibilitativa é ***vontade de potência, vontade de possibilidade, vontade de tudo****,* a bem da verdade – vontade *com tudo, com toda a força,* diríamos, num certo dialeto nosso. 14

E aí -- na ótica do niilismo, do fatalismo, nas óticas da vontade de nada -- a potência --, a vontade de potência, a vontade de possibilidade, a criação, a vontade de tudo, à vontade *com tudo --,* são criminalizadas, e punidas.
São criminalizados, numa tentativa vã de imobilização, e punidos, natu-ralmente, a própria moção, a emoção, e a motivação, o movimento... A motiva-ção e a emoção, que são intrínsecas e essenciais à moção, ao movimento, da atualização de possibilidades, da ação, são criminalizadas. São criminalizados o errar, a errância, intrínsecos à temporalidade fenomenológico gestaltificativa constituinte da ação.
A *vontade de impotência* almeja a imobilização, a criminalização e a pu-nição do erro e da errância; a criminalização e a punição da errabundagem, inerentes à atualização de possibilidades da vivência fenomenológica gestaltifi-cativa da ação.
Estrategicamente, trata-se de imobilizar a vivência da tempora-lidade estética e poiética próprios e específicos à errabundagem da constitui-ção da ação, na originalidade de sua vivência de atualização de possibilidades; de imobilizar a vivência da temporalidade própria à errância da constituição fenômeno dialógica gestaltificativa da ação.
De modo que prevaleça, unitária e explicativamente, a morta moral do acontecido, do fato, da fatalidade, da realidade. E não a ética errabunda da ação fenômeno dialógica gestaltificativa.
Não importando, para tal, que propriamente não seja ela a verdade.
Na **ordem do rei**, a *realidade,* a objetividade científica, a cientificidade objetiva, passam a ser a norma. A realidade do objeto, acontecido e imóvel.
**A *realidade* é, apenas, o *acontecido.***
E – para a realidade, para o acontecido --, aquém do objeto e da objeti-vidade, aquém da realidade, aquém da explicação: apenas a **transgressão**.
Não importa que, no seu moralismo, a insistência na realidade, e no a-contecido, sejam, apenas, o *fatalismo* do *fato*, do *feito*, do acontecido, de pre-servação do acontecido; e da vontade de impotência; da vontade de nada, do niilismo, do niilismo ressentimento...
De visita aos fantásticos sítios arqueológicos da Serra da Capivara -- mais ou menos por ali onde os Sertões do Piauí se transformam nos Sertões da Bahia, mas a Caatinga é a mesma – braba --, o guia do Parque Nacional explicava os homens primitivos e os indígenas que por ali perambulavam, que por ali erravam, possivelmente já há sessenta mil anos atrás...
E, na sua linguagem particular, sai-se com um incrível uso da palavra, que me deixa atônito...
Estávamos numa fenda entre morros, cortada por um riacho, onde vários vestígios arqueológicos de fogueiras de acampamentos dos homens primitivos haviam sido encontrados. E ele, curiosa e ambiguamente, diz...
*Eles **'transgrediam'** por aqui...* 15

E continuou falando como se nada tivesse acontecido, como se ele nada tivesse dito... Tão natural para ele a ideia, que ele nem se deu conta...
Ele apenas queria dizer, *Eles perambulavam, eles erravam, por aqui...* Eu quase que engasguei, maravilhado. Quase que perguntei,
***O quê?!?!?!***
***Foi isso mesmo que você falou?***
Ele não negligenciava o sentido *delinquencial* das *transgressões* que ele atribuía ao homem primitivo... Daquele *errar,* daquela errabundagem*...*
O uso ambiguamente errôneo e ambiguamente correto da palavra. O uso ambiguamente ambíguo, e ambiguamente desambiguado. Mas precisão de sentido que só as sutilezas da errabundância da ambiguidade podem facultar...
Isso me maravilhou... De tal modo, que fiquei falando só...
Como progredir sem errar? Como errar e progredir sem *transgredir?* Como progredir sem transgredir... Como *transgredir*, sem progredir... Sem er-rar?...
E, no seu erro, e no seu acerto, o guia fazia uma implicação perfeita da palavra. No sentido específico de que ***eles se movimentavam por aqui.***
Talvez ele só intuísse, e não captasse muito bem...
Além de perambulação, o próprio **movimento,** a própria **moção, a emo-ção**, era a ***transgressão****.*
Talvez sem querer -- ou difusamente querendo, talvez --, ele também di-zia que **a *transgressão* era a progressão**...
Mas que, inevitavelmente, **progredir era *transgredir****...*
Fantástico...
Não poderia certamente haver melhor formulação da estratégia da or-dem do rei. As pífias ordem, e moral, da ***realidade*** do ***acontecido****.* Moral da vontade de impotência, da vontade de nada. Imobilizar o movimento, imobilizar a ação, imobilizar a atualização de possibilidades.
E, de passagem, isso nunca foi, e o é, tão verdadeiro quanto o foi para o Indígena Brasileiro.
O Indígena Brasileiro era visceralmente nômade. E o seu nomadismo in-viabilizava o projeto colonialista de escravizá-lo. O nomadismo, a errância, a errabundagem, não europeia, do indígena foram imediatamente criminalizados. Eles tinham que ser recolhidos, e aceitar ser recolhidos, em aldeamentos per-manentes, estáticos. Não por acaso, chamados de *presídios.* Como o da Praia do Ceará; o de Jacuípe, em Pernambuco; de Palmeira dos Indios, de Porto Real de Colégio, em Alagoas. E muito outros.
O Índio nômade é fixado, para os usos escravocráticos do colonialismo. E, na interdição de seu nomadismo, apodrecem as suas culturas, as suas vi-das, e os seus próprios corpos...
Quem nos conta isso é o mestre Darci Ribeiro; e o mestre Dirceu Lindo-so, em seu monumental *Utopia Armada.* 16

Criminalizou-se oficialmente a errância, a errabundagem indígena, índio nômade era índio criminoso...
É um dos exemplos mais chocantes de como a moral da fatalidade e do niilismo, da vontade de impotência, odeia o movimento, a moção, e a emoção, a motivação.
Pois bem, este exemplo, de passagem, é do mundo objetivo. Histórico, cultural.
Mas a moção, e o errar, a errância, a errabundagem, não se restringem, como temos visto, ao mundo objetivo, e à experiência subjetiva; não se restrin-gem à realidade, não se restringem ao acontecido...
Em essência eles são, como temos visto, originariamente, própria e es-pecificamente cognitivos, ontológicos, aconteceres. Fenômeno dialógicos e existenciais, compreensivos, e implicativos.
Suas temporalidades próprias, na vivência das dominâncias das compe-tições e argumentações das intensidades plásticas das possibilidades, são as temporalidades ontológicas de constituição da ação em sua originalidade e cri-atividade.
Em termos psicológicos, trata-se, então, para a moral do niilismo, e para a moral da fatalidade -- para a moral da vontade de impotência, para a moral da vontade de nada -- de perseguir o movimento, a moção, a emoção, e a con-dição de sua errância e errabundagem – a ação, a atualização de possibilida-des --, ali onde não é mais a dimensão dos objetos, dos sujeitos, e das coisas. Trata-se de desqualificar e extinguir a própria dimensão da vivência, pela des-qualificação e extinção, pelo bloqueio e interdição da errativiдade, da errabun-dagem, por suas temporalidades...
Porque a vivência, em suas temporalidades próprias, a vivência, é emi-nentemente, a temporalidade da errância, a vivência do erro, da errabundagem fenômeno dialógica gestaltificativa. A metodológica do erro, que permite a ori-ginalidade ontológica da fenomenológica gestaltificativa da ação, da atualiza-ção. A criação. A originalidade da formatividade fenomenológica gestaltificativa. Como vivência intensificativa da figuração dos processos de formação de figura e fundo; e como formação, criação, de coisas; como formação, criação, do mundo...

**DANE-SE A REALIDADE...**

A *realidade* é apenas o acontecido. Como a instituição da real ordem do rei.
Assim, por esta instituição se reiifica e se equaciona o acontecido como realidade.
Do ponto de vista epistemológico; e, evidentemente, do ponto de vista epistemofílico. Do ponto de vista moral. Do ponto de vista moral da epis-temologia.
Do ponto de vista epistemológico da moral – do ponto de vista do preconceito. 17

Mas, *a possibilidade é mais importante do que a realidade,* diria Heideg-ger; *tornar-se o que se é,* diria Nietzsche...
Na dramaticidade insuportável de seus momentos históricos, os Expres-sionistas entenderam o sentido do preconceito supervalorativo da realidade. Entenderam, e diriam com Heidegger, que *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*
E, podemos dizer que *se dane a realidade* seria a disposição primeira da ética Expressionista. E, de resto, de toda a ética fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa.
Não que a realidade, o acontecido, não tenham a sua importância pró-pria. Naturalmente que não podemos negligenciar e desvalorizar o acontecido e as forças e condições de sua instalatividade, como ontológico constituinte igualmente do que somos. Não podemos ignorar a realidade. Mas, em sua ins-talação, o acontecido é só a capa inerte da possibilidade enclausurada. Um beco sem saída em sua clausura. Que demanda a ontológica peripécia do re-torno ao eterno retorno do ontológico, da possibilidade.
Por isso que a ética, e a metodologia, gestaltificativas -- fenomenológico existenciais, e dialógicas, compreensivas e implicativas; assim como a ética e a metodologia do *Expressionismo* – caracteristicamente se constituem como um desligamento do privilégio moralista e niilista, fatalista, da realidade; do aconte-cido. Um desligamento do princípio de realidade, do positivismo do real, um desligamento do objetivismo, da objetividade, e do próprio objeto. Um desliga-mento do sujeito, em sua subjetividade real, e acontecida. Um desligamento da condição do espectador.
Para privilegiar a condição do inspectador ator. Um desligamento do pri-vilégio da causalidade e da causação, um desligamento do privilégio do propó-sito deliberado, um despropósito; e um desligamento do prático, do útil e da utilidade, da ação funcional -- que, funcional, em efetivo, não é ação. Uma en-trega à errância despropositał da atualização de possibilidades. Um desliga-mento, em síntese, do privilégio do acontecido, do privilégio da moral do acon-tecido, da fatalidade. Que recebe o nome de *realidade*.
Para privilegiar a precedência ontológica da vivência do desdobramento fenomenológico existencial gestaltificativo de possibilidades. Na momentanei-dade instantânea do ontológico modo de sermos do possível, do potente, das possibilidades. Da ação. Modo de sermos que, na vivência da errância das in-tensidades das dominâncias de suas forças, as possibilidades, em sua momen-taneidade instantânea, não por acaso, chamamos de ***ação.*** *Acontecer*.

**A PERFEIÇÃO DO ERRO. PERFAZIMENTO, PERFORMANCE DO ERRO, PERFORMANCE DA ERRÂNCIA.**

A multivagagem vivenciativa, errabunda, na vivência das temporalidades próprias às competições e argumentações, ontológicas, fenomenológicas, dia-lógicas, das intensidades, e intensificações das possibilidades, no processo de formação de figura e fundo, e da formação das coisas, constitui o **per**-curso, o trajeto, de um **pro*jeto***. A **pro-jetação, que se constitui como a ação**. 18

*Projeto, projetação.*
Na medida em que, projeto, projetação de forças, a vivência da ação é tensão, *intensão, intensionalidade.* A vivência da tensão da *pressão, pressiva, expressiva,* do desdobramento de forças. As possibilidades.
Formativa, a ação, como desdobramento cognitivo de possibilidades, em específico é um fazer. Uma *feição.*
Como é processo gênico, genético, de **formação** – de **formação** de figu-ra e fundo, da vivência de consciência pré-reflexiva; e da vivência de formação das coisas instalativas --, como é processo de *formação,* o **per**curso da vivên-cia de projetação das dominâncias das intensidades e intensificações das pos-sibilidades, nas suas temporalidades próprias, é o ***per*curso**, **o *per*corrimento,** a **projetação**, como **ex-pressão**, de um **fazer**; como ex-pressão de uma **fei-ção**.
Que, *formação,* é o ***per**curso vivenciativo da per-formance,* da *per-formação,* da ***per-feição***. Da **performação e da perfeição** de figura e fundo, e da **performação e perfeição** de coisas.
Fenomenologicamente, vivencialmente, decorridas, percorridas, é a de-corrência, a percorrência, a *per-feição*, do *perfazer,* da *performação,* da *per-formance,* da formação de figura e fundo; e da formação criativa das coisas instalativas.
A própria estética e poiética da perfeição como perfazimento.
As **gestaltificações** -- os processo ativos, atualizativos, de formação de figura e fundo; e de constituição das coisas, engendradas, criadas e bem cria-das, na aquiescência com as temporalidades próprias às errâncias pelas domi-nâncias das intensidades e intensificações, competições, e argumentações da força das possibilidades --, as **gestaltificações** constituem-se no percurso da performance do erro. No percurso, na vivência fenomenológica e fenomenativa da performance da errância. Num perfazer. Percurso da vivência de um perfa-zimento errante. Que é, em específico, própria e especificamente, o processa-mento estético e poiético da *perfeição*, o percurso próprio da perfeição, em seu específico e formativo perfazer.
Assim criadas, própria e especificamente, na performance do perfazi-mento de sua perfeição, as figurações, as gestaltificações, e as coisas -- não são mal criadas, nem mal ditas -- são *perfeitas*, *perfeições*, portanto. Perfeições constituídas na vivência das temporalidades e atualizações da ética, da estéti-ca, e da poiética, errabunda de sua fenômeno dialógica gestaltificativa.
Porque resultam da vivência, da atualização, do labor, do desdobramen-to da constante dádiva misteriosa das possibilidades. Resultam da vivência fenomenológica da atualização do perfazimento das temporalidades das inten-sidades, das intensificações, das competições e argumentações, das possibili-dades; no processamento de suas vivencias formativas.
A vivência da ***perfeição*** é, assim, o ***perfazimento, a performance,*** este modo gestaltificativo, fenomenológico existencial, especificamente estético e poiético, ***de fazer***. De *perfazer.* 19

Na performance da errância. Na performance do erro. Na performance da errância pelas intensidades das possibilidades; na errabunda vivência da performação, de figuras e fundos; e de coisas.
O estético e poiético modo de fazermos da *perfeição*.
Vivências formativas de coisas, processos vivenciais de formação de fi-guras e fundos, os feitos deste modo de fazer são ***perfeitos***, portanto. Gestalti-ficações e coisas. Os ***feitos, os fatos, feitos****,* no rítmico percurso errabundo do erro, na percorrência do erro; os ***feitos*** nos ***per***cursos e nas ***per***corrências da errância na vivência das intensidades e intensificações da temporalidade das forças das possibilidades -- fenomenológico existenciais e dialógicas, compre-ensivas, implicativas, gestaltificativas – são, ***perfeitos****.*
A ***perfeição***, eminentemente decorre, assim, e é função, do erro, da er-rância fenômeno dialógica gestaltificativa.
A perfeição percorre e decorre da vivência das temporalidades próprias à errância.
A perfeição é a percorrência do erro. Própria e especificamente er-rabunda, a perfeição é a percorrência da errância fenomenológica, fenomenati-va, intrínseca e inerentemente gestaltificativa...
De modo que a plena e cabal vivência do erro, a plena e cabal vivência da errância fenomenológica gestaltificativa, não resultam em imperfeição, não resultam em imprecisão. Pelo contrário. A vivência metódica do percurso da perfeição, como percurso errabundo da meticulosa vivência da errância, da vivência do erro -- pelas intensidades das possibilidades, em suas dominân-cias, em suas competições e argumentações fenomenativas – são intrínsecos e inerentes à performance da perfeição. Resultam, sim, e assim, na estética e na poiética precisão da formação, e da forma, *perfeitas*.
Per-feição da gestaltificação como vivência, e como coisificação.
Na aquiescência com a vivência da errância pelas temporalidades pró-prias das intensidades das possibilidades, na aquiescência com a errância que é própria à dialógica de sua atualização, é que consiste, portanto, a metodoló-gica gestaltificativa. Uma estética, uma poiética, uma ética da performance e da perfeição do erro. Estética da errância; poiética, ética, ontológica, epistemológi-ca, fenomenológica, e metodológica, do erro.

**PERFEIÇÃO, PERFAZIMENTO, DA AÇÃO, DA INSPECTAÇÃO. O CAMINHO DO MEIO. O MOVIMENTO PELA LINHA DE MENOR RESISTÊNCIA.**

A vivência da ação, a vivência da insistensia, a inspectação, constitui-se como o modo de sermos, do ator.
Que é *pro-jet-ação.* Na medida em que é *pressão,* ex-pressão, do des-dobramento das forças das possibilidades. 20

O modo de sermos do p*ro-jeto* – modo de sermos do acontecer --*,* não é o modo de sermos do *sub-jeto,* nem do *ob-jeto.* Sub-jeto e ob-jeto pertinentes ao modo acontecido de sermos ôntico, do ente. Da coisa.
O ontológico modo de sermos do acontecer, modo de sermos do projeto, da projetação, é o modo pré-ôntico de sermos, modo de sermos pré-ente, o modo de sermos do ***presente.***
O modo de sermos do ***presente, fenomenológico existencial e dialó-gico.*** Modo de sermos do acontecer, não é o modo de sermos do sub-jeto, nem do ob-jeto, mas o modo de sermos da própria vivência do jeto, modo de sermos projeto, modo de sermos da ação, ou seja da emergência, do desdo-bramento, da *pressão,* da *ex-pressão* das possibilidades.
Ainda que seja, o modo de sermos do presente, sempre, intrinsecamen-te, *inter-ação* dialógica com a alteridade de um *tu.*
O *tu* vivido sempre como possibilidade em desdobramento, o tu como efetiva alteridade possível, potente. Segundo Buber, alteridade que pode ser da esfera da natureza não humana, alteridade da esfera do humano, ou da esfera do sagrado...
A interação com a alteridade do tu é, sempre, partcip-ativa, a **particip-ação** na dinâmica e na dramática de uma dialógica, como atuação cognitiva-mente interativa de possibilidades; ação.
O que implica que, ainda que seja participação interativa, dialógica, a momentaneidade instantânea da dialógica interação eu-tu é desproposital, não objetiva, não teorética, não causal, não técnica, desproposital, e não pragmáti-ca. O que quer dizer que não está sob o nosso controle deliberado.
Buber definirá a natureza da interação dialógica da ação, do desdobra-mento cognitivo de possibilidades, observando paradoxalmente que ***não cria-mos as possibilidades***, e evidentemente os seus desdobramentos; ***mas as possibilidades e os seus desdobramentos efetivamente não acontecem sem nós outros***.
Tal é a natureza especificamente interativa, dialógica, da ação – da atua-lização, do desdobramento, de possibilidades.
Que é fluência da errância no ativo processo de constituição e desdo-bramento das possibilidades. Ao mesmo tempo em que é eu, é vínculação in-trínseca e imanente com a alteridade de um tu. A *inter ação* eu tu. A sua dialó-gica.
Possíveis, potentes, atualização de possibilidades.
Possibilidades que, vivência de forças em desdobramento, múltiplas, im-plicativas, se constituem como gestaltificações. Como as temporalidades da errância fenomenológica. Na específica constituição das dominâncias da multi-plicidade implicativa de suas forças, plásticas, e cognoscíveis, em suas gestalti-ficações.
O perfazimento, a perfeição, da ação, decorre da integridade e integra-ção da vivência das temporalidades expressivas desta dialógica errância, tem-poralmente constituída pela constituição das dominâncias gestaltificativas. 21

Dialógicos, o perfazimento, a perfeição da ação tem a nossa participa-ção, na intrínseca interação com a participação dos desdobramentos do tu, i-gualmente como possível, como potente, como possibilidade.
É nessa ambiguidade dialógica -- de ser a multifacetada interação do desdobramento de possibilidades que constituem o eu, que constituem o tu, e que constituem o eu-tu -- que se constitui a fenômeno dialógica gestaltificativa da ação – fenomenológico existencial e dialógica; compreensiva, implicativa, gestaltificativa.
De modo que, como Buber observa, toda a instantaneidade momentâ-nea da vivência dialógica, fenomenológico existencial, compreensiva e implica-tiva, gestaltificativa, é ação – é desdobramento cognitivo de possibilidades. A ação que, dialógica, é o devir do desdobramento multifacetado de possibilida-des -- do eu, do tu, e do âmbito da movimentação de sua dialógica inter-ação.
Meu professor de natação, e de zen, professor Kanichi Sato, costumava dizer, em sua suprema e bem humorada simplicidade: *O zen é o casamento de 'oportunidade e ação'...*
E é este **senso de oportunidade** -- que nada, nada tem oportunismo -- que é a orientação exclusiva da participação do eu na dialógica da ação, na momentaneidade instantânea da interação eu-tu. A orientação advinda da vi-vência, temporal, da temporalidade da errância pelas dominâncias gestaltifica-tivas das forças das possibilidades.
Existe a força alteritária das possibilidades, e as possibilidades da inicia-tiva e participação na dialógica interativa da ação. É a errância, são as tempo-ralidades da errância fenomenológica, que disponibilizam as oportunidades para a iniciativa da ação. Que não é nem objetiva nem subjetiva, fenomenoló-gica, despropositai, não causal, não pragmática, não real.
Guardando uma reserva, por suas respectivas particularidades, o que se chama, no zen, de ***caminho do meio*** -- que Perls menciona, e que menciona Friedlander, citado por Perls – é esta particular part-icipação dialógica, na mo-mentaneidade instantânea do desdobramento da ação, numa inter-atividade despropositai, despropositativa, intensional, inspectativa.
Que não é subjetiva, nem objetiva. Que não é, portanto, teorética, nem explicativa, mas implicativa; que está fora dos domínios da causalidade, fora dos domínios da relação de causa e efeito; que está fora do modo acontecido de sermos; fora da utilidade, fora do modo de sermos da pragmática dos usos e das utilidades, e da ação funcional; e que não é da ordem, acontecida, da realidade.
Mas, própria e especificamente, é o acontecer...
O *caminho do meio* é a *ação pela linha de menor resistência. O cami-nho. A 'virtude' do zen.*
Em termos do zen, a virtude não é virtuosa, nem moralista. Mas tem a virtuosidade *de ser como o tao*. E, em específico, é esta a sua virtude, a de ser como o tao. 22

A ação que está entre o propósito e o não propósito. A ação desproposi-tal. Mas a potência de constituição da ação na temporalidade própria da errân-cia, na intensidade e intensificação da força de suas possibilidades.
Em termos fenomenológicos, o zen radicalmente é uma fenomenologia, fenomenológica, fenomenativa.
Muito mais desenvolvida e requintada, de alguns milhares de anos, do que a primitiva e precária fenomenologia Ocidental.
No zen e no Taoísmo Heidegger bebeu essencialmente, e não referiu adequadamente...
Em termos fenomenológicos, o *caminho do meio,* a *linha de menor resis-tência,* é a ação desproposital, constituída na mais perfeita errância, no mais perfeito erro, pelas temporalidades da constituição, da atualização, das domi-nâncias dos desdobramentos das possibilidades, dos desdobramentos da ação gestaltificativa.
Errância nos desdobramentos das possibilidades que constitu-em o eu, que constituem o tu, e que constituem a dialógica interativa eu-tu.
O *caminho do meio,* a *linha de menor resistência configura-se* como a perfeição, o fazimento, o perfazimento da ação, na perfeita temporalidade e temporalização da errância, no perfeito erro pela constituição das dominâncias, na atualização das possibilidades do eu e do tu, e do eu-tu, da multifacetada interação dialógica entre eu e tu. Que potencializa a possibilidade da atualiza-ção da ação. Tão espontânea que é como se fosse não agir, não ação.
Que é tão perfeita como ***implicação*** que, efetivamente, não poderia ser a explicativa de um eu subjetivo.
Dialógica ação eu-tu, efetivamente não é a ação de um eu. Na sua per-feita e espontânea dialógica, nem mesmo parece ação.
De um modo tal, que frequentemente se fala em *não ação,* em precárias traduções*.* Quando, na verdade, na vivência fenômeno dialógica, zen, do cami-nho do meio, da ação pela linha de menor resistência, não se trata, em absolu-to, de *não ação*. Mas da espontaneidade da ***ação.***
Tudo que não falta é ação. Como Buber diz, *o momento da dialógica é todo ele ação...*
Mas, trata-se, própria e especificamente, na errabundagem do erro fe-nômeno dialógico, pelas constituições das temporalidades das dominâncias de possibilidades, de ***ação sem alvoroço****.*
***Ação sem alvoroço...***
É esta a adequada tradução do caminho do meio da ação, da ação pela linha de menor resistência, da ação sem alvoroço, e da errabunda e epistemo-lógica ação intrínseca à fenomenologia gestaltificativa.
A ação só é ação, efetiva e plenamente, quando é ação na vivência da momentaneidade instantânea da duração da dialógica do *inter,* do entre, na errância pelas temporalidades tão próprias da implicativa e multifacetada rela-ção eu-tu.
A ação sem precipitações, na perfeita vivência das temporalidades da errância fenômeno gestaltificativa... 23

O dialógico *caminho do meio da ação.* A *ação pela linha de menor resis-tência.* O *caminho.* A *virtude.*
*Virtude* que, própria, e especificamente, é a de *ser como o tao...*
*O ser como o tao, yin, yang, chi, yin, yang.*
Que, na errante espontaneidade de sua perfeição, nem parece ação. Que não demanda o esforço da ação subjetiva. Na medida em que é ação co-mo atualização do fluxo das dominâncias das intensas, intensionais, potências de suas intensificações. A potencialização da ação nos fluxos das errâncias pelos desdobramentos das dominâncias das possibilidades.
Tão espontânea e potente, que parece *não ação.* Quando, simplesmen-te, é a perfeição, a perfeitação (*per-feita-ação*), o perfazimento, da ação. Na vivência do perfeito perfazimento das temporalidades das errâncias nos desdo-bramentos das dominâncias de suas forças, de suas possibilidades.
*A ação é um mistério...*
Como diria o Nietzsche do Zaratustra.
No seu afã de *tornar-se o que era...*

**PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCI-AL DIALÓGICA, COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICA-TIVA, E ERRÂNCIA FENOMENOLÓGICA GESTALTIFICATIVA.**

O critério ético e metodológico das psicologias e psicoterapias gestaltifi-cativas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas é a eleição da vivência pré-reflexiva, implicativa e dialógica, fenomenológico existencial de sermos como eixo e elemento metodológico e ético centrais.
Com isso, própria e especificamente, a eleição da entrega ao modo on-tológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que não é objetivo, nem subjetivo; que não é teorético, nem técnico; que é acausal, despropositál, e não pragmático, nem realista.
Isto significa, então, a eleição, e a entrega, à vivência fenomenológica das temporalidades da errância fenomenoativa, instantaneamente momentâ-nea, pelos processos constituintes das dominâncias na vivência da emergência e do desdobramento formativo, gestaltificativo, e inter humanamente dialógico, das possibilidades.
*Gestaltificação* quer dizer o desdobramento de nossa humana *tendência atualizante, a nossa tendência para a ação.* Que, cognitiva, é eminentemente, própria e especificamente, uma *tendência formativa*. A nossa *tendência forma-tiva*. Na medida em que, cognitiva, formativa, gestaltificativa, é tendência for-mativa dos processos fenomenológicos existenciais e dialógicos, compreensi-vos e implicativos, de formação de figura e fundo; que se concluem, na sua desatualização, nos processos também de formação das coisas. Sujeitos e ob-jetos. Coisas objetivas e subjetivas. 24

A atualização, a ação, é o processo de desdobramento das possibilida-des vivenciadas nas temporalidades do modo pré-reflexivo de sermos. Possibi-lidades estas que trazem em si a sua aporia, a sua finitude. Mas o retorno ao modo implicativo de sermos do possível, da possibilidade, a insistência neste modo implicativo de sermos, é o retorno e a insistência no modo de sermos do eterno retorno da possibilidade. Cujas atualizações constituem os nossos pro-cessos de movimento, de moção, de emoção, e de motivação. A ação, a atuali-zação. Da mesma forma que alegria da vivência e dos desdobramentos das forças do possível. Criativas, formativas, gestaltificativas. Motivas e motivativas da alegria. E, em especial, da superação. E da promoção e potencialização da grande saúde, de que falava Nietzsche, a grande saúde do eterno retorno de uma superabundância de forças de vida. De ação, de atualização, de criação. De superação.
Nietzsche diria, *e eis o que me segredou a vida. Eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente.*
Nas refinadas temporalidades do erro. Nas refinadas temporalidades da errância pelas temporalidades da constituição e atualização das dominâncias cognitivas, gestaltificativas, das possibilidades...

**VIVÊNCIA GRUPAL. GRUPATIVIDADE. INTENSIONALIDADE, ER-RÂNCIA E INTENSIFICAÇÃO NA EXPERIÊNCIA COLETIVA GRU-PATIVA.**

Na vivência grupal, o processo da vivência gestaltificativa fenomenológi-co existencial, o processo da emergência e do desdobramento cognitivo das possibilidades, do desdobramento da ação, é cada vez mais factível como pro-cesso coletivo. A emergência e o desdobramento das possibilidades, a ação, cognitiva, é, cada vez mais, vivência coletiva, à medida que o grupo se constitui e se desdobra como tal.
De modo que a errância fenomenológica, fenomenativa, gestaltificativa pela temporalidade constituinte da força das dominâncias das possibilidades é cada vez mais possível, própria e especificamente, como fenomenológica ges-taltificativa coletiva.
Um princípio primeiro da ética e da metodológica fenomenológicas ges-taltificativas no grupo é o de privilegiar a consciência fenomenológica pré-reflexiva grupal, portanto. E, com isso, o de privilegiar a aquiescência do medi-ador, dos participantes, a aquiescência coletiva, com a temporalidade própria ao caráter errabundo da consciência coletiva pré-reflexiva grupal. Caráter este fenomenativo, fenomenológico, gestaltificativo, despropositativo.
Avesso à teorética e à técnica, avesso ao propósito deliberado, à causa-lidade, à pragmática da utilidade e da ação funcionais, avesso à realidade. Que só emergem e se constituem no modo acontecido de sermos.
Para privilegiar a momentaneidade sempre instantânea do desdobra-mento coletivo do processo de atualização cognitiva das possibilidades.
O processo grupal fenomenológico existencial pode, desta forma, consti-tuir-se tendo como critério a errância fenomenológico existencial gestaltificativa 25

pelas temporalidades das intensidades e intensificações das possibilidades que se constituem e se desdobram no âmbito da consciência coletiva, como vivên-cia grupativa.
Evidentemente, o tema merece muito ser desdobrado. Aqui não é ainda o local próprio para este desdobramento... 26

## CONCLUSÃO

Assim, a experiência, a experimentação, a ética, e a metodologia feno-menológicas, e fenomenativas, gestaltificativas, das psicologias e psicoterapias são uma incidência insistencial na dialógica da experiência pré-reflexiva, e da experimentação do desdobramento de possibilidades fenomenológico existen-ciais, gestaltificativas. O que implica, intrínseca e inerentemente, um certo tipo de errância fenomenológica pelas temporalidades das intensidades das domi-nâncias das forças das possibilidades, em suas constituições e atualizações, em seus processos de formação de figura e fundo, e de formação de coisas.

Uma ativa pervagância despropositAl, uma transvagância, do erro, da er-rância gestaltificativa. Que, pelas desiguais temporalidades das desiguais in-tensidades das forças desiguais das possibilidades e possibilitações, em sua ontológica emergência e desdobramento, é sempre uma *extra-vagância.*E, for-mação, um fazer, uma feição, ao modo do perfazer, ao modo da perfeição fe-nômeno dialógica gestaltificativa. 27

**INTRODUÇÃO**

A experiência do modo reflexivo de sermos, modo de sermos explicativo, representativo, modo coisa de sermos do acontecido, distingue-se da experi-mentação do modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, compreensivo, feno-menológico existencial e dialógico. Porque a momentaneidade instantânea do modo pré-reflexivo de sermos é vivência implicativa, fenomenológico existenci-al e dialógica, gestaltificativa.

A vivência fenomenológica gestaltificativa, e a metodológica gestaltifica-tiva fenomenológico existencial constituem-se como uma entrega às temporali-dades próprias à experimentação vivencial fenomenológico existencial e dialó-gica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa deste modo de sermos.

A vivência da implicação fenomenológica gestaltificativa, no modo pré-reflexivo de sermos é a vivência do desdobramento fenomenológico, fenome-nativo, eminentemente cognoscitivo, de uma multiplicidade de forças plásticas. Forças, de múltiplas intensidades. As possibilidades.

Que se organizam criativamente, formativamente, nos processos figura-tivos de formação de figura e fundo; e nos processos de formação das coisas.

A experimentação, a ética, e a metodológica gestaltificativas -- enquanto entrega à vivência ativa das temporalidades propriamente fenomenológicas da emergência e do desdobramento das possibilidades --, constituem-se, intrínse-ca e inerentemente, como um pervagar, um errar, uma ativa errância performa-tiva, despropositAl, acausativa, e não pragmática, nem realista, pelas tempora-lidades próprias das intensidades dos desdobramentos destas possibilidades. Na dialógica de seus gestaltificativos processos de formação.

Formação criativa de figura e fundo, e formação criativa de coisas.

Que, percurso de projetação das forças criativas, form-ativas, das possi-bilidades, em suas temporalidades próprias, é, a cada um de seus momentos, a performance de um fazer, nas temporalidades dos desdobramentos próprios de suas intensidades, um per-fazer, um per-fazimento. Per-feição.

A ética e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais consistem no privilegiamento deste modo fenomenológico existen-cial e dialógico de sermos, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O que significa a aquiescência com a vivência das temporalidades da errância gestal-tificativa que caracteriza a emergência e o desdobramento, na ação, na atuali-zação, das forças das possibilidades que constituem a sua vivência. 28 29

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTAZI, Lilian **The School of Franz Brentano.**
BUBER, **Eu e Tu.**
HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo.**
NIETZSCHE, Fredrich **Assim Falava Zaratustra**
**Gaya Ciencia.**
**Ecce Homo.**

PERLS, Fritz **Gestalt Therapy.**

## 9. DIALÓGICA, HERMENÊUTICA E ESTÉTICA DO CONFLITO

**Conflito, Mediação, e Facilitação da resolução de conflitos em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.**
**Gestalt. Abordagem Rogeriana.**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

**Introdução;**

**1. Aporia, Instalação, Fatalidade e Fatalismo do Conflito;**

1.1. Realidade do conflito e de sua instalação ôntica;

1.2. O conflito e sua aporia;

1.3. Facticidade e fatalismo do conflito;

**2. A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- *à ventura* dos devires de suas possibilida-des. O Grupo Vivenciativo.**

2.1. A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológi-co existencial, dialógica, do conflito;

2.2. Dialógica do conflito;

2.3. *Compreensão.* O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, e da da interpretação, hermenêutica fenomenológico existencial;

2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialó-gica, da aporética, da compreensão e da hermenêutica do conflito.

2.5. Aporética. Aporia e aporética do conflito;

2.6. Hermenêutica do conflito;

2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, fenomenológico existencial dialógico e hermenêutico para a mediação e facilitação da resolução de conflitos;

2.8. O Grupo e o tempo;

**3.**

**O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;**

3.1. Moralismo e conflito. Teorética e cientificidade;

3.1.1. O olhar de espectador do teorético e a ação do ator do conflito;

3.1.2. Conflito e explicação;

3.1.3. Cientificidade e conflito;
3.2. O caráter comportamentativo do conflito;
3.3. E o caráter desportativo da superação do conflito;
3.4. Pragmática, resolução e superação do conflito. O processo de vivência da superação do conflito não é prática, não é prag-mática;
3.5. Realismo, ontológica, conflito, e superação;
3.6. Das formas improdutivas da mediação.

**Conclusão**

**Introdução;**

A metodologia da mediação e da facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial -- Ges-tal'terapia, Abordagem Rogeriana – se fundamenta, em seus princípios de concepção e método, na própria facilitação da dinâmica existen-cial do conflito, privilegiando o modo ontológico de sua vivência feno-menológico existencial, dialógico, e estética.

Esta metodologia busca propiciar condições relacionais de espa-ço, e de tempo, condições empáticas, condições de experimentação e interpretação, fenomenológico existenciais, para uma relativização da facticidade e fatalismo do conflito, para uma relativização da reali-dade ôntica da instalação das aporias do conflito -- instalação do con-flito no não dialógico, no não ontológico, no não hermenêutico.

A metodologia propõe às partes conflitantes a experiência da vi-vência integrada da *presença* (modo fenomenológico existencial dia-lógico de sermos) e da atualidade (*atualização*) fenomenológico exis-tenciais dialógicas do conflito. De modo que a vivência desta presença e atualidade, em sua inerente potência criativa – a partir da vivência do modo de semos de sua potência atual, da potência de suas possibi-lidades --, possa atuar na natural facilitação da atualização, da supera-ção, e resolução do conflito. Diluindo a instalação de sua realidade ôn-tica no fluxo de suas possibilidades. Possibilidades estas que intrinsecamente impregnam o modo vivencial de sermos, ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico.

O grupo vivencial, constiuído pelos facilitadores e pelas partes conflitantes -- e que pode ser apoiado pela forma da entrevista diádica --, é, assim, o instrumento, por excelência, para a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fe-nomenológico existencial – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana.

# 1. *Aporia*, *Instalação*, *Factidade* e *Fatalismo* do Conflito;

## 1.1. O conflito e suas *aporias*;

A afligência do conflito decorre, naturalmente, de sua estase, da paralisia de sua instalação na *realidade* de sua formação *ôntica*. A afli-gência do conflito decorre da parada que ele configura nos fluxos exis-tenciais pessoais, interpessoais, grupais ou inter grupais.
O dinamismo destes fluxos existenciais como tais caracterizam a existência. São potencializados pela vivência de possibilidades, e pelo desdobramento destas, no modo fenomenológico existencial e dialógi-co de sermos.
A existência pessoal, a existência grupal, e inter grupal, fluem, as-sim, constantemente, a partir da vivência das potências de possibilida-des; transitando pelo desdobramento e atualização dessas possibilida-des. Em direção, sempre, à *realização* e à *coisificação*. O momento de sua vivência, e da vivência de seu desdobramento, atualização, não obstante, não são da ordem da realidade e da coisidade. O seu mo-mento próprio e específico configura o ***presente --*** o modo de sermos de pré-coisa, o modo de sermos da *presença,* e da atualidade, modo de sermos estético, fenomenológico existencial e dialógico.
O conflito não foge a esta dinâmica. E flui, enquanto as possibili-dades potencializam e alimentam os dinamismos de seu devir. Parali-sando-se progressivamente, à medida que vão se exaurindo as suas possibilidades, e ele vai se instituindo, e se instaurando, no âmbito do modo ôntico de sermos.
A progressiva experienciação da realização do conflito, a sua-progressiva instalação ôntica, a sua progressiva coisificação, tem sem-pre um caráter cada vez mais conflitual, progressivamente conflitual, não produtivo, não criativo, e estéril.
A progressiva estase da coisificação, como Heidegger e Buber in-dicaram, é progressivamente angustiante. Esta angústia da estase e da paralização remete, mais uma vez, para ao modo fenomenológico exis-tencial de sermos, para o modo de sermos do possível, da possibilidade, e de sua atualização.
Nas suas formas produtivas, o conflito é sempre, também, o confli-to de diferentes possibilidades, na concorrência que as leva a afirma-rem-se em suas forças. Em sua vivência, o conflito também move as re-lações, e tem, assim, o caráter produtivo de promover a novidade, de promover o possível, e a atualização de sua potência.

Um nível de conflito, e da sua angústia de sua aflição, na coisifi-cação, é sempre inevitável, assim. E diretamente proporcional a sua vi-vência ativa e presente, nos fluxos e contra fluxos de suas inércias e da atualização de suas possibilidades.
Não obstante, o conflito pode, também, se tornar progressiva-mente improdutivo. Angustiante, e improdutivo. Na medida em que es-taciona em certos limites, e paralisa a dinâmica de possibilitação, e de atualização de possibilidades da pessoa, da relação -- interpessoal, grupal, ou intergrupal.
Esta estagnação, esta paralisia, que constitui o conflito em sua improdutividade -- *intrapessoal*, interpessoal, grupal, intergrupal – po-tencializa-se naturalmente na medida em que a realização, e coisifica-ção progressivas -- consolidando a sua inércia, a sua coisificação, a sua estase, a sua paralisia -- constituem o direcionamento natural e inevitá-vel do desdobramento das possibilidades. Com a concomitante aflição, afligência, da angútia que as acompanha.
Nesta forma, o conflito chega a suas ***aporias***.
Em termos existenciais, a ***aporia*** é o ***sem passagem***, é a estagna-ção, o *sem devir*, ***sem potência, sem possibilidade***, dos fluxos, ou au-sência de fluxos, existenciais.
O termo *aporia*—usado originalmente em Literatura -- vem de ***po-ro***. Que tem o sentido de *passagem*, de *passagem de fluxo*. *Poro, poria.*
A ***a-poria*** *é* o ***sem passagem***. O limite, a finitude. O *sem passa-gem,* a aporia, da realização da possibilidade, e da paralisia nesta reali-zação, da paralisia na coisificação e na coisidade. Com a exclusão momentânea da concorrência de novos possíveis. Mas a aporia é, também, o ponto onde as potências, os possíveis se detonam, mais uma vez. **O método aporético, a-por-ético,** a **a-por-ética,** se pauta pela vi-vência afirmativa da aporia, pela vivência afirmativa da sua estagna-ção; e pela vivência afirmativa da emergência da potência de novos possíveis, de novas possibilidades. A potência desta emergência é dire-tamente proporcional ao modo como podemos vivenciar afirmativa-mente a impotência conflituosa, aflitiva, afligente e angustiante, da a-poria
Assim, a afligência da aporia se configura, no plano existencial – pessoal, interpessoal, intergrupal --, e se cronifica, como conflito.
O conflito se *instala*, se estabelece e se fortalece, enquanto tal, à medida em que se paralisam os fluxos de atualização de suas possibili-dades, no modo ôntico da existência pessoal, grupal, ou intergrupal; o conflito se fortalece e se instala na medida em que se paralisa, ao nível do modo ôntico de estagnação, e instalação, de suas aporias.

É, assim, na angústia de suas afligências, que se dá o reforçamen-to deste modo ôntico da experiência do conflito -- a prevalência da experienciação de sua téorética explicativa, a prevalência de sua comportamentalidade, a prevalência de suas pragmáticas, em suas aflições, nas estases de suas aporias: potencializados pela excludência de sua vivência no modo de sermos de sua *poiese*; potencializados pe-la exclusão de sua vivência estética, que é a vivência no modo dialógi-co, ontológico, hermenêutico, ativo, atualizativo, de possibilidades, e de possibilitações.
A progressão da realização, da coisificação, do conflito -- e do re-lacionamento intrapessoal, interpessoal, ou inter grupal, só conduz, na-turalmente, à acentuação do conflito. Na medida em que estas se dão na ausência da vivência do possível, na ausência da vivência de possi-bilidade; na ausência da ação, e da atualização, pessoal e coletiva, que é a vivência da possibilidade e do seu desdobramento, própria ao modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos.
O conflito é, desta forma, um momento adensado da multiplici-dade de fluxos e perspectivas existenciais.
Momento que naturalmente se resolve na vivência fenomenoló-gico existencial e dialógica da aporia, e de sua superação pontual, na abertura do concurso e da concorrência das possibilidades, que são próprias ao modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos.
De modo que, para além da vivência angustiante da estagna-ção e da aporia do conflito, está sempre a *poiese*, a *vivência poiética.* Está sempre a vivência do concurso e da concorrência de novas po-tências, de novas possibilidades. Cujos desdobramentos reencetam o fluxo existencial, a atualização, a ação, a criação. A desinstalação, e a superação do conflito.

**1.2. *Realização e realidade* do conflito e de sua instalação ôntica;**

Podemos dizer que o conflito aparece fenomenológicamente em sua potência, ou seja, vivencialmente, na vivência de suas possibilida-des. A vivência do conflito neste seu momento é a vivência da intera-ção de forças, da limitação de forças; e a vivência das aporias são momentos dos fluxo de atualização de possibilidades.
Esta vivência da potência do conflito faz com que o seu fluxo seja o próprio fluxo da atualização. E, no que pese a momentaneidade de suas aporias, o conflito assim vivenciado é a vivência dos fluxos de suas interações, de suas possibilidades, e atualizações. Que, naturalmente, podem levar à superação de suas aporias, à superação do conflito, à sua resolução, na criação da atualização de novas possibilidades.

Alternativamente, o vivencial, o fenomenológico existencial dia-lógico pode se direcionar no sentido da sua coisificação, da sua reali-zação, da sua instalação ôntica.
Nesta alternativa -- quando o conflito não se resolve no âmbito da experiência do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, de sua emergência -- ele perde, progressivamente, a sua dinâmica ex-periencial e experimental, a suas forças de possibilidade, a sua fluidez. E avança no sentido da coisificação, da realização, e da *instalação* de sua experiência ôntica.
Desenvolve-se, então, a instalação do conflito, a realização do conflito, no âmbito de sua experiência ôntica. O que significa a realiza-ção, a coisificação, a instalação de suas aporias. A realização, a coisifi-cação, a instalação do conflito. Desprovido, então, do influxo de possi-bilidades e de possibilitação, próprias à vivência do modo ontológico de sermos, o conflito tende a se instalar, a se coisificar, a se realizar, nu-ma paralisia progressiva.
Tanto ao nível pessoal, quanto ao nível grupal, e inter grupal, quanto mais perdura a interdição à vivência dialógica ontológica, fe-nomenológico existencial, mais tende a se radicalizar, a se sectarizar, o conflito entre as partes. O conflito, privado da incisão da emergência, e da prevalência, da vivência do possível, da vivência da possibilidade e do seu desdobramento, da vivência da ação, da atualização, da cria-ção, realiza-se. O que quer dizer: coisifica-se, instala-se, e se cronifica.
Até que novos acontecimentos, ou a angústia de sua aflição ge-rem e regenerem um retorno ao modo ontológico de vivência de suas possibilidades.
De modo que é só a incidência da momentaneidade do modo de sermos da vivência dialógica, ontológica, fenomenológico existen-cial, estética, que permite o deslocamento, a cisão, a infusão da po-tência de possibilidades, a infusão de devir, na instalação conflituosa. Criando novas condições, e novas condições de possibilidade, perme-abilizando as suas aporias, e permitindo a passagem de seus fluxos exis-tenciais e o fluxo de suas atualizações – quer seja ao nível do pessoal, do inter pessoal, do grupal, ou do intergrupal.

**1.3. Facticidade, e fatalismo, do conflito;**

Na exacerbação da experiência de instalação real de seu modo ôntico, o conflito *se instala* em sua condição de ***fato;*** e não mais como ***acontecer***; o conflito se instala em sua condição de ***acontecido***, em sua ***facticidade***.

O efetivamente *existencial*, o efetivamente ontológico, fenome-nológico existencial e dialógico, estético, é, inteiramente, *acontecer.*
Porque é inteiramente *ação*, *atualização*, como desdobramento das possibilidades, de que é propriamente impregnado.
Ou seja, é o antípoda do *fato*, do factual, do *acontecido*.
O não existencial, o modo ôntico de sermos é -- enquanto fato, enquanto realidade, enquanto coisidade -- possibilidade atualizada, exaurida, realizada, coisificada, acontecida, feita, *fato*.
De forma que, o modo existencial, ontológico, de sermos é *acon-tecer*; enquanto que o modo ôntico de sermos *é acontecido*, *é fato*.
A *realidade* do conflito, a sua *instalação* -- em sua aporia – o seu enrijecimento, é instalação e realidade ônticas. À medida que se de-senvolve, e se fataliza, o conflito é cada vez mais da ordem da realida-de, da ordem do fato, do factual. De modo que este seu fortalecimento é cada vez mais factual, cada vez mais *fatal*.
E, cada vez mais, a exclusão da oportunidade da experiência e experimentação, pelas partes, do conflito em sua modalidade alternati-va -- ou seja, a experiência e experimentação do conflito no seu modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, no seu modo esté-tico – a exclusão desta oportunidade, potencializa a paralisia do confli-to em sua realidade, instalação e aporia.
De um modo tal que permite a constituição, e potencializa a constituição, de uma dogmática -- segundo Buber, a dogmática do *decurso das coisas* –, segundo a qual só esta modalidade da realidade, da instalação, da fatalidade e do fatalismo do conflito é factível.
O conflito, que é factual, neste seu momento, é constituído, e passa a sê-lo cada vez mais, como *fatalidade,* como *fatalismo*.
Buber[1] esclarece a ontologia da fatalidade, e do *dogma da fata-lidade*, o dogma do decurso das coisas, como predomínio da realida-de, como predomínio excludente do modo *eu-isso* de sermos, não dia-lógico, como predomínio do decurso das coisas.

1 BUBER, M. EU E TU

Muito própriamente, Buber adverte, que, ***a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem é crer na fatalidade..***.
Porque -- esclarece ele --, basta a momentaneidade da vivência da imersão, sempre disponível, no modo alternativo de sermos, em nos-so modo ontológico de sermos -- dialógico, fenomenológico existencial, estético, *eu-tu* --, para que a rigidez do factual, a rigidez do fatal; para que a rigidez da fatalidade, para que o *dogma do decurso* -- que a fa-talidade potencializa, e que à fatalidade potencializa -- possam dissol-ver-se no movimento da ação, no movimento atualizativo da potência de suas possibilidades.

A elaboração da vivência do modo ontológico de sermos, como modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades, dis-solve, assim, a realidade, a instalação ôntica, o caráter factual, a fatali-dade, o fatalismo do conflito.
Diante do conflito instalado, em sua realidade ôntica, factual, res-ta-nos, assim, a alternativa: sucumbir progressivamente à afligência da factualidade, da fatalidade do conflito; ou permitir e promover a expe-riência e a experimentação de sua vivência dialógica; a experiência e experimentação de sua ontológica, a experiência e a experimentação da interpretação de sua hermenêutica, a vivência da conflituação no modo fenomenológico existencial, estético e dialógico de sua vivência.
É no privilegiamento desta experiência e experimentação que se centra a concepção e a metodológica do Grupo Vivencial. A concep-ção e a metodológica da Abordagem Fenomenológico Existencial de psicologia e psicoterapia; da Gestal'terapia, e da Abordagem Rogeria-na.

## 2. A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- *à ventura* dos devi-res de suas possibilidades. O Grupo Vivenciativo.

O Grupo Vivencial constituído com a equipe de facilitação, ou com o facilitador, e as partes conflitantes é a oportunidade psicossocial de tempo e espaço, vivenciais, que a concepção e a metodologia das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Ges-tal'terapia, Abordagem Rogeriana – oferecem como metodológica pa-ra a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.
Trata-se de promover, de propor e de propiciar às partes em con-flito o tempo e o espaço, a disposição e a disponibilidade, para o natu-ral processamento imediato da experiência e da experimentação na vivência conflitiva. Ou seja, a experiência do conflito em sua forma vi-vencial, estética, fenomenológico existencial dialógica.
O Grupo Vivencial naturalmente demanda as suas condições, ou seja, tempo e espaço, disposição e disponibilidade para a sua experi-ência e experimentação.

### 2.1 A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológi-co existencial, dialógica, do conflito;

Como vimos, a experiência do conflito, como todo o existencial, oscila entre as as formas ônticas e ontológicas de sua experienciação.

Ou seja, a experiência do conflito oscila entre o modo de ser *eu-isso*, e o modo *eu-tu* de sua experienciação; entre o modo de sermos em que ele, o conflito, é *acontecido*, e o modo de sermos, estésico, estético, em que ele é ação, atualização, *acontecer*: o modo fenomenológico existencial de sermos: experiência e experimentação imediatas da este-sia, da sensibilidade, da vivência, do corpo e dos sentidos.
Em sua forma ôntica, *eu isso* -- a dimensão do *acontecido* --, a experiência do conflito, privada do influxo de possibilidades e de possi-bilitações, privada de ação, de atualização – o que quer dizer, privada de superação e de resolução --, *se instala;* interrompendo os seus fluxos, realizando-se; coisificando-se, cada vez mais, e constituindo-se, como tal, enquanto acontecido; enquanto factualidade.
Nessa dimensão, meramente, cada vez mais cristalizada, cada vez mais aflitiva, conflitativa, as potências do conflito se investem me-ramente na sua aflição.
É interessante e importante observar que, para os sectários das partes em conflito, para os que própria e especificamente ganham com o próprio conflito, esta é a alternativa de predileção. Ou seja, manter a experiência do conflito paralisada na forma ôntica de sua ex-perienciação, na experiência da forma de sua instalação, de sua reali-dade realizada, de sua factualidade, de sua fatalidade.
Os que se dispõem a elaborar a superação e a resolução do con-flito carecem sempre de lidar com os sectários, que investem na cronifi-cação e na perpetuação do conflito.
A qualquer momento, não obstante, pode-se criar a oportunida-de para que o conflito seja vivenciado alternativamente pelas partes conflitantes ao modo ontológico de sermos, no modo eu-tu de sua ex-periência e experimentação, ao modo dialógico de sermos.
E -- a partir da *interpretação* (fenomenológico existencial, com-preensiva, dialógica), a partir da *dramática* ampla e livre, da *realidade*, da *factualidade*, e da *instalação,* do conflito, pelas próprias partes con-flitantes em interação, a partir da *interpretação* de sua experiência do conflito como *acontecido* -- o conflito pode, então, ser vivenciado e interpretado -- fenomenológico existencialmente, esteticamente, her-meneuticamente, experimentalmente, dialogicamente, *dramaticamen-te*--, na imediaticidade de sua forma própria e específica de *acontecer*.
Como vivência, pessoal/coletiva, que disponibiliza, enquanto ex-periência, e experimentação, fenomenológico existenciais, o campo vivencial das possibilidades, e das possibilitações. Campo estético, por-tanto, dramático, fenomenológico existencial, e dialógico -- vivência, e vivência do desdobramento de suas possibilidades. Vivência que, pró-pria e eminentemente, se dá como ação, como atualização. De Possi-bilidades que, simultaneamente, são possibilidades próprias e específi-cas *do* grupo, no processamento conjunto de sua experiência coletiva,

da experiência coletiva de seus subgrupos, e de seus participantes individuais.
Numa experiência e experimentação, assim, que são, em impor-tantes de suas dimensões -- na integridade e integração do grupo, na integridade participativa do processamento vivencial --, experiência e experimentação, não simplesmente das partes segregadas, mas experiência e exprimentação, interpretação: *dramática*, *do* grupo e da vivência de seu processamento experimental, em seu con-junto.
Esta experiência e experimentação fenomenológico existenciais e dialógicas do conflito são, assim, a experiência e a experimentação do conflito no privilegiamento do modo de sermos de sua vivência estética. Ou seja, no modo de sermos da vivência de sua ***estesia***. Como abertura à experiência pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática, fenomenológico existencial dialógica, na qual prevalece a experiência vivencial, a experiência de corpo, de sentidos; a experiên-cia *estésica*, estética.
Própria e especificamente, a *Estética* é uma Ética (O termo, aliás, já o diz). A ética que subjaz à concepção e à metodológica da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial; a ética que subjaz à con-cepção e metodológica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana enquanto tais.
De modo que, quando propomos o grupo vivencial como meto-dológica de mediação e de facilitação da resolução de conflitos, pro-pomos, às partes conflitantes, um deslocamento do modo da experiên-cia do conflito meramente na forma ôntica de sua realidade e instalação, um deslocamento da experiência do conflito meramente na forma ôntica de sua facticidade. Propomos a afirmação do conflito, e a vivência do conflito em sua forma estética, vivencial, e dialógica, que permite a diluição de sua realidade em suas possibilidades, a sua supe-ração, assim, e a movimentação de suas resoluções.
O que caracteriza a experiência estética, fenomenológico exis-tencial, compreensiva, dramática, dialógica, é que, como diz Buber, toda ela é ***ação***, é ***atualização***; ou seja, toda ela é impregnada de pos-sibilidades, e do desdobramento de possibilidades.
De modo que a vivência estética do conflito permite relativizar e sair da paralisia afligente da instalação ôntica do conflito, do conflito como realidade, como *isso,* como acontecido. Propiciando e potencia-lizando o modo de sermos no qual vivenciamos a infusão de possibilida-des e de possibilitação, e dos seus desdobramentos, em ação, atualiza-ção, interpretação. Infundindo, assim, a vivência do conflito de potência, de possibilidades, de atualização, de movimento.

## 2.2 Dialógica, e a dialógica do conflito;

Na alternação da experienciação e experimentação do conflito nos momentos da vivência de seu modo ontológico -- fenomenológico existencial, estético --, a vivência do conflito pontualmente se desdobra no âmbito do modo ***dialógico*** de sermos, no âmbito da vivência, da experiência e da experimentação, *dialógicas.*
Porque, própria e especificamente, o *vivencial* -- o fenomenológi-co existencial, o estético, o hermenêutico, o ontológico --, é o *dialógico*.
O vivencial é dialógico, o dialógico é vivencial.
Individual, e coletivamente, o ***dialógico*** é o modo eu-tu de ser-mos, o modo de sermos compreensivo, no qual vivenciamos a ação, o desdobramento compreensivo de possibilidades.
O que caracteriza a *dialogicidade,* o que caracteriza a qualida-de *dialógica* deste modo de sermos, é que, de várias formas, e em ní-veis variados, este é um modo de sermos de vivência imediata e intuiti-va.
Vivência imediata e intuitiva da movimentação de ***implicação inter-ativa*** entre um ***eu*** e a alteridade radical de um ***tu***. Vivência esta que, como tal, é pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática.
É o modo de sermos no qual o processo ***compreensivo*** de produ-ção de sentido – ***logos*** –, que já se dá como ação, atualização, é – como diz o prefixo ***dia*** -- um processo **compartilhado.** Processo compar-tilhado, como vivenciação, como ***movimentação inter-ativa*** – de pro-dução de sentido, e de atualização de possibilidades, de ação -- **entre eu e tu.**
É, portanto, ***dia-logos,*** enquanto vivência de ***movimentação* inter ativa *entre eu- tu.*** Eu-e-tu que eminentemente se dão como alteridades radicais; e, enquanto alteridades radicais, de modo intrínsecamente **implicativo;** como possibilidades em desdobramento**.**
Processamento momentâneo, então, no qual o compartilhar inte-rativo da produção de sentido, de ação, se constitui como ***campo compreensivo e compartilhado de desdobramento de possibilidades****,* e de ***ação.***
Assim, no ***modo dialógico de sermos*** -- fenomenológico existenci-al, vivencial, ontológico, e estético --, o movimento eu-tu/tu-eu, é, pró-pria e especificamente, um movimento de imediata ***implicação inter-ativa*****,** e **poiética.**
Movimentação na qual há um compartilhamento do processo, *in-tensional*, eminentemente ***compreensivo,*** de produção de sentido, e de ação. Um processo ***inter-ativo***, eminentemente ***implicativo,*** que se dá como vivência de ***um campo compreensivo compartilhado do desdo-bramento de possíveis, do desdobramento de potências, do desdo-bramento de possibilidades, de vontades de possibilidades; no que en-***

***tendemos como ação --*** um ***campo fenomenológico e existencial, dia-lógico, estético, e de vivência ontológica.***

O objetivo da concepção e da metodologia da psicologia e psi-coterapia fenomenológico existencial – Gestal'terapia, Abordagem Ro-geriana – o seu objetivo na vivência da mediação e da facilitação da resolução de conflitos, seja na experiência grupal, ou na experiência da relação diádica, é o de criar a oportunidade, o tempo e o espaço, que se abrem e privilegiam a temporalidade própria da vivência dialógica.

Quando propomos o grupo vivencial como recurso para a medi-ação e para a facilitação da resolução de conflitos, propomos exata-mente porque no grupo vivencial nos abrimos e privilegiamos a vivência do modo dialógico de sermos, a vivência da experiência e da experi-mentação dialógicas.

No âmbito da experiência dialógica, os participantes, e os seus sub-grupos, podem efetivamente ***inter-agir***.

Não, simplesmente, na experienciação sectária, e impotente, da teorética do conflito: com a mera definição e experiência conceitual, abstrata e estática de suas instâncias, por cada uma das partes. Na im-potência aflitiva e angustiante da ausência da vivência de possibilida-des e de possibilitações.

Nem, simplesmente, no mecanicismo, igualmente impotente, de nosso modo comportamental. Nem na mera esterilidade das pragmáti-cas.

Os participantes e os seus subgrupos podem ***inter-agir***, efetiva-mente, no processo *poiético* de produção de possibilidades e de senti-dos, a partir da dialógica, (eu-tu) da ***inter-ação*** de suas alteridades. E podem interagir como sistema integrado, o processo grupal, de produ-ção de possibilidades e de atualização.

De modo que o conflito, vivenciado pelas partes conflitantes na momentaneidade da experiência do modo dialógico de sermos, tende a ter a sua *realidade*, a *estagnação* de sua *instalação*, a sua *factuali-dade*, a sua fatalidade e fatalismo, transformados, diluídos -- na vivên-cia da emergência compartilhada, dialógica, de suas possibilidades e possibilitações.

O ***campo dialógico*** constitui-se como, propicia e promove, o compartilhamento entre as partes deste campo da emergência do desdobramento de possibilidades.

A vivência do conflito pode ser, então, atualizada.

O staus quo do conflito pode ser diluído em possibilidades, pode ser superado, e o conflito deslocado, movimentado, eventualmente re-solvido – como elaboração da dialógica da integração tensional das partes conflitantes, no âmbito integrativo do processamento da experi-ência e da experimentação da vivência grupal. A vivência do processo

poiético de emergência de suas possibilidades e possibilitações, a vi-vência, pelas partes conflitantes, da experiência da diluição da reali-dade da instalação factual do conflito -- em suas possibilidades -- a vi-vência de suas superações, e resoluções, pode ser atualizadas.
Na mediação, e na facilitação da resolução de conflitos, a vivên-cia dialógica pelas partes conflitantes -- no âmbito da experiência de processamento do grupo vivencial --, permite que as partes conflitantes momentaneamente constituam -- alternativamente à normalidade de sua experiência conflitiva -- uma dimensão de vivência compartilhada de experiência e de experimentação. Uma experiência e experimenta-ção de vivência do processo grupal como uma totalidade integrativa, compartilhada e solidária, ainda que tensional. Uma totalidade e totali-zação dialógicas, inter-ativas, atualizativas.
Neste sentido, o que caracteriza a concepção e a metodológica das psicologias e psicotrerapias fenomenológico existenciais dialógicas -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – é, exatamente, o propicia-mento metodológico desta experiência do **campo dialógico,** como vi-vência grupal. Pelo privilegiamento em sua prática da experiência onto-lógica, da experiência estética -- fenomenológico existencial dialógica. Seja no âmbito do grupo vivencial, seja no âmbito da forma de relação diádica em que este pode se configurar.

**2.3. *Compreensão.* O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, da interpretação, hermenêutica, fenomenológico existencial;**

A ***compreensão*** é característica, e, própria e eminentemente, in-tríseca, ao modo ontológico de sermos.
A compreensão é experiência estética, a experiência estética é compreensiva. A experiência estética é vivência imediata de corpo e de sentidos, e esta vivência é, própria e eminentemente, compreensiva.
A ***compreensão*** é intrínseca, portanto, ao modo fenomenológico existencial e dialógico – eu-tu -- de sermos; é intrínseca à experiência e à experimentação fenomenológico existenciais, é intrínseca ao empi-rismo fenomenológico existencial, é intrínseca à interpretação fenome-nológico existencial; e, portanto, é intrínseca à hermenêutica fenome-nológico existencial: hermenêutica própria e especificamente *compreensiva*. A compreensão é intrínseca ao modo *ontológico* de sermos, à vivência ontológica.
O que caracteriza o aspecto ***compreensivo*** do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos é que ele é, especifi-camente, vivência *empírica*. Vivência, que -- como todo vivencial, fe-

nomenológico existencial, e dialógico -- é vivência imediata, pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental, pré-pragmática, pré-realista, pré-realidade.
Vivência que é anterior à *representação*; uma vez que, na verda-de, a *representação é re(a)presentação*. E, intrinsecamente, a ***compre-ensão*** é, própria e especificamente, ***a-present-ação.*** Dá-se no modo pres-ente de sermos – o modo pré-coisa de sermos.
E o que é que se dá, o que é que, na vivência compreensiva, a-contece como ***apresentação*** ?
Pela abertura para o *Ser,* que é própria ao modo ontológico de sermos, inexoravelmente abrimos o campo do possível, o campo da po-tência, o campo das possibilidades, o campo da ação, da atualização – que são, segundo Heidegger, o campo do desdobramento compre-ensivo das possibilidades, da *poiese*. São, assim, as possibilidades em seu desdobramento que se apresentam, que se presntificam, como com-preensão.
O desdobramento das possibilidades as constitui como *conhecer* – as possibilidades se *apresentam* com conhecer, como sentido.
De modo que, segundo a sua potência, é a vivência das possibili-dade e do seu desdobramento -- na ação, na atualização, na interpre-tação compreensiva fenomenológico existencial – que se constitui co-mo conhecer.
O conhecer dá-se, assim, como ***apreensão*** – *apreensão* que é a constituição do *sentido* do ato de conhecer. Conhecer ***compreensivo***, uma vez que o sentido das possibilidades em seus desdobramentos se constitui como apreensão, se constitui ***com(a)preensão –*** se constitui como ***cum-preensão... compreensão.***
A vivência de possibilidade e do seu desdobramento, a ação, é, assim, intrínseca ao, e constituinte do modo ***compreensivo*** de sermos; como, de resto, é intrínseca, e constituinte de toda a experiência e ex-perimentação do modo fenomenológico existencial, dialógico; modo ontológico, e estético, de sermos.
A vivência, o conhecer, *compreensivo*s, é eminentemente co-nhecimento ***implicativo***, é ***implicação.***
Ou seja, ele se dá como *logos*, *dia-logos,* como *dialógica.* Como ***vivência eu-tu.*** Como vivência, portanto, que ***não é da ordem do rela-cionamento sujeito-objeto.***
Afirmar isso é uma redundância, uma vez que tudo que a relação eu-tu *não é* é relação sujeito-objeto.
De forma que o ***conhecer*** que a possibilidade constitui em sua vi-vência, e na vivência de seu desdobramento, é conhecimento, é cog-nição; mas, em particular, é o conhecimento e a cognição como apre-ensão – conhecimento ***cum(a)preensão*** – o conhecimento

compreensivo momentâneo próprio à vivência da dialógica da da re-lação eu-tu.
Na qual se dá, de modo inextrincável, a movimentação da ***impli-cação*** com a alteridadade radical de um *tu* -- que se dá, na vivência dialógica, como possibilidade, e possibilidade em desdobramento, na ação, no acontecer, da inter ação.
Não é conhecimento teórico, ex-plicativo, mas conhecimento vi-vencial, conhecimento artístico, conhecimento dionisíaco, ***implicativo, compreensivo***. O conhecer de uma consciência embriagada, dissoluta em sua *embriaguês*, e que evolui em sua potência criativa, não para a abstração, e para a clareza abstrativa do conceitual, mas para perder-se na embriaguês do confusional de sua auto superação.
E ste ***e-vento, esta e-ventualidade inter ativa, à-ventura*** -- que é, assim, da ordem do presente e da presença, da atuação e da atuali-dade -- escoa-se para a coisificação, para a entificação, para a ontifi-cação, e para a inação. Perdendo, inevitavelmente, neste seu escoa-mento -- decaimento, para Heidegger --, o caráter de sua dialógica, o seu caráter imediato de implicação inter ativa com a alteridade radical de um tu. Deixa, progressivamente, de ser da ordem da ***implicação*** pa-ra, progressivamente, se constituir na ordem da *ex-plicação*.
Nesta forma ex-plicativa, a experiência pode se constituir com *te-orética*, como *comportamento*, no âmbito da causalidade e da dico-tomia sujeito-objeto; no âmbito da subjetividade, no âmbito da objetivi-dade, no âmbito de inter subjetividade; no âmbito da utilidade, no âmbito da prática, da pragmática, do fato – feito --, e da realidade.
Todo este modo ôntico de sermos -- eu-isso, factual, real -- não é caracterizado pela ***compreensão***, não é da ordem da ***compreensão***, nem é da ordem da ***implicação*** -- ***implicação*** que intrinsecamente se constitui no âmbito da ***compreensão***.
O modo ôntico de sermos é, própria e especificamente, da or-dem da *ex-plicação*... O modo de sermos no qual estamos 'fora' do desdobramento inter ativo da ***implicação*** com a alteridade radical de um tu. O modo de sermos no qual estamos fora da implicação com o possível e com a possibilidade, em seus desdobramentos e constituição ***compreensivos***.

**2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialó-gica, da aporética, da compreensão, e da interpretação fe-nomenológico existencial, da hermenêutica compreensiva.**

No modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dia-lógico, não vigora assim a dicotomia sujeito-objeto. Não vigora a objeti-

vidade, nem a subjetividade; muito menos, evidentemente, a *intersubjetividade*.
No modo ontológico de sermos, todas elas se resolvem na vivên-cia da dialogicidade, eu-tu, da experiência da ação, da experiência do ator. Que é intencional, e intensional.
O modo ontológico de sermos não comporta nem a objetividade, nem a subjetividade. Mas é, própria e eminentemente, da ordem da relação eu-tu, da ordem da relação dialógica. É o modo de sermos da vivência fenomenológico existencial, dialógica. Que se constitui como movimentação da ***implicação*** necessária, dos sentidos da relação de um *eu* com a alteridade radical de um *tu*.
Assim, na vivência ontológica, fenomenológico existencial dialó-gica – ao invés da relação sujeito-objeto --, temos que, momentânea e pontualmente, o eu está implicado na vinculação com um tu, que se dá como possibilidade em afirmação e desdobramento.
Toda a vinculação se desdobra, assim, como ***inter ação***. Como *in-ter ação* entre alteridades que se dão como possibilidades, como po-tências, como possíveis, que se desdobram, como ação, na ***inter ação,*** eminentemente ***implicativa***.
A inter ação, dialógica, eu-tu, é, eminentemente, assim, da or-dem da ***implicação,***
A experiência estética, a dialógica, a hermenêutica compreensi-va – a interpretação, compreensiva – são aspectos da experiência on-tológica, fenomenológico existencial, dialógica. De modo que são, to-das elas, da ordem da ***inter ação,*** da ordem da ***compreensão,*** e da ordem da ***implicação***.
A ***implicação*** que é característica, portanto, da *vivência*, significa a implicação, o movimento da vinculação necessária, pontual e momentânea, *inter ação,* entre a alteridade de um eu, e a alteridade de um tu. Que se dão como possibilidades em processo de atualização, processo este que se desdobra como ***inter ação***.
De modo que a vivência do conflito na forma ôntica de sua insta-lação, na forma ôntica de sua realização, na forma ôntica da coisifica-ção de suas aporias, no seu caráter de *ex-plicação, é* característica-mente improdutiva. Porque nesta forma de sermos da *explicação***,** não vivenciamos o campo de possibilidades que é característico do modo ontológico, e compreensivo, de sermos. Não vivenciamos a implicação de momentos de vivência eu-tu possíveis e potentes. Não vivenciamos a inter ação, a ação, a atualização, que são característicos do modo es-tético de sermos, modo ontológico, ***compreensivo***, fenomenológico e-xistencial e dialógico.

## 2.5 Aporética. Aporia e Aporética do Conflito;

Um dos elementos característicos mais marcados da existência – e, por implicação, da concepção e da metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – é a sua qualidade ***aporética***.
Na verdade, esta ética, enquanto metodológica, vem já de Aris-tóteles, e é mediada pela leitura e resgate que dele faz na Modernida-de a psicoloogia do ato, de Brentano.
Pode-se evitar a aflição da estagnação do momento da ***aporia***, evitando-se a sua vivência, a vivência da aporia. O que significa a per-da do caráter produtivo da aporia, e a cronificação da aporia, do con-flito, e de sua aflição. Além da fragilização da vida.
Para além, no limite, da aporia está a *poiese*, a potência, o con-curso e a concorrência do possível, das possibilidades; a ação, a atuali-zação.
Tudo depende da **insistência, e da persistência, na vivência da aporia**, de seu inconveniente e aflição, nas suas intensidades próprias, e nas formas próprias de seu modo fenomenológico existencial dialógico.
A vivência afirmativa da aporia permite a abertura da experiên-cia e experimentação da vivência do possível, das possibilidades, e de sua atualização.
De modo que a *apor-ética*, o método *aporético*, é a disposição para privilegiar primaria e afirmativamente a vivência fenomenológico existencial dialógica da aporia, na intensidade e na intensificação próprias de seu momento, *momentum*.
A vivência da concentração da intensidade da aporia tipicamen-te conduz à superação de sua estagnação, ao restabelecimento do fluxo do possível, à abertura do campo de novas possibilidades.
A *aporética* se dispõe à afirmação da ação, à afirmação da po-tência do possível, e de seus desdobramentos, na ação. Até que esta ação encontre a sua limitação, a sua finitude, a sua aporia. Seja pelas finitudes de suas potências. Seja pelo concurso e concorrência de no-vas possibilidades. A insistência e a persistência na vivência da finitude da aporia, com suas implicações próprias, permite a abertura e emer-gência de novos campos de possibilidades, dando origem a novos pos-síveis, e a novas aporias, a serem experienciadas e experimentadas.
A instalação do conflito é a instalação, e a estagnação, de sua aporia: a instalação ôntica, factual, da aporia. Ou seja, a instalação da aporia no modo em que ela não pode efetivamente ser vivenciada, e resolvida, superada.

De modo que, quanto mais as partes conflitantes se recusem à experiência da vivência ontológica, fenomenológico existencial dialó-gica, da aporia de seu conflito, e dos fluxos de sua superação, mais o conflito, em sua coisificação, tende a se acentuar enquanto tal, a se cronificar, e a se instalar.
A *apor-ética* e o método aporético da concepção e da metodo-lógica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- se propõem, então, a reunir as partes conflitantes em um experiência vivencial – grupal, ou inter indivi-dual -- que permite a vivência afirmativa compartilhada da aporia con-flitual, em suas intensidades fenomenológico existenciais e dialógicas próprias. Possibilitando, assim a restauração do fluxo da vivência em di-reção aos limites da aporia, aos limites de sua superação, na produção criativa, pelo sistema e pelo processo grupal, das possibilidades alterna-tivas de sua superação, pelo conjunto do grupo como um todo, conjun-to que engloba as partes conflitantes, na encarnação estética de sua elaboração fenomenológico existencial dialógica.

**2.6 Hermenêutica do conflito.**

Para além de suas aporias, o conflito é prenhe de possibilidades.
Antes da abertura dos campos de possibilidades e de interpreta-ção de suas possibilidades, as próprias aporias são potências, são possi-bilidades, a serem fenomenológico existencialmente interpretadas. E só nesta forma fenomenológico existencial de sua interpretação elas po-dem ser afirmadas, e esvaídas, superadas. O que envolve o desloca-mento da mera experienciação de sua instalação ôntica, para a sua vivência estética, fenomenológico existencial dialógica. Vivenciadas as aporias, novas possibilidades podem emergir, e se oferecer ao proces-samento da interpretação, da heremêutica fenomenológico existencial.
Estas possibilidades são, assim, detonadas nos limites de suas apo-rias. São possibilidades a serem *fenomenológico existencialmente, esté-ticamente, interpretadas*, na medida de sua urgência e emergência, na medida de sua potência, *presença* e *atualidade*.
Dada a adequada ambiência, essas possibilidades podem ser *in-terpretadas* pelos próprios *agentes do conflito*. Na medida em que estes efetivamente puderem se constituir como tais – ou seja, como agentes. Ou seja, na medida em que puderem dispor do espaço e do tempo da experiência hermenêutica experimental em que se constitui a vivência.
É esta *interpretação*, fenomenológico existencial dialógica, das aporias do conflito, e das dinâmicas e fluxos de suas possibilidades, por parte de seus próprios agentes, que pode se constituir como um fluxo de atualização criativa do conflito, e que pode romper ou diluir, em su-

as possibilidades, as barreiras da instalação de suas aporias, da instala-ção de sua realidade; e conduzir o conflito para além de seu *status-quo*, na sua superação pela vivência da emergência e atualização.
A *Hermenêutica é a arte da interpretação*[2].
2 Palmer,
No caso, *interpretação compreensiva*, fenomenológico existenci-al, dialógica. Que é como se constitui o tempo característico da vivên-cia. A experiência da vivência fenomenológico existencial dialógica é a experiência da vivência de possibilidades e do desdobramento destas. Esta vivência de possibilidades e do seu desdobramento – proces-samento que é própria e eminentemente estético, *compreensivo*, *pré-reflexivo*, *fenomenológico existencial dialógico* – é o que entendemos como *interpretação*, e como *hermenêutica, compreensivas.*
Assim, quando propomos a experiência do grupo vivencial para as partes conflitantes, estamos oferecendo a oportunidade de uma ex-periência de saída da *realidade* e da *instalação*, da *factualidade* e da *fatalidade*, da aporia, do conflito, para uma experiência de diluição na hermenêutica de suas possibilidades ativadas, e em desdobramento.
De modo que, em termos essenciais, a experiência grupal feno-menológico existencial e dialógica é, própria e eminentemente, a expe-riência da vivência, individual e coletiva, do desdobramento de possibi-lidades -- no que entendemos como *ação*, como *interpretação fenomenológico existencial.*
O que define e caracteriza o espaço e o tempo, o processo, do grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico como espaço, tempo e processo eminente e especificamente *hermenêuticos.* O es-paço e o tempo, própria e especificamente, de uma *hermenêutica fe-nomenológico existencial dialógica*. *Compreensiva.* Não explicativa. *Implicativa.*
Aplicado assim à mediação e à facilitação da resolução de con-flitos, o grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico permite que as partes em conflito *interpretem* fenomenológico existencial e dia-logicamente o conflito. O que efetivamente os constitui como ***agentes*** *do conflito.*
Que podem, numa vivência compreensiva eminentemente her-menêutica, interpretar as suas aporias; ao tempo em que podem *inter-pretar, compreensivamente,* as suas possibilidades emergentes.

**2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, es-tético, fenomenológico existencial dialógico, e hermenêutico, para a facilitação da resolução de conflitos.**

A insistência e a persistência na vivência, no modo vivencial de sermos -- que é intrínseca vivência compreensivativa de possibilidades, e do desdobramento dessas possibilidades-- é a vivência *estésica*. É *es-tética*, fenomenológico existencial dialógica. É sensibilidade -- de corpo, de vivido e de sentidos -- e afetividade imediatas.
O termo *estésico* deriva do nome de um vento que sopra em de-terminada fase do ano, na Grécia. E que impulsiona as velas dos navios, que deixam assim os portos.
Os Gregos identificaram a força propulsiva do *estésico* à força propulsiva inerente e intrínseca ao modo fenomenológico existencial de sermos, modo, ontológico, modo vivencial de sermos, dialógico. **Que é todo ele impulsão:** a impulsão que é a da ***ação*** --, pela força propulsiva da vivência do possível, da vivência da possibilidade, da potência; que se desdobra, e se desdobra como ***ação***, ***atualização***.
De forma que este modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos – que é *estésico*, que constitui ***a vivência* estética,** que é ***es-tético*** -- é todo ele ação, atualização, na temporalização e espaciação de sua duração.
*Estésico*, e *estético* é, pois, o modo sensível e afetivo de sermos, o modo fenomenológico existencial dialógico, modo vivencial de sermos: e, integralmente, é intrinsecamente o modo de sermos da ação, da a-tualização.
Em sua potência propulsiva, de vivência momentânea e de des-dobramento de possibilidades, este modo ontológico de sermos poten-cializa-se como devir, como vir a ser, como ação, atualização -- indivi-dual e coletivamente. E como superação da aporia, a *porização*, o acesso, mais uma vez, à potência, à possibilidade, *vontade* de possibili-dade.
O Grupo Vivencial, assim como a sessão inter individual, vivencial, fenomenológico existenciais dialógicos, primam, conceitual, e metodo-logicamente, pela constituição, e priorização, da experiência e experi-mentalidade da vivência *estética* – fenomenológico existencial dialógi-ca como vivência grupal. Pela aporética estética, pela vivência estética de suas aporias, e do vir a ser das potências de suas supera-ções.
Conceitual, e metodologicamente, o Grupo Vivencial, e a sessão diádica – uma modalidade de grupo vivencial --, abrem mão de postu-ras *científicas*, de posturas *teoréticas*, de posturas *explicativas*, de postu-ras *moralistas*, de posturas *técnicas*, de posturas *pragmáticas,* de postu-ras *comportamentais*, de posturas *realistas*... Em privilégio de uma estética. Em privilégio da experiência e experimentação vivenciais, fe-nomenológico existenciais, dialógicas como experiência grupal.
Simplesmente porque os modos de sermos daquelas posturas não são da ordem do modo de sermos próprio e específico da ***compreen-***

***são*** e da ***ação*** (Modo de sermos *cum(a)preensão:* modo de sermos *com apreensão* da possibilidade e do seu desdobramento). Modo de sermos da vivência da experiência da possibilidade, da potência, do possível, da vontade de possibilidade, e do seu desdobramento, na ex-perimentação e experiência da *ação*, *atualização*. Modo de sermos da superação, da criação, da alegria.

Conceitual e metodologicamente, assim, o Grupo Vivencial, al-ternativamente, privilegia, abre-se, e cria condições, para a vivência estética fenomenológico existencial, dialógica -- o modo próprio de sermos no qual vivenciamos possibilidade, potência, devir, e o seu natu-ral desdobramento em ação.

De modo que são um espaço e tempo privilegiados para a vi-vência do *destravamento* do conflito, enclausurado em sua comporta-mentalidade e em sua teorética explicativa; para o destravamento de sua aporia, de sua instalação real.

Pela imersão em conjunto das partes conflitantes numa experiên-cia coletiva grupal. Que, pelo seu caráter fenomenológico existencial estético, aporético, se constitui, própria e especificamente, como uma vivência compartilhada de secretação compartilhada de possibilidades compartilhadas; e de secretação da ação, da atualização, que se constitui como devir da propulsão do possível, e da atualização, da a-ção; para além da instalação das aporias do conflito; para além de sua estagnação, e estanquização, dissolvendo a instalação realizada des-tas aporias nas possibilidades que podem emergir da vivência comparti-lhada da estética do conflito.

Assim, a vivência grupal fenomenológico existencial dialógica, gestáltica, rogeriana, é uma ambiência original e privilegiada para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.

Os grupos assim constituídos podem variar. Desde pequenos gru-pos diádicos – um facilitador, e um cliente --, passando por grupos com três ou mais participantes, com um facilitador; e grupos maiores, che-gando mesmo aos grandes grupos. Para cada um deles se providenci-am as condições adequadas para a instauração pontual e momentâ-nea da temporalidade e da espacialização de sua vivência estética, fenomenológico existencial, dialógica.

Desta forma, a concepção e a metodológica da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial dialógica – Gestal'terapia, A-bordagem Rogeriana – privilegiam o modo de sermos que potencializa naturalmente o modo ontológico de sermos de superação da aporia do conflito, e de sua instalação realizada. Privilegiam a elaboração, a prevalência, e o desdobramento, da vivência fenomenológico existen-cial, dialógica –, seja pessoalmente, inter individualmente, grupal, ou inter grupalmente.

Recusando-se, assim, ao privilegiamento -- na abordagem da pessoa, ou na abordagem do grupo, ou das relações inter grupais -- de uma abordagem teorética, ou científica, explicativa e moralista; recu-sando-se a uma abordagem técnica, recusando-se a uma abordagem comportamental, ou a uma abordagem pragmática; recusando-se a uma abordagem realista; a concepção e método da psicologia e psi-coterapia fenomenológico existencial – Gestal'terapia, Abordagem Ro-geriana – privilegiam, na vivência pessoal, na vivência inter pessoal, na vivência grupal, o modo ontotológico, o modo dialógico, o modo fe-nomenológico existencial de sermos.

O modo ontológico, modo dialógico, de sermos, é, própria e es-pecificamente, como vimos, o modo estético de sermos. O modo de sermos da experiência estética. Que é o modo de sermos da experiên-cia fenomenológico existencial, poiética: a experiência de vivência i-mediata de corpo e de sentidos, modo de sermos da sensibilidade e da afetividade, que é da ordem da experiência pré-reflexiva, e pré-conceitual, de vivência de possibilidades, e de vivência do desdobra-mento de possibilidades. No que entendemos como ação, atualização: poiese, poiética, *estética*.

De modo que, quando propomos a abordagem fenomenológico existencial dialógica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana, pa-ra a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos, propo-mos – à pessoa, ao grupo, aos inter grupos, -- um relativização da expe-riência da instalação ôntica -- não estética, não poiética, e não dialógica -- do conflito – ,uma relativização da experiência explicativa, do conflito, da experiência teorética, moralista ou comportamental do conflito. Propomos uma relativização da factualidade, e da fatalidade, do fatalismo, do conflito. E a imersão das partes conflitantes na experi-ência e experimentação dialógicas.

Trata-se de uma permissão, enquanto oportunidade de vivência, à momentaneidade da experiência e da experimentação de uma esté-tica do conflito.

Ou seja: propomos a permissão, como processo pessoal e grupal, à temporalidade da elaboração, pessoal, grupal, de uma situação e do processamento de uma vivência coletiva e individual, que privilegia, e se pauta, pela vivência do modo ontológico de sermos. Modo de ser-mos fenomenológico existencial, dialógico, poiético. Que, em sua vi-vência, é, eminente e ontologicamente, modo de sermos de vivência de possibilidade, e de vivência do desdobramento de possibilidades.

Propomos o processo hermenêutico de inter-pret-ação fenome-nológico existencial, dialógica, de inter-ação interpretativa, pessoal e/ou grupal: ação, atualização. Que -- à força da potência de sua *ven-tura estésica*, do seu devir, da *vida à ventura*, do possível, -- é sempre ***superação***.

Superação que pode, efetivamente, ser gestada, e efetivamente criada e vivenciada, pela(s) pessoas e pelo(s) grupo(s), pelas partes conflitantes. E que é superação -- movimentação pela potência da possibilitação, da atualização -- das aporias do conflito. Superação compartilhada do próprio conflito, em suas possibilidades, possibilita-ções, e devires. Deslocamento e diluição, em suas possibilidadese possi-bilitações, da realidade da instalação do conflito nas sua formas ônticas e factuais.

**2.8. O Grupo e o tempo;**

No essencial, a vivência grupal é a momentaneidade de um tempo. Da temporalidade ontológica, compartilhada, em sua inter ati-vidade implicativa, como experiência grupal.

À medida que, como experiência e experimentação grupais, so-bre o funcionamento ôntico explicativo – teorético, ou comportamen-tal, pragmático – diferencia-se e prevalece o modo compreensivo im-plicativo de vivência, fenomenológico existencial, dialógica, estética, e hermenêutica, instala-se como vivência a duração da temporalidade ontológica.

Que se configura como temporalidade das possibilidades, em seus intrínsecos desdobramentos: em suas intrínsecas atualizações. O tempo faz-se ao largo de sua condição cronométrica, e passa a ter a própria ação, a própria atualização, a própria temporalidade da vivên-cia do desdobramento das possibilidades, como indício, como referên-cia, e como critério.

O tempo ontológico é um tempo das intensidades, um tempo pautado pelas intensidades. Diferente do tempo cronométrico, que que é monótono e se pauta pelos limites e intervalos calculativamente defi-nidos.

O tempo ontológico fenomenológico existencial, dialógico, her-menêutico -- temporalidade estética -- violenta, diminui, sobrepassa, e dilui, os intervalos e os limites calculativos do tempo cronométrico.

A temporalidade ontológica é pulsativa, animado pela atualiza-ção das possibilidades. É o presente, a atualidade e a presença. E se esgota em sua atualização criativa, cedendo, mais um vez, lugar ao *e-terno retorno* do tempo cronométrico.

Assim, o tempo ontológico inexoravelmente destina-se no tempo cronométrico. Sua duração, não obstante, é antinômica e incompatível com os padrões calculativos e ônticos deste.

De modo que, constituir e elaborar a experiência e a experimen-tação do Grupo Vivencial é constituir e elaborar, atualizar, a vivência da momentaneidade de sua temporalidade própria. Que tem, dentro de limites razoáveis, critérios próprios de explicitação e de conclusão.

Ou seja, é preciso ter tempo, ôntico, disponível. A temporalidade ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, estética, e hermenêutica, ainda que possa se enquadrar em limites razoáveis, e careça desses limites, tem um tempo próprio de explicitação e de conclusão. Não pode, assim, ser simplesmente constrangida, inviabilizada, ou im-pregnada pelas demandas do tempo ôntico.
O grupo vivencial requer, assim, tempo disponível para a constitu-ição e experimentação de sua temporalidade própria.

## 3. O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;

Como tudo que é vivencia humana, o conflito tem o seu momen-to agudo, em que as possibilidades concorrem e competem como perspectivas originais, em atualização, na interação entre as partes conflitantes. Neste momento, o conflito é vivido ontológicamente, e pode afirmar-se enquanto tal, e vivencialmente escoar para sua natural superação e resolução.
Numa outra alternativa o conflito pode não se resolver em sua agudeza, e escoar para uma forma ôntica de sua experiência, na qual as instâncias e aporias do conflito se instalam factualmente, realizam-se, e cronificam-se. Nesta forma, o conflito é experienciado em sua inércia, na parali-sia inerte de suas instâncias e aporias, na paralisia de suas angústias, e afligências. Fora da poiese, e da ação, da atualização, fora da vivência do concurso e da concorrência de novas possibilidades, a experienciação do conflito sai da perspectiva compreensiva, e de sua intrínseca impli-catividade, podendo se instalar em suas modalidades ***ex-plicativas***, moralistas, teoréticas, científicas, técnicas, comportamentais, pragmáti-cas ou realistas**.**
Estas perspectivas explicativas apartam-se das perspectivas éticas fenomenológico existenciais empíricas e experimentais – poi-éticas, est-éticas –, na proporção direta em que se instalam. Buscam abranger o conflito reflexiva e conceitualmente, na ótica da busca, ou da pressu-posição, de verdades não compreensivas e não implicativas. Alheadas da vivência da efetiva condição dos agentes do conflito – os quais, a-penas, podem engendrar, pela sua ação, pelo engendramento e atua-lização das possibilidades do conflito, as verdades a ele pertinentes.

Assim, o predomínio -- que exclui as possibilidades da vivência on-tológica, estética, compreensiva, e dialógica –, o predomínio da expe-rienciação moralista -- que se esmera na pressuposição do verdadeiro, ao invés do empenho hermenêutico em sua criação --, nas suas formas teoréticas, explicativa e científica, constitui uma experiência improduti-va do conflito, que, cada vez mais, se atola na experiência ôntica de sua instalação.
Da mesma forma ocorre com a limitação do conflito a sua dimen-são comportamental. Dimensão esta desprovida das possibilidades da poiética de sua ação, no âmbito de sua vivência ontológica.
O modo comportamental em nossas vidas comporta a atividade padronizada e repetitiva, alheando-se do modo ontológico, fenomeno-lógico existencial, dialógico. Modo no qual podemos vivenciar e atuali-zar possibilidades, no qual efetivamente agimos. Tratar o conflito ao ní-vel meramente de sua comportamentalidade é garantir a sua repetição, e reforçar os elementos de sua facticidade, de sua instala-ção ôntica. O que, no limite, neste modo, pode ser resolvido, apenas, pela violência. Mais ou menos explícita.
Um engano, ainda, é uma abordagem pragmática do conflito. Enganadoramente, uma pragmática do conflito só pode ser estéril, e levar a um reforçamento de sua instalação, da instalação de sua inér-cia e paralisia. Uma vez que o que desloca o conflito de sua instalação -- pela diluição de sua realidade em suas possibilidades -- é a sua vivên-cia ontológica, fenomenológico existencial, dialógica e estética.
Vivência que disponibiliza a experiência e a experimentação do campo ontológico, dialógico, e estético das possibilidades.
A vivência ontológica é implicativa, eu-tu, como observamos: es-tá fora da dicotomização sujeito-objeto. Está também fora da ordem da causalidade. E, especialmente, até por isso, fora da dimensão dos úteis e da utilidade.
A vivência ontológica, em suas efetividades de produção e atua-lização de possibilidades, é da ordem do modo de sermos da ***inutilida-de produtiva e desproposital***...
Só assim se dá a vivência do campo das possibilidades, e o seu desdobramento, em ação; só assim se dá a dialógica, a estética, a in-terpretação compreensiva, a hermenêutica fenomenológico existenci-al, a criação, a superação...
A pragmática se pauta pela *prática*, pelo valor da prática, e da *ação funcional, adaptativa*. A prática se pauta pela *utilidade*, e pelo *princípio de sobrevivência*.
E tudo que não encontramos na vivência ontológica, fenomeno-lógico existencial, e estética, é a *utilidade*. Ainda que a vivência onto-lógica, estética, fenomenológico existencial e dialógica seja eminente-

mente produtiva, e criativa. Isso é o que significa dizer que ela é ineren-te e intrinsecamente *poiética* -- pela ação em que se configura a atua-lização, o desdobramento, de possibilidades. Poiese e criatividade estas que, produzem, inclusive, todos os úteis, e todas as utilidades. Que não se geram e regeneram na esfera da experiência ôntica de sua existên-cia. Mas se geram e se regeneram, própria e especificamente na vi-vência do modo ontológico de sermos.

De modo que a insistência no pressuposto pragmático da utilida-de, e da funcionalidade, na metodologia para a resolução do conflito é insistir no encerramento dele nas formas ônticas de sua instalação, pe-la interdição da possibilidade de sua vivência produtiva e criativa.

Quanto à *funcionalidade*, é evidente que o que almejamos não é a funcionalidade do conflito, mas, mais propriamente, o que almejamos é a sua disfunção, superação e resolução. Pela força de seus possíveis.

Esta disfunção do conflito decorre da diluição da instalação de sua realidade, da realidade de sua instalação ôntica, na elaboração e atualização de suas possibilidades, das possibilidades que se geram e regeneram na vivência de seu modo dialógico, estético, fenomenoló-gico existencial e dialógico.

Um outro aspecto extremamente importante quando considera-mos a vivência ontológica fenomenológico existencial, é que estamos tratando sempre, na momentaneidade do modo de sermos desta vi-vência, de vivência de possibilidade, e vivência do desdobramento de possibilidades. O possível é antinômico com a vivência do real, que a ele se contrapõe. Na verdade, o possível atualizado se constitui em rea-lidade, realiza-se. De modo que o acesso ao campo das possibilidades, como vivência ontológica, exige que nos descolemos da vivência do real, para desfrutarmos, especificamente, da vivência da possibilidade e de sua atualização, que constitui a ação.

Ontológicamente, não somos seres do real, mas seres da possibili-dade. A realidade é progressivamente inóspita para o humano, como observou Heidegger, até que ele possa experimentar e inspirar na fonte do possível. De modo, que, ao contrário do que possa parecer, uma postura realista não condiz com a postura da vivência grupal, da mesma forma que não convém com a postura da mediação e facilitação fenomeno-lógico existencial dialógica da resolução de conflitos.

Poder-se-ia dizer antão: e é uma postura irrealista, então, que é pertinente? Não exatamente isto. À medida em que se começa a insis-tir, e começa a persistir, enquanto experiência grupal, a vivência feno-menológico existencial, esta começa progressivamente a caracterizar-se como a vivência ativa, produtiva; como a vivência da ação, como vivência de possibilidades e da atualização de possibilidades. Que des-loca-se do que podemos entender como experiência da realidade, pa-

ra caracterizar-se, cada vez mais, como vivência poiética, vivência estética, fenomenológico existencial dialógica, que se constitui muito mais como vivência de possibilidade, e de sua atualização; do que como vivência da realidade.

O conflito é sempre um momento particular da vida pessoal, da vida inter pessoal, grupal e inter grupal. Sua evidência, sua explicitação, sua superação, e resolução são evidências de saúde psicológica e so-cial. Mas o conflito é um momento, um *momentum*, dos fluxos da exis-tência pessoal, um momento dos fluxos das relações interpessoais, gru-pais, e inter grupais. Sua progressiva realização, e instalação, trazem consigo o sofri-mento, e a redução desta vitalidade. Esta instalação se dá na medida em que a experiência das partes conflitantes, em sua individualidade e em seu conjunto, se detém e se demora na experiência de seu modo ôntico, de seu modo factualizado, fatal, acontecido; eximindo-se, ou se privando, das formas, formações, performações, figurações, atualiza-ções, criatividade, do modo de sua vivência ontológica, de sua vivên-cia estética, fenomenológico existencial, dialógica.

A concepção e a metodologia de mediação, e da facilitação da resolução de conflitos das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais empenham-se no sentido da criação de condições pesso-ais, interpessoais, grupais, inter grupais, para a respectiva vivência atual da experiência do conflito em sua forma ontológica, em sua forma fenomenológico existencial, dialógica.

Esta vivência permite a vivência do conflito ao modo de sua ex-periência estética, vivencial – corpo, vivido, sentidos --, criativa. O que permite a vivência pelos participantes, e conjuntos destes, das elabora-ções e desdobramentos fenomenológico existenciais dialógicos das possibilidades da tensão e da situação conflituosa. E, com isso, a disso-lução em suas possibilidades da fatalidade e da instalação do conflito. E a sua superação.

**BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA**

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

PALMER, R. HERMENÊUTICA.

# 10. A EXPLICAÇÃO &A IMPLICAÇÃO COMPREENSIVA.COMPREENSÃO IMPLICATIVA. INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA. COMPREENSÃO INTERPRETATIVA. AÇÃO. COMPREENSIVAÇÃO.

**Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo.***

*O que o poeta quer dizer*
*no discurso não cabe*
*e se o diz é pra saber*
*o que ainda não sabe.*

**Ferreira Gullar**.
***A Não Coisa***.

Conteúdo

**CONCLUSÃO. 146**

**INTRODUÇÃO 148**

**1. O EXPLICATIVO I. CONSCIÊNCIA REFLEXIVA. 155**

**2. O EXPLICATIVO II. COMPORTAMENTO 156**

**3. IMPLICATIVO I. AÇÃO. A CONSCIÊNCIA DO ATOR. 157**

**4. IMPLICATIVO II. AÇÃO. POSSIBILIDADE. 158**

**5. IMPLICATIVO III. AÇÃO. INTENSIONALIDADE. 159**

**6. IMPLICATIVO IV. AÇÃO. PLEXO DE POSSIBILIDADES. 160**

**7. IMPLICATIVO V. AÇÃO. PLEXO. IMPLEXAÇÃO. IMPLICAÇÃO. 161**

**8. IMPLICATIVO VII. AÇÃO. COMPREENSÃO. 162**

**9. IMPLICATIVO VIII. AÇÃO. FENÔMENO. FENOMENO LOGOS. FENOMENOLOGIA. 163**

**10. IMPLICATIVO IX. AÇÃO. INTER-PRET-AÇÃO, COMPREENSIVA. 164**

**11. IMPLICATIVO X. AÇÃO. ESTÉTICA. 165**

**12. IMPLICATIVO XI. AÇÃO. POIESE. POIÉTICO, POIÉTICA. 166**

**14. IMPLICATIVO VI. AÇÃO. GESTALT. 167**

15. IMPLICATIVO XII. AÇÃO. PERFAZIMENTO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICO, COMPREENSIVO, IMPLICATIVO DA AÇÃO. PERFORMAÇÃO. PERFORMANCE. 168

16. IMPLICATIVO XIII. AÇÃO. TRÁGICO. A IMPLICAÇÃO, A AÇÃO, É TRÁGICA. 170

17. IMPLICAÇÃO. AÇÃO. 171

18. IMPLICATIVO XIV. AÇÃO. IMPLICAÇÃO. IMPLEXAÇÃO. PERPLEXIFICAÇÃO. PERPLEXIDADE. 172

19. IMPLICATIVO XV. AÇÃO. EMOÇÃO 173

20. IMPLICATIVO XVI. AÇÃO. O PRESENTE, A ATUALIDADE. IMPLICAÇÃO, AÇÃO. O ACONTECER. 174

21. IMPLICATIVO XVII. AÇÃO. PATHOS, EMPATIA, PATHÉTICA. 175

22. IMPLICATIVO XVIII. AÇÃO. EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA. 176

23. IMPLICATIVO XIX. AÇÃO. EMPIRISMO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL IMPLICATIVO 178

24. IMPLICATIVO XX. AÇÃO. ARGUMENTATIVIDADE E APORIA DAS POSSIBILIDADES. O MÉTODO APORÉTICO. 179

25. IMPLICATIVO XXI. AÇÃO. DIALÓGICA. 180

26. IMPLICATIVO XXII. AÇÃO. IMPLICAÇÃO. ONTOLOGIA. PECULIARIDADE ONTOLÓGICA DO SER HUMANO: SER ONTOLÓGICO. 181

27. EXPLICATIVO 3. INAÇÃO. A COISA, E A RE-FLEXÃO SOBRE A COISA. A MERA RE-PETIÇÃO DA COISA. 182

28. EXPLICAÇÃO. INAÇÃO. REFLEXÃO – TEORIA. 183

29. EXPLICAÇÃO. INAÇÃO. COMPORTAMENTO. COM-PORTAMENTO. O COMPORTAMENTO É EXPLICATIVO. 185

CONCLUSÃO. 186

## CONCLUSÃO.

### Implicação, Consciência e intensionalidade pré-reflexivas. Compreensão gestáltica. Aporia. Aporética. Argumentatividade. Ação. Interpretação.

A *implicação* -- que caracteriza a vivência no modo fenomenológico existencial de sermos -- dá-se como vivência, como consciência, pré-reflexiva da tensionalidade, da intensionalidade, do compreensivo desdobramento de possibilidades: do compreensivo desdobramento da ***ação***; ou seja, a vivência da implicação dá-se como vivência compreensiva do desdobramento de *gestalts¸* da vivência compreensiva do desdobramento da dominância da multiplicidade, de um *plexo,* de possibilidades.

Consciência pré-reflexiva, pré-teorética; e pré-comportamental, esta vivência da implicação se constitui assim como *compreensão.* A compreensão é a constituição como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, da dominância de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades. É, pois, aspecto cognitivo do desdobramento da ação, do desdobramento de possibilidades.

A compreensão é especificamente *gestáltica.* Na (des)medida em que se dá sempre como a totalidade significativa, compreensiva, que é diferente da soma de suas partes. E é vivenciada inicialmente como uma totalidade de partes, que só sucessivamente se configuram paulatinamente como tais.

Originaria e primitivamente, portanto, a consciência implicativa -- compreensiva, Gestáltica -- se dá, intuitivamente, como consciência pré-reflexiva, da dominância da atividade do *plexo* de possibilidades, na medida em que é vivenciada como totalidade significativa, anteriormente à configuração compreensiva paulatina das partes, que re-formam, agora como coisa, possibilidade desdobrada, exaurida, realizada, a totalidade, a gestalt, atualizada.

O desdobramento gestáltico da dominância das possibilidades, da ação, é o que entendemos como *Implicação, e* como *Interpretação.* No caso *Interpretação compreensiva*, implicativa*.* É a consciência da ação, e do ator.

Pro**jet**ativo. E não sub**jet**ivo, nem ob**jet**ivo.

Implicação, e não explicação. Interpretação própria e especificamente compreensiva, fenomenológico existencial, e não a interpretação explicativa.

Na vivência gestáltica da ação, e enquanto *sentido,* própria e especificamente, enquanto *logos, dia-logos, fenômeno-logos,* em sua intrínseca multiplicidade, pluralidade, implicativas, as possibilidades competem argumentativamente umas com as com outras, se desdobram, se atualizam. De um modo tal que as possibilidades se limitam entre si. Impondo-se aporias uma às outras.

**A aporia é o limite do fluxo do desdobramento da força da possibilidade.**

No limite, na aporia, emergem outras possibilidades, outras implicações, que, logos, sentido, compreensivas, argumentam, competem, e limitam-se entre si. Até que as mais potentes plasticamente imponham os seus desdobramentos dominantes.

## INTRODUÇÃO

De uma perspectiva fenomenológica e existencial, em termos da experiência de nossos modos de ser, temos duas alternativas, basicamente. Duas alternativas de modos de sermos que ontologicamente se alternam, regularmente. Uma ensejando a alternância da re emergência da outra.

São elas:

(a) A experiência de um **modo *explicativo*** de sermos**;**

(b) E a experiência e **experimentação** -- a **ação,** e **interpretação** (*Compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica*) -- do **modo *implicativo,*** modo, ***compreensivo,*** de sermos***.*** **Fenomenológico, existencial, e dialógico.**

Estes modos de sermos definem-se, enquanto tais, pela experiência e experimentação particular e própria de cada um deles,

(1) No modo ***Explicativo*** de sermos:

**(a)** a **experiência *reflexiva – Teorética.* O modo de sermos, a consciência e *a experiência do Espectador.*** E,

**(b)** a **experiência *comportamental***.

(2) No modo ***Implicativo*** de sermos**: a experimentação da vivência compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, hermenêutica, e experimental, --** que é experimentação **pré-reflexiva, e pré-comportamental. A experiência e experimentação da ação, do desdobramento de possibilidades, da atualização de possibilidades. Desdobramento este que se constitui como compreensão, como a experiência e a experimentação da *ação compreensiva*.** Experimentação esta, vivência, que é anterior ao modo *explicativo de sermos:* ou seja: que anterior, mais originária do que o modo teorético, reflexivo, de sermos; e do que o modo comportamental, de sermos.

Algumas características básicas são naturalmente próprias e inerentes à vivência do modo ***implicativo*** de sermos. Modo de sermos, como observamos, compreensivo, fenomenológico e existencial. Que é vivência da força plástica de possibilidades, do desdobramento de possibilidades, vivência fenomenológico existencial, dialógica, do que chamamos de **Ação. *Implicação.***

(1) Assim, a vivência implicativa é vivência do desdobramento de possibilidades. A vivência fenomenológica, *implicativa,* é própria e especificamente ativa, atualizativa. É, própria e especificamente, a ***ação.*** Por ser especificamente vivência de possibilidade, e do desdobramento de possibilidade; o que responde por seu caráter fenomenológico existencial hermenêutico; intuitivo, *estético,* e *poiético.*

(2) O caráter ***compreensivo*** do modo implicativo de sermos.
A vivência fenomenológica existencial, ***implicativa,*** é ***compreensão.***

Na medida em que a vivência de possibilidade, implicativa, **intrinsecamente** se constitui como **consciência pré-reflexiva, como *sentido*, como logos: fenomeno logos**.
Esta constituição da vivência do desdobramento de possibilidades, da ação, como consciência pré-reflexiva, dionisíaca, é própria e especificamente, o que chamamos de ***compreensão***. O modo fenomenológico e existencial de sermos, **ativo**, **implicativo**, no seu intrínseco aspecto cognitivo, é, especificamente, ***compreensão;*** é ***compreensivo.***

De modo que a ***compreensão*** significa que, neste modo de sermos, a vivência de possibilidade e do desdobramento de possibilidade, a ação, que lhe é intrínseca e característica, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológica. A possibilidade, em seu desdobramento ativo, e *motivo*, *emotivo,* é ***preendida*** como consciência pré-reflexiva. Neste modo de sermos, a possibilidade é *apreendida* como consciência pré-reflexiva. Este modo de sermos é, assim, um modo de sermos *com(a)preensão* da possibilidade em seu desdobramento como *consciência pré-reflexiva*. O modo de sermos *com(a)preensão*, modo de sermos da *compreensão*, o modo *compreensivo* de sermos.

(3) O caráter própriamente ***implicativo*** deste modo compreensivo de sermos. O caráter implicativo deste modo fenomenológico existencial de sermos da ação, da compreensão. O que, própria e especificamente, quer dizer: o seu caráter ***gestáltico.***
**Na medida em que a vivência fenomenológica, -- ativa, implicativa, compreensiva -- se constitui compreensivamente, e de um modo intrínseco, como *vivencia ativa do desdobramento de um plexo (de uma multiplicidade) de possibilidades.* Possibilidades estas que se organizam em sua vivência compreensiva, a cada um de seus momentos, segundo uma dominância de seu conjunto, ativa e compreensivamente, assim, como *gestalt*, como *gestaltação*.**

**Assim, o gestáltico desdobramento de possibilidades, que se dá implictivamente,** a vivência fenomenológica existencial, é, própria e eminentemente, ação. É, própria e especificamente, compreensiva.
***Implicativa. Compreensiva. Gestáltica.***

Não é *explicativa* (como explicativa o é a experiência teorética, e a experiência repetitiva e padronizada do modo de sermos do comportamento...).

(4) Na vivência momentânea da experiência e da experimentação da ação, assim – fenomenológica e existencial, ativa, implicativa, compreensiva, hermenêutica, gestáltica --, a vivência de possibilidades e do seu desdobramento, a vivência da ação, dá-se sempre como a vivência da dominância de um conjunto múltiplo de possibilidades – de um ***plexo* de possibilidades – sempre.**

O conjunto da multiplicidade de possibilidades da vivência do ***plexo gestáltico***

***de possibilidades*, se organiza como uma *dominância*[5].** Esta dominância das possibilidades do ***plexo gestáltico de possibilidades determina a linha e o curso, percurso, da ação. Implicativa: inplexativa.***

***Ação que é espontânea, e despropositал, ativa, compreensiva, experimental...***
**Relação eu-tu, fora – anterior e mais originária -- do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; fora também -- anterior e mais originária -- do modo de sermos da causalidade; e fora do modo de sermos da utilidade, dos úteis e da utilização.**

(5) A afirmação vivencial, compreensiva, do desdobramento da dominância despropositativa da ação fenomenológica, gestáltica, implicativa, é o que constitui o seu caráter ***experimentativo, experimental,*** no sentido própria e especificamente fenomenológico existencial.
É, pois, o investimento na tentatividade, e no risco, e no riso, da incerteza deste caráter da implicação -- despropositал, implicativo, compreensivo, hermenêutico --, da ação e da vivência fenomenológicas, que constitui o caráter experimental da ação, e da interpretação compreensivas, fenomenológicas.

(6) Como eminentemente ativa, enquanto vivência de possibilidades, vivência do desdobramento de possibilidades, ativa, compreensiva, implicativa – diferentemente dos modos ***explicativos*** da *teorização*, e do *comportamento* –, a vivência fenomenológica é movimento, é *moção. É emoção.* É, sempre, a sensibilidade, o *pathos* (no sentido Grego), emocionados. Constitui-se, sempre, assim, como movimento, como *moção*, e como ***emoção***. E como ***motivação.***

A vivência fenomenológica, pré-reflexiva, é moção, ativa, compreensiva, implicativa, é *moção,* é movimento, é emoção, é motivação.

(7) Dadas estas características de *moção*, de desdobramento compreensivo de forças, de possibilidades, de ação -- diferentemente do que ocorre no modo teorético, e no modo comportamental de sermos, explicativos -- a vivência do modo fenomenológico de sermos, implicativo, é *tensão*, é *tensional*.
A instantaneidade momentânea de sua vivência é, portanto, *intensional.* É o modo *tensional, intensional,* de sermos.

(8) Caracteristicamente, a momentaneidade instantânea da vivência deste modo intensional de sermos se dá como a vivência do modo de sermos no qual somos, devimos, anteriormente ao modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto.

O Modo fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, intensional, é, assim, um modo de sermos não só pré-reflexivo, mas própria e especificamente, pré-objetivo e pré-subjetivo; pré-intersubjetivo, naturalmente, também. Na medida em que é um modo de sermos que se constitui, enquanto tal, como ***projeto***. Anteriormente às condições do ***subjeto,*** e do ***objeto.*** Anteriormente à dicotomização sujeito-objeto.
Este modo de sermos, não obstante, se dá, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto, como **tensão da dialógica *eu-tu.***

5

Tensão esta que não é dicotomia sujeito-objeto.
A dualidade da dialógica eu-tu se dá como *acontecer – projeto* e *projetação do dialógico desdobramento de possibilidades*. E a dicotomia sujeito-objeto é da ordem do *acontecido* – ou seja, é posterior ao acontecer da ação, como desdobramento compreensivo, implicativo, de possibilidades.

(9) Da mesma forma que, enquanto modo compreensivo de sermos do desdobramento de possibilidades, o modo implicativo, fenomenológico e existencial, de sermos, por ser vivência de desdobramento de possibilidades, está fora das relações de causa e efeito.
Na vigência de sua momentaneidade instantânea, não vigoram as relações de causa e efeito, mas o desdobramento da ação, da atualização experimental, despropositał e hermeuticativa.

(10) Fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o modo *implicativo* de sermos está igualmente fora – anterior e mais originário -- das relações de uso, e de utilidade. Dá-se como modo intuitivo de sermos da inutilidade.

(11) A vivência da ação, fenomenológica, compreensiva e implicativa, é **despropositał**. Na medida em que é desdobramento de possibilidades, que, na arguta observação de Buber, *não sou eu que crio, mas que não acontecem sem mim...*
Possibilidades que, compreensivas, partem, emergem, de níveis pré-compreensivos da vivência fenomenal.

Assim, ainda que seja eminentemente *ativa,* eminentemente *ação*, cognitivamente compreensiva, a ***implicação*** é modo de sermos da *ação despropositał*; modo de sermos *despropositativo, acausal, e que se dá num modo de sermos fora da objetividade, e da subjetividade, da dicotomia sujeito-objeto -- da intersubjetividade, também.* Da mesma forma que se dá fora das relações de causalidade.

A **vivência** fenomenológica da possibilidade em seu desdobramento constitui-se *compreensivamente*, como sentido, como *fenômeno*, como *logos*, como *fenômeno logos,* vivência, ao modo de sermos, própria e especificamente, da consciência pré-reflexiva. De um modo tal, que vivenciamos compreensivamente, como logos, como sentido, a ação da possibilidade em seu desdobramento – não subjetivo, não objetivo, não inter-subjetivo.

Na vivência fenomenológica, as possibilidades não se dão unitariamente, mas como *totalidades significativas*. Compostas estas de conjuntos de partes; cada uma delas também constituídas, igualmente, por seu turno, como outras tantas *totalidades significativas.* Estas *totalidades significativas* são o que designamos por *Gestalts*[6].

[6] *Gestalten.*

As Gestalts se dão, assim, compreensivamente, como totalidades vivenciativas de sentido.

Totalidades nas quais, na vivência do desdobramento da atualização de suas possibilidades, o *todo é diferente da soma das partes.*

E como totalidades significativas que, própria e especificamente, aparecem antes enquanto tais, como *totalidades*; só então se dando, paulatinamente, a seguir, a explicitação figurativa, a atualização, de suas partes.

As possibilidades que constituem as totalidades significativas, as gestalts, são forças. Dotadas de uma intensidade plástica, de uma intensidade própria de plasmação.

É interessante, assim, notar o caráter especificamente plástico da intensidade da força em que se constitui como possibilidade. Intensidade plástica esta que se constitui, vivencialmente, como ação gestáltica compreensiva, implicativa; e que, também, pode se prolongar como ação muscular, ação somática, material. Não só da dimensão modo vivencial de sermos, mas ação no mundo material.

Na instantaneidade momentânea da vivência fenomenológica, e existencial, as possibilidades, múltiplas, se constituem como Gestalts, totalidades significativas ativas, totalidades ativas de sentido, no fluxo de seu desdobramento.

Vivências de totalidades de sentido, estas Gestalts competem entre si. Dialogam, na verdade argumentam entre si, na vivência. De modo que as mais intensamente plásticas se afirmam progressivamente, em consonância com a intensidade própria da instantaneidade de sua momentaneidade argumentativa.

As totalidades significativas, as Gestalts, são assim *plexos*, articulações múltiplas, compreensivas, ativas, argumentativas, de outras Gestalts possibilidades, que se explicitam, figuram, paulatinamente, segundo as intensidades plásticas de suas forças, na sequência de suas *argumentações*.

De forma que, na vivência do modo gestáltico de sermos, modo de sermos fenomenológico existencial, e dialógico, *implicativo,* estamos na vivência gestáltica da multi**PL**icidade constituinte de um ***PL****exo* de possibilidades em desdobramento. Um **PL**exo que não é apenas **PL**exo, *cum-**PL**exo*, mas que – ação, movimentação, moção, emoção, motivação – é, própria e eminentemente, *per-**PL**exo, per-**PL**exidade, per-**PL**exificação*. Na medida em que é ação, moção, movimentação, moção, emoção, das articulações possibilitativas e argumentativas das possibilidades partes, gestálticas, constituintes das gestalts mais abrangentes, enquanto totalidades significativas.

A vivência desses plexos que são as Gestalts é, portanto, *implexa,* é *implexativa.* E é isso que significa que este modo de vivência é o modo de sermos da *imPLicação.*

A vivência fenomenológica existencial e dialógica tem assim a *implicação* como uma de suas características fundamentais. Na medida em que a vivência fenomenológica existencial é vivência eminentemente gestáltica, ação gestáltica.

Que, própria e especificamente, é a vivência perplexa do trânsito de plexos, múltiplos, de possibilidades. Organizadas estas, de acordo com suas dominâncias, em totalidades significativas, compreensivas. Que aparecem, antes, como tais, como totalidades significativas, constituídas de partes, igualmente significativas. Mas que só paulatinamente se explicitam figurativamente, a seguir, sucessiva, e argumentativamente, num processo de formação de figura e fundo.

Estar na momentaneidade instantânea ativa, atualizativa, desta vivência compreensiva -- fenomenológico existencial, dialógica, gestáltica, *pléxica* -- é o que é a ***implicação***, *implexação*. É o que, como devir, é estar ***implicado.*** *Implexificado.*

*Cum-plexo*, sem dúvida, mas, sobretudo, ***perplexo***.

## CUMPLICIDADE E DRAMÁTICA DA PERPLEXIFICAÇÃO DA CUMPLEXIDADE (E UM GUIA PARA OS CUMPLEXOS)

Perplexai-vos perplexai-vos

Não o permitais
jamais
Que vos paralize
O cumplexo

É moção é moção é moção emoção

É ação, motivação

Moção Per-multipliperpl(i)xidade
Per-multi-perplexificação

É drama é ato

É ação. É moção é moção é moção

É fazer e per-fazer o per-feito

Num é *feito*

É ato

Num é fato

(Comendo um guizado de bode,
no Bodódromo de Petrolina)

## 1. O EXPLICATIVO I. Consciência Reflexiva.

### Representação – re-apresentação. A consciência no modo teorético de sermos. A Consciência no modo de sermos do espectador.

No modo ***explicativo*** de sermos vigora a condição, a consciência, do ***espectador*****.**

No modo ***implicativo*** de sermos somos ativos, somos *atores,* especificamente. No modo implicativo vivenciamos, portanto, a condição, a consciência, intuitiva, pré-reflexiva, de ***ator***.

Isto porque, no modo implicativo de sermos -- no modo de sermos do ator, da ação -- implicativa, e compreensivamente, vivenciamos *possibilidades*, e o desdobramento compreensivo intrínseco dessas possibilidades. Isto é que é a ***ação,*** propriamente dita. No modo implicativo de sermos, somos, portanto, *atores*, e ação, especificamente.

No modo *explicativo* de sermos somos espectadores, não somos atores. Porque o modo explicativo de sermos não é o modo de sermos em que vivenciamos a ação. Não é o modo de sermos em que vivenciamos possibilidade, e o desdobramento, em ação, de possibilidades. No modo explicativo de sermos, somos espectadores. E é isto exatamente que é o significado de *teorético.* A inatividade da *contemplação.*

A ação, no modo implicativo de sermos, é o processamento do *acontecer.* É o *Acontecer.*

Em seu *decaimento* (Heidegger), no percurso do acontecer, a possibilidade perde em força de possibilidade, e se coisifica paulatinamente, *cura* (idem), à medida que se constitui como *coisa.* A *coisa*, o *ente*, é o *acontecido.* O *passado.*

Na experiência e experimentação do modo de sermos implicativo, do acontecer, da ação, não vivenciamos a fragmentação da dicotomia sujeito-objeto. No modo de sermos, acontecido, do explicativo, o ente, a coisa constituída, se dá como objeto, e podemos contemplá-la como sujeito. O conhecimento, neste caso, já não é mais vivencial, implicativo, ativo. Mas é teorético, explicativo, representativo, *reflexivo.*

Na medida em que um sujeito re-flete, re-pete, re-incide, na *possibilidade acontecida*, no *acontecido* -- constituído e instalado como coisa, como objeto; constituído e instalado como ente, como coisa, do mundo material; ou como, ente, coisa, e objeto, psicológico (Buber[7] diria que *o conceito é o 'isso' do pensamento*) --, a possibilidade já não se ***apresenta***, original e originariamente, no seu desdobramento. Mas se ***re(a)presenta****, reflexivamente*, como coisa material, ou conceitual. Agora, já não mais no desdobramento de sua vivescência potente, como acontecer, mas como coisa,

[7] BUBER, MARTIN

acontecida, como ente, como objeto. Não mais como possível, possibilidade, potente, em desdobramento, no vir a ser da ação.

O modo explicativo de sermos, portanto, é o modo teorético de sermos; é o modo de sermos da reflexão, e da representação, o modo de sermos da contemplação do acontecido, da re-apresentação. O modo de sermos **não do ator e da ação, mas o modo de sermos do espectador.** O modo *não implicativo* de sermos.

## 2. O EXPLICATIVO II. Comportamento

### O modo comportamental de sermos; a dimensão da atividade padronizada e repetitiva; a desconscienciação;

Além do modo teorético de sermos, o modo não implicativo de sermos, o modo *explicativo* de sermos, comporta também o *comportamento.* O *comportamento* é explicativo meramente porque não é implicativo. Está fora do modo implicativo de sermos, é *explicação,* é *explicativo.*

A atualidade, a ação, a presença, pré-reflexivas, próprias ao modo implicativo de sermos; e a reflexão, característica do modo teorético de sermos, se constituem, ambas, como formas de cognição, como formas de consciência. Formas distintas de consciência, mas formas de consciência: numa a consciência implicativa, pré-reflexiva, do ator; na outra a consciência explicativa, reflexiva, do espectador. Mas formas, ambas, de consciência, de cognição, de conhecimento.

No modo implicativo de sermos, a compreensão, como modo de consciência característico da ação. A consciência fenomenológico existencial, e dialógica, despropositál, intuitiva, apresentativa.

No modo explicativo de sermos, a consciência teórica, conceitual, reflexiva, e re(a)presentativa, propositál, do espectador.

Não é uma forma de consciência que caracteriza o modo explicativo de sermos do *comportamento*, não é uma forma de cognição, uma forma de conhecimento. O comportamento, como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva é, mais propriamente, uma forma de *desconcienciação*. A *atividade padronizada e repetitiva* caracteriza o comportamento. Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, portanto, menos consciente.

Desconcienciação -- à medida que se desenvolve o seu caráter padronizado e repetitivo -- o comportamento, ex-plicativo, não é o modo de sermos da ação. Comportamento não é ação (Arendt). Não é a implicação vivencial, impregnada de consciência pré-reflexiva, que se constitui como vivência do desdobramento de possibilidades, na performação da ação.

O comportamento, assim, não é implicativo, é *explicativo,* porque se dá fora do modo implicativo de sermos.

## 3. IMPLICATIVO I. Ação. A consciência do Ator.

### Consciência Vivencial Pré reflexiva, e pré comportamental, fenomenológica, existencial, e dialógica. A consciência no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos; Ação -- a consciência, a vivência fenomenológica, experiência e experimentação do ator;

Dilthey[8] distingue a ***consciência compreensiva,*** da ***consciência explicativa***; a ***compreensão*** – como ***vivência*** --, da ***explicação***; os modos de sermos da ***interpretação compreensiva,*** e o modo de sermos da ***interpretação explicativa***.

O modo implicativo de sermos, pré-reflexivo -- fenomenológico existencial e dialógico --, é, própria e especificamente, ***compreensivo***.

Isto quer dizer que, no modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, a vivência do desdobramento de possibilidades se constitui, é ***preendida*****,** é ***apreendida,*** como consciência – consciência pré-reflexiva, e pré-conceitual, pré-teorética, pré-comportamental.

O modo implicativo de sermos é um modo de sermos, assim, *com(a)preensão*. É o modo de sermos da ***compreensão****,* o modo ***compreensivo*** de sermos. A compreensão caracteriza o modo implicativo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos.

Dilthey designa a compreensão, e este modo implicativo de sermos, como ***vivência****.*

A *vivência* é o modo fenomenológico existencial, dialógico, e ontológico de sermos. Modo implicativo e compreensivo de sermos. A vivência se constitui especifica e intrinsecamente em consciência – consciência compreensiva, compreensão. E em vivência do desdobramento de possibilidades: que é a ação. Ação, a vivência fenomenológico existencial e dialógica, concomitantemente, se constitui, assim, como compreensão, ação, atualização. Como a consciência do ator.

A consciência vivencial, compreensiva, fenomenológico existencial, dialógica, é **pré-reflexiva, pré-conceitual, e pré-comportamental**. Na medida em que é um modo de sermos que se dá anteriormente ao modo de sermos da reflexão, e ao modo de sermos do comportamento. Ainda que a eles se destine.

[8] Dilthey, W.

Assim, o modo de sermos do *comportamento,* da atividade padronizada e repetitiva, também se constitui posteriormente ao modo compreensivo de sermos. Assim, este modo compreensivo, vivencial, além de pré-reflexivo, é pré-comportamental.

Como vimos, assim, o modo compreensivo de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, é o modo de sermos do ator, modo de sermos da ação, na medida em que é modo de sermos da vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades.

## 4. IMPLICATIVO II. Ação. Possibilidade.

### A intrínseca impregnação pela possibilidade, pelo desdobramento compreensivo, implicativo, da possibilidade, da vivência pré-reflexiva; a possibilidade em desdobramento: Ação.

O modo fenomenológico existencial de sermos, implicativo, compreensivo, pré-reflexivo, pré-conceitual, ontológico; e, ainda, pré-comportamental; é, na duração de sua momentaneidade instantânea, todo ele ***Ação***.

Ou seja, é assim, este modo de sermos, porque todo ele é impregnado pela possibilidade. A vivência de possibilidade é a vivência de força, que somente existe no seu exercício e desdobramento. Força que é, assim, a possibilidade é, sempre, desdobramento. E é este desdobramento da possibilidade que é a ***Ação***. Por um momento, esqueçamos assim o sentido vulgar do termo *possibilidade.* No sentido que aqui nos referimos, *possibilidade* é toda a força daquilo que pode acontecer, enquanto vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica – enquanto ***Ação***.

Intrínseca e inerentemente, a ***Ação***, o desdobramento de possibilidade, se constitui como consciência pré-reflexiva; como consciência compreensiva, fenomenológica, existencial, dialógica; como compreensão. E é, eminentemente, da ordem da *implicação.* A vivência do processamento da ação, como desdobramento de possibilidade, é, sempre, assim, *implicativa*, e *compreensiva*.

A ***Ação*** pode ser:
(1) ***meramente*** – simplesmente -- ***compreensiva***, ou
(2) ***compreensiva* e *somática, musculativa, material***.

É ***meramente compreensiva****,* quando se dá como desdobramento de possibilidade ao nível meramente da compreensão. Não implicando em musculação significativa.

E é ***compreensiva e somática, musculativa*** quando, desdobramento, implicativo, compreensivo, de possibilidades, envolve, também, de modo significativo, a mobilização muscular, a *musculação*.

## 5. IMPLICATIVO III. Ação. Intensionalidade.

### Tensão da força da possibilidade em seu desdobramento. A vivência Intensional do modo pré- reflexivo de sermos, como vivência fenomenológico existencial tensa, intensional, do desdobramento de possibilidades: da ação. Vivência do 'acontecer'.

A vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, é, como vimos, um modo de sermos que se dá anteriormente à dicotomia sujeito-objeto. Modo de sermos do *acontecer,* é vivência do desdobramento da dinâmica da dialógica eu-tu, como desdobramento de possibilidade, como ação, eminentemente compreensiva.

Originário e anterior o modo implicativo de sermos da ação, do acontecer -- no qual não vigora a dicotomia sujeito-objeto --, o modo de sermos, explicativo, no qual vigora propriamente a dicotomização sujeito-objeto, constitui-se, a seguir, em decorrência do desdobramento da instantaneidade momentânea do modo de sermos da ação, do *acontecer* – própria e especificamente como modo de sermos do *acontecido.* O modo de sermos do acontecido, modo coisa de sermos, se constitui com a exaustão em seu desdobramento da força da possibilidade.

O modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial, modo de sermos do *acontecer,* é, assim, o modo de sermos da *pré ação, da inter-pret-ação*; da *ação*, propriamente dita*;* como vivência da emergência *pré compreensiva*, e desdobramentos *compreensivos*, das possibilidades.

Na medida em que a vivência da possibilidade, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, de sermos, é, a cada momento, a vivência de uma força em desdobramento -- a vivência da possibilidade em desdobramento, a vivência da ação – a vivência deste modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial de sermos, a vivência da ação, é uma vivência ***tensa***, é uma vivência de tensão. *Intensional,* portanto – na (des)medida da tensão do desdobramento da força da possibilidade*.* A vivência deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo, modo de sermos da ação, é, assim, uma vivência *intensional.* Vivência da *tensão, da tensionalidade, da intensionalidade da experimentação da força da possibilidade em seu desdobramento.* A tensionalidade, a *intensionalidade* compreensiva da ação. Diversamente do modo extensional de sermos, da coisa, do acontecido, do passado.

A *intensionalidade*, compreensiva, é, portanto, uma característica intrínseca à vivência da momentaneidade instantânea da ação, da interpretação compreensiva, fenomenológico existencial; a intensionalidade compreensiva é intrínseca à instantaneidade momentânea do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, modo de sermos implicativo, e compreensivo. Modo de sermos da ação, da interpretação, e da experimentação fenomenológico existenciais, compreensivas.

## 6. IMPLICATIVO IV. *Ação.* PLexo de Possibilidades*.*

**Na vivência fenomenológica, compreensiva, e não explicativa, implicativa, as possibilidades são sempre múltiPLas. E se organizam em ação, no seu desdobramento, como a *dominância* da competição das forças de sua multiPLicidade, como um PLexo de possibilidades. A Implicação, compreensiva, a ação, a vivência fenomenológico existencial, são sempre, assim, a vivência de um plexo, de uma multiplicidade, de possibilidades. A implicação é sempre vivência da implexação.**

A vivência de possibilidades, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos -- modo im**PL**icativo de sermos --, é, sempre, a vivência de uma multi**PL**icidade, de uma **PL**uralidade de possibilidades.

Cada uma das possibilidades desta multi**PL**icidade é uma força múltipla, em desdobramento ativo, pré-compreensivo. E que pode se constituir de um modo compreensivo, quer seja na dinâmica rítmica do seu conjunto, ou particularmente. Cada uma das possibilidades é, ela própria, constituída por uma multi**PL**icidade de possibilidades, ativas, e ação, organizada em dominâncias, em seus desdobramentos, e assim sucessivamente.

Em seu caráter compreensivo de figuração, de formação de figura e fundo, isto é especificamente a vivência *Gestáltica, implicativa, implexativa, a* Gestaltética, a gestaltação, a *Gestática*. A vivência implicativa desta multi**PL**icidade de possibilidades figura e se configura, fulgura, como vivência compreensiva, pré-reflexiva, de um ***PLexo*** de possibilidades, ativo, portanto.

A palavra *plexo* tem, em Grego, um sentido original de tecer, entretecer, de tessitura, de trança; sentido este originado no trançamento, no trançado, dos pêlos das crinas dos cavalos. E, sem dúvida, na trança dos cabelos.

Metaforicamente, na vivência de possibilidades, na vivência do *plexo* de possibilidades, as possibilidades são múltiplas, e se organizam e se inter trançam entre si, de acordo com a força plástica de suas dominâncias.

Assim, na vivência compreensiva e implicativa do ***PLexo*** de possibilidades, a multi**PL**icidade de possibilidades ativas organizam as suas atividades sob a forma de uma *dominância.* Esta *Dominância* constitui o curso compreensivo e implicativo do desdobramento da ação particular, a partir da organização de cada uma, e do conjunto, das possibilidades constituintes da multiplicidade, e da competição entre elas. Constituindo, assim, a dinâmica figurativa de seu processo gestáltico, gestático, gestético, de formação de figura e fundo.

A vivência de possibilidades, assim, no modo fenomenológico existencial e dialógico, im**PL**icativo, gestáltico, é sempre, em sua multi**PL**icidade **Pl**ural, a vivência de um **PL**exo, de uma multiplicidade, de possibilidades. Plexo este

articulado e organizado, no curso de seu fluxo de ação do seu desdobramento, como uma dominância particular, para a qual converge a dominância das atividades de cada possibilidade ativada.

É a vivência do curso desta dominância, compreensiva, ativa, implicativa, que entendemos como ***Gestalt. Gestaltação.***

A vivência do *plexo*, a *implicação,* assim, é eminentemente ativa, é ação, é compreensiva, e gestáltica. Pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica.

## 7. IMPLICATIVO V. Ação. Plexo. Implexação. Implicação.

### ImPLexação, ImPLicação. A vivência fenomenológico existencial como vivência da dominância da ação de um PLexo, de uma multiPLicidade organizada, Gestalt, de Possibilidades,

Compreensiva e ativamente absorvidos na vivência do desdobramento gestalticamente figurativo do plexo das possibilidades, absorvidos no desdobramento da ação, da atividade, absorvidos na *ação,* do **PL**exo -- atividade compreensiva, compreensivamente figurativa, e fulgurativa, fulgurante, e motiva, emotiva, ação, interpretação, fenômeno-logos, em suas intensidades plásticas próprias --, estamos ***imPLexos***, estamos *im**PL**exados.* Estamos *implicados.*

*Este* é o sentido do termo ***imPLicação.*** O sentido de que estamos ***imPLicados****.* Estarmos compreensivamente, gestalticamente, absorvidos no desdobramento pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, da ação. Desdobramento da ação do plexo de possibilidades.

Ou seja, a ***Implicação*** *é* a vivência momentânea instantânea, os momentos da experiência, e da experimentação, do modo de sermos, compreensivo -- pré-reflevivo, fenomenológico existencial e dialógico, gestáltico -- da ação. A vivência compreensiva do desdobramento da ação é a vivência gestaltica, figurativa, do desdobramento da dominância da atividade de uma multiplicidade, de um *plexo,* de possibilidades.

É isto o que chamamos de ***Implicação.***

## 8. IMPLICATIVO VII. Ação. Compreensão.

**Com preensão – ou seja,** *com a constituição como consciência pré-reflexiva* **-- do desdobramento da possibilidade: do desdobramento da Ação. A Ação como Compreensão. O aspecto cognitivo da Ação. A Ação como conhecer. Uma Ciência compreensiva. Intuitiva. Estética.**

A ação é *intuitiva, compreensiva,* e implicativa.

A ação inexiste na explicação. *Comportamento* e *ação* são modos radicalmente distintos de sermos.

A **ex-plicação** não é o modo ativo de sermos. Não é, igualmente, o modo compreensivo, implicativo, de sermos. É o modo teorético de sermos, no qual, não atores, somos espectadores, no âmbito da dicotomia sujeito objeto, da causalidade, da utilidade, da realidade, da coisidade. E, por outro lado, também, o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, o modo comportamental de sermos.

*Ação* e *comportamento* são, pois, dois diferentes modos de sermos. A *ação* não é *comportamento*.

A *ação*, implicativa, consciência compreensiva, ontológica. Modo de sermos do acontecer. O *comportamento*, atividade padronizada e repetitiva, no âmbito do modo de sermos do acontecido.

A ação, que é compreensiva, e implicativa, própria e especificamente poiética, estética, distingue-se do modo teorético de sermos, da teorética. Na medida em que o modo teorético de sermos é reflexivo, e conceitual. Não implicativo, portanto. Dá-se, pois, o modo teorético de sermos, no modo de sermos do acontecido, no passado.

A ação -- e a compreensão, que é a sua dimensão cognitiva --, pré-reflexivas, e pré-conceituais, são da ordem do processo do acontecer.

Assim, a ação, a vivência do desdobramento da possibilidade, que se constitui como consciência pré-reflexiva, a *interpretação* fenomenológica, própria e especificamente se constituem como conhecimento. Como conhecer.

Ou seja, intrinsecamente, o desdobramento da possibilidade, a ação, se constitui como cognição, como conhecer, como consciência pré-reflexiva. Esta consciência pré-reflexiva em que se constitui a possibilidade, no fluxo de seu desdobramento, a ação, dá-se, ao nível cognitivo, como ***Compreensão***, como ***consciência compreensiva.***

Que é da ordem da ***Implicação.*** (E não da *Explicação).*

Assim, a ***Compreensão*** é um conhecer, e um conhecimento, especificamente, pré-reflexivos, *implicativos. E* não um conhecimento explicativo, *teorético. É conhecimento ativo, pré-reflexivo e pré-conceitual. Estético.* E *poiético.* O conhecer especificamente do *ator* – e não o modo teorético de conhecer do espectador.

O desdobramento da possibilidade, assim, como vivência do desdobramento da ação, da interpretação fenomenológica, se constitui como

consciência pré-reflexiva, implicativa. Ou seja, é apreendida como consciência pré-reflexiva, implicativa. De um modo tal, que a vivência do desdobramento de possibilidades dá-se *com(a)preensão consciente*. É, portanto, própria e especificamente *compreensivo, com-preensão.* É, portanto, própria e especificamente, ***compreensão.***

## 9. IMPLICATIVO VIII. Ação. Fenômeno. Fenomeno Logos. Fenomenologia.

Heidegger[9] observa que o fenômeno da *Fenomenologia é o que explicitamente se mostra em si mesmo – o que em si mesmo se mostra, nas formas da intuição.*

Na intuição, pré-reflexiva, o fenômeno se constitui, e devém, porque *pode,* porque é possibilidade, de se constituir, e devir. Especificamente, assim, portanto, porque é *possibilidade*, potência, força, para tal.

A possibilidade, a dominância do desdobramento de possibilidades, se constitui como consciência pré-reflexiva, se constitui como compreensão. De modo que, como indica Heidegger, *sentido*, o fenômeno no qual a possibilidade aparece compreensivamente tem um caráter de fala, de argumento. Como a ação que o constitui, o fenômeno é, especificamente, compreensivo. Como *sentido*, como *logos. Logos q*ue, ainda na linguagem de Heidegger, é *fala* do fenômeno. *Que torna patente aquilo de que se fala.*

Força, possibilidade, o fenômeno é, assim, a vivência da ação. É a possibilidade, em seu desdobramento. Que se constitui, compreensivamente, como consciência pré-reflexiva. Toda fenomenologia, como a vivência do logos do fenômeno, em seu desdobramento, como desdobramento da possibilidade que se constitui compreensivamente, é fenomenologia da ação.

O fenômeno e o seu logos são assim compreensivos e implicativos. São vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual.

A metodologia da Ontologia e da Epistemologia fenomenológicas centra-se, pois, em privilegiar, em insistir, na experiência e na experimentação pré-reflexivas, compreensivas, e implicativas, como modo próprio de sermos do desdobramento das possibilidades, da ação propriamente dita. E da criação. Da estética da poiese.

[9] HEIDEGGER, EL SER Y EL TIEMPO, PP. 39-49.

## 10. IMPLICATIVO IX. Ação. Inter-pret-ação, Compreensiva.

O significado mais comum do termo ***interpretação*** é o de seu sentido *explicativo,* o seu sentido como *interpretação explicativa.* Este sentido explicativo não é o único do termo *interpretação.* O sentido originário do termo é o seu sentido própria e especificamente *implicativo.* E, portanto, própria e especificamente ***compreensivo.*** **O sentido da *Interpretação Compreensiva*, *Implicativa,* fenomenológico existencial, e dialógica.**

Quando nos referimos ao modo *implicativo* de sermos, quando nos referimos ao modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, quando nos referimos ao modo ativo, gestáltico, e performático, de sermos, nós nos referimos, especificamente, à modalidade da interpretação fenomenológico existencial, própria e especificamente compreensiva, e implicativa, naturalmente. Forma do acontecer. E não do acontecido. Forma da ação. A nossa modalidade de sermos do atores. E não do espectadores, como o é o modo de sermos, explicativo, da interpretação explicativa.

A vivência do desdobramento implicativo, e compreensivo, de possibilidades, assim, a *ação*, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, compreensiva. E é a ***Interpretação*** própria e especificamente ***fenomenológica*** – a interpretação fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, compreensiva.

A raiz ***inter*** do termo ***inter-pret-ação,*** da interpretação fenomenológica -- compreensiva, implicativa, e não ex-plicativa -- se refere ao caráter especificamente dialógico da interpretação fenomenológica, implicativa, e compreensiva. Ou seja, refere-se ao aspecto de que, na vivência da ação, como desdobramento de possibilidades, as possibilidades são vivenciadas, em seu desdobramento, sempre, como a alteridade radical do ***tu*** de uma dialógica ***eu-tu. E não no modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto.***

A *inter-pret-ação* é dialógica na medida em que, especificamente *compreensiva*, e *implicativa,* a possibilidade é a alteridade radical de um *tu com relação a* nós próprios*,* que *inter-age* com o *eu* de nós próprios, no percurso vivencial *compreensivo* e implicativo de seu desdobramento. Como ação, especificamente, portanto, no processamento de uma dialógica eu-tu de compartilhamento compreensivo, implicativo, e *dialógico,* de sentido.

Surgida nos níveis mais originários da vivência fenomenológica compreensiva, a possibilidade, em seu desdobramento, no modo implicativo de sermos, é intuída como gestalt ainda pré-compreensivamente, pré-reflexivamente. Ou seja, é intuída nos níveis mais originários da *pré-compreensão*, e da pré-ação, da ação. O desdobramento da vivência de possibilidades, a ação, é movimento vivencial que, da *pret-ação*. Direciona-se inevitavelmente para a *ação*. Do pré-compreensivo, se tensiona no sentido da compreensão, no sentido da constituição do desdobramento da ação. Dialógica, em suas origens, e ao longo de seu desdobramento, a ação é *Inter-pret-ação Fenomenológica.*

A ***Hermenêutica*** é a ***arte da interpretação[10].***

**De modo que, *interpretação fenomenológica,* a ação é fenomenológico existencial hermenêutica. Uma *hermenêutica* própria e especificamente *compreensiva*, e *implicativa*, fenomenológico existencial, na momentaneidade instantânea do seu desdobramento, ativo, e compreensivo.**

**E não explicativa.**

Como *Hermenêutica*, a ação, a interpretação fenomenológica, compreensiva, implicativa, desdobra, atualiza possibilidades. Possibilidades que, na vivência fenomenológica, compreensiva, implicativa, emergem do *Ser*.

O *Ser* é a *fonte do possível*. Não é conceitual. É a intuitiva fonte das possibilidades, cujo desdobramento se dá vivencialmente, compreensiva e implicativamente, e que fenomenológico existencialmente nos constitui, e constitui o mundo que nos diz respeito.

De sua emergência, transitando como o seu devir, a atualização da possibilidade, a ação, compreensiva, se traduz terminalmente na coisa, no acontecido. Pelo dispêndio de sua potência no desdobramento de seu *acontecer*. A vivência do acontecer é assim a interpretação compreensiva, implicativa, fenomenológico existencial.

Esta *interpretação,* tradução, da possibilidade na ontidade da coisa, este dispêndio da força do possível (ontológica), é que é a *Hermenêutica,* a *arte de Hermes.*

*Hermes* é o personagem da mitologia Grega encarregado de *interpretar*, de *traduzir,* para os humanos a linguagem dos Deuses do Olimpo. Sendo, por isto, considerado *o intérprete* por excelência.

Heidegger diria que o homem é o ser intérprete por excelência; ou seja, o homem é o ser hermenêutico por excelência (no sentido existencial, de que a sua existência é hermenêutica). Na medida em que interpreta o possível em ação, na medida em que interpreta, ontologicamente, a possibilidade, ontológica, como ação compreensiva, no modo ôntico de sermos da coisidade. Na medida em que a sua existência transita, como devir intensional, compreensivo, da vivência do acontecer do desdobramento da possibilidade, para a experiência coisificada e objetiva do acontecido, ôntico. Hermenêutica, em sua ontológica, a existência humana é, na formulação heidggeriana, ontológica e ôntica: *o homem é o ser hermenêutico por excelência.*

## 11. IMPLICATIVO X. Ação. Estética.

O *Estésico* é um vento que sopra na Grécia, numa determinada fase do ano. É a moção que impulsiona as velas dos navios, para que eles se façam ao mar. Filósofos e marítimos, os Gregos perceberam que o modo de sermos da sensibilidade, o modo originário de sermos, vivencial, o modo pré-reflexivo de

[10] PALMER,

sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, implicativo, o modo ativo de sermos, também é impulsionado por uma moção, por uma força impulsionante, a **possibilidade**, em desdobramento. Que é moção, performativa, compreensiva, implicativa,da ação, da implicação.

De tal forma, que designaram como *estesia* a este modo sensível, fenomenológico existencial dialógico, compreensivo, implicativo, motivo, emotivo, de sermos que é o modo de sermos da vivência do desdobramento da possibilidade, o modo de sermos da vivência da ação.

*Parestesias*, somos alternativamente, também, os modos não implicativos, explicativos, de sermos. O modo teorético, e o modo comportamental de sermos.

Cada modo de  sermos destes configura o modo de sermos de uma ética.

Temos assim a *teorética*. A ética *comportamental.* Que são éticas explicativas. E temos a ética deste modo fenomenológico existencial e dialógico, implicativo, modo ativo de sermos, que é o modo estésico de sermos. E que é o que chamamos de *estética.*

Os modos teorético, e o modo comportamental de sermos, explicativos, não são estéticos.

O que caracteriza a estética é a sua constituição como vivência, como experiência e experimentação pré-reflexivas, pré-conceituais, implicativas. Que são vivências do desdobramento de possibilidades, vivências do desdobramento da ação.

## 12. IMPLICATIVO XI. Ação. Poiese. Poiético, Poiética.

O prefixo Grego ***poi*** refere-se a *força.* É assim que ele está em ***po****tência,* ***po****der,* ***po****ssibilidade,* ***po****iese,* ***po****iético,* ***po****iética.* Precipuamente, refere-se ao modo estético de sermos. *Pré-reflexivo, Implicativo, compreensivo, fenomenológico existencial, dialógico, poiético.*

Refere-se, em particular, à força característica que intrinsecamente impregna a totalidade deste modo de sermos, a cada momento de sua instantaneidade momentânea. A força da possibilidade, do plexo de possibilidades, em seu desdobramento compreensivo, que é a ação.

O modo *poiético* de sermos é, portanto, o modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que se constitui como o desdobramento criativo da força da possibilidade, em seu processamento compreensivo de devir criativo.

A *poiética* é *a ética da poiese.* Ou seja, a momentaneidade instantânea da vivência, da habitação, neste modo implicativo, fenomenológico existencial e dialógico de sermos. A poiese é a vivência criativa, ativa, atualizativa que se dá

como desdobramento da possibilidade, como ação, implicação, neste modo de sermos.

## 14. IMPLICATIVO VI. Ação. Gestalt.

O termo ***implicação*** remete ao caráter própria e especificamente gestáltico deste modo vivencial de sermos. O caráter gestáltico de vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva –
(1) *meramente compreensiva*, ou
(2) *compreensiva e muscular, somática*.

Vivência, compreensiva, da *dominância* do desdobramento, ativo, ação, da multiplicidade da pluralidade de um plexo de possibilidades.

A *implicação* é, assim, a vivência compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica, gestáltica, inerente ao processamento da *ação,* como desdobramento de possibilidades.

É a vivência, mais ou menos, organizada da multiplicidade de *plexos possibilidades.*

O *Plexo* é a ***dominância*** da organização das atividades compreensivas das várias possibilidades, vivenciadas como o fluxo da ação.

A vivência compreensiva desses plexos, organizados como a dominância do curso, do *percurso*, da ação, é o que chamamos de *gestalt.* A vivência pontual do desdobramento das gestalts, em sua instantaneidade momentânea, eminentemente ativa, é *implexação, implicação.*

Na vivência pré-reflexiva, compreensiva e implicativa, da ação, as possibilidades, como vimos, são sempre múltiplas. E organizam a multiplicidade do seu desdobramento gestalticamente, numa dominância, que é o curso compreensivo da ação. Esta organização da dominância do plexo de possibilidades dá-se como *um todo que é diferente da soma de suas partes; uma totalidade significativa, que, como tal, aparece, antes, como totalidade; e que só em seguida as suas partes vão se desdobrando figurativamente,* num processo gestáltico de formação de figura e fundo.

Mais organizado, mais integrado, gratuito, despropositado, intensamente plástico, gracioso, e fluído, nos modos ótimos de nossa vivência. A vivência gestáltica é fenomenológica, e existencial. Compreensiva, e implicativa

De modo que a vivência *gestáltica* – que é eminentemente ação, *eminentemente gestaltação,* sempre – é a vivência *implicativa*, a vivência da *implicação.* Ou seja, a vivência pré-reflexiva, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, ativa, do desdobramento da dominância de um plexo de possibilidades – vivência compreensiva, gestáltica, do desdobramento da ação.

Caracteristicamente, assim, a vivência da ação -- a vivência fenomenológica e existencial, a vivência da implicação, a vivência do que

chamamos de interpretação *fenomenológico existencial*, compreensiva -- é a vivência gestáltica, vivência da gestaltação.

Assim, a vivência gestáltica, compreensiva, é a vivência de uma totalidade significativa, ativa, portanto, em que o fluxo do desdobramento das possibilidades, e da dominância delas.

(1) Constitui-se compreensivamente. Como consciência pré-reflexiva, fenomenológica e existencial. Como a vivência do desdobramento de possibilidades, que é a ação; a interpretação *compreensiva*. Fenomenológico existencial.

(2) A vivência gestáltica da ação, da implicação, por sua qualidade específica e intrinsecamente gestáltica, é a vivência compreensiva de uma totalidade significativa processual que, enquanto totalidade, é composta por uma multiplicidade de partes. Partes estas própria e especificamente gestalts, também.

(3) Caracteristicamente, a vivência gestáltica dá-se, como totalidade compreensiva, anteriormente à configuração de suas partes. As partes, totalidades significativas cada uma delas, gestalts, possibilidades, podem então figurar, a seguir, de um modo ativo, paulatina, compreensiva, e particularmente, num processo figurativo de formação de figura e fundo; sempre na dinâmica de suas relações com o todo.

(4) A totalidade significativa das gestalts é diferente da soma de suas partes, sendo a sua articulação dinâmica, e ativa, o que lhe confere o seu sentido e o seu caráter.

## 15. IMPLICATIVO XII. Ação. Perfazimento fenomenológico existencial dialógico, compreensivo, implicativo da ação. Performação. Performance.

### O pré compreensivo. A pret ação. Formação, Figuração compreensivas. Performance. Perfeição.

Na implicação, na vivência compreensiva da ação, o percurso compreensivo do desdobramento das dominâncias do plexo de possibilidades surge pré-compreensivamente, desdobra-se compreensivamente, e decai de modo igualmente compreensivo, ao longo do desdobramento. Atingindo o ponto mais baixo do decaimento à medida que as possibilidades se constituem, e se instalam, como coisa, como *entes*. *Onticamente.*

No seu desdobramento, as possibilidades se constituem, pré-reflexivamente, como compreensão, como consciência pré-reflexiva. Elas paulatinamente se desdobram, e, paulatinamente, se constituem como *figuras,* como formas compreensivas. Que cabalmente se explicitam, à medida de suas forças. Enquanto vivência compreensiva, e enquanto formação, figuração, objetiva, no processo de sua coisificação.

De modo que o processo da *ação implicativa*, fenomenológico existencial e dialógico, é, ao nível vivencial compreensivo, um processo figurativo, gestáltico, um processo de formação – de figura e fundo --, formático, performático, performativo. À medida que, em seus melhores momentos, a possibilidade em desdobramento se constitui, formativamente, em compreensão.

No seu desdobramento, o processo compreensivamente formativo da ação constitui a coisa objeto, atualizada, realizada – coisa material ou psicológica --, na forma da instalação de sua coisidade.

Como *performação,* como *performance, perfazimento,* a compreensiva implicativa da ação é um processo de *feição*. É, própria e especificamente, um processo, e, em particular, ***um modo***, de fazer, de *perfazer – o modo de fazer ativa e vivencialmente.*

E é a este *modo de fazer* que chamamos de ***perfeição***. A *performação,* a *performance,* a *perfeição* é, pois, este *modo de fazer,* através da vivência ativa, atualizativa, *presente,* do desdobramento das formas vivenciais da compreensivas – no modo de sermos da implicação. Formas em que se constituem, em que se fazem, em que se coisificam, compreensivamente, as possibilidades, em seus desdobramentos. Neste modo, fenomenológico existencial e dialógico, *performático*, de sua formação, de sua *feição*.

Assim, são *per-feitas* as coisas objetivadas desta forma, na instalação de sua coisidade. As coisas que se (per)fazem, se (per)formam, própria e especificamente, neste modo implicativo, compreensivo, de sermos.

O sentido do prefixo ***Per*** decorre de que, em seu aparecer compreensivo, e implicativo, a possibilidade é o pulso gestáltico de uma força. Cuja forma já está anunciada em sua enunciação pré-compreensiva, intuída pré-reflexivamente, nos primórdios de seu desdobramento.

De modo que o seu desdobramento atualizará, explicitará, uma forma, uma gestalt, já anunciada, na embriaguês trágica de sua vivência pré-reflexiva dionisíaca.

O *percurso performático* meramente compreensivo, ou compreensivo e muscular, da explicitação cabal da ação desta gestalt anunciada é que é a *perfeição* da *performance.*

*Fechamento da Gestalt.*

*Perfeição* é, assim, um modo performático, compreensivo, implicativo, de *fazermos.*

Não por acaso, o modo *estésico, estético, de fazermos.*

A **interrupção** deste anunciado percurso -- compreensivo, desproposital e implicitativo, gestáltico, ativo -- é o que é a *imperfeição.* Diversamente da

*perfeição* da *performance,* a *imperfeição* é o encalacramento, a interrupção, da *feição,* do fazimento, da *performance da perfeição.* Que é um pulso de potencia, de força, que tende, por sua própria força, a se explicitar cabalmente -- *implicativa e compreensivamente, fenomenológico existencial, experimental, e hermenêuticamente.*

Em Gestal'terapia, por exemplo, o que interessa não é que uma Gestalt ou outra, anunciada, não se explicitem cabalmente. Isto é, eventualmente, inevitável. Mas um padrão de interrupção, regular e sistemático, do desdobramento espontâneo de possibilidades, do desdobramento de gestalts. No qual o *funcionamento* (na verdade, o *desfuncionamento*), implicativo, compreensivo, da ação compreensiva é interrompido pelo funcionamento, oportunamente impróprio, do modo explicativo de sermos; quer ele seja o modo teorético, ou o modo comportamental de sermos.

## 16. IMPLICATIVO XIII. Ação. *Trágico*. A implicação, a ação, é *trágica.*

### A implicação é dionisíaca, apolínea, e dionisíaca. A implicação é trágica. A intensional, e implicativa, consciência embriagada, gestáltica, do desdobramento da ação, do desdobramento da implicação no plexo de possibilidades; Formação, performação, performance.

A implicação assim, vivência compreensiva, fenomenológico existencial, dialógica, de um plexo ativo, de uma multiplicidade ativa, de possibilidades, vivência da ação. Em sua multiplicidade, é *consciência dionisíaca*. Na qual predomina a multiplicidade gestaltizada (*apolinizada*), organizada, da compreensão, pré-conceitual. E não a unidade do conceitual da consciência, teórica, do espectador.

É, assim, que a *implicação* é a momentaneidade instantânea do desdobramento compreensivo da multiplicidade gestaltizada da consciência do ator. Do desdobramento compreensivo da consciência da ação.

A *implicação,* a ação, é apolínea, dionisíaca, e apolínea.

Na medida em que é vivência apolínea-dionisíaca do vigor do desdobramento compreensivo da multiplicidade gestaltizada da forma; e é vivência, igualmente apolínea dionisíaca, do limite do desdobramento da forma, e de diluição da forma.

O que conduz ao retorno, ao eterno retorno, da possibilidade em formação dionisíaco apolínea *trágica*.

A ação, a implicação, é per-form-ação, é per-formance. A ação é compreensiva; e, na constituição compreensiva da ação, a *forma* se constitui, fulgura, e figura, como figura compreensiva, na sucessão de um processo gestáltico de *formação* de figura e fundo.

A forma compreensiva se dissolve, à medida que decai a força da possibilidade que a anima, dando origem novas possibilidades.

Deixando, como o seu resíduo, a *coisa criada*, no esgotamento da força da possibilidade. No seu processo criativo, a possibilidade secreta a coisa, como algo que não existia, e veio a ser. *Assim*, criamos o mundo, e a nós próprios; *à imagem e semelhança de Deus...*

Instalada em sua coisidade objetiva – vulnerável à observação de um subjetivo sujeito, causal, útil, e prática, é bom que se diga -- eventual, e inevitavelmente, atualizada, a coisa, em sua forma, em sua multiplicidade, se dissolve de modo mais ou menos lento – por isso, ela é ainda *ação,* ***instal-ação***. Dando lugar a novas, possibilidades e possibilitações, a novas ações, formações, a novas performances compreensivas; e a novas coisas objetivamente instaladas.

Formação e dissolução da forma -- na multiplicidade das possibilidades, e na integração das possibilidades em seu caráter gestaltizado, em seus modos apolíneo e dionisíaco --, a atualização da possibilidade, a ação, a implicação, é assim *trágica*. No sentido que Nietzsche recuperou aos Gregos.[11]

As possibilidades em desdobramento emergem do conflito e da competição em sua multiplicidade. Exaurido o desdobramento das possibilidades, novas possibilidades podem emergir, e atualizarem-se de modo formativamente compreensivo, resultando sempre na instalação da coisa como resíduo.

## 17. IMPLICAÇÃO. Ação.

Já que não há ação na *explicação*, a *implicação* é o modo ativo de sermos. Ou seja, a implicação é o modo de sermos próprio e específico da ação, do ato, da atualização, da atualidade. A ação, como vivência do desdobramento de possibilidades, é, própria e especificamente, *implicativa*. A ação é, própria e especificamente, *implicação*.

A experiência e a experimentação da ação são, própria e especificamente, vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial dialógica. Como tal, são vivência do curso do desdobramento da dominância de um plexo de possibilidades.

De modo que a implicação é especificamente ativa, desdobramento possibilidades. Ação.

A atividade da implicação é o curso, percurso, do desdobramento da dominância de uma multiplicidade – de um *plexo* – de possibilidades. Que é a vivência compreensiva da ação, da atualização.

Poderíamos pensar que a vivência de possibilidades, a vivência da ação, é sempre, assim, como a vivência do movimento da multiplicidade de um *cardume*, de possibilidades.

[11] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE.

Neste *cardume*, nesta multiplicidade, neste *plexo* de possibilidades, cada *unidade* é, também, uma multiplicidade, ela também um plexo, de possibilidades.

A possibilidade, como dominância de sua multiplicidade, pode se constituir como consciência pré-reflexiva, fenomenológica existencial, e dialógica; ou seja: pode se constituir como compreensão.

O plexo, gestalt, se dá como a vivência pré-reflexiva, compreensiva, de uma totalidade significativa, em processo ativo de desdobramento. Neste desdobramento, as possibilidades partes, constituintes da totalidade, gestalt, sucessivamente se constituem compreensivamente como figuras. Na medida que figuram particularmente, reconfigurando em seu percurso, a totalidade significativa, gestalt, original. Agora como coisa, como acontecido, e não mais como acontecer, não mais como *presente.*

É a momentaneidade instantânea da vivência compreensiva do desdobramento deste plexo de possibilidades que é a *implexação*, ou seja, a implicação. E que, em específico, é a ação.

## 18. IMPLICATIVO XIV. Ação. Implicação. Implexação. Perplexificação. Perplexidade.

### A ação, a implicação, é Perplexidade; é perplexificação.

*Pléxica,* a ação não é, simplesmente, *complexa – cum-plexo* . Na medida em que, em sua constituição, ela é o desdobramento de possibilidades, ela não é simplesmente a constituição e a *constatação* do plexo – não é, simplesmente, com plexo. A ação é uma movimentação, um trânsito, um devir, que agencia, num vir a ser, as forças dominantes das possibilidades ativas e envolvidas na multiplicidade do plexo. A própria *plexidade*, em sua vivência pré-reflexivamente pré-compreensiva, se constitui neste movimento vivencial do desdobramento das possibilidades, da ação, da implicação.

Na anunciação pré-compreensiva de sua força, a possibilidade, em sua plexidade, já anuncia, como possibilidade, a sua forma, a sua formação, complexas. De modo que o percurso do seu desdobramento é o agenciamento per-plexo, de constituição e desdobramento do plexo, da multiplicidade, de possibilidades que se anunciam pré-compreensivamente. Este percurso do desdobramento múltiplo da possibilidade é, per-plexo, a perplexidade, e perplexificação.

A ação, a gestaltação, é, sobretudo, *perplexa*, portanto. Ela é, sobretudo, *perplexidade.* Perplexificação.

Ou seja, a ação é agenciamento compreensivo, gestáltico, do desdobramento da dominância das forças das possibilidades do plexo de possibilidades, que se anunciam pré-compreensivamente, e que se desdobram como tais e de modo igualmente compreensivo. No movimento de uma dominância que é *perplexidade,* que é *perplexa,* que é o curso da ação, da

implicação, como organização da dominância e agenciamento de uma multiplicidade de possibilidades . Que é o curso cabal da ação, como cabal desdobramento compreensivo de possibilidades, com seu princípio, meio, e fim; fechamento.

O desdobramento do curso da ação constitui a sua consciência compreensiva, como desdobramento da dominância do plexo das possibilidades, e do desdobramento de cada uma das possibilidades, do modo mais cabal.

Desde sua gênese pré compreensiva, até o seu desdobramento compreensivo. Que, como vimos, pode ser *meramente* compreensivo, ou *compreensivo e muscular.*

A ação, pois, não é meramente a constituição ou a explicação, a elucidação explicativa, de um plexo.

A ação é a vivência compreensiva do devir -- performático, fenomenológico existencial, e dialógico -- da constituição, e do desdobramento, da vivência das possibilidades da multiplicidade de um plexo de possibilidades.

Possibilidades estas que se organizam numa dominância compreensivamente ativa. E que, agenciamento de constituição e do desdobramento do plexo, é perplexa, movimento da perplexidade e da perplexificação, gestáltica. *Implexa*. *Implicação*.

Que, compreensivamente, fulgura e figura, inicialmente, como totalidade compreensiva de uma multiplicidade organizada de possibilidades em desdobramento. Possibilidades estas que paulatinamente figuram, configuram, compreensivamente, o desdobramento de suas possibilidades partes. Na direção da objetivação de suas formas.

## 19. IMPLICATIVO XV. Ação. Emoção

### A ação, implicação, perplexa, é motiva, é moção, é emoção, é motivação.

O modo fenomenológico existencial de sermos, compreensivo, implicativo, o modo de sermos da ação, da mesma forma que é o modo de sermos da movimentação, do devir, é, igualmente, o modo de sermos da emoção. É o modo de sermos do *pathos* (no sentido Grego), o modo de sermos, estésico, estético, poiético, da *sensibilidade emocionada.*

Na medida em que é desdobramento de possibilidade, na medida em que é movimento, perplexa, a ação é intrinsecamente motiva. É motivação, e é moção, é emoção.

Por isso a vivência da ação é motivação. E é emotiva.

Daí que o modo de sermos da ação, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, é o modo de sermos da emoção. O

modo de sermos da vivência emocionada. O modo de sermos da sensibilidade emocionada.

O modo de sermos, assim, do *pathos*, no seu sentido Grego.

O modo de sermos da *pathia.* Da *Empathia.*

## 20. IMPLICATIVO XVI. Ação. O *Presente, a atualidade.* Implicação, Ação. O Acontecer.

A ação, o acontecer, envolve, como Buber o coloca, uma desatualização.

Ou seja, a força da ação, a força do acontecer, a possibilidade, decai (Heidegger)[12] progressivamente. À medida que a possibilidade se desdobra. No seu desdobramento, a possibilidade *cura* (Heidegger) em coisa. Desnatura, perde o seu frescor e atualidade, desatualiza-se em coisa. Inevitavelmente. Coisifica-se à medida que perde a sua força de possibilidade.

O desdobramento da possibilidade, o acontecer, a ação, são eminentemente compreensivos, e fenomenológico existenciais, e dialógicos, são vivenciais, desdobramento de possibilidade, e não coisificados. São ontológicos.

A coisa terminal, o *ente*, secretado pela ação compreensiva, são ônticos.

E não ontológicos.

A ação, o acontecer, não são ônticos. Não são *entes*.

Desdobram-se inevitavelmente, como vivência do desdobramento de possibilidades, até que, na sua exaustão, secretam a condição de coisa, a condição de *ente, ôntica*.

Este desdobramento vivencial da ação, da atualização, que não é da ordem do ente, da ordem da coisa, da ordem da realidade, mas da ordem, ontológica, da vivência, se constitui como consciência pré-reflexiva, se constitui como compreensão. Dá-se, portanto, como vivência compreensiva de sentido, que se constitui como *logos,* assim – *onto logos,* são *ontológicos.*

Assim, todo a vivência ontológica, à medida que a possibilidade se desdobra, decai à coisidade, decai ao ôntico, decai à condição de *ente*, à condição de coisa.

A coisidade, o ente, o ôntico, *estão prontos*, *estão prestes*, à medida que a ação, que é o acontecer, pré-reflexivo, fenomenológico existencial, e dialógico, à medida que a possibilidade, ontológica, se desdobra compreensivamente. A ação, o desdobramento fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo de possibilidades, é própria e especificamente anterior ao ente, *pré-ente.*

[12] HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

Mas este desdobramento compreensivo da ação, como desdobramento da possibilidade, como acontecer, compreensivo, implicativo, fenomenológico existencial e dialógico, especificamente não é da ordem do *ente.* Não é ôntico, da esfera do ente. Ontológico, o desdobramento compreensivo da ação é especificamente *pré-ente,* é especificamente *pret-ente*. É vivência compreensiva do desdobramento implicativo de possibilidades, e é, e constitui, própria e especificamente, o que entendemos como ***Presente.*** O tempo em que, igualmente, é a ***Atualidade.***

## 21. IMPLICATIVO XVII. Ação. Pathos, Empatia, Pathética.

### O Pathos Grego da vivência fenomenológica, sensibilidade emocionada. Em-pathos, Empathia, o modo de sermos da sensibilidade emocionada fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo, implicativo;

A vivência fenomenológica, pré-reflexiva, implicativa, é movimento, é motiva, é moção. Ou seja, é sensibilidade estética, e poiética, é sensibilidade motiva, motivativa, emotiva.

É este sentido que faz com que o modo fenomenológico existencial implicativo seja entendido como *Pathos*, na acepção Grega original. Como sensibilidade emocionada.

> Na acepção Latina, derivada, o termo *Pathos* teve privilegiado o sentido de *sofrimento,* de *doença.* Foi este sentido Latino do termo que predominou entre nós. E que se constitui enquanto tal em termos e conceitos como os de *Patologia.*

Mas, no sentido Grego original, o termo e o conceito de *pathos* designam o modo de sermos, movente, comovente, motivo, emotivo, da estética poiética da sensibilidade emocionada.

> De forma que a habitação momentânea neste modo de sermos que contém a emoção, modo de sermos implicativo, e compreensivo, da sensibilidade emocionada, fenomenológico existencial, e dialógico, compreensivo, e implicativo, é o que entendemos como *Empatia. Em-pathos.*

*Dentro do pathos.*

O *pathos* aqui entendido, no seu sentido Grego, como *sensibilidade emocionada.*

A *empatia*, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, é, assim, estética, e poiética, ativa, e implicativa. A implicação é empática. Fenomenológica, e dialógica.

A *ética do pathos,* a *patética,* compreende o privilegiamento e o valor ontológico do *pathos.* Na medida em que a vivência *pathica* é geradora, é

criativa – na medida em que é a vivência que permite a vivência compreensiva, implicativa, de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades. A ação. O riginal. E a novidade do devir.

A vivência pática, a vivência empática, patética, é o modo implicativo, compreensivo, de sermos da ação.

## 22. IMPLICATIVO XVIII. Ação. Experimentação Fenomenológica.

### Empirismo e Experimentação, própria e especificamente, Fenomenológico Existenciais Implicativos. Dialógicos e compreensivos.

Os termos e conceitos de *Empírico,* e de *Experimental,* têm uma mesma e única raiz: o verbo Grego ***perire****.* Que significa ***arriscar, tentar****.* O Empirismo e a experimentação guardam assim entre si certa identidade.

O que se coaduna com a perspectiva implicativa. Na qual a vivência empírica é sempre *experimentação* (fenomenológico, compreensivo, e implicativo); e a vivência experimental é sempre empírica (igualmente no sentido fenomenológico, compreensivo, implicativo). No modo de sermos, enquanto atores, enquanto ser no mundo, o acontecer de um devir.

E, sobretudo, no modo de sermos no qual é intrínseco o lidar com a despropositabilidade, com a incerteza, com a disposição de tentatividade da atualização de possibilidades. Da ação.

Nada a ver, aqui, naturalmente, com o sentido científico, explicativo, do empírico e do exprimental.

O empirismo e a experimentação, implicativos, fenomenológico existenciais, compreensivos, enquanto tais, se dão no modo de sermos que, *dialógica eu-tu,* é anterior ao modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto. Ou seja, o empirismo e a experimentação fenomenológico existenciais são a vivência intuitiva, não teorética, e não comportamental, ativa, implicativa, não explicativa, que é despropositál, e dialógica, fora do âmbito do modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto...

Naturalmente, o que os diferencia do empirismo e da experimentação especificamente *objetivistas*, é que o empirismo e a experimentação fenomenológicos não se dão no modo de sermos do *acontececido*, que é o modo explicativo de sermos, no qual impera a dicotomia sujeito-objeto. Como tais estão Fora da possibilidade de privilegiamento desta dicotomia, e de privilegiamento de seu polo *objeto.*

Ainda que o modo de sermos do acontecido seja constituinte do que somos, ele não é o modo de sermos de vivência pré-reflexiva de sentido: o modo ontológico de sermos. O modo de sermos implicativo, compreensivo, da vivência da ação, da vivência do acontecer, da vivência do sentido, é que nos distingue e caracteriza como humanos, é o modo ontológico de sermos.

O empirismo e a experimentação fenomenológicos são especificamente ontológicos, compreensivos, implicativos, existenciais.

*Empirismo,* e *experimentação* querem dizer *sem teoria.*

No caso do empirismo e da experimentação fenomenológico existenciais implicativos, *sem teoria;* mas, própria e especificamente, no modo dialógico de sermos, modo implicativo, ontológico, de sermos, modo de sermos da ação compreensiva, do desdobramento gestáltico de possibilidades, do acontecer, pré-objetivo, pré-subjetivo, no qual vigora a vinculação dialógica com o tu de uma alteridade radical. Mas não a dicotomia sujeito-objeto do modo explicativo de sermos.

Por suas próprias características gestálticas, o modo implicativo de sermos é assim eminentemente *empírico*, e *experimental* – no sentido fenomenológico existencial. A característica *empírica e experimental da vivencia* fenomenológico existencial, compreensiva, decorre, assim, de suas qualidades gestálticas. O modo de sermos da explicação não é experimental, neste sentido vivencial, compreensivo, fenomenológico existencial.

A vivência implicativa, fenomenológico existencial, por sua qualidade gestáltica, é, inicialmente, pré-compreensivamente intuitiva. Ou seja, por sua qualidade gestáltica, dá-se, antes, como a vivência da força de uma totalidade significativa. Uma totalidade significativa que, caracteristicamente, é anterior à figuração paulatina de suas partes.

A ação gestáltica, a gestaltação, a implicação, demanda assim a disposição para a afirmação intuitiva desta totalidade significativa intuitiva, ainda em seus níveis pré-compreensivos, e em seu desdobramento compreensivo, à medida que suas partes figuram compreensivamente, na dinâmica de sua relação parte todo.

A disposição experimental fenomenológico existencial dialógica, a experimentação fenomenológico existencial compreensiva, empiricamente fenomenológico existencial, é esta disposição para *arriscar* e *tentar* (*perire*) a afirmação do desdobramento vivencial da totalidade significativa, ainda em seus níveis pré-compreensivos, à medida que, enquanto desdobramento de possibilidade, ela desdobra figurativamente as suas partes.

Ou seja, a disposição para afirmar este desdobramento a cada momento, e para decididamente *tentar, arriscar,* a sua atualização, eminentemente incerta, e em conflito sempre com o status quo do acontecido.

A afirmação, o desdobramento implicativo da totalidade significativa, pode ser sustado. Bastando para tal que se saia do modo implicativo, para o modo explicativo de sermos – para o modo teorético, ou comportamental de sermos. A experimentação, a própria gestaltação, a performance da ação, da atualização, dá-se na medida em que, implicativamente, insistimos, arriscamos, tentamos, intuitivamente, pré-reflexivamente, no desdobramento do plexo de possibilidades, no desdobramento da gestalt, no desdobramento da ação.

O caráter experimental da implicação reside na afirmação de uma gestalt pré-compreensiva, que evolui compreensivamente, com a qual interagimos, mas à qual não controlamos, uma vez que, como observa Buber, *a possibilidade precisa de nós próprios para a sua ocorrência, mas não somos nós que a criamos.* Ela tem um controle próprio no pulso e no curso de seu desdobramento, do qual participamos interativamente, se nos entregamos afirmativamente ao fluxo de sua espontaneidade.

De modo que lidamos com o risco da incerteza, eminentemente. E lidamos com o inconveniente que o devir da possibilidade engendra, com relação ao status quo acontecido, do mundo, e de nós próprios.

Já a partir do sentido do verbo que lhe dá origem, da mesma forma que dá origem à palavra *empírico* (o Grego *perire*), a experimentação em seu sentido próprio, fenomenológico existencial, envolve esta disposição de *tentar,* de *arriscar,* intuitivamente.

## 23. IMPLICATIVO XIX. Ação. Empirismo Fenomenológico Existencial Implicativo

### A vivência implicativa, fenomenológico existencial compreensiva, é eminentemente empírica.

Sua *empiria* está, assim, na condição de que ela não é teórica, não é a experiência do espectador, mas a vivência do ator. Em princípio, o que define a empiria fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, é esta sua condição de *não teorética.* É a própria vivência afirmativa, e não a partir de teoria à priori.

Difere fundamentalmente, como vimos, do empirismo objetivista. Porque o empirismo objetivista permanece no modo de sermos, explicativo, quer dizer, não implicativo. No qual vigora a dicotomia sujeito-objeto. O empirismo objetivista privilegia o polo objeto desta dicotomia.

Ora, a vivência implicativa, pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, que caracteriza o empirismo implicativo, fenomenológico, compreensivo, dá-se no modo implicativo de sermos, que é o modo de sermos no qual não vigora o objeto, e no qual não vigora a própria dicotomia sujeito objeto. Vigorando a ação, a inter ação da dialógica eu-tu, que não é dicotomia sujeito objeto. E da qual surge a objetividade, e a subjetividade. E a própria dicotomização sujeito-objeto.

No modo de sermos da vivência implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, vigora a dialógica da ação, como inter ação eu-tu, como vivência compreensiva de possibilidade, e do desdobramento de possibilidades.

A vivência implicativa, como empirismo fenomenológico existencial, implicativo, compreensivo, e dialógico, distingue-se do empirismo objetivista porque é vivência implicativa, neste modo implicativo e pré-reflexivo de sermos, que é anterior à objetividade, que é anterior à subjetividade. Que é anterior à dicotomia sujeito-objeto. E que é, própria e especificamente, o modo de sermos implicativo da ação. Assim é a vivência empírica, não teorética, fenomenológico existencial.

Este empirismo fenomenológico implicativo não conflita com o modo teorético de sermos. Uma vez que o modo teorético de sermos é inevitável, e interessante, a posição do espectador, anteriormente, e posteriormente, à momentaneidade instantânea da empiria da vivência implicativa, experimental, da performance, da interpretação, da ação do ator. Esta, não obstante a ocorrência, inevitável, a seguir, da experiência teorética, será sempre empírica, implicativa, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica.

## 24. IMPLICATIVO XX. Ação. Argumentatividade e Aporia das Possibilidades. O Método Aporético.

### Argumentatividade e Aporia na vivência da constituição da dominância no plexo da experiência do desdobramento das possibilidades;

Em sua vivência fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, as possibilidades, as forças, que se desdobram em ação, são sempre múltiplas.

*Compreensivas*, em seu caráter de consciência pré-reflexiva, as possibilidades se dão sempre, em seu desdobramento, como *sentido*, como *logos – fenômeno-logos, dia-logos*. Sua vivência compreensiva como sentido, é, sempre, a vivência de plexos, de multiplicidades organizadas de possibilidade. Na multiplicidade de seus plexos, elas competem entre si.

Na verdade, elas competem entre si. O que quer dizer que, a nível cognitivo, a nível de consciência pré-reflexiva, compreensiva, a nível de vivência de *logos,* de *sentido,* elas *argumentam* entre si, implicativa e compreensivamente.

O que coloca limite a uma possibilidade, em sua força, são outras possibilidades, a força de outras possibilidades. O que coloca limite às dominâncias de um plexo de possibilidades são outras dominâncias de plexos de possibilidades.

Quando uma dominância tem força para se impor, ela vigora, e se desdobra. Decaindo progressivamente, enquanto, concomitantemente, se atualiza, se realiza, se coisifica...

A coisificação, e a competitividade de outras possibilidade, e dominâncias de possibilidades, impõem ***aporias*** ao fluxo das possibilidades.

As *aporias* se constituem como interrupções no fluxo do desdobramento das possibilidades (*poro, passagem; a/poria, sem passagem*).

Ao mesmo tempo em que são limites, são estes limites das aporias que se determinam e promovem o desencadeamento do tempo do desdobramento de outras possibilidades e dominâncias.

De modo que, na vivência fenomenológica e existencial, o vigor da possibilidade constitui o seu desdobramento, decaimento, e esgotamento. A sua *aporia*; e determina a emergência *poiética* de novas possibilidades. Essas novas possibilidades competem entre si, e argumentam entre si, a partir de suas forças inerentes, e a partir de seus sentidos compreensivos. Até que podem emergir, e se desdobrar, em seus processos formativos, de formação de figura e fundo, as mais potentes plasticamente.

Processo implicativo, e compreensivo, é este o desdobramento da ação, da implicação, da interpretação *compreensiva.*

Permitir, e insistir, afirmativamente, na vivência afirmativa da intensidade da possibilidade, na vivência do tempo do vigor da possibilidade, na vivência do decaimento, e do tempo da aporia da possibilidade; no tempo da criação; e na vivência da emergência de novas possibilidades, é o que constitui o *método aporético.* Desenvolvido já por Aristóteles, e retomado por Brentano, no empirismo fenomenológico experimental da fenomenologia e da psicologia de sua tradição.

## 25. IMPLICATIVO XXI. Ação. *Dialógica.*

### O caráter dialógico da ação, o caráter dialógico da Implicação.

Como temos observado, a *ação*, a implicação, tem na compreensão, na consciência pré-reflexiva compreensiva, o seu aspecto cognitivo.

A ação, a implicação, dá-se no modo de sermos fenomenológico existencial. Que, como vimos, é um modo de sermos em cuja momentaneidade instantânea não vigora a dicotomia sujeito objeto.

A momentaneidade instantânea da ação, a implicação, não obstante, dá-se estrutural e compreensivamente como a vivência de uma vinculação dialógica, e incontornável, com uma alteridade radical. Esta alteridade radical é a alteridade ativa, possibilitativa, e que não é objeto, do *tu.*

O *tu* é possibilidade e ação na dialógica da relação.

A momentaneidade instantânea da dialógica se dá como uma implicação recíproca, eu-tu, na qual o tu se remete ao eu como possibilidade, e como sentido; e, como possibilidade e como sentido, o eu se remete ao tu.

A dinâmica deste movimento do eu para o tu, e do tu para o eu, como possibilidade e como sentido, a dinâmica desta *inter*-ação, cria, como *inter-ação*, uma esfera dialógica de vinculação ***entre*** *o eu e o tu.* A esfera do *entre – do inter.* Esfera esta que é exatamente designada pelo prefixo **dia,** do dia-logos. Esta esfera do **entre** é uma esfera de *compartilhamento* de sentido*.*

Nesta dialógica da ação, o tu se remete compreensivamente ao eu como sentido; enquanto o eu se remete compreensivamente ao tu, como sentido. De modo que existe, vivencialmente, compreensivamente, o devir da movimentação do eu para o tu, do tu para o eu. Criando um *campo dialógico* compreensivo, como esfera de *inter ação* entre o eu e o tu – esfera de ***compartilhamento de sentido***, de ***dia-logos***.

Neste campo dialógico de sentido, compreensivamente compartilhado, o *diálogo* se dá como *compartilhamento* (***dia***) *de sentido* (***logos***), como ***diálogo.***.

O *dialógico* pode se dar, então, como campo compreensivo de compartilhamento de sentido, em todos os âmbitos da *Implicação.* (1) No âmbito da relação com a natureza não humana, (2) no âmbito da relação entre humanos, a esfera do inter humano; e (3) no âmbito da relação com o sagrado. E pode se dar como relação com a outridade de nós próprios. Da qual continuamente emergimos como possibilidade.

No âmbito da relação inter humana, ou no âmbito da relação com o Ambiente, a outra pessoa ou o Ambiente podem, no modo implicativo de sermos, ser vividos como possibilidade em desdobramento, como *tu*; ou podem, explicativamente, ser experienciados como objetos – como *isso*.

## 26. IMPLICATIVO XXII. Ação. Implicação. Ontologia. Peculiaridade Ontológica do ser humano: ser *ontológico*.

A *Ontologia* é a área da filosofia que estuda a peculiaridade dos seres.

Qual a peculiaridade, para a Ontologia, deste ser que é o ser humano?

Para a Ontologia, a peculiaridade ontológica do ser humano é a de ser ele um ser que é, que devém, onto-*lógico*; um ser que devém, *lógico – um ser que em sua originalidade se constitui como sentido*. Um ser, *ontos,* cuja peculiaridade ontológica é de ser ontológico, *um ser cuja peculiaridade é a vivência de sentido...*

E que sentido é este? É a vivência compreensiva, implicativa, pré-reflexiva, de sentido (*logos*), fenômeno-lógica, dia-lógica, que caracteriza este ser que é o humano naquilo que ele tem de mais originário.

Os termos *Ontologia* e *ontológico* têm aqui cada um deles duas acepções diferentes.

Na primeira delas, referimo-nos à *peculiaridade explicativamente ontológica, característica, do ser humano*; que é a vivência do *logos,* do sentido.

Na segunda, falamos do próprio *logos,* do próprio sentido.*Onto sentido, onto-logos,* cuja vivência caracteriza o ser humano. Do *logos*. O *onto logos*, a vivência de sentido que é *ontológica* do ser humano.

*Logos,* no caso, que é a constituição do desdobramento da possibilidade como consciência pré-reflexiva, como compreensão, e implicação. Sendo assim a vivência deste sentido, o *onto logos,* o que caracteriza a peculiaridade do ser humano. A vivência implicativa, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, empírica, experimental, e hermenêutica é, portanto, *vivência de* logos, e é ontológica. O sentido, compreensivo, que nela se constitui, como consciência pré-reflexiva é o *logos*, o *ontologos* do ser humano. Que é eminentemente, intrínseca, própria e especificamente, *dia-logos.*

## 27. EXPLICATIVO 3. Inação. A Coisa, e a re-flexão sobre a coisa. A mera re-petição da coisa.

### O caráter inintensional, não tensional, não intensional, da consciência, e do modo explicativo de sermos, modo de sermos reflexivo, teorético; e do, explicativo, modo comportamental de sermos.

O modo *explicativo* de sermos – quer seja o modo teorético, ou o modo comportamental de sermos – não é tensional, não é intensional.

É ex-tensional.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a *tensão* da força das possibilidades em desdobramento, não vivenciamos o desdobramento compreensivo de possibilidades, Não vivenciamos a consciência compreensiva e implicativa do ator e da ação. Não vivenciamos o acontecer, não vivenciamos intratensionalmente, compreensivamente, o desdobramento da ação. O modo *explicativo* de sermos é o modo de sermos do acontecido, da coisidade, da realidade.

Desta forma, não vivenciamos neste modo explicativo de sermos a *tensionalidade,* a *intensionalidade, própria* da *presença* da vivência da possibilidade, e de seu desdobramento. Não vivenciamos a *tensionalidade,* a *intensionalidade* da ação compreensiva, a interpretação *compreensiva,* em sua tensionalidade, em sua *intensionalidade,* em sua criatividade, e alegria *próprias.*

O modo *implicativo* de sermos, modo fenomenológico existencial e dialógico, modo ontológico de sermos, é o modo de sermos do desdobramento de possibilidades, da ação. O modo de sermos da nossa condição de atores,

modo *implicativo* de sermos. Que, sendo o modo compreensivo de sermos da ação, é o modo de sermos do *acontecer.*

Como o modo *explicativo* de sermos não é o modo de sermos no qual vivenciamos possibilidades, e o desdobramento de possibilidades, na compreensiva da ação, os momentos da experiência do modo explicativo não são momentos do *acontecer.* São momentos da *instalação* do *acontecido.* E da realidade.

A realidade, em sua coisidade, *ex-tensa,* objetiva de acontecido. Realizada*, atualizada, acontecida. Instalação, instalada.*

Momentos nos quais o processo de vivência do desdobramento das possibilidades, a ação, e o acontecer, já se esvaíram. Da mesma forma que já se esvaíram a tensão, a tensionalidade, a intensionalidade, a eles correspondente. E nos quais elas não mais vigoram.

A instalação da realidade, o acontecido, são momentos do modo explicativo de sermos, momentos nos quais vigora a experiência da instalação do ente, da instalação da coisa, enquanto acontecidos. E, momentaneamente não tensionais.

Até que, novamente, a ação possa vir a infundi-los de possibilidades e de presença, de atualidade, e vir a tensioná-los, com o desdobramento de possibilidades, com a ação, a atualização.

O modo explicativo, de sermos, não implicativo – o modo teorético, e o modo comportamental de sermos --, modo igualmente não tensional de sermos -- é, assim, um modo *inintensional*. Diferentemente do modo implicativo de sermos, que é caracteristicamente, intrínseca, e eminentemente, um modo *tensional, intensional,* de sermos.

Coisificado, carente da ação, de *atualidade,* e de *presença,* o modo explicativo de sermos é o modo no qual a coisa, acontecida, é solicitada, é pedida, e se re-pete. Mais que isto, o modo explicativo de sermos é o modo de sermos no qual se desintegra a integridade dialógica eu-tu da ação, do modo implicativo de sermos (que não é relação sujeito – objeto), e se constitui o modo de sermos, eu-isso, da dicotomia sujeito-objeto. No âmbito desta dicotomia, a coisa é objeto que pode ser contemplado, teóricamente, a partir da perspectiva de um sujeito, que não é o **ator**, da perspectiva de um sujeito **espectador**.

## 28. EXPLICAÇÃO. Inação. Reflexão – Teoria.

A reflexão, a teoria, o modo teorético de sermos, dá-se em decorrência, e diverge e diferencia-se do modo ativo, implicativo, de sermos. A reflexão, e a teoria, o modo teorético de sermos, caracteristicamente se dá de um modo posterior à ação, à interpretação fenomenológico existencial compreensiva, e implicativa.

O modo ativo de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo, implicativo, dialógico, é, propriamente, ativo; é acontecer, como vivência do

desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades. Com todas as características que este modo de sermos enquanto tal implica: quais sejam: a de ser da ordem do modo dialógico eu-tu de sermos, *e de não ser, portanto, da ordem da dicotomia sujeito-objeto*; de ser um modo *desproposital de sermos,* e de não ser um modo de sermos da ordem da causalidade; de não ser da ordem da utilidade, de não ser da ordem dos úteis, e da utilização; de não ser, enquanto modo de sermos do acontecer e do devir, da ordem das coisas e da coisidade, de não ser da ordem da realidade, do acontecido, uma vez que a realidade, se constitui com a realização, com a atualização da possibilidade: com a coisificação da possibilidade. Que, em seu processamento compreensivo, e implicativo, como desdobramento de possibilidades, é a ação, a atualização, a realização.

O modo teorético de sermos, própria e especificamente *explicativo,* se constitui *depois* da terminação do modo ativo, implicativo, de sermos. Própria e especificamente, *depois* que a vivência e o esgotamento da vivência de sua instantaneidade sempre momentânea produz, realiza, atualiza, a coisa, a coisidade... E, fora do modo implicativo, ativo, compreensivo, de sermos, constitui-nos como modo de sermos do acontecido, no qual vigoram a dicotomia sujeito-objeto, a causalidade, a utilidade.

Assim, se a ação, a interpretação fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, e dialógica, se constitui como o próprio processo fenomenológico existencial do acontecer; a reflexão, e o teorético se constituem enquanto *acontecido.*

Na verdade, constituída a coisa -- na ação, com o esgotamento e realização da força da possibilidade --; reconstituído o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; a coisa, material ou psicológica, constituída como objeto, pode agora ser *explicativamente* contemplada. Na abstração do movimento de sua instalação, na abstração da ação, na abstração da vivência compreensiva, implicativa, de corpo e sentidos. Como objeto abstratamente teórico, abstratamente contemplado, por um sujeito abstratamente teórico. Explicativo.

A experimentação da ação nunca é um retorno. Experimentada, ela desdobra a sua força de possibilidade, desde a pré-compreensão até a realização, a coisificação. Constituída a coisa como objeto, podemos re-tornar sobre o objeto instalado, e re-apresentá-lo: representá-lo teóricamente.

O modo implicativo de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial, não é, assim, portanto, o modo de sermos da re(a)presentação, o modo de sermos da *representação.* Mas é, em específico, própria e especificamente, o modo de sermos da *apresentação. Apresentação,* enquanto apresentação da possibilidade, em sua força, que se projeta, que se insinua, pressivamente, ex-pressivamente, já desde a pré-compreensão, e que, na ação, no *presente* da ação, estamos desafiados a realizar.

E como a reincidência, a repetição sobre, e dos produtos coisificados do acontecer. Da ação. Da interpretação fenomenológico existencial.

Assim, é necessária a ação implicativa, fenomenológico existencial, para a objetivação, para a constituição da coisa, sobre a qual re-fletimos, re-incidimos, explicativamente, no explicativo modo de sermos.

Esta re-incidência é a re-flexão, a re(a)presentação. A teoria, o modo teórico de sermos; e o modo de ser de nossa condição, não de atores, implicativamente compreensivos, mas de espectadores.

## 29. EXPLICAÇÃO. Inação. Comportamento. Com-portamento. O comportamento é explicativo.

*Sem portamento*, a ação compreensiva, implicativa, é um *des portar*, é um *desportamento.* Porque nela, ao modo de sermos da ação, implicativa, compreensiva, fluímos, no fluxo estético, compreensivo e implicativo, do desdobramento das possibilidades.

Já o ***com portamento***, não. O ***com portamento*** é ***"com porto"***, não é fluxo, é *com-**portamento**.*

E o *porto* do *comportamento é* o *passado,* o acontecido, é a repetição, e a padronização.

O *comportamento* é a dimensão padronizada e repetitiva de nossa atividade. Na medida em que se constituem -- a partir da potência e do ineditismo vivencial, compreensivo, e implicativo, da vivência de possibilidades -- a *ação, a interpretação fenomenológica, e compreensiva, implicativa,* não é atividade padronizada e repetitiva. Ainda que forneça à atividade padronizada e repetitiva, ao comportamento, a *matéria prima*, os produtos coisificados da vivência ativa, poiética, que podem ser, então, padronizados, e repetidos.

Mas, então, realizados, já decaídos e coisificados. Ônticos, *entes*. Oriundos do *presente.*

Neste sentido, a repetição e a padronização teóricas são, própria e especificamente, *com porto.* ***Com port a mentais****.* E é curioso perceber como o comportamento, da mesma forma que a teoria, *não é implicativo,* mas é *explicativo;* ao mesmo tempo em que a teoria é *comportamental*.

Teorização e comportamento dão-se no acontecido. Na repetição da explicação. Que se originam e constituem na vivência múltipla e multiplamente articulada em processo de formação de figura e fundo da ação. Implicativa.

A ação, a interpretação fenomenológico existencial, implicativa, compreensiva, é *desporto*; *desportamento.* Desporta e flui no devir implicativo, criativo.

## CONCLUSÃO.

### Implicação, Consciência e intensionalidade pré-reflexivas. Compreensão gestáltica. Aporia. Aporética. Argumentatividade. Ação. Interpretação.

A *implicação* -- que caracteriza a vivência no modo fenomenológico existencial de sermos -- dá-se como vivência, como consciência, pré-reflexiva da tensionalidade, da intensionalidade, do compreensivo desdobramento de possibilidades: do compreensivo desdobramento da ***ação***; ou seja, a vivência da implicação dá-se como vivência compreensiva do desdobramento de *gestalts¸* da vivência compreensiva do desdobramento da dominância da multiplicidade, de um *plexo,* de possibilidades.

Consciência pré-reflexiva, pré-teorética; e pré-comportamental, esta vivência da implicação se constitui assim como *compreensão.* A compreensão é a constituição como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, da dominância de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades. É, pois, aspecto cognitivo do desdobramento da ação, do desdobramento de possibilidades.

A compreensão é especificamente *gestáltica.* Na (des)medida em que se dá sempre como a totalidade significativa, compreensiva, que é diferente da soma de suas partes. E é vivenciada inicialmente como uma totalidade de partes, que só sucessivamente se configuram paulatinamente como tais.

Originaria e primitivamente, portanto, a consciência implicativa -- compreensiva, Gestáltica -- se dá, intuitivamente, como consciência pré-reflexiva, da dominância da atividade do *plexo* de possibilidades, na medida em que é vivenciada como totalidade significativa, anteriormente à configuração compreensiva paulatina das partes, que re-formam, agora como coisa, possibilidade desdobrada, exaurida, realizada, a totalidade, a gestalt, atualizada.

O desdobramento gestáltico da dominância das possibilidades, da ação, é o que entendemos como *Implicação, e* como *Interpretação.* No caso *Interpretação compreensiva*, implicativa*.* É a consciência da ação, e do ator.

Pro**jet**ativo. E não sub**jet**ivo, nem ob**jet**ivo.

Implicação, e não explicação. Interpretação própria e especificamente compreensiva, fenomenológico existencial, e não a interpretação explicativa.

Na vivência gestáltica da ação, e enquanto *sentido,* própria e especificamente, enquanto *logos, dia-logos, fenômeno-logos,* em sua intrínseca multiplicidade, pluralidade, implicativas, as possibilidades competem argumentativamente umas com as com outras, se desdobram, se atualizam. De um modo tal que as possibilidades se limitam entre si. Impondo-se aporias uma às outras.

**A aporia é o limite do fluxo do desdobramento da força da possibilidade.**

No limite, na aporia, emergem outras possibilidades, outras implicações, que, logos, sentido, compreensivas, argumentam, competem, e limitam-se entre si. Até que as mais potentes plasticamente imponham os seus desdobramentos dominantes.

BIBLIOGRAFIA

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

NIETZSCHE, Frederich O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

PALMER, Richard HERMENÊUTICA.

**11. IMPLICAÇÃO, *IMPLEXAÇÃO.* Fenomenológica da Implicação, da performação, e da *perplexidade.* Fenomenológica da ação. Da gestaltificação.**

**Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo.***


**CONCLUSÃO** 4

**INTRODUÇÃO** 5

**A IMPLICAÇÃO É, EM SI, A AÇÃO, A VIVÊNCIA ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA.** 6

***IMPLICAÇÃO*, *IMPLEXAÇÃO*** 6

**IMPLICAÇÃO E INTENSIONALIDADE** 8

**A IMPLICAÇÃO, CONSCIÊNCIA PRÉ-REFLEXIVA, É COMPREENSIVA, É COMPREENSÃO. É FENOMENAÇÃO. É FENOMENAL.** 9

**ESTÉTICA E IMPLICAÇÃO. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA É IMPLICATIVA. A IMPLICAÇÃO, A COMPREENSÃO, A AÇÃO, O FENOMENAL, SÃO A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA** 10

**IMPLICAÇÃO E GESTALTIFICAÇÃO** 12

**IMPLICAÇÃO. O TODO QUE APARECE ANTES COMO TODO, E QUE SÓ DEPOIS AS PARTES FIGURAM PERFORMATICAMENTE** 13

**IMPLICAÇÃO E HERMENÊUTICA. INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL COMPREENSIVA** 14

**IMPLICAÇÃO E INTUIÇÃO. *PERIGAÇÃO*, EMPIRISMO, E EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS** 15

**PRÉ-REFLEXIVA, EMPÍRICA, IMPROVISATIVA, HERMENÊUTICA, E EXPERIMENTAL, A AÇÃO, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, É *PERPLEXA, É PERPLEXIDADE*. E NÃO, SIMPLESMENTE, *CUMPLEXA, CUMPLEXIDADE*.** 16

**IMPLICAÇÃO. A MOMENTANEIDADE INSTANTÂNEA DA VIVÊNCIA QUALITATIVA, GESTÁLTICA, IMPLICATIVA, DO MÚLTIPLO INFINITAMENTE QUANTITATIVO. PLEXO, GESTALT: *O TODO QUE É DIFERENTE DA SOMA DAS PARTES.*** 18

**CONCLUSÃO** 20

INTRODUÇÃO 21

## Conclusão

A fenomenologia da implicação mostra-nos esta importante dimensão do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos como a organização performática, dinamicamente unificadora -- como processo de formação figura e fundo -- da multiplicidade de possibilidades, cujo desdobramento articulado, sucessivo e formativo, constitui a instantaneidade momentânea do acontecer da ação compreensiva, e implicativa -- fenomenológico existencial e dialógica.

A implicação é, pois, uma qualidade intrínseca da vivência do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos – modo de sermos compreensivo e implicativo. Como tal, fenomenológico existencial, a implicação é ativa – é, em essência, desdobramento de possibilidades.

Como o desdobramento de possibilidades -- vivência do desdobramento de forças, que caracteriza a ação compreensiva – a implicação é *tensional*, sua vivência é *intensional.*

A implicação é compreensiva -- é a constituição como consciência pré-reflexiva do desdobramento de possibilidades.

É hermenêutica, na medida em que é interpretação – a ação -- fenomenológico existencial, compreensiva. Na medida que é um processo fenomenologicamente formativo, criativo, de formação de figura e fundo. E, no limite, um processo formativo da coisidade e da objetividade da mundaneidade do mundo.

É experimental, a implicação, como vivência intuitiva afirmativa, que se fia, e firma-se, na intuição, e na alegria, do desdobramento afirmativo de possibilidades. É dialógica. Uma vez que a sua vivência se dá como a dinâmica da dialógica de uma relação eu-tu, com a alteridade radical do possível.

O termo *implicação* surge da raiz *plic*, em Grego, que quer dizer *plexo*. A vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa, é *pléxica, é implexa, é implexação, é implicação.*

Isso significa que o processamento compreensivo da ação fenomenológica se dá, a cada um de seus atos, como a vivência de um conjunto, de uma multi**plic**idade, de possibilidades. Que oscila, de modo mais ou menos organizado, e critivo, ***pléxicamente,*** entre a sua dispersão em sua multiplicidade, e a sua unificação gestaltificativa, nas unidades de gestalts, nas unificações de um plexo, na dinâmica ativa e formativa, criativa, de um processo de formação de figura e fundo.

*Performance, performática,* a vivência fenomenológico existencial e dialógica, como implicação compreensiva do desdobramento de possibilidades, é formativa. Performativa. Performação, da sucessão múltipla da fenomenológica do processo de formação de figura e fundo, do processo fenomenológico da formação de gestalts -- e formativa da objetividade da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo --; a partir das unificações gestálticas, sempre, da dinâmica de uma multiplicidade de possibilidades.

## Introdução

O importante par de conceitos ***implicação*** - ***explicação*** nomeia, de um ponto de vista ontológico, os dois modos básicos de sermos. O **modo *ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo***; e o **modo *explicativo*** de sermos -- *teorético* e/ou *comportamental*.

No modo *explicativo*, vivenciamos a experiência da dicotomização sujeito-objeto. E não vivenciamos a tensionalidade, a intensionalidade, que, pela vivência do desdobramento de possibilidades, vivência da ação, é própria ao modo ontológico de sermos. O modo explicativo de sermos é dicotomia sujeito objeto, e não sendo *ação,* vivência do desdobramento de possibilidades, não é um modo de vivência tensional; não é, assim, intensional. Não é ação, não é vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a experiência pré-reflexiva, ou seja, a constituição como *compreensão* do desdobramento das possibilidades; que se dá no modo ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico de sermos. No modo explicativo de sermos não vivenciamos a *compreensão.*

O modo *ontológico* de sermos se dá como vivência do desdobramento de possibilidades, como ação, como atualização, com atualidade e presença. É, assim, tensional, *intensional*. E não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, mas dialógico; desdobrando-se, na pontualidade da vivência de sua momentaneidade instantânea, como dinâmica da dialógica eu-tu do desdobramento da ação, da atualização, do desdobramento de possibilidades.

A vivência compreensiva, no modo ontológico de sermos, tem a fundamental característica de se dar como *implicação*, de ser *implicativa.*

E isto quer dizer que, a cada momento da vivência de sua momentaneidade instantânea, o modo ontológico de sermos é vivência gestáltica, vivência de gestalts, gestaltificação. Mais especificamente, vivência de *plexos* de possibilidades, de conjuntos organizados de possibilidades, articuladas em desdobramentos compreensíveis, como processo de formação de figura e fundo. *Plexos* de possibilidades nos quais a ação resultante se organiza, como articulação das dominâncias da força de cada uma das possibilidades, na dominância do conjunto da multiplicidade do plexo. Que, compreensivamente, se organiza como a performação, como a performance compreensiva da sucessão de um processo de formação de figura e fundo.

Este caráter *pléxico* da ação, característico do desdobramento de possibilidades do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é o que a ele confere a intrínseca característica de *implexação,*de *implicação*. Que o constitui como o modo *implicativo* de sermos.

E o distingue do modo *explicativo* de sermos. Que é *ex-plicativo* por não ser *implicativo.*

Aqui tentamos comentar alguns aspectos da vivência implicativa característica do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, e gestáltico, de sermos.

## A IMPLICAÇÃO É, EM SI, A AÇÃO, A VIVÊNCIA ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA.

A ***implicação*** é uma qualidade intrínseca da vivência ontológica, fenomenológica existencial dialógica.

Refere-se ao aspecto de que, a vivência fenomenológica -- enquanto desdobramento compreensivo da ação, na pontualidade momentânea de sua instantaneidade -- é sempre a vivência compreensiva do desdobramento articulado de uma multiplicidade de possibilidades. Vivência compreensiva esta que se configura formativamente, performativamente, e de um modo unificado, como um processo de totalizações significativas, como um processo de formação de figura e fundo, processo de formação de gestalts.

Esta articulação -- que, na momentaneidade instantânea da vivência fenomenológico existencial dialógica, organiza a dinâmica do desdobramento da multiplicidade das possibilidades em totalidades significativas, que constituem a performático do processo de formação de figura e fundo, no que chamamos de ação compreensiva, *gestaltificação* -- constitui assim como ***plexos***, como uma sucessão de ***plexos,*** como uma sucessão de gestalts, a vivência fenomenológica, momentaneamente instantânea, do desdobramento de possibilidades, do desdobramento compreensivo da ação.

A vivência dos ***plexos*** da momentaneidade instatânea de cada desdobramento de possibilidades, em ação compreensiva, atualização – enquanto processo performático de formação de figura e fundo -- é o que entendemos como ***implicação*** *-- implexação.*

## IMPLICAÇÃO, IMPLEXAÇÃO

A experiência, e experimentação, ontológicas, fenomenológico existencias e dialógicas -- a vivência, cognitivamente compreensiva – é, assim, *implicativa.*

Porque é vivência do desdobramento compreensivo de possibilidades. É vivências do desdobramento da ação, cognitivamente compreensivas, vivências da atualização. A implicação é ação, é atualização.

O caráter *implicativo* da vivência ontológica, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, deriva da condição de que a vivência de possibilidades, que é característica do modo ontológico de sermos, é sempre a vivência da momentaneidade do **desdobramento integrado** de uma ***multiplicidade simultânea*** de possibilidades.

Podemos dizer que as possibilidades se dão -- na vivência cognitiva de seu processo compreensivo -- como o desdobramento do movimento de *feixes* de possibilidades.

Nos quais cada possibilidade, em si, é constituída também por múltiplas outras possibilidades. As possibilidades, em seus desdobramentos, assim, se dão como ***plexos***, como conjuntos organizados de possibilidades em desdobramento. A rigor, as possibilidades de um plexo de possibilidades são infinitas, ativas, figurativas.

A vivência compreensiva, ontológica, fenomenológico existencial, dos desdobramentos do plexo de possibilidades, a ação, é a ***implicação***.

Poderíamos ilustrar a vivência da implicação com os movimentos de um grande cardume. Neste movimento, cada peixe é uma unidade. E se articula, e articula o seu movimento, no movimento perene do conjunto.

A cada momento da vivência do desdobramento da ação, a cada vivência do desdobramento compreensivo, a cada momento pré-reflexivamente cognitivo do desdobramento das possibilidades, as possibilidades são sempre mútiplas. E cada possibilidade articula o movimento compreensivo de seu desdobramento com o movimento do conjunto, com o movimento do *plexo*. As possibilidades, os plexos de possibilidade, estão sempre em desdobramento, são sempre movimentantes. A sua movimentação, a ***implicação*** é, portanto, ***perplexa, perplexificação, perplexidade****.* O prefixo ***per*** indica a movimentação, que necessariamente parte de um ponto e se desdobra até outro. Como um pulso, a possibilidade, os plexos de possibiliddes, na implicação, se desdobram, como forças, da pré-compreensão, passando pelo seu desdobramento compreensivo, no sentido da sua exaustão, na condição da coisa instalativa.

Esta articulação pléxica dos desdobramentos das possibilidades, dos desdobramentos da ação, se dá na medida em que cada possibilidade organiza a sua dominância com a dominância do conjunto do movimento do plexo. Num processo em que, cognitiva e compreensivamente, o seu desdobramento, a sua atualização, pode levá-la a constituir-se, momentaneamente, como *figura,* contra o *fundo* de seu conjunto de possibilidades. Na ação compreensiva de processos de formação de figura e fundo. De formação de gestalts.

Num processamento sucessivo, em que ela fulgura como figura, configura, na duração de seu tempo, e volta ao seu fundo. E, sucessivamente, novas possibilidades figuram, fluindo indefinidamente, e na proporção direta da força plástica, poiética, de cada uma delas.

Estes conjuntos articulados das possibilidades, cognitivamente vividos como compreensão, como gestalts, como fenômenos, nas organizações de seus desdobramentos, são, no sentido cognitivo compreensivo, assim, o que os Gregos chamaram de ***Plexos – Plic****.*

De modo que, a momentaneidade instantânea da vivência dos plexos ativos de possibilidades, em seus desdobramentos, que se dão no modo ontológico de sermos, compreensivo e implicativo, fenomenológico existencial e dialógico, é o que se chama de ***ImPLICação.***

A **vivência ontológica compreensiva**, assim, a vivência fenomenológico existencial e dialóg ica, a vivência da ação, da atualização, enquanto vivência do desdobramento de possibilidades é ***implicativa****.* Porque, intrinsecamente, é

sempre ação, na sua momentaneidade instantânea, a vivência dos desdobramentos de *plexos de possibilidades.* Que se constituem como a vivência do desdobramento de gestalts, a vivência do desdobramento de totalidades significativas. Num processo performático de formação de figura e fundo.

De modo que a vivência de possibilidades, a vivência do desdobramento de possibilidades, a vivência da ação, a vivência da interpretação fenomenológico existencial, sempre se dá, portanto, como a vivência do desdobramento gestáltico de um *plexo,* de uma multiplicidade conjunta e organizada, de possibilidades. Gestalticamente organizadas, sempre, segundo as suas dominâncias. Nas dinâmicas da sucessão que é vivida, compreensivamente, como um processo *formático, performático,* de formação de figura e fundo; de formação, de performação, de performance, gestálticas.

Até que, na sua momentaneidade instantânea, a dinâmica da vivência do desdobramento do plexo de possibilidades, desdobrada, se instale como coisa... Instale-se como *instalação...*

***Plic*** é, então, a palavra Grega para ***plexo***.

***Plic, plexo****,* termo que está, por exemplo, em ***comPLEXO***, que está em ***perPLEXO.*** E que está em ***múltiPLo****,* em ***multiPLicidade****;* em ***PLural****,* em ***Pluralidade****,* em ***imPLÍCito,*** em ***exPLÍCito,*** em ***exPLICação,*** em ***aPLICação,*** em ***imPLICação,*** em ***comPLICação****...*

## IMPLICAÇÃO E INTENSIONALIDADE

Como o modo de organização da vivência da dinâmica fenomenológico existencial da ação -- que é dialógica, compreensiva, e implicativa, como desdobramento de possibilidades, portanto --, a implicação, na duração de sua momentaneidade instantânea, é, igualmente, *tensa*, é *intensa,* é *tensional,* é *intensional.*

A implicação é a vivência do próprio modo ontológico de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial, e dialógico, hermenêutico e experimental. E possui, assim as suas características. A implicação é o modo hermenêutico de sermos da ação, da afirmação, da atualização de possibilidades, da criação – que, como desdobramento de possibiliddes, é intensional, na duração de sua momentaneidade instantânea.

A implicação, o modo ontológico de sermos, não é, naturalmente, o modo de sermos explicativo. No qual se dá a dicotomia sujeito-objeto, a objetividade, e a subjetividade. A implicação *não é* o modo de sermos da causalidade, do mecanicismo fatalista das relações de causa e efeito. Não é o modo pragmático de sermos dos úteis e das utilidades. A vivência do modo ontológico de sermos, a vivência da ação, da implicação, não é o modo de sermos da realidade. Porque não é modo, *extensional,* de sermos do acontecido; mas o modo intensional de sermos do acontecer.

Na sua característica de acontecer, de desdobramento de possibilidades, de modo compreensivo de sermos da ação, a implicação é intensional. Não é *extensional,* como o modo de sermos do acontecido, como o modo de sermos da

explicação – teorético e/ou comportamental. Explicativos, acontecido, o modo teorético e o modo comportamental de sermos não têm a tensionalidade do desdobramento de possibilidades da ação compreensiva, do acontecer; não são tensionais, não são intensionais.

## A IMPLICAÇÃO, CONSCIÊNCIA PRÉ-REFLEXIVA, É COMPREENSIVA, É COMPREENSÃO. É FENOMENAÇÃO. É FENOMENAL.

O termo ***implicação*** designa, assim, a vivência da momentaneidade instantânea do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos. Que é o desdobramento fenomenologicamente **compreensivo** da ação. O modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico, **compreensivo** e... *implicativo.*

Modo de sermos que se contrapõe aos modos *explicativos* de sermos -- o modo de sermos *teorético*, e o modo *comportamental*. Modos não ontológicos, não compreensivos, não fenomenológicos, nem existenciais de sermos. Modos especificamente *não implicativos* de sermos; e, por isto, *explicativos.*

O que caracteriza o *modo ontológico*, e *implicativo* de sermos é que durante toda a duração de cada um de seus momentos -- sempre episódicos e recorrentes – ele é vivência fenomenal, é vivencial; ou seja, é consciência pré-reflexiva e pré-conceitual, de possibilidades, é vivência do desdobramento de possibilidades. A vivência da ação, própria e especificamente, a vivência pontual e momentânea do acontecer, da movimentação do devir. Toda a vivência da duração momentânea do modo ontológico de sermos é ação, é atualização, e é compreensão. É interpretação **compreensiva**, fenomenológico existencial. Em seus desdobramentos implicativos, as possibilidades se constituem como consciência fenomenológica, como consciência pré-reflexiva, como ***compreensão.***

Equanto tal, a vivência implicativa do desdobramento da ação, a cada momento do fluxo de sua momentaneidade instantânea, se constitui cognitivamente. Consciententemente, *científicamente*, como consciência pré-reflexiva. Constitui-se, assim, é *preendida, apreendida, compreendida, como* ***compreensão***, como ***fenômeno,*** **como** consciência fenomenológico existencial, dialógica, *comprensiva e* implicativa.

No seu desdobramento, na sua performação, cada plexo de possibilidades dá-se assim *compreensão,* como o modo de sermos *com preensão*, como consciência pré-reflexiva, ontológica, fenomenológico existencial e dialógica. Ao se organizarem em suas dominâncias, nos seus plexos, nas suas gestalts, as possibilidades em desdobramento são *preendidas*, se constituem como *compreensão.* Como fenômeno, como fenomenais, a vivência pré-reflexiva e intensional de totalidades significativas, nas sucessões de seus processos performáticos de formação de figura e fundo.

## ESTÉTICA E IMPLICAÇÃO. A experiência estética é implicativa. A implicação, a compreensão, a ação, o fenomenal, são a experiência estética

A experiência estética é a experiência propriamente ontológica. É vivência, pré reflexiva, vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva, é gestáltica, e ***implicativa***. Como toda a experiência e experimentação fenomenológicas, a experiência estética é experimentação e interpretação fenomenológico existenciais, é compreensão, e é ação. Ela é a vivência ativa e compreensiva do desdobramento de *plexos* de possibilidades*, – implexação, implicação.*

Em sua efetividade afirmativa, o modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo e implicativo, é assim um *ethos,* uma ética. A *estética.* E a *poiética.*

Do ponto de vista de seu caráter ativa e afirmmente cognitivo, compreensivo, é *ética da estesia*, a *estética,* especificamente. Do ponto de vista de suas forças, de suas **po**ssibilidades, e do desdobramento destas, e consequente criatividade, é ***po****iese*, é a ***po****iética.*

De modo que coincide, portanto, a concepção de *estética,* e de *poiética*, e o modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial dialógico, compreensivo e implicativo. O modo ontológico de sermos é estético, é poiético, é estética. E poiética.

O termo *estética* remete ao caráter impulsionativo, ativo, da experiência do modo ontológico de sermos, da experiência e da experimentação fenomenológico existenciais – intrinsecamente movimentação, como atualização de possibilidades. Experiência ontológica, a experiência estética, toda ela, é ação, na pontualidade de sua instantaneidade momentânea. Ou seja, é toda ela vivência de possibilidades, mais especificamente, vivência do desdobramento de possibilidades – vivência de ação, atualização.

Modo de sermos da ação, da vivência do desdobramento de possibilidades, o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos é todo ele, assim, movimento, é todo ele *moção* – na pontualidade ativa da momentaneidade instantânea de sua duração.

É, todo ele, portanto, *e-moção*, e *motiv-ação.*

Em função do *não fato* de ser, todo ele, o modo de sermos do desdobramento de possibilidades, todo ele o modo de sermos da ação, da atualização, da interpretação, e experimentação, fenomenológico existenciais.

Este caráter de movimentação, de impulsionamento, que constitui a vivência da ação, a vivência do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos, fez com que os Gregos utilizassem o termo ***estesia*** para denominá-lo.

O termo ***estesia*** vem do nome, ***estésico****,* de um vento, de uma *moção,* que sopra na Grécia, durante uma época do ano. E que impulsiona as velas dos navios, movimentando-os para fazerem-se ao mar. À experiência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, do modo de sermos que é a movimentação do desdobramento, cognitivamente compreensivo, de possibilidades – que é moção,

movimentação, emoção, motivação -- a experiência e experimentação do modo de sermos da ação, da atualização, da atualidade, os Gregos chamaram de ***estesia****. ]*

O modo fenomenológico existencial ativo de sermos, criativa e compreensivamente sensível, é o modo de sermos de uma ***estética*** – *de uma ética da estesia.* Analogamente à designação do vento *estésico* que, moção, ativa as velas dos navios*.*

É interessante observar que este modo de sermos corresponde ao modo de sermos que recebe a designação Grega, e não a designação Latina, de *pathos* – o modo de sermos, emocionado, emotivo, da *sensibilidade emocionada...* Conhecido como *empatia. Path-ética. Peri-path-ética...*

Como vivência do desdobramento, empírico e experimental, de possibilidades, como vivência da ação, cognitivamente compreensiva. A vivência compreensiva da experiência estética é, assim, ação compreensiva, e implicativa*.*

A ação, a atualização, a atualidade, a implicação, é o fundamento último do modo ontológico, e estético, de sermos. É um ethos, é uma ética. A estética – mesmo quando ação meramente compreensiva.

Este modo de sermos, ontológico, fenomenológico existencial compreensivo, é criativo, enquanto vivência compreensiva de possibilidades, do desdobramento de possibilidades. Esta intrínseca criatividade do modo ontológico, estético, de sermos, o constitui e caracteriza como *poiética.* A ética da possibilidade, a ética do possível, da força do possível, e da atualização de possibilidades – e de criação, como vivência compreensiva, e como criação da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo.

Coincidem, portanto, o modo de sermos da experiência e da experimentação estéticas, e o modo de sermos, ontológico, da experiência fenomenológico existencial compreensiva da implicação. Coincidem o modo de sermos da experiência estética e o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos. O termo *implicação* é mais ricamente descritivo da característica articulação compreensiva de multiplicidade e unidade da experiência e experimentação ontológica fenomenológico existencial dialógica.

Assim:

1. Modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, a implicação e a gestaltificação, o processo gestáltico de formação de figura e fundo são, na sua coincidência, o modo de sermos dá a experiência estética;
2. A experiência estética -- a implicação, a compreensão, o processo gestáltico de formação de figura e fundo -- é como pontualmente vivenciamos o mundo de um modo *ativo,* e enquanto mundo *ativo,* no fluxo da instantaneidade momentânea de figuração *trágica* de sua multiplicidade;
3. A experiência estética é *poiética,* no sentido de que cada possibilidade, e cada um dos seus agenciamentos coletivos, implicações, gestalts,

são forças, possibilidades, e organização de forças, de possibilidades, em desdobramento.

4. Em seu desdobramento, as possibilidades que se dão cognitivamente, compreensivamente, vão perdendo em força, e se constituindo como coisas, criações, instalações, do mundo coisificado.
   A partir das quais, com a sua infusão por possibilidades, numa reedição do modo estético de sermos, a vivência ativa pode se reconstituir.

## IMPLICAÇÃO E GESTALTIFICAÇÃO

Na vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades, assim, na vivência da ação compreensiva e implicativa, as possibilidades se dão sempre em uma multiplicidade, em um plexo de possibilidade. O seu caráter *pléxico,* o seu caráter de plexo de possibilidades, o seu caráter de *implicação,* indica que, na vivência desta sua multiplicidade em desdobramento, as possibilidades se organizam gestalticamente, implicativamente, segundo a dominância de suas forças plásticas. Como um processo cognitivamente compreensivo, formático, performático, de formação de figura e fundo.

A vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades, a ação, a atualização, dão-se sempre assim como articulação integrada do desdobramento de uma multiplicidade simultânea de possibilidades. Cognitivamente, como totalizações significativas compreensivas. Que fluem, na sua dinâmica compreensiva, como as sequências de processos de formações de figura e fundo. Como as sequências, e as consequências, dos processos de formação de *Gestalts.*

O mesmissimo processo, ativamente cognitivo, *da implicação*, portanto, é o processo *da* vivência *Gestáltica. A implicação é gestáltica; a gestaltificação é implicativa.* Talvez pudéssemos até dizer que *implicação* é a palavra Grega para *gestaltificação;* e *gestaltificação* é a palavra Germânica para a Grega *Implicação...*

*Implicação* e *Gestaltificação* designam o modo como se organiza o desdobramento da consciência fenomenológica pré-reflexiva e compreensiva; a consciencia da ação, da atualização, no modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico, intensivo, intensional, compreensivo e implicativo. *Implicação* **e** *Gestaltificação t*êm assim a ver com as características da organização da experiência compreensiva como o aspecto cognitivo da *vivência* ativa da ação pelo ator. *Vivência* ativa da ação pelo ator que, fenomenológico existencial e dialógica, é, sempre, a vivência ativa de uma multiplicidade infinita de possibilidades, que se organizam figurativamente, configurativamente, como *plexos,* nas sequências das dinâmicas de suas dominâncias, como o processo de formação de figura e fundo.

Neste sentido, a vivência compreensiva, fenomenológico existencial e dialógica, da ação, a *Gestaltificação*, a *implicação*:

1. São, eminentemente, da ordem da consciência pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomenológico existencial,compreensiva e dialógica: ontológica;
2. São vivência de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades. São eminentemente ativas, portanto, ação, atualização. Constituem-se pré-reflexivamente como logos fenomênico, como *fenomeno logos,* como *dia logos,* como compreensão.
3. A *gestaltificação* e a *implicação* são eminentemente múltiplas, a vivência articulada de uma multiplicidade de forças: de uma multiplicidade de *possibilidades*;
4. Multiplicidade esta na qual cada possibilidade tende a organizar a força de sua dominância na dinâmica fluída da dominância do conjunto de forças das possibilidades do *plexo*;
5. É o fluxo dessas dominâncias que se constitui, cognitivamente, como *compreensão,* e como *implicação;* e que se constitui cognitivamente, compreensivamente, como o processo de formação de figura e fundo.
6. Na vivência da implicação, na vivência do processo de formação de figura e fundo da gestaltificação, vivenciamos compreensivamente a organização dos plexos de possibilidades, como totalidades significativas. Que aparecem antes como totalidades significativas, como gestalts do plexo de possibilidades em desdobramento. E só em seguida pode se dar a figuração das possibilidades partes, numa sucessão de processo de formação de figura e fundo.

## IMPLICAÇÃO. O TODO QUE APARECE ANTES COMO TODO, E QUE SÓ DEPOIS AS PARTES FIGURAM PERFORMATICAMENTE

A vivência implicativa, a vivência gestáltica, tem características peculiares. Dentre elas a de que ela se dá como uma totalidade significativa. Composta, portanto, pela latência de uma multiplicidade de partes. Mas a sua totalidade significativa, aparece antes, como todo. E só a seguir é que as partes podem figurar paulatinamente.

Se eu penso, por exemplo, em *Aquarela* – a música que o Toquinho canta --, a gestalt de *Aquarela* me aparece em totalidade. Com suas partes versos implícitas e latentes. E só então, de sua implicitude e latência, é que podem as partes versos figurar paulatinamente.

Assim é, por exemplo, na percepção de uma pessoa, na percepção de uma dimensão do Ambiente, no paroxismo da experiência esportiva.

Nossa vivência se constitui a partir da vivência de uma multiplicidade de possibilidades. Mas ela se constitui como totalidades significativas, nas quais

estão necessária e intrínsecamente latentes e implícitas uma multiplicidade de partes. Que, a seguir, figuram, configuram, paulatinamente...

## IMPLICAÇÃO E HERMENÊUTICA. Interpretação Fenomenológico Existencial Compreensiva

No conjunto de seus desdobramentos, a ação implicativa, *implexativa*, é a interpretação fenomenológica. E, assim, é a hermenêutica fenomenológica – que é a *arte da interpretação.*

Interpretação *compreensiva*, no caso, e *implicativa.*

E não *explicativa. Teorética.*

O caráter hermenêutico da interpretação fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, decorre de que ela é interpretação da vivência ***do possível***. Interpretação que é *tradução* da vivência do desdobramento da força plástica das possibilidades, desde a sua insurgência pré-compreensiva e pré-ativa, passando por seu processo performático de formação de figura e fundo, até a sua constituição na condição de coisa instalativa.

A multiplicidade de possipilidades, que se articula em plexos de possibilidades, se constitui como o fluxo de unificações sucessivas, totalidades significativas, e transitórias, do processo formático, performático, de formação de figura e fundo. Performance, performação, na qual o desdobramento da força das possibilidades se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, no processo de formação de figura e fundo da compreensão.

E que culmina desaguando na constituição criativa da coisa instalativa, em sua objetividade explicativa. Quando as possibilidades exaurem as suas forças no desdobramento implicativo de sua atualização.

Neste percurso, performance, da perplexidade da ação, da atualização, da interpretação fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa (Nietzsche diria que *a ação é um mistério..*), as possibilidades, enquanto forças, emergem pré-compreensivamente. E se constituem compreensivamente, à medida de seus desdobramentos. *Inter ação,* elas se constituem sempre como as dinâmicas de uma dialógica eu tu, que caracteriza não só a inter ação, mas caracteriza a *inter pret ação*, a partir dos níveis *pret ativos* da emergência pré-compreensiva da força das possibilidades.

Formativa, performativa, performática formativa (1) do processo implicativo de formação de figura e fundo; e (2) performática formativa da coisificação instalativa -- performática performativa da coisa em sua *entidade* --, a ação compreensiva, a ação implicativa é, desta forma, hermenêutica, portanto. Por que, a partir da força pré-compreensiva, e pré-ativa, da possibilidade, o processo de seu desdobramento se constitui formativamente como processo de formação de figuras e fundo, de formação de plexos, gestalts; e, no limite, na formação de *coisas inéditas*, de objetos, nas condições de sua coisidade instalativa.

## IMPLICAÇÃO E INTUIÇÃO. *PERIGAÇÃO,* EMPIRISMO, E EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS

A vivência afirmativa da emergência pré-compreensiva das possibilidades constitui-se como o desdobramento da intuição de uma disposição estética. Disposição intuitivamente afirmativa, que, intuitivamente, afirma a afirmação em que a possibilidade se constitui em suas forças, já a este seu nível pré-compreensivo.

Neste nível pré-compreensivo, e em seu nível compreensivo, e implicativo, é intuitiva a vivência do desdobramento das possibilidades. Ou seja, pré-reflexiva, pré-teórica e pré-explicativa.

O que significa, na afirmação, fiar-se na estética da intuição pré-reflexiva, e mesmo pré-compreensiva, das possibilidades, em seus desdobramentos implicativos.

Pré-teórica, esta intuição estética da afirmação do desdobramento implicativo das possibilidades é, própria e especificamente, ***empírica***. Justamentepor se dar, e se desdobar, e concluir, num modo não teorético de sermos.

Como tal, igualmente, a vivência intuitiva desta afirmação constitui o caráter própria e especificamente ***experimental*** da vivência da ação compreensiva e implicativa; fenomenológico existencial e dialógica. A *experimentação* especificamente fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa.

Essencialmente diversa da experimentação cientificamente explicativa.

O radical ***peri***, do verbo Grego *perire,* que está em ***emPÍRIco*** e em ***exPERImental*** – assim como está em *PERIgo,* em *insPIRação, resPIRação, PIRata, PIRação* – tem o sentido de ***arriscar***, de ***tentar***. Que no caso do **empirismo** e da **experimentação** fenomenológico existenciais dialógicos significa a afirmação intuitiva do desdobramento performático do plexo de possibilidades emergentes, ainda na vivência intuitiva de sua momentaneidade pré-compreensiva, quase que *pré-ativa.*

O empirismo e a experimentação fenomenológico existenciais e dialógicos, compreensivos e implicativos, se fundam, assim, na afirmação intuitiva do desdobramento (pré-reflexivo) das possibilidades. Desde, e em particular, no momento em que este se dá, de modo meramente intuitivo, a nível pré-compreensivo. Ou quando, implicativamente, as possibilidades se desdobram compreensivamente. E culminam na sua instalação explicativa como coisa.

## PRÉ-REFLEXIVA, EMPÍRICA, IMPROVISATIVA, HERMENÊUTICA, E EXPERIMENTAL, A AÇÃO, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, É *PERPLEXA, É PERPLEXIDADE*. E não, simplesmente, *Cumplexa, Cumplexidade*.

A cada momento da vivência de sua instantaneidade momentânea, a vivência do plexo de possibilidades, a vivência gestáltica, a implicação, é ação compreensiva. Na medida em que, em específico -- na dramática de sua performática --, ela se constitui compreensivamente como desdobramento de possibilidades.

Este caráter ativo da vivência da implicação é bastante radical e definidor. Acompanhado do aspecto de que a vivência da implicação, caracteristicamente, se dá no modo dialógico de sermos. Ou seja, se dá no âmbito da dinâmica de uma dialógica eu-tu. E não no âmbito do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto.

Em decorrência deste seu caráter dialógico e compreensivamente ativo, de desdobramento de possibilidades, a momentaneidade instantânea da vivência compreensiva da implicação é a vivência ***improvisativa*** de um ***per*-curso.** Que se dá como o desdobramento da ação compreensiva.

**Percurso improvisativo** do desdobramento de possibilidades, que vai da vivência intuitiva da força emergente da possibilidade-- no vigor da sua emergência pré-compreensiva --, passando pelo seu desdobramento ativo e compreensivo, decaimento, e instalação -- como coisa per-formada, e instalativa.

Este ***per*curso** improvisativo do desdobramento compreensivo do plexo de possibilidades, que é a ação, a implicação, é ***per*plexo.** É a característica de ***per*plexidade** da vivência da **implicação**, da vivência gestáltica, da vivência ontológica fenomenológico existencial e dialógica, que é a vivência da ação em seu caráter improvisativo, e em sua constituição compreensiva implicativa.

Ou seja, a vivência do desdobramento ativo do plexo de possibilidades, como ação, dá-se como um pulso; que tem começo, meio, e fim. Ou seja, abertura e fechamento – na emergência pré-compreensiva da força das possibilidades, no seu desdobramento compreensivo, e em sua instalação explicativa como coisa instalativa, a seguir.

Este caráter improvisativo do desdobramento compreensivo da atividade, da ação, em sua momentaneidade instantânea e sucessiva, articula-se compreensivamente em unificações fluentes, sucessivas, e cambiantes, *gestalticas – totalidades significativas.* Na vivência momentaneamente instantânea da improvisação performática da performação de figura e fundo que constitui a ação, a vivência ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa. Na vivência de seu desdobramento improvisativo, as possibilidades sucessivamente figuram, contra o fundo de seu conjunto; ao qual retornam sucessivamente, depois de seu desdobramento. À medida que novas possibilidades emergem figurativamente como vivência compreensiva e implicativa.

O plexo de possibilidades, e a sua sucessiva figuração performativa, compreensiva e implicativa, de figura e fundo, dão-se, assim, pontual e empiricamente, na pontualidade da *impro-vis-ação* da instantaneidade momentânea de seu desdobramento compreensivo. A força das possibilidades,

que se manifesta a nível pré-compreensivo, está investida na perplexidade, no movimento, da ação, perplexidade da atualização, de constituição dos plexos, à medida de seus desdobramentos.

Em sua atividade originária, as possibilidades já se dão a nível pré-compreensivo. E se explicitam compreensivamente, de um modo intuitivamente improvisativo, à medida que se constituem como plexo em desdobramento ativo, implicativo.

De modo que não há uma *pré-visão* dos elementos constituintes do plexo, e do seu conjunto (que, na verdade, são quantitativamente infinitos). Os elementos constituintes do plexo em desdobramento das possibilidades só se dão, só se constituem e configuram, ativamente, na *im-pro-vis-ação* da implicação de seu gestáltico desdobramento compreensivo. Antes do percurso improvisativo compreensivo e implicativo do desdobramento da ação, os elementos constituintes do plexo de possibilidades são especificamente ***pré-compreensivos.*** **E só se dão à percepção da compreensão implicativa, no próprio desdobramento da ação. Ou, passada esta, como coisa instalativa. Explicativamente já.**

De modo que não há uma constituição explicativa de um plexo teórico, que permitiria a pré-visão do plexo em sua complexidade.

O plexo em sua complexidade explicativa objetiva -- imprevisível, e produto da improvisação --, já não é mais ação, já não é mais compreensão e implicação, não é mais a duração da momentaneidade instantânea, compreensiva e implicativa, da vivência fenomenológica pré-compreensiva da compreensão, e da implicação

O que se constitui objetiva, teórica, e explicativamente, é coisa instalativa, que decorre do próprio desdobramento imprevisível e improvisativo da implicação.

De modo que duas alternativas se apresentam à emergência pré-compreensiva da força das possibilidades em sua implicação compreensiva:

(a). A de ***afirmação*** e atualização da afirmação que já é o desdobramento compreensivo e implicativo das possibilidades, na constituição da performática da performação de figura e fundo, que é a ação. E que, nos seus limites, é a criação formativa da coisa instalativa, ao longo de seu desdobramento;

**ou**

(b). A negação das possibilidades, a negação da afirmação da movimentação da perplexidade do plexo, e de suas possibilidades constituintes. Pela retirada do investimento, da insistência, no ontológico modo de sermos de afirmação da afirmação implicativa das possibilidades em seus plexos. E passagem para a experiência do modo teorético e explicativo, pela experiência teorética e explicativa da constituição de um plexo, complexo e complexidade, teóricos e explicativos.

A ação implicativa, característica do modo ontológico de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial e dialógico, é, pois, própria e especificamente, **perplexa, perplexidade**.

E não, teórica e explicativamente, complexa, complexidade.

O complexo e a complexidade, assim, se constituem explicativamente, em seguida, posteriormente, ao improvisativo desdobramento, implicativamente compreensivo, da perplexidade, da implicação, da ação.

## IMPLICAÇÃO. A MOMENTANEIDADE INSTANTÂNEA DA VIVÊNCIA QUALITATIVA, GESTÁLTICA, IMPLICATIVA, DO MÚLTIPLO INFINITAMENTE QUANTITATIVO. PLEXO, GESTALT: *O TODO, QUE NÃO É MAIOR OU MENOR, MAS DIFERENTE DA SOMA DAS PARTES.*

Na pontualidade da instantaneidade momentânea, vivemos, sempre, a multiplicidade infinita.

Multiplicidade da vivência de possibilidades instantanea e momentaneamente articulada, como a unificação de totalidades significativas, como a vivência de plexos, de boas gestaltificações, nos nossos melhores momentos. Que geram e regeneram, esteticamente, a poiética compreensiva de criação de sentido – como processos de formação de figura e fundo --, e de criação das coisas, dos objetos, na dimensão da objetividade. Da multiplicidade infinita, de forças, de possibilidades, a consciência compreensiva, e implicativa, se constitui como o processo formativo qualitativo de constituição de sentido, de constituição de *logos, fenomeno logos, dia logos.*

Este é o modo de sermos da implicação. O modo como vivenciamos qualitativamente os sentidos do *todo que é diferente da soma de suas partes*.

Mesmo que não possamos nos dar conta nunca da particularidade de todas as partes.

Desta forma, todavia, vivenciamos compreensiva e implicativamente, ativamente, as totalidades qualitativas de sentido, em sua integridade enquanto tais, como potências, como possibilidades, e como ação, compreensiva e implicativa, como atualização. Como processos de formação de figura e fundo, como processos de formação de gestalts. Experimental, criativa, e hermenêuticamente.

Poderíamos dizer que o modo da explicação, é **o método de *Jack o estripador***. Ou seja: **Vamos por partes**...

É o método que interrompe a atividade do desdobramento das possibilidades, paralizando-as instantaneamente, como se fizesse uma tomada fotográfica instantânea – ou como se constituisse uma peça morta de estudo anatômico. E seguisse obsessiva e parcialmente, a consígnia metodológica de *Jack: Vamos por partes...*

Toma as partes, enquanto tais, das totalidades significativas, reificando-as, e tratando-as em si, em sua particularidade abstrata, dissociada da integridade e da multiplicidade pléxica de seu devir.

Para tomarmos as partes isoladas em suas particularidades atomizadas, como partes em si, inertes e isoladas, precisamos estar fora do modo ontológico de sermos. Modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo -- no qual tudo se dá como o desdobramento de plexos de possibilidades, como ação compreensiva e implicativa, na perplexidade de seus devires, como gestalts, como processos de formação de figura e fundo. Como possibilidades implicativamente vividas, na dialógica, como a outridade radical de um tu.

Para tomarmos as partes em si, em suas particularidades individuais, precisamos estar fora do modo e do método, da ética, da implicação; e estarmos no modo e no método, na ética da explicação...

Para tomarmos as partes isoladamente como partes, precismos ser no modo explicativo de sermos. E isso significa que, para tomarmos as partes em suas particularidades, dissociadas dos plexos de suas pertinências ontologicamente originárias, precisamos estar fora do modo de sermos do *acontecer*. Precisamos estar no modo de sermos do *acontecido*. Em que não vigoram mais as possibilidades em seus desdobramentos implicativos, mas o modo no qual se dá o objeto, a coisa em sua instalatividade.

Então, por exemplo – para ficarmos em três pequenos exemplos...

Ao percebermos efetivamente uma pessoa só podemos apreendê-la, comprendê-la, no processo do seu acontecer, que posso dialógica, compreensiva e implicativamente compartilhar. Na implicação da dialógica, a pessoa não me é dada em nenhuma parcialidade, e em nenhuma objetividade, mas como uma totalidade significativa, em seu movimento de acontecer, como uma totalidade que é diferente da soma de suas partes. Como a dinâmica da dramática de um processo de formação de figura e fundo. Como figuração, como fulguração, como configuração.

Sair da vivência da compreensão implicativa, da vivência ontológica, na relação com a pessoa é perder a momentaneidade instantânea de seu acontecer, e do seu acontecer como sentido, reduzindo-a à explicação, e à condição de coisa instalada. Só nesta condição é podemos parcializá-la, e apreendê-la em suas partes. E não como *o todo que é diferente da soma das partes.* E como uma totalidade íntegra, no devir de seu inédito acontecer. Na sua outridade, e alteridade radical, e originária.

Num outro exemplo, podemos pensar a percepção do Ambiente em sua viva e multi biodiversidade. O Ambiente em sua viva e multi biodiversidade pode ser apreendido, ontológicamente, na dramática de sua integridade dinâmica, compreendido, em cada um de seus aspectos, como ação, como experimentação e interpretação – como hermenêutica fenomenológico existencial --, ao modo de sermos da compreensão implicativa, como um processo de formação de figura e fundo.

Ou pode ser experienciado a partir do método de *Jack. Por partes.*

Vivo, íntegro, o Ambiente ontológico, no devir de sua multi biodiversidade, ou com relação a qualquer um de seus aspectos, só nos é dado à compreensão

implicativa, no modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos, compreensivo e implicativo, como um processo performático, hermenêutico e experimental, de formação de figura e fundo. Ao modo de sermos do seu/nosso acontecer.

Fora do modo implicativo de sermos, o Ambiente já não é vivo, já não é íntegro. Já não está no modo implicativo de sermos do acontecer, mas no modo de sermos do acontecido. No qual ele pode ser dissecado como um cadáver, na ausência de qualquer interação efetiva, e dialógica ontológica.

E, como exemplo, ainda, podemos pensar a integridade processante e implicativa do paroxismo da experiência esportiva.

Eminentemente ativa e implicativa, a vivência do paroxismo da expriência esportiva só se dá como vivência compreensiva e implicativa da integridade múltipla e implicativa de seu acontecer, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo, e implicativo. A vivência do paroxismo da experiência esportiva não é técnica, não é comportamental, não é teorética, não é explicativa... A vivência da experiência esportiva em seu paroxismo é, própria e especificamente, eminentemente, estética, poiética; e, portanto, própria e especificamente, ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, compreensiva, e implicativa.

Não sendo assim, estamos na explicação. Seja ela teorética ou comportamental. Fora da vivência efetivamente ontológica, intuitiva, compreensiva e implicativa, na qual própria e especificamente se constitui o paroxismo da experiência esportiva.

## Conclusão

A fenomenologia da implicação mostra-nos esta importante dimensão do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos como a organização performática, dinamicamente unificadora -- como processo de formação figura e fundo -- da multiplicidade de possibilidades, cujo desdobramento articulado, sucessivo e formativo, constitui a instantaneidade momentânea do acontecer da ação compreensiva, e implicativa -- fenomenológico existencial e dialógica.

A implicação é, pois, uma qualidade intrínseca da vivência do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos – modo de sermos compreensivo e implicativo. Como tal, fenomenológico existencial, a implicação é ativa – é, em essência, desdobramento de possibilidades.

Como o desdobramento de possibilidades -- vivência do desdobramento de forças, que caracteriza a ação compreensiva – a implicação é *tensional*, sua vivência é *intensional.*

A implicação é compreensiva -- é a constituição como consciência pré-reflexiva do desdobramento de possibilidades.

É hermenêutica, na medida em que é interpretação – a ação -- fenomenológico existencial, compreensiva. Na medida que é um processo fenomenológicamente formativo, criativo, de formação de figura e fundo. E, no limite, um processo formativo da coisidade e da objetividade da mundaneidade do mundo.

É experimental, a implicação, como vivência intuitiva afirmativa, que se fia, e firma-se, na intuição, e na alegria, do desdobramento afirmativo de possibilidades. É dialógica. Uma vez que a sua vivência se dá como a dinâmica da dialógica de uma relação eu-tu, com a alteridade radical do possível.

O termo *implicação* surge da raiz *plic*, em Grego, que quer dizer *plexo*. A vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa, é *pléxica, é implexa, é implexação, é implicação.*

Isso significa que o processamento compreensivo da ação fenomenológica se dá, a cada um de seus atos, como a vivência de um conjunto, de uma multi**plic**idade, de possibilidades. Que oscila, de modo mais ou menos organizado, e critivo, ***pléxicamente,*** entre a sua dispersão em sua multiplicidade, e a sua unificação gestaltificativa, nas unidades de gestalts, nas unificações de um plexo, na dinâmica ativa e formativa, criativa, de um processo de formação de figura e fundo.

*Performance, performática,* a vivência fenomenológico existencial e dialógica, como implicação compreensiva do desdobramento de possibilidades, é formativa. Performativa. Performação, da sucessão múltipla da fenomenológica do processo de formação de figura e fundo, do processo fenomenológico da formação de gestalts -- e formativa da objetividade da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo --; a partir das unificações gestálticas, sempre, da dinâmica de uma multiplicidade de possibilidades.

## Introdução

O importante par de conceitos ***implicação*** - ***explicação*** nomeia, de um ponto de vista ontológico, os dois modos básicos de sermos. O **modo *ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo***; e o **modo *explicativo*** de sermos -- *teorético* e/ou *comportamental*.

No modo *explicativo*, vivenciamos a experiência da dicotomização sujeito-objeto. E não vivenciamos a tensionalidade, a intensionalidade, que, pela vivência do desdobramento de possibilidades, vivência da ação, é própria ao modo ontológico de sermos. O modo explicativo de sermos é dicotomia sujeito objeto, e não sendo *ação,* vivência do desdobramento de possibilidades, não é um modo de vivência tensional; não é, assim, intensional. Não é ação, não é vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a experiência pré-reflexiva, ou seja, a constituição como *compreensão* do desdobramento das possibilidades; que se dá no modo ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico de sermos. No modo explicativo de sermos não vivenciamos a *compreensão.*

O modo *ontológico* de sermos se dá como vivência do desdobramento de possibilidades, como ação, como atualização, com atualidade e presença. É, assim, tensional, *intensional*. E não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, mas dialógico; desdobrando-se, na pontualidade da vivência de sua momentaneidade instantânea, como dinâmica da dialógica eu-tu do desdobramento da ação, da atualização, do desdobramento de possibilidades.

A vivência compreensiva, no modo ontológico de sermos, tem a fundamental característica de se dar como *implicação*, de ser *implicativa.*

E isto quer dizer que, a cada momento da vivência de sua momentaneidade instantânea, o modo ontológico de sermos é vivência gestáltica, vivência de gestalts, gestaltificação. Mais especificamente, vivência de *plexos* de possibilidades, de conjuntos organizados de possibilidades, articuladas em desdobramentos compreensíveis, como processo de formação de figura e fundo. *Plexos* de possibilidades nos quais a ação resultante se organiza, como articulação das dominâncias da força de cada uma das possibilidades, na dominância do conjunto da multiplicidade do plexo. Que, compreensivamente, se organiza como a performação, como a performance compreensiva da sucessão de um processo de formação de figura e fundo.

Este caráter *pléxico* da ação, característico do desdobramento de possibilidades do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é o que a ele confere a intrínseca característica de *implexação,*de *implicação*. Que o constitui como o modo *implicativo* de sermos.

E o distingue do modo *explicativo* de sermos. Que é *ex-plicativo* por não ser *implicativo.*

Aqui tentamos comentar alguns aspectos da vivência implicativa característica do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, e gestáltico, de sermos.

BIBLIOGRAFIA .

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

## 12. IMPLICAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, COMPREENSÃO

**Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.**

O termo e o conceito de implicação são extremamente importantes para a definição e caracterização da perspectiva fenomenológica. Quando menos, porque o conceito de im-plicação caracteriza o fenomenológico, em contraposição ao termo e ao conceito de ex-plicação.

Simplesmente, a ex-plicação é o modo de sermos que não é a im-plicação. O modo de sermos que não é a vivência de consciência fenomenológica, pré-reflexiva. Ou seja, explicação é o modo teorético de sermos, e o modo comportamental de sermos. Que não são implicação, não são implexação. E, fora do modo de sermos da implicação, são portanto o modo de sermos da explicação

Uma característica fundamental da vivência fenomenológica, pré-reflexiva, do modo ontológico de sermos, é a sua inesgotável multiplicidade. Multiplicidade que, vivencialmente, apresenta-se artisticamente, de um modo significativo, como um processo fluente de formação e de contínua sucessão de totalidades significativas, de gestalts, enquanto um rico processo de formação de figura e fundo, um processo de gestaltificação. De implicação.

Donde podemos entender que gestaltificação e implicação são exatamente sinônimos. Ou referem-se à mesma vivência do processo de formação de figura e fundo, de totalidades significativas, da vivência de consciência, fenomenológico existencial e dialógica.

Um aspecto fundamental da implicação, da gestaltificação, da compreensão, é o de que a vivência fenomenológica na qual elas se constituem se dá como ato, como ação; ou seja, se dá como vivência de de uma multiplicidade de possibilidades, o que quer dizer -- já que as possibilidades, como forças, só existem em seus desdobramentos -- como vivência do desdobramento de uma multiplicidade de possibilidades, em padrões de articulação das multiplicidades em processos de formação de figuras e fundos, padrões de articulação de gestalts. Que, nos seus desdobramentos, são o acontecer. Que dura até a gradativa extinção da força da articulação de possibilidades. Quando então elas se coisificam. Constituindo, enquanto coisificadas, as condição do sujeito e do objeto. De um sujeito que contempla um objeto. Contemplação que caracteriza o teorético modo de sermos da explicação. E a condição do ente, enquanto condição da coisidade, que é a condição da possibilidade exaurida.

Não obstante, a duração da vivência do ato, a duração da vivência da ação, enquanto desdobramentos de possibilidades, a duração da vivência do processo de formação de figura e fundo, não é da ordem do acontecido, é acontecer, e não é da ordem da coisidade. De modo que, em sendo dialógica eu-tu, não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto. A vivência daimplicação, a gestaltificação, é acontecer, e não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, não é da ordem da objetividade, nem da subjetividade, mas da ordem da dialógica eu-tu, da ordem da condição -- não do sujeito -- mas da condição da ação, da

condição do ator. Inspectador, e não espectador. Não teorético, mas fenomenológico existencial e dialógico;compreensivo, implicativo, inspectativo, gestáltico. Não é da condição do ente, mas, acontecer, da ordem do pré-ente, dopresente.

Um aspecto fundamentalda gestaltificação, da implicação, da compreensão, da inspectação, da vivência fenomenológico existencial, pré-reflexiva, é que, caracteristicamente, elas são sempre a vivência de uma multiplicidade de possibilidades. Que, em sua contínua geração , se constitui como um processo de consciência fenomenológica, pré-reflexiva. No qual a multiplicidade de possibilidades se articula, e se dissolve, perenemente, num processo de figuração, num processo de formação de figura e fundo, à medida em que se constituei como consciência pré-reflexiva..  Essas totalidades significativas, que são as gestalts, são plexos, enquanto totalidades -- de multiplicidades -- organizadas. A raiz Grega para o termo, e conceito, de plexo é plic. Daí o termo e o conceito de implicação, significando a vivência fenomenológica do processo de formação de gestalts. De figuração, de formação de figura e fundo. A partir das articulações de multiplicidades de possibilidades.

A compreensão tem em essência o mesmo sentido que implicação, e que gestaltificação. Referindo-se, especificamente, ao processo organizado, enquanto totalidades organizadas significativas, de consciência pré-reflexiva, de figuração, de formação de figura e fundo, de formação de gestalts, a partir da vivência do desdobramento de um plexo, de uma multiplicidade organizada, de possibilidades.

Pense em como um grampo, através de sua preensão, organiza e enfeita, embeleza, inclusive, uma mecha de cabelos. Este é o efeito gestáltico, implicativo, preensivo, com-preensão, com-preensivo, na organização sucessiva dos plexos, das multiplicidades de possibilidades, no processo implicativo de formação de figura e fundo, de figuração, de formação de gestalts, de gestaltificação.

# 13. INSISTENSIA NA INSISTENSIA. *Fenomenologia gestaltificativa*.

*G**estaltificação***, como ***errância ontológica implicativa*** na ***eksistensia*** -- ***errância ontológica implicativa*** pela *sístole* ***insistensal. Insistensia diástole*** - ***insistensia sístole***. Que, ***diástole-sístole ontológica da ação***, *errância ruminativa,* escoa na ***inerrância*** ôntica da ***Existensia*** – **explicação**, *ex-tensão,* acontecido, desistensia, ôntica: instalação coisificativa.

***A gestaltificação***, ***fenomenologia gestaltificativa,*** experiência, ética e metodologia, é ***implicação ontológica*** na ***intensionalidade sistólica-diastólica da insisistensia. Insistência na insistensia* (*in-sístole-tensia-entia*)**.

Afonso H Lisboa da Fonseca,
psicólogo.

## INTRODUÇÃO

A metodologia fenomenológica gestaltificativa se dá como uma compatibilidade e uma compatibilização com a experiência, com a ética, com a experimentação, da vivência ontológica fenomenológico existencial e dialógica – que, própria e especificamente, é compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Compreendendo a *dramática* dinâmica da ***ação*** -- que se dá, antes, como ***implicação,*** como interpretação, como hermenêutica fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa, no modo ontofenomenológico de sermos --, compreendemos que a sua vivência, a vivência da ação, é vivência de uma *tensão,* é vivência de *tensionalidade,* ***intensionalidade.*** A mera tensão intrínseca à sua mobilização. A ação é *tênsil.* Tensionalidade da vivência da emergência e do desdobramento de forças, de possibilidades.

Por isso, ao contrário da ***ex-sistensia,*** a ação é ***in-sistensia,*** especificamente.

Propriamente *tênsil -- como* emergência e desdobramento cognitivo de forças, de possibilidades, *intensional, in**sist**ensia, in**sist-**tensil --,* a ação, constitui-se como o ciclo estrutural de uma *sístole.* Com a sua intrínseca e correlativa *dias(**sist**)tole,* naturalmente. Na integridade da vivência da momentaneidade instantânea de sua duração fenomenológica, gestaltificativamente constituinte.

Vivência do desdobramento de possibilidades, a vivência fenomenológi-

ca, fenomenativa, da ação, no modo ontológico de sermos, é um *jeto;* é um *estado projeto de sermos.*

Vivência, momentaneamente instantânea, do *jeto*, *projeto*, *projetação*, (Heidegger) do desdobramento fenomenológico existencial de possibilidades, que envolve, de um modo intrínseco e correlativo, o momentum de uma expansão, experimentalmente inspirativa, de uma *diástole* (*dia sístole*), seguido do movimento de uma sístole. Ou seja, a sístole da insistensia especificamente compõe-se de diástole e de sístole...

Que se caracterizam como a vivência de uma errância, de um pervagar fenomenológico pela multiplicidade implicativa vivencialmente emergente e desdobrativa de forças, de possibilidades, gestaltificantes, gestaltificativas.

Forças *lógicas* que são -- *sentido, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas --,* as possibilidades emergentes na ***insistensia,*** na vivência fenomenológica gestaltificativa de suas figurações, competem e argumentam entre si. Constituindo dominâncias, em seus desdobramentos, intensionais, intensificações progressivas. *Jetam-se* intensificativamente, como tais, na temporalidade da vivência fenomenologicamente gestaltificativa da ação. A vivência de sua emergência e desdobramento como projetação dá-se como *errância* fenomenológica, cada vez mais intensificativa.

Até a vivência de seu progressivo e inevitável decaimento (Hidegger), na *dessistensia* de sua *dessistolia*. Até a, aparentemente completa, *assistolia.* Característica da condição de *coisa instalativa*. Aparentemente completa assistolia da desistensia, ex-plicação, da ***ex-sistensia, ex-tensão***.

Compreendermos que este ciclo estrutural diastólico-sistólico da dinâmica dramática da *insistensia,* da dinâmica dramática, fenomenológica da ação, é interessante, se não fundamentalmente importante, para a compreensão e afirmação da experimentação, da ética e da metodológica, estéticas e poiéticas, da fenomenologia gestaltificativa.

## CONCLUSÃO

Assim, a experiência, a ética e a metodológica da ação fenomenológica gestaltificativa, estética e poiética, envolvem a compatibilidade com a própria temporalidade da vivência da ação fenomenológica. Que se dá como a dinâmica sístole-dissistolia de um *fole.*

A momentaneidade instantânea da vivência da ação, fenomenológica, a vivência insistensial, inspectativa, constituinte da dramática ativa da ***insistensia***, dá-se como *diástole e sístole insistensiais,* dramática insistensial e inspectativa da ação. Fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Pressão, ex-pressão, *jeto*, projeto.

Que é: (a) diástole -- a vivência, em sua momentaneidade instantânea, da temporalidade do brotamento de forças, as possibilidades, em sua multiplicidade. Em suas origens expansivas, pré-sístole, em***píri***cas, ins***pir***ativas, ex***piri***mentais, de dia-sístole, de diástole. E (b) a vivência fenomenológica da contração da sístole, propriamente dita.

Em seguida a dissistolia – o fole momentaneamente quieto.

... O momento da diástole (a temporalidade da errância ruminativa pelas constituições originárias múltiplas, originativas, das possibilidades, e dominâncias de possibilidades, gestaltificativamente constituintes da vivência fenomenológico insistensial). E a vivência da sístole do desdobramento vivencial intensificativo das tensões que são as intensidades das possibilidades. Na pressão, ex-pressão de um jeto, de um jato, projeto. Que, no seu limite, enquanto intensidade dramática da ação, culmina na instalação da coisa – a *distensão, desistensia, existensia, ex-tensão*.

Vivência de temporalidades ontológicas, lógicas, fenomenológico insistensiais, dialógicas, esta pré-sístole -- esta dia-sístole, diástole --, e esta sístole, não estão sob nosso controle deliberado e voluntário. Ainda que se dêem com

a nosso dialógica participação, em***píri***camente intuitiva, ins***pir***ativa, ex***pir***ativa, ex***piri***mental. Ao modo de sermos tensional, intensional, insistensial, insistensi-

ativo. Da ação fenomenológica gestaltificativa. Dimensão fundamental, incon-

tornável, do modo de sermos fenomenológico insistensial e dialógico, compre- ensivo e implicativo, gestaltificativo; da ética, poiética e estética, e da metodo- lógica, fenomenológico insistensiais gestaltificativas.

Forças alteritárias que as constituem, a diástole e a sístole insistensiais têm o seu ritmo próprio. Ao qual se integra a nossa participação dialógica.

A duração da dialógica, a insistensia na insistensia, é eminentemente
um ritmo. O ritmo diástole e sístole, dissistolia, da vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades. Ritmo que podemos romper ou perturbar, com extra-sístoles, ou assistolias, inoportunas...

Mas que tem sempre a sua auto-regulação inerente.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO
..... 1

CONCLUSÃO.....
..... 3

SUMÁRIO.....
..... 4

EKSISTENCIA [IN-SISTOLE(EKS)-TENSIA-ENTIA)], E [EXSISTENCIA (EX- SISTOLE-TENSIA-ENTIA)].
..... 5

A *EKSISTENCIA – INSISTENSIA* -- É UMA SÍSTOLE. É vivência da expressão contrátil da emergência, e do desdobramento (*ação*), de uma infinita multiplicidade organizativa de forças cognitivas -- as *possibilidades*. (*Implicação*, *Com-preensão, Gestaltificação*)..... 10

PLASTIFICATIVAS, E LÓGICAS -- ONTOLÓGICAS, FENOMENOLÓGICAS, DIALÓGICAS --, AS FORÇAS DA VIVÊNCIA, AS FORÇAS DA AÇÃO, AS *POSSIBILIDADES,* ESPECIFICAMENTE COMPETEM E ARGUMENTAM ENTRE SI. E, DESTE MODO, CONSTITUEM *DOMINÂNCIAS*. AS *GESTALTIFICAÇÕES*. QUE SE DÃO COMO *FORMAÇÃO* NOS SEUS ATIVOS DESDOBRAMENTOS, -- *PERFORMAÇÃO, PERFORMANCE, PER-*

*FORM-*
*ATIVIDADE.*..... 11

SOBRE A ESTRUTURA PRÓPRIA E ESPECÍFICA DA *INSISTENSIA.* (*DIÁSTOLE* INSISTENSIA -- *errância pro jet ativa ruminativa diastólica*. E *SÍSTOLE* INSISTENSIA (*contrativa errância ruminativa sistólica. Pro-jet-ativa*).

.....
.... 14

O DECAIMENTO CONSTITUI A EXSISTENSIA (EX-SIST-TENSIA).
..... 17

INSISTENSIA NA INSISTENSIA.
..... 17

GESTALTIFICAÇÃO. PERFORMÁTICA, O FAZER, FENOMENOLÓGICOS. Formatividade da experiência, da ética e da metodológica gestaltificativas..... 21

EM ESPECÍFICO, ASSIM, A *FEIÇÃO* É *FAZER. A TEMPORALIDADE DO FAZER. PERFAZER. INSISTENSIA NA INSISTENSIA*, A AÇÃO, FENOMENOLÓGICA GESTALTIFICATIVA, É UMA *FEIÇÃO -- PERFEIÇÃO*. A AÇÃO É A VIVÊNCIA CABAL DE UM FAZER, PERFAZER, PERFEIÇÃO. Um *perfazer, performance, performação, perfazimento, perfeição -- da formação de figura e fundo, e da formação de coisas. Coisas instalativas. Coisas psicológicas, e materiais; coisas objetivas e subjetivas...* A ação, *insistensia na insistensia, insistensia na feição, insistensia no perfazimento, performativo, na performance, na perfeição. Performação. Fenomenologicamente gestaltificativa.* ..... 23

FORMATIVIDADE, APORIA, E MÉTODO. O MÉTODO APORÉTICO. ..... 24

CONCLUSÃO..... 29

INTRODUÇÃO ..... 30

## 12. EKSISTENCIA [IN-SISTOLE(EKS)-TENSIA-ENTIA)], E [EXSISTENCIA (EX- SISTOLE-TENSIA-ENTIA)].

O termo e o conceito de ***existência,*** ambiguamente, referem-se a modos distintos de sermos, na verdade modos polares de sermos, que naturalmente possuem radicais particularidades e diferenças essenciais.

Quando usamos o termo ***existência,*** indistintamente falamos, numa palavra, de um conceito ambíguo.

Com o termo ***existência,*** falamos***:***

(1) Tanto do **modo pré-reflexivo, *compreensivo*** e ***implicativo,* modo de sermos do acontecer,** modo ***fenomenológico existencial*** *e* ***dialógico*** *de sermos,* ***gestaltificativo.***

Que, por ser o modo de sermos *tenso*, da vivência do desdobramento de possibilidades, da mobilização da ação, poderíamos chamar de ***insis- tensia,*** modo ***in-sist-tensial, tenso, intenso, intensional*** de sermos***.***

(2) Quanto falamos, ao usarmos o termo ***existência****,* do oposto modo de sermos da instalação coisificativa, modo de sermos do acontecido, da ***explicação****,* modo **reflexivo** de sermos, modo de sermos da **representação**.

Que poderíamos alternativamente chamar de modo de sermos da ***exis- tensia, extensão, desistensia* (*des-sisttensia*)**.

Falamos, assim, tanto do modo ***implicativo*** de sermos, como do modo ***explicativo*** de sermos. Falamos tanto do *modo tenso*[*] *de sermos do* ***acontecer***, da ação: *intenso, intensional, intensionalidade,* modo *poiético* e *estético* de sermos. Como do *modo extenso de sermos do* ***acontecido***, *ex-tensão, distenso, distensional, distenso, desistente – existensia, ex-tensão*.

É importante, assim, que tenhamos isto claro, e que tenhamos claras as particularidades dos modos de sermos. (a) Da ***existencia*** (*eksistencia, insistensia*) como *fenomenológico* ***acontecer,*** e como ***implicação*** -- ou seja, as particularidades da ***insistensia.*** Como vivência do modo ***tens****o, in****tens****ional,* de sermos -- vivência do desdobramento de multiplicidades de forças da ação, as possibilidades. E (b) as particularidades da ***existência***, ***existensia,*** como o modo ***acontecido*** de sermos, como o modo coisificado de sermos, a que Buber designava de *eu-isso.* Como modo de sermos da ***ex-plicação***. ***Desistensia***, ***ex-tensão***... Que, enquanto ***ex-plic-ação,*** especificamente se dá ao modo

teorético, sujeito-objeto, causal, pragmático, real... Ou ao modo comportamental de sermos.

Heidegger propriamente compreendeu os modos de sermos, a cisão do sentido do termo, e do conceito, de *existência* na civilização ocidental. Quando

---

[*] O termo *tenso* aqui apenas significa *moblilização.* Não contendo necessariamente nada do sentido negativo e estressante que o termo pode ter.

compreendeu o sentido e a estrutura de sua dimensão de *insistensia,* a que ele designou como *eksistencia;* E o sentido e a sua dimensão de *existensia,* que denominou *existencia.* Entendeu, assim, o ambíguo termo e sentidos do con- ceito de *existência.* Em seu sentido própria e especificamente **ontológico** – como ***eksistencia****,* a palavra e o seu sentido especificamente Gregos. E o ter- mo e conceito em seu sentido **ôntico** – a ***existência****,* a palavra e o conceito

nos seus sentidos especificamente Latinos.[1]

O que os diferencia -- o que diferencia os modos de sermos que respectivamente designam os termos ***eksistencia*** e ***existência*** é. por um lado,

(1) no caso de ***eksistencia***, a própria e específica *presença* e *atualidade* onto- lógicas, nesse modo de sermos, da vivência da ***tensão*** **do desdobramento de possibilidades;** da vivência, assim, da ação -- da hermenêutica fenomenológi- co insistensial, ontológica, do desdobramento cognitivo da ação. E, por outro lado,

(2) o que caracteriza o termo e o conceito de ***existência,*** é, exata e alternati- vamente, a ausência da vivência da ***tensão*** da *presença* e da *atualidade,* a ausência desta hermenêutica do desdobramento de possibilidades. A ausência da ação. A distintiva coisificação da condição de instalação ôntica, da condição do modo de sermos da coisidade, de nós mesmos, e do mundo, como coisas.

E a angústia progressiva, decorrente da carência da vivência de possibilidades, na progressiva coisificação deste modo ôntico de sermos.

Até à reviravolta do *ontológico* retorno ao modo ontológico de sermos, para mais um ciclo do desdobramento cognoscente de possibilidades. Para mais um ciclo da fenomenológica da ação...

Esta distinção, da vivência, ou não, da ***tensão*** do desdobramento de possibilidades, da ação, faz com que o modo ontológico de sermos seja o modo *tensial* de sermos da ação; o modo de sermos da ação, *tenso, tensil, intenso, intensional, intensionalidade --,* na medida em que é mobilização da ação, mobilização da vivência do desdobramento de possibilidades.

Enquanto que o modo ôntico de sermos da cosidade, é o modo de sermos da coisa instalativa. Que já não é tensão, que já não é mais *intensional,* enquanto vivência do desdobramento de possibilidades, que já não é mais ação. Mas *instalação coisificativa,* o modo *acontecido* de sermos, modo *distenso, ex-tenso,* de sermos. Não *intensional.* Existensia.

A vivência da tensão da duração da temporalidade da ação, do desdobramento fenomenológico e existencial de possibilidades, na duração e formatividade fenomenológicas gestaltificativas próprias de sua hermenêutica, caracteriza o modo ontológico de sermos, fenomenológico insistensial, a *eksistencia heideggeriana-- insistensia.* ***Intensional.***

No decurso da eventualidade de sua duração, como desdobramento de

forças, as possibilidades, a *eksistencia,* a *insistensia, intensional,* se esvai, enquanto vivência fenomenológica -- especificamente escoa --, na direção do modo ôntico de sermos, da *existência, existensia.* Modo de sermos da *existência* que se constitui como instalação coisificativa, como coisa. E que se caracte-

[1] HEIDEGGER, Martin SER Y TIEMPO.

riza pela ausência da vivência da tensão do desdobramento de possibilidades. E que também se caracteriza pela angústia progressiva da coisificação. Do progressivo carecimento da vivência da tensão do desdobramento de forças,

da vivência do desdobramento de possibilidades, da vivência da fenomenológi- ca da ação.

Angústia que induz, na análise heideggeriana, ao retorno ao modo ontológico, *eksistensial – insistensial --,* modo de sermos da vivência do possível, de vivência das possibilidades, como forças da ação, da atualização, de nosso devir.

*Ek-sist-tensial, Insistensial* -- modo de sermos da habitação no desdobramento expressivo, na vivência da força das possibilidades, modo de sermos da ação, fenomenológica e existencial --, o modo ontológico de sermos é, assim, um modo *tenso*[2] de sermos; *tensional, tensoativo, intensional, intensionalidade.*

Pela específicas presença e atualidade da vivência da tensão do desdobramento de possibilidades, pela presença e atualidade da vivência da tensão da interpretação, da vivência da ação, da hermenêutica de possibilidades -- na duração de seus desdobramentos.

O necessário desdobramento das possibilidades é o desdobramento de forças. Que, sobretudo, são, intrínseca e essencialmente, forças plásticas, plastificativas, plasmantes, formativas – criativas, forças poiéticas, estéticas. E que são forças *lógicas.* Forças que se constituem logicamente, forças *ontológicas, fenomenológicas, dialógicas* -- na medida em que, na vivência implicativa e compreensiva pré-reflexiva da momentaneidade instantânea d seus desdobramentos, se constituem especificamente como sentido.

De modo que são, como tais, forças cognoscíveis, forças cognitivas, portanto, as forças da cognição; na medida em que se constituem, especificamente, como consciência pré-reflexiva, intuitiva; como consciência fenomenal, fenomenológica, gestaltificativa. Na medida em que se constituem como o processo de ***formação*** de figura e fundo da consciência fenomenal, pré-reflexiva. E, simultaneamente, se constituem como o processo plástico, plastificativo, criativo, da ***formação*** de coisas.

De modo que a **formatividade plástica, criativa**, e a **tens**ão, são características própria e especificamente constituintes, e definidoras, do modo ontológico, eksistencial, insistensial, de sermos. Modo de sermos da ação. Vivência da ação que é, portanto, tensional, intensional, intensionalidade, tensoativo -- insistensial.

A angústia, segundo Hidegger, é exatamente, a perda progressiva e a carência, desta tensão, da *intensionalidade* da presença, e da atualidade, da vivência da tensão da duração do desdobramento das possibilidades, do desdobramento fenomenológico insistensial de possibilidades; do desdobramento

[2] Por *tenso, tensão, intensionalidade,* não entendamos, aqui, num sentido negativo, que comum ao termo. Mas entendamos no sentido fenomenológico existensial intensional , é, como atualização fenomenológica de possibilidades,da mobilização da vivência da ação, como desdobramento de forças, como desdobramento de possibilidades.

fenomenológico insistensial gestaltificativo da ação, na medida que adentramos cronificadamente a condição de coisa instalada, de instalação coisificativa.

Assim, podemos falar da *existência*, o modo ôntico de sermos, como *exsis**t-tens**ia, ex-tensão.* Como modo de sermos *fora* (*ex*) da *tensão da sístole* do desdobramento de possibilidades. Fora da sístole da ação. Modo de sermos fora, e oposto, ao modo de sermos, *insistensial, intensional,* da duração da tensão da hermenêutica da ação, da hermenêutica do desdobramento de possibilidades.

Podemos falar assim do modo ontológico de sermos, da *eksistencia,* como ***insistensia****.* O modo de sermos no qual própria e especificamente somos a *tensão,* o modo de sermos que é habitação momentaneamente instantânea na *tensão* da duração da hermenêutica do desdobramento de possibilidades, habitação na vivência do desdobramento da *sístole* da ação, habitação na fenomenológica da ação. Modo *tenso* de sermos*.* Como tal, modo *tensional, insistensia, in**sist**tensional.* E, evidentemente, *intensional, intensão, intensionalidade*[*]*.*

Modo de sermos do acontecer da ação, na duração da momentaneidade instantânea do qual somos ***atores****,* ***inspectadores***, própria e especificamente. Na intensionalidade da duração da temporalidade cognoscente da ação, da vivência da hermenêutica do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação.

E não espectadores -- sujeitos sujeitados, que univocamente contemplam objetos, *explicativamente* -- na experienciação do modo *ex-tenso, acontecido,* de sermos.

Assim, de um modo muito pertinente, e evidentemente fundamentado, Heidegger[3] distingue com os termos ***eksistencia*** (Grego), e ***existência*** (Latim) os modos *ontológico,* e *ôntico,* de sermos. O ontológico modo de sermos do *acontecer,* fenomenológico insistensial e dialógico, compreensivo, implicativo,

gestaltificativo: a *eksistencia*, que efetivamente é ***insistensia*** -- como vivência hermenêutica fenomenológico insistensial, compreensiva, do desdobramento

de possibilidades. E o ôntico modo de sermos do *acontecido,* a existência, *exis- tensia*, como coisificação instalativa, distensa, ex-tensa.

Toda a distinção da conceituação – além das origens grega e Latina dos termos -- gravita, assim, em torno das características de cada um dos modos

de sermos. O modo de sermos **da vivência, da habitação, na própria tensão, pressão, eks-pressão, *jeto, projeto,* do desdobramento de possibilidades**

– eksistencia (eks-sístole-tensia, in-sistole-tensia) – o ontológico modo de ser- mos da ação e do acontecer. E das características do modo de sermos ***fora* (*ex*)** da vivência da tensão da sístole do desdobramento das

possibilidades, *ex-*

*tensão, ex-sistole-tensia, exsistensia.* Existência, na designação heideggeriana.

Heidegger aponta para as características de que o termo em Grego, *ek-sistencia,* denota especificamente a característica propriamente hermenêutica

---

[*] *Tensão,* aqui, nada tem do sentido negativo que se atribui ao termo e ao conceito. É *tensão* apenas no sentido de que é vivência do desdobramento de possibilidades. Ação, especificamente.

[3] HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo.**

do modo ontológico de sermos do acontecer, fenomenológico *eksistencial, in- sistencial*. Modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades da ação. E como o *interpretativo, hermenêutico,* modo de sermos da vivência do *logos, onto-logos,* compreensivo e implicativo, intrínseco à *tensão,* à *intensio- nalidade* da vivência da ação, do desdobramento de possibilidades.

*Onto-lógico, lógico, fenomenológico, dialógico.* Modo de sermos da vivência do *sentido* (*logos*) -- não *ôntico,* não *êntico,* não *ente.* Na verdade, o ontológico, e fenomenológico, modo de sermos *pré-ente*, *pré-coisa*, especificamente ***presente****.* E *atual – ato, ação.* A própria e específica *presença, e a- tualidade.* Que própria e especificamente se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológica, lógica, dialógica; insistensial...

O termo ***existência,*** Heidegger esclarece, de origem Latina, denota o modo coisificado de sermos. O modo de sermos da possibilidade desdobrada,
e instalada na coisidade -- decorrido já um ciclo ontológico de atualização com- preensiva, um ciclo da ação, do desdobramento de possibilidades. Modo não

*lógico*. *Dislógico, deslógico,* de sermos. Modo de sermos que não é o modo

*pré-ente, presente,* de sermos da vivência de sentido, ontológico. Modo reflexi- vo* de sermos, teorético, representativo, explicativo. Modo de sermos que não

é vivência de *logos,* vivência de sentido fenomenológico pré-reflexivo (porque
não é desdobramento de possibilidades...).

São as possibilidades em seus desdobramentos que se constituem como sentido – como *logos* --, fenomenológico insistensial e dialógico, compreensivo, e implicativo, gestaltificativo. Modo ***ex-sistencial****, êntico, ôntico*, modo de sermos ***do*** *ente, da coisa* – quer dizer, não ontológico, portanto; não *presente.* Nem atual. O não hermenêutico modo *ôntico* de sermos, não *presente*, nem atual... No qual não vivenciamos a *tensão, intensão, intensionalidade,* da vivência de possibilidades; da vivência, *lógica -- ontológica, fenomenológica, dialógica* -- do desdobramento cognitivo de possibilidades.

Mas, mais ainda podemos nuançar, de um modo interessante, e com importantes implicações conceituais e metodológicas, a descrição da estrutura do modo ontológico de sermos da *eksistencia* (na designação heideggeriana...)

– modo ontológico de sermos da *insistensia...* Adiante o faremos. Em específi- co, no sentido de melhor entendermos a vivência da temporalidade da estrutura

de sua dinâmica dramática. E de melhor entendermos a temporalidade da vi-
vência da ética, a estética, e da poiética, a metodologia ontológica, das abor- dagens fenomenológicas, fenomenativas, insistenciais, de psicologia e

de psi- coterapia, como ***insistensia na insistensia***.

A ***gestaltificação.*** A ***fenomenologia gestaltificativa.*** Como **experiência e experimentação,** como **ética,** como **hermenêutica,** como **epistemológica, e** como **metodologia.**

[*] ***Cuidado! Ele está a refletir: vai defender a sua mentira...*** (F. Nietzsche). ☺

## 13. A EKSISTENCIA – INSISTENSIA -- É UMA SÍSTOLE.

**É vivência da ex-pressão contrátil da emergência, e do desdobramento (*ação*), de uma infinita multiplicidade organizativa de forças cognitivas -- as *possibilidades*. (*Implicação*, *Com-preensão, Gestaltificação*).**

Não, há assim, por que ambígua e confusamente falarmos de *existên**c**ia,* com "c", quando podemos, própria e especificamente, falarmos de ***eksistensia,*** **na verdade,** de ***insistensia***. E de *existensia* -- com "s". Palavras que mencionam a *tensão* que é característica do modo ontológico de sermos.[4] A vivência propriamente da *tensão,* a *intensão,* a *intensionalidade,* a *tensionalidade* da sístole em que se constitui a pressão, a *ex-pressão,* da ação. Que é uma dimensão qualitativamente central, e definidora, do modo ontológico de sermos
da fenomenológica, ontológica e dialógica, *insistensial,* da ação.

Ou o modo de sermos da *ex-tensão.* A *Existensia* (ex-sist-tensia, *ex-tensão*).

Em essência, o modo *insistensial* de sermos é o modo de sermos da vivência da tensão da *sístole* da ação. É o modo de sermos *in-sístole-tensia, insistensia, intensional,* da ação.

Assim, podemos alternativamente falar de *ex-tensão.* Característica do modo onticamente *ex-tenso* de sermos, modo de sermos da *instalação coisificativa,* da *existensia. Ex-tensão.* Não *intensional...*

Designaríamos assim, respectivamente, os dois modos de sermos -- o modo *implicativo* e o modo *explicativo* -- como (1) *Insisistensia,* e como

(2) *Existensia.*

Podemos, pois, referirmo-nos a
(1) ***Insistensia.*** Quando falamos da grega *eksistencia* -- na designação heidg- geriana. O modo de sermos ontológico, presente, pré-reflexivo, fenomenológico *insistensial* e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. Que é ten- são, *intensão, intensionalidade,* como mobilização da ação, tensão cognitiva e muscularmente vivida, específica da vivência do desdobramento de possibili- dades.

E podemos nos referir

(2) a ***Existensia.*** Quando falamos da palavra e do conceito heideggerianos,
Latinos, de *Existência*. O modo ôntico de sermos da instalação coisificativa.

*Explicativo, ex-tensão, extensionalidade, eu-isso.*

Heidegger aponta que, própria e em específico, a *Eksistencia* -- e a me-

todologia, e ética, poiética, estética, fenomenológicas --, caracterizam-se como ***insistência na eksistencia****.* Caracterizam-se como a *insistência* na *clareira* de desvelamento, da *alethéia* da emergência e do desdobramento de possibilidades*.* Poderíamos dizer, utilizando a terminologia que experimentamos, que se caracterizam, assim, como *insistensia na insistensia.*

De modo que a ética da ação, a ética do modo fenomenológico *insistensial* de sermos, a estética, e a poiética -- a ética da experiência e da metodolo-

[4] Os termos, com “c” e com “s” são intercambiáveis.

gia fenomenológico insistensiais, e dialógicas, compreensivas e implicativas, gestaltificativas --, caracterizam-se, própria e especificamente, como ***insisten- sia na insistensia.*** A insistensia -- a *habitação,* intuitivamente dedicada e meti- culosa -- nas temporalidades e temporalizações próprias e específicas da ação, compreensiva, do desdobramento compreensivo das possibilidades; da *Insis- tensia.* Que se constitui compreensivamente. De modo meramente compreen- sivo, ou de modo compreensivo e muscular.

A vivência da *eventualidade* momentaneamente instantânea do modo pré-reflexivo, ontológico, de sermos, a vivência da ação -- fenomenológico insistensial, e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa, a ***insistensia --,*** é a vivência *tensa, intensa, intensionalidade, implicação,* da emergência e do desdobramento de uma organizativa multiplicidade de forças, especifica- mente criativas, forças formativas, e que se constituem cognitivamente em seus desdobramentos. As ***possibilidades.***

A vivência da emergência, e desdobramento, pré-reflexivos, desta multiplicidade organizativa de possibilidades, a vivência da ação, dá-se, assim, como os processos vivenciais da *implicação*, da *compreensão*, da *gestaltificação*. Esta organizatividade é especificamente designada por esses termos.

*Implicação, compreensão, gestaltificação* são sinônimos, num certo sentido. Sinônimos que designam, em específico, o modo de organização da vivência fenomenológica do devir, da ação. Da emergência, e do desdobramento, organizativo, de multiplicidades de possibilidades.

**PLASTIFICATIVAS, E LÓGICAS -- ONTOLÓGICAS, FENOMENOLÓGICAS, DIALÓGICAS --, AS FORÇAS DA VIVÊNCIA, AS FORÇAS DA AÇÃO, AS *POSSIBILIDADES,* ESPECIFICAMENTE COMPETEM E ARGUMENTAM EN- TRE SI. E, DESTE MODO, CONSTITUEM *DOMINÂNCIAS*. AS *GESTALTIFI- CAÇÕES*. QUE SE DÃO COMO *FORMAÇÃO* NOS SEUS ATIVOS DESDO- BRAMENTOS, -- *PERFORMAÇÃO, PERFORMANCE, PER-FORM- ATIVIDADE.***

Na vivência da multiplicidade de seus desdobramentos, a *ação -- implicação, compreensão, gestaltificação* -- as possibilidades -- *lógicas, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas* -- organizam-se entre si. E especificamente organizam-se na medida em que **competem** e **argumentam** entre si. Na **argumentação** e na **competição**, as possibilidades organizam-se gestalticamente. Desde a vivência pré-compreensiva de suas emergências.

Nesses processos vivenciais de competições, e de argumentações, as possibilidades constituem-se progressiva e sucessivamente em ***dominâncias***. ***Dominâncias*** estas que figuram implicativa, compreensiva, gestaltificativamente, como processos de vivência fenomenológica da formação de figura e fundo

-- como fenomenológicos, fenomenativos, processos de figuração. E, igualmen-

te, nos seus limites, como processos da vivência fenomenológica da formação de coisas.

Na momentaneidade instantânea de sua duração, a vivência da ação é, assim, especificamente *implicativa, compreensiva, gestaltificativa. Formação, performação, performance.*

A raiz ***plic –*** de *im**plic**ação* – originalmente significa *tessitura, entrançamento* -- neste caso, *entrançamento* no sentido vivencial, fenomenológico existencial, *insistensial.* Em metafórica referência à organização da vivência da emergência e do desdobramento organizado, gestaltificativo, da multiplicidade das forças da vivência. As possibilidades. Num gestaltificativo, e compreensivo, especificamente *implicativo*, sempre, processo de formação de figura e fundo; e de formação de coisas. Coisas que são coisas subjetivas, e coisas objetivas,

no modo acontecido de sermos. A partir da vivência das competições e argu- mentações de multiplicidades de possibilidades, constituídas organizativamente em *plexos, plic, implicação, gestaltificação.*

***Plic***, o *plexo,* é a multi**plic**idade, e a organizatividade, da multi**plic**idade vivencial de possibilidades. Que, de modo organizativo, se desdobram, no sucessivo fluxo de competições e de argumentações, constituindo-se em dominâncias. Dominâncias de forças, de possibilidades em inevitável desdobramento. Que se dão como tais como *pressão, ex-pressão.* Desde suas formas mais elementares e pré-compreensivas*. Jeto, jato, projeto, projetação. Possibilitação, perspectivação, esboço disegnativo, gestaltificação.*

Que são termos que, nesse sentido, se equivalem.

O sentido organizativo, de multiplicidade organizada, da raiz ***plic*** -- que significa ***plexo****,* e que se referia originalmente ao entrançamento dos pêlos da cauda e da crina dos cavalos – refere-se, em *im**plic**ação,* à organizatividade da vivência cognitiva do desdobramento da multiplicidade de possibilidades, na

fenomenológica da ação.[5]

Daí que é ***Implicação. Implexação. Perplexificação. Perplexidade...***

O caráter múltiplo e organizativo, multiplamente organizativo, a *im**plic**atividade,* da vivência de atualização das forças da emergência e do desdobramento das possibilidades, das possibilitações, é uma característica intrínseca, deste modo, da vivência pré-reflexiva da ética -- da poiética e da estética, vale dizer --, e da metodologia -- não só gestaltificativas, mas -- fenomenológico insistensiais. ***Fenomenologia gestaltificativa***...

Não tivesse a multiplicidade uma organizatividade, uma organicidade, e o processo formativo, plastificativo, de constituição de nossa consciência pré-reflexiva, fenomenológica, seria uma irrecorrível mixórdia.

Mas não o é, regularmente. É organizativo, formativo. Como processo criativo de formação de figura e fundo, e de formação de coisas...

É, potencial e comumente, a dramática formativa de um processo plásti-

co, plastificativo, formativo, estético e poiético, organizativo. *Performativo* -- no sentido de que é cabalmente formativo... Cabalmente o processo que atravessas a constituição da forma... Do começo -- como pré-compreensão; ao fim, como coisificação. P*erformance, performação, performática. Gestaltificativa.*

[5] Houaiss, Antonio **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Dezembro 2001.

De modo que, em específico, podemos falar do caráter formativo e organizativo, gestaltificativo, da vivência fenomenológica. Podemos falar, evidentemente, de uma característica gestaltificativa da fenomenologia... E, correlativamente, da característica fenomenológica da gestaltificação -- **Fenomenologia Gestaltificativa**... **Gestaltificação fenomenológica...**

Desdobramento de forças organizativas, o processo formativo, implicativo, gestaltificativo – processo cognitivo de constituição de nossa consciência pré-reflexiva, fenomenológica, insistensial --, é um processo múltiplo, e organizativamente tenso, intenso, intensiativo, intensivo, intensional. Processo organizativo tensional, intensional, do simultâneo desdobramento de múltiplas forças. ***Implicativo, compreensivo, gestaltificativo****... Fenomenológico insistensial e dialógico.* Que se organiza a partir das competições e argumentações entre si das possibilidades. E que, segundo a observação de Perls, contém, enquanto tal, qualidades específicas de brilho, intensidade, graça, forma, força, beleza, alegria...

Porque, na vivência de suas *perplexificações,* como cognição pré-reflexiva, a multiplicidade, *pléxica*, de forças, de possibilidades, em suas intensidades, intensificações, intensionais, organiza-se e harmoniza-se segundo determinados padrões. Padrões relativos à interação de forças, a suas competições e argumentações, *lógicas, dialógicas, ontológicas, fenomenológicas*.

Nos seus desdobramentos, como ação, portanto, as possibilidades são intrinsecamente cognoscíveis, e cognoscíveis são ao longo da constituição de suas dominâncias, da vivência de seus desdobramentos, da vivência de todos os processamentos da ação. De um modo tal, que, sucessivamente, ***a vivência, cognitiva, da afirmação de certa abrangência de dominâncias de possibilidades,*** se constitui, ***é preendida****,* como consciência implicativa pré-reflexiva. É, portanto, ***com-preendida****;* é, assim, vivenciada ***com-preensão****;* constitui-se, pré-reflexivamente, como ***com-preensão****.*

A ***com-preensão –*** constituída na ***implicação****,* na vivência ativa e organizativa do ***plexo*** de possibilidades da consciência pré-reflexiva, na sua fenomenal multiplicidade pléxica, impléxica, implexação, perplexidade, implicação -- própria e especificamente, se constitui como ***gestaltificação.*** Na ***implicação***, a ***compreensão*** se constitui como ***gestaltificação.***

A partir do implicativo desdobramento das possibilidades, a vivência das gestaltificações dão-se como um padrão formativo.

Na vivência fenomenológica, as *dominâncias* se constituem intuitivamente, esboçam-se de modo pré-reflexivamente intuitivo, como *totalizações significativas formativas*. Compostas, enquanto *totalizações,* por uma multiplicidade articulada de partes.

O que se dá originariamente no esboço da vivência são as totalizações significativas. Seguidas pela sucessiva e rítmica figuração das partes que as constituem.

Partes, *participações* (já que são ***ação***, possibilidades em desdobramento), que figuram, sucessivamente. No fluxo de um processo vivencial de formação de figura e fundo, à medida dos seus desdobramentos enquanto forças, e que culmina, posteriormente ao processo de formação de figura e fundo da ação, na constituição ôntica da coisa, de sua ôntica instalação.

Num processamento vivencial, ***gestaltificação,*** cuja totalização final, a ***gestalt*** final, já é intuitivamente esboçada, nos seus primórdios, pré-reflexivamente pré-compreensivos, como um bosquejo, *perspectiva, disegno,* de sua forma final. E que, nas incertezas de seus desdobramentos -- enquanto processo hermeneuticamente experimental, de formação de figura e fundo, e que -- no limite, como processo de formação de coisas --, constituirá as suas formas presenciais, vivenciais; e as formas factuais, fáticas de seus desdobramentos.

De modo que não são as *partes*, as *participações*, que se dão inicial e originariamente, e que constituiriam o *todo* na sua conjuntação. Mas é o *todo*, a totalização significativa, a gestaltificação, a *possibilidade,* a *perspectiva,* o *disegno,* que, originária e inicialmente, se dá, que se apresenta, e é vivenciado como esboço, como gestaltificação. Anteriormente aos sucessivos processos

de figuração das partes, anteriormente aos sucessivos processos de constitui-
ção e figuração das participações. A vivência das *totalizações, as gestaltifica- ções,* é que se apresenta originária e inicialmente. E que é seguida pela vivên- cia formativa das figurações de figura e fundo de suas participações, e de suas totalizações.

Nas variações, contingências e incertezas experimentais, criativas, dos seus desdobramentos fenomenológico insistensiais, empíricos, as figurações *reconstituirão* o todo, as totalizações significativas, quando dos seus fechamentos. Agora, fechadas, não mais como gestaltificação. Mas como gestalts, como coisas instaladas, instalativas. Fechadas, agora, não mais como acontecer fenomenológico, mas como acontecido.

Dá-se o processo fenomenológico formativo da gestaltificação, não como o percorrimento de um mapa. Mas como as jogadas de um desportista, ou como um artista no seu processo criativo, que seguem o esboço da riqueza de suas inspirações intuitivas, mas que, diante das contingências, estão sempre prontos a recriar, na duração e desdobramentos de suas performances, os trajetos, e os trejeitos, destas. Até porque não joga sozinho... E tem que dialogar interpretativamente com a interpretação de outras vontades.

**SOBRE A ESTRUTURA PRÓPRIA E ESPECÍFICA DA *INSISTENSIA.* (*DIÁSTOLE* INSISTENSIA -- *errância pro jet ativa ruminativa diastólica*. E *SÍSTOLE* INSISTENSIA (*contrativa errância ruminativa sistólica. Pro-jet-ativa*).**

A ***eksistencia*** **(Heidegger),** ***insistensia****,* é, em específico, a vivência do processamento de uma ***sístole.***

Ou seja, a vivência, o modo ontológico de sermos, a ação, a interpretação, a hermenêutica, fenomenológico existenciais, são, em específico, uma

**sístole**. *A palavra e o conceito de eksistensia* (ek-sist-tensia), *insistensia* (*in- sist-tensia*), *são o conceito de uma sí*stole. *Ek-sistole-tensia*... *In-sistole- tensia...*

O estado de *interioridade*, de *habitação,* na *tensão* de uma *sístole.* Característica esta que está contida na palavra com que a designamos, *eksistensia* -- ***ek-sís(tole)-tensia. In-sist-tensia...*** As próprias expressões *eksistencia,* que é *insistensia; existência*, *existensia,* contêm, em específico, o radical *sístole.* ***In-sistole-tensia****,* que é ***Eks-sistole-tensia****.* E ***Ex-sistole-tensia****. Habitação na sístole...* E *fora de sístole...*

Própria e especificamente, (a) ***Insistensia,*** a habitação na movimentação da própria a sístole; e (b) ***Existensia, ex-tensão,*** a condição da exterioridade, de ***fora*** da sístole...

O prefixo *eks* dá ideia do movimento sistólico ***para fora****, de implícita eksplicitação.*

Enquanto que o prefixo *ex* dá a ideia de ***fora.*** *Ex-plicitamente fora* do movimento sistólico da *insistensia implicativa. Implícita*.

Um, *eks,* dá a ideia da vivência do próprio movimento da sístole – como em *eks-pressão*.

E o *ex,* a ideia de fora do movimento da sístole.

Correspondendo, um, à ***tensão*** cognitiva de ***tensão, intensionalidade***, mobilização. de vivência da dramática da ação. Do desdobramento de possibilidades.

E o outro, distensão, referido à condição de *exterioridade* à tensão da dramática da vivência do desdobramento de possibilidades, a ação -- ou seja, a *existensia* como *ex-tensão,* como distensão. Característica da condição instalativa da coisa.Da coisidade instalativa.

De modo que é a ***insistensia --*** o modo de sermos pré-reflexivo, fenomenológico *insistensial* e dialógico, compreensivo, implicativo, implícito, gestaltificativo, vivência ontológica da ação, da atualização, do desdobramento cognitivo de possibilidades, *possibilitação, e, portanto, projeto, projetação, perspectiva, perspectivação, gestaltificação* -- é, em específico, a vivência da tensão, intensão, intensionalidade, do processamento de uma ***sístole***.

Sístole esta que é, propriamente, em específico, enquanto tal, *diástole e sístole. Sístole e diástole.*

Porque é a vivência tensiva, tensoativa, intensiva, intensional, a *tração, com-tração*, de uma tensão expressiva, de emergência, e desdobramento, de possibilidades. *Possibilitação. Jeto. Projeto. Disegnação. Perspectivação. Gestaltificação.*

Numa palavra, ***a ação, a atualização***. Vivência, ***atualidade*** e

***presença***. Em sua estrutura, a sístole insistensial é diástole e sístole.

Dois tempos, dois momentos, de um mesmo movimento. O processamento da sístole envolve a diástole. A *Diástole* é uma fase do processamento

da *Sístole Insistensial*. Diástole e sístole fazem parte de um mesmo processo,

a ***Sístole Insistensial***.

De um modo tal, que a fase da ***diástole insistensial***, a *dia-sistole insistensial*, é um momento intrinsecamente constituinte da integridade do próprio processo da **Sístole Insistensial**. **Sístole Insistensial,** assim, **insistensia, eksistencia,** constitui-se de *Diástole*, e da *Sístole*.

Exatamente como no coração, ou no pulmão. Ou no fole que é o ***Receptivo*** e o ***Criativo;*** o ***Ying*** e o ***Yang***, do ***Tao***.

A condição de que a *sístole insistensial* é diástole e sístole insistensiais resulta no imperativo de importantes condições e premissas metodológicas. Profundamente entendidas na *ruminação* nietzscheana, como a *principal das capacidades humanas, que o homem aprende com as vacas,* segundo a silvestre sabedoria de Zaratustra. E que Rogers e Perls -- principalmente Rogers, no seu paradigma de trabalhos com grupos --, entenderam de um modo consequentemente metodológico. Através de uma consideração e um respeito metódicos pelos momentos de *diástole* e de *sístole* da **sístole insistensial**.

Outra coisa é a **ex-sistole-tensia, a *existensia, a ex-tensão*.**

Que já é o **fora** da tensão da sístole (e não o próprio ***prá fora*** da vivência da contrativa tensão da sístole). Que já não é mais sístole. Que já é ***ex-sistole***. Que não é sístole, nem diástole. Sístole e diástole características da ***intensão,*** da ***in-tensidade*** da ***intensionalidade.***

Mas, existência, *existensia*. A relativa paralisia da *instalação coisificativa.*

Assim, em específico, a **Sístole Insistensial** compõe-se de
(1) um *momentum diástole insistensial*, e de
(2) um *momentum sístole insistensial*.

A diástole potencializa a sístole, e vice versa.

Os momentos contraditativos se retroalimentam.

Até que a sístole se fina, em sua aporia. Convertendo-se em existência, ex-tensão. Instalação coisificativa.

A *insistensia* -- a *eksistensia --,* é, assim, o processamento de uma Sístole.

É *Diástole Insistensial,* e *Sístole Insistensial.* A vivência da duração da momentaneidade instantânea da ***insistensia*** -- vivência implicativa, de emer- gência e desdobramento organizativo de multiplicidades de forças, as possibili- dades. É a vivência dos momentos da diástole e da sístole fenomenológicas, insistensiais.

É a vivência da **dia-sístole**, ***diassístole,*** da **diástole --** vivência expansiva, distensiva, da temporalidade da errância na emergência, e cognitivo desdobramento múltiplo, das forças, projetativas, das possibilidades.

Até os seus limites compreensivos.

Nestes limites, a diástole em sístole se converte.

Ou seja, a diástole em sístole se converte, na medida em que a vivência do desdobramento de possibilidades converte-se, de desdobramento expansivo, em desdobramento contrátil da projetação ex-pressiva, sistólica, da força das possibilidades – a sístole insistencial.

Em sua emergência múltipla, as possibilidades se expandem, diastólicamente, em intensidade, e em quantidade. E são, à medida que se desdobram, progressivamente ***preendidas, compreendidas.*** À medida que são compreendidas, preendidas numa certa abrangência de sua diastólica multiplicação, em sístole se converte o seu desdobramento, na consumação da ação...

Consumada ação, a possibilidade se converte em coisa instalada, coisidade instalativa. *Ex-tensão. Ex-sistencia.*

**O DECAIMENTO CONSTITUI A EXSISTENSIA (EX-SIST-TENSIA).**

Ex-pressa, no limite, a força das possibilidades, esgotadas, exaurIdas, enquanto Sístole Insistensial -- diástole e sístole insistenciais --, a projetação, a projetatividade ex-pressiva da força das possibilidades escoa no *decaimento* (Heidegger). Decaimento de sua formativa potência ex-pressiva.

*À medida que se atualiza, a possibilidade se desatualiza* (Buber).

Na instalação coisificativa – na ***existensia*** (***ex-sist-tensia***), propriamente dita.

Porque, força, a possibilidade, perde em força, consome a sua força à medida em se exerce.

Decai. E se coisifica.

Assim, o modo insistensial de sermos, da ação, modo de sermos da experimentação, e da interpretação, da hermenêutica, fenomenológicas -- compreensivas, o modo de sermos da *eksistencia* heideggeriana, fenomenológico insistensial, e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo -- é, em sua estrutura, a vivência da ***sístole insistensial***, **a vivência do processamento da diástole-e-da-sístole insistensiais** -- como a vivência de dois momentos distintos da momentaneidade instantânea da fenomenológica da ação, da fenomenológica emergência, e do desdobramento cognitivo, de possibilidades. Decaindo na instalação coisificativa, na coisidade, no modo coisa de sermos, da ***exsistensia.***

trolamos

**INSISTENSIA NA INSISTENSIA.**

A momentaneidade instantânea da vivência da temporalidade da sístole insistensial, *a insistensia na insistensia*, é a vivência da diástole e da sístole insistensisais. Que é a vivência dialógica – ou seja, a vivência da ***inter-ação dialógica, numa dualidade entre eu e tu,*** como forças de possibilidades, alteritárias. Com as quais interagimos, mas às quais não determinamos, e não con-

trolamos

Processo, momentaneidade instantânea, que não é proposital. Que é despropósital, despropósito. Uma vez, em particular que, modo fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, é modo de sermos da ação, do acontecer, fora do modo acontecido de sermos, fora das determinações da causalidade. Que está fora da utilidade, dos usos e dos úteis. E que está igualmente fora da condição de acontecido do modo de sermos da realidade.

Pois, com efeito, é ação, inspectativa, inspectação, implicação. O modo de sermos do acontecer.

Os critérios da temporalidade da instantaneidade momentânea da duração do modo insistensial de sermos são os critérios da interação dialógica dos desdobramentos das forças das possibilidades. Desdobramentos dos quais efetivamente participamos, mas aos quais não controlamos unilateral, e objetivamente. Ou subjetivamente.

*Sístole* e *diástole*, a ***Insistensia --*** (*habitação*) ***na temporalidade própria dos movimentos da duração da insistensia --***, é, assim, a vivência implicativa da emergência e dos desdobramentos, organizativos, gestaltificativamente cognoscentes, de multiplicidades de possibilidades.

É *diástole insistensial.* Na medida em que é o *refluxo da sístole insistensial*. A sua ***diassístole***.

Como tal, ***diassístole,*** é a vivência de uma errância ruminante nos processos múltiplos de emergências, de constituição de dominâncias, e de desdobramentos das possibilidades. Como no laguinho de uma fonte, em que a água vai se acumulando, à medida que brota; lenta, mas inexoravelmente. O tempo, a temporalidade, da ***diástole insistencial*** é a vivência da temporalidade da errância distensiva, pelo tensionamento progressivo da emergência e desdobramentos múltiplos de possibilidades, na vivência dos processos de emergência e de constituição das possibilidades, de suas dominâncias.

Os Sábios Orientais identificariam a ***diástole insistensial*** como os primórdios do *retorno da força,* o prenúncio da primavera. Com a emergência de múltiplas forças, ainda nos seus estágios iniciais, e no seu vigor proliferantemente emergente.

Nietzsche identificaria a *diástole insistensial* com as *emergências* do *dionisíaco,* condição do retorno da vida, o *eterno retorno da vida*, retorno da *vontade de possibilidade.*

Depois das aperturas limitativas, e excludentes, explicativas, não implicativas, do *apolíneo*. A desmesura, a ultrapassagem dos limites, a superação.

Plastificativas forças lógicas, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas -- como sentido, pré-reflexivamente cognitivo --, as possibilidades, própria e es-

pecificamente, competem e argumentam entre si. Desde a vivência de suas emergências *prèt*-compreensivas -- na constituição de suas dominâncias gestaltificativas, compreensivas, formativas. E na duração de seus desdobramentos, insistensialmente diastólicos, e sistólicos. A vivência da fenomenológica da ação é a vivência dos desdobramentos cognoscentes, como sentido, destas

competições e argumentações insistensiais, inspectativas. Em seus momentos de diástole, e de sístole.

Na ***insistensia na duração da insistensia*** – *insistensia diastólica, e sistólica* -- errabundeamos ruminativamente. Inicialmente, pelas competições e argumentações da multiplicidade de possibilidades emergentes. Que se constituem, e se desdobram, no modo expansivo da diástole.

E, vivencialmente, errabundeamos ruminativamente, a seguir, de um modo cada vez mais acelerativo, *projetativo*. Agora na vivência da errância da momentaneidade contrativa da sístole expressiva da ação.

Errância diástole, logo seguida pela errância sístole.

Na vivência insistensial diastólica, as possibilidades, em suas dominâncias, tensoativas, emergem múltiplas. Numa tal multiplicidade, que podemos entender a diástole insistensial como uma *intensificação distensiva, e uma distensão progressivamente intensificativa* – sempre intensional, intensionalidade. Na qual as possibilidades, em suas múltiplas emergências intensificativas, nos primórdios múltiplos de suas intensificações, intensionais, constituem-se paradoxalmente como uma *distensão*. Como uma diástole. Uma distensão que progressivamente se intensifica, no sentido da sístole.

Expansiva num primeiro momento -- na multiplicidade de forças emergentes --, a *insistensia* progressivamente se constitui como a intensificação sistólica de uma contração. Dispersiva -- na dispersão da emergência de sua multiplicidade. E progressivamente *perssiva,* pressiva, perssivamente pressiva, expressiva, sistólica. À medida que se intensificam as forças do desdobramento de suas forças, de suas possibilidades, vontade de possibilidade.

À medida que se intensificam as intensidades das forças emergentes de possibilidades, a vivência da tensão vai progressivamente prevalecendo sobre a distensão. E a *diástole* progressivamente se converte na *sístole insistensial* expressiva da ação. Sempre mediada pela perssividade da compreensão.

O errar, agora, sistólico, não é mais o errar distensivo ruminante da diástole; mas converte-se progressivamente, cada vez mais, na ruminância acelerativa da afinação, da atunação do errar consumatório, contrativo, da sístole persivamente pressiva, ex-pressiva, da ação.

À medida que, paulatinamente, se desdobram, e se consumam -- na expressividade da diástole e da sístole insistensiais da ação --, decaem as forças da articulação gestaltificativa das possibilidades... De modo que, posteriormente à sístole insistensial, elas, mais uma vez, se distensionam progressivamente. Só que diferentemente, agora, da intensificação distensiva da *diástole* insistensial. Esgotadas em suas forças, as possibilidades decaem numa *desistensia*, numa *des-sist-tensia distensiva*. Que progressivamente involui, no sentido da

*ex-tensão, extensão* da instalação coisificativa. ***Ex-tensão.*** A ***existensia***.

No sentido, agora, portanto -- passada a diástole e a sístole insistensiais

--, da ***instalação*** como ***coisa***, da constituição como coisa, ***coisidade instalati- va***. A *existencia. Existensia. Ex-tensão.* (*Ex-sistole-tensia*).

A sístole insistensial – que, como tal, é, assim, especificamente, ***sístole e diástole insistensiais, diástole e sístole insistensiais*** -- é a vivência da instantaneidade momentânea anterior à coisificação. Ciclos éticos da estrutura insistensial da vivência, que intrinsecamente convocam uma abordagem fenomenológico existencial, *insistensial,* a uma própria e específica compatibilidade conceitual e metodológica.

Rogers e a equipe de seus últimos trabalhos entenderam profundamente esta dinâmica de sístole diástole sístole insistensial da vivencia fenomenológica. Inclusive, e em especial, no contexto do processo grupal. E constituem, a partir desta compreensão profunda, a sua metodologia fenomenológico insistensial e dialógica da sua metodologia fenomenológico existencial e dialógica

do seu trabalho com grupos. Que determina, e recria, até mesmo a sua meto- dologia do trabalho diádico.

Como o privilegiamento de uma metodológica entrega à vivência ativa dos momentos de *diástole* e de *sístole* insistensiais da *insistensia*. E de experiência e experimentação, tanto na diástole e na sístole da sístole insistensial implicativa, como na instalação coisificativa, explicativa -- com seus modos teoréticos, e comportamentais.

E é interessante, assim, nos precatarmos de que a *in**sist**ensia,* a ek**sist**ensia -- no modo ontológico de sermos, pré-reflexivo, fenomenológico insistensial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo --, é a *habitação*, própria e especificamente, na temporalidade da tensão da duração (diastólica e sistólica) da **síst**ole insistensial.

Esse *fole,* da vivência da errância ruminativa e expressivamente fenomenológica, da constituição, e do desdobramento das dominâncias das possibilidades.

Que temos como *insistensia*. (A *eksistencia* do Heidegger). O modo fenomenológico existencial, insistensial, de sermos.

Tensa, tensoativa, intensa, intensional, a ***insistensia*** (in-sistole-tensia) se caracteriza, portanto, como a *habitação* na duração[6] da *tensão*, *intensão, intensionalidade, da insistensia.* ***Insistensia*** (habitação) **na *insistensia***. *Insistência* na momentaneidade instantânea da *insistensia diástole;* e *insistensia* na momentaneidade instantânea da *insistensia sístole*. Características da vivência fenomenológica implicativa, compreensiva, e gestaltificativa, da ação.

*In**sist**ensia, ek**sist**encia* -- o modo *pré-reflexivo, ontológico, de sermos, fenomenológico insistensial, dialógico, compreensivo e implicativo, gestaltificativo --,* é tensão de sístole, e da dia-sístole insistensiais. A diástole e a sístole.

Momentaneidade instantânea da ação; que, assim, escoa na instalação coisificada da *desistensia,* da *existensia, ex-tensão.* Da *coisa instalativa.*

[6] Este precioso conceito begsoniano.

De modo que não é pertinente pensarmos que a ***insistensia*** -- que, efetivamente, é *diástole* e sístole, a ***eksistencia --*** seria, apenas, a sístole. Enquanto que a ***existensia, ex-tensão,*** seria diástole.

Emergência e desdobramento cognitivos de possibilidades, tanto a diástole como a sístole insistensiais são tensoativas. *Intensionais, intensionalidade, intensificação*. O *tenso* modo de sermos da ação, da fenomenologia eksistensial, insistensial, do acontecer.

A ***existensia, ex-tensão,*** já está fora (*ex*) do modo de sermos processamento intensional, insistensial, da sístole-diástole – já está fora do modo de sermos do acontecer, do modo de sermos da ação, da atuação, e da atualização. E se constitui a existensia no modo acontecido de sermos.

O modo de sermos da ***existensia*** já está fora, para além, da ação, do acontecer, da tensão, como mobilização, do processo projetativo lógico, ontológico, fenomenológico, dialógico, implicativo, compreensivo, da *sístole-diástole* da *insistensia*.

A existensia (*ex-sist-tensia*) não é mais tensional, não é mais *insistensia*, não é mais intensional.

Nem im-plic-ativa.

Mas *extensional, e ex-plicativa*.

Já não é mais a vivência da ação como implicação, a vivência gestaltificativa dos desdobramentos múltiplos, ex-pressivos, ação, das forças que são as possibilidades em sua sístole expressiva, *insistensial.* Ex-plicativa, a existensia é já ex-plic-ação, não é implicativa.

É instalação da coisidade êntica, da coisidade ôntica.

Que -- *cognitivamente* teorética, ou *discognitivamente*, *discognativantemente*, comportamental -- não se constitui como vivência dos desdobramentos e das articulações gestaltificativas, formativas, de multiplicidades simultâneas de possibilidades.

Mas como experiência da dicotomia sujeito-objeto. O modo acontecido de sermos, explicativo. Teorético e/ou comportamental.

**GESTALTIFICAÇÃO. PERFORMÁTICA, O FAZER, FENOMENOLÓGICOS. Formatividade da experiência, da ética e da metodológica gestaltificati- vas.**

Como temporalidade própria, e como vivência da própria tensionalidade,

intensionalidade, da emergência e do desdobramento cognoscente de possibilidades, fenomenológica, fenomenativa, a ação, a atualização, insistensial, a *gestaltificação,* é a vivência do devir intensional e formativo. É a vivência da formatividade da interpretação fenomenológico insistencial, e dialógica. Compreensiva e implicativa. Gestaltificativa. A performática da gestaltificação. A fenomenologia gestaltificativa...

A ***ação***, insistensial, é a vivência da temporalidade própria à momentaneidade instantânea do acontecer do modo ontológico de sermos. O modo de sermos da vivência da insistensia, como vivência da ação, vivência do desdobramento de possibilidades. A *insistensia na insistensia* -- in-sistensia na ação, na interpretação fenomenológico insistensial, vivencial. Performática da formação fenomenológica, fenomenologia gestaltificativa.

Em compatibilidade com a sequência de seus dois intrínsecos e articulados momentos. O momento de insistensia *diástole,* e momento de insistensia *sístole*.

A *insistensia* – a *habitação -- na temporalidade própria da momentaneidade instantânea da insistensia -- a insistensia* na temporalidade do desdobramento fenomenológico, cognitivo, de possibilidades -- é, própria e especificamente, a ética, a estética e a poiética, a experimentação e a interpretação, hermenêutica, a metodologia, própria e especificamente gestaltificativas. A metodologia da gestaltificação fenomenológica, a metodologia da fenomenológica gestaltificativa. Aliás, a vivência, a ética, e a metodologia fenomenológicas, fenomenologicogestaltificativas, da ação. Fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Como ação, como desdobramento de possibilidades, a vivência fenomenológico eksistencial, fenomenológico *insistensial*, a vivência da hermenêutica, a interpretação, fenomenológico insistencial da ação, é, própria e especificamente, ***formativa*** -- gestaltificativa. Como formativa, gestaltificativa, ativa, ação, atualização de possibilidades. Ou seja, é *attum*, é ação, atualização. É vivência da emergência, da constituição de dominâncias, e do desdobramento cognitivo, de possibilidades -- formação.

Como vivência formativa fenomenológica dos processos de formação de figura e fundo. E como vivência fenomenológica formativa do processo de constituição de coisas instalativas -- a coisificação. E este é o caminho, a metodologia, gestaltificativos, a metodologia da gestaltificação.

A vivência fenomenológico insistensial é, própria e especificamente, ***formativa***, assim, (1) no sentido da formação, processo de formação de figura e fundo, das formas particulares da própria vivência fenomenológico insistencial, atualidade e presença; e é *formativa* (2) no sentido subjetivo-objetivo da palavra *formação* -- no sentido específico da *formação,* portanto, da formatividade, das coisas. Das (a) coisas psicológicas, e das (b) coisas materiais. A vivên- cia fenomenológico insistensial é formativa, assim, das formas, das figurações,

e dos fundos, dos processos de formação de figura e fundo da vivência feno-

menológica gestaltificativa. E é formativa no sentido específico da formação das próprias coisas. Das coisas psicológicas, e das coisas materiais -- objeti- vas, e subjetivas.

A formatividade da vivência insistensial deste processo formativo dá-se segundo um padrão gestaltificativo próprio.

Dá-se, originária e primariamente, como a vivência da constituição de *totalizações significativas* -- compostas estas de múltiplas *partes*. A vivência originária de *totalizações*, ações, atualizações, que são diferentes da soma de suas partes. De um modo tal que, caracteristicamente, dão-se, antes, as totalidades, as *totalizações significativas,* anteriormente às participações.

Só sucessivamente, a seguir, segundo o padrão característico da gestaltificação -- da fenomenologia gestaltificativa, da gestaltificação fenomenológica

--, é que as *partes* vão figurando, *qua* partes, *qua* participações. Na vivência de

um processo de formação de figura e fundo. Até reconstituírem derivativamen- te, de um modo experimental, a gestalt da totalidade anunciada originariamente na intuição pré-compreensiva. No curso de um processo formativo experimen- tal, de risco, tentativa e erro, e criação, um processo experimental de fenome- nologia gestaltificativa. *Gestaltificação. Formatividade, performática da gestalti- ficação.*

Que é arte, e não artesanato. Que é arte, e não artifício artificial. Que é arte, e não artefacto.

**EM ESPECÍFICO, ASSIM, A *FEIÇÃO* É *FAZER. A TEMPORALIDADE DO FAZER. PERFAZER. INSISTENSIA NA INSISTENSIA*, A AÇÃO, FENOME- NOLÓGICA GESTALTIFICATIVA, É UMA *FEIÇÃO -- PERFEIÇÃO*. A AÇÃO É A VIVÊNCIA CABAL DE UM FAZER, PERFAZER, PERFEIÇÃO.**

**Um *perfazer, performance, performação, perfazimento, perfeição -- da***

***formação de figura e fundo, e da formação de coisas. Coisas instalativas. Coisas psicológicas, e materiais; coisas objetivas e subjetivas...* A ação, *insistensia na insistensia, insistensia na feição, insistensia no perfazi- mento, performativo, na performance, na perfeição. Performação. Feno- menologicamente gestaltificativa.***

Formatividade -- vivência ***formativa*** do desdobramento de possibilidades: vivência formativa de coisas, e dos processos gestaltificativo fenomenológicos de formação de figura e fundo --, a *vivência insistensial*, na pontualidade da duração cognoscente de sua momentaneidade instantânea, a ação, é, em específico, um fazer.

É, a vivência insistensial, a ação, o *formativo* processamento de uma

***feição.*** A palavra *feição* em específico significa *fazer.*

O *fazer,* a *feição, perfeição,* é o ***percurso da vivência.***

O cabal ***per****curso* da feição, ***per****fazimento*, ***per***feição.

Desde os seus níveis intuitiva e dialogicamente pré-compreensivos, inter-*prèt*-ativos, até a vivência de sua ex-tensão, na instalação coisificativa.

***Percurso formativo, performação, perfeição,*** a ação, a atualização, a vivência insistensial, é, própria, assim, e especificamente, *performativa*, é *per-*

*formance*. *Performação*. *Perfeição*.

Nos seus dois e distintos momentos -- de *diástole insistensial*, e de *sístole insistensial* -- a **sístole insistensial**, **insistensia na insistensia,** é ***formativa. Gestaltificativa.*** **Porque é atualização, desdobramento cognitivo, de possibilidades. É *formativa* das figurações da vivência fenomenológica. E é formativa das coisas instalativas, no limite de suas expressões extensioativas.**

Este caráter própria e especificamente ***formativo*** do fazer, perfazer, na sua particular propriedade, é que é designado como ***gestaltificativo****.*

A experimentação da momentaneidade instantânea da insistensia, *insistensia na insistensia,* é, assim, *formativa.* É formativa no sentido gestaltificativo do termo. A *insistensia*, a *insistensia na insistensia*, é *gestaltificativa.*

No mero sentido de que é *formativa*. *Gestaltificação* quer dizer ***formação***, *per-form-ação, performance. Fenomenologia,* também...

Daí, a *gestaltificatividade* inerente à

fenomenologização. A *fenomenologia gestaltificativa.*

E no sentido de que, própria e especificamente, esta formatividade que é a insistensia, a vivência insistensial, a ação, fenomenação, dá-se ***ao modo da gestaltificação***.

Modo particular intrínseco de nossa vivência fenomenológica, compreensiva, implicativa, dialógica. Na qual a vivência originária, a ***figuração*** originária***,*** da ***totalização da totalidade das partes,*** intuitivamente se dá como momentaneidade instantânea imediata, pré-reflexiva, anteriormente à sucessiva ***figuração particular das partes***, à sucessiva figuração das participações. A vivência da totalização, a vivência da totalidade, é anterior à figuração das participações, é anterior à figuração das partes.

O ***caráter formativo, gestaltificativo,*** da vivência fenomenológica -- como atualização compreensiva, especificamente cognitiva, pré-reflexiva, de possibilidades, atualidade e presença -- dá-se, assim, segundo um padrão gestaltificativo. O caráter gestaltificativo da vivência fenomenológica dá-se, portanto, porque esta vivência é formativa, e porque ela se dá segundo o padrão próprio, gestaltificativo, da conscienciação. A vivência fenomenológica, conscienciativa, é gestaltificativa. A gestaltificação conscienciativa é fenomenológica.

Daí a fenomenológica da gestaltificação. E a gestaltificação inerente à fenome- nologia.

A gestaltificação fenomenológica. A Fenomenologia Gestaltificativa.

***Gestaltificação*** inerente à fenomenológica, como vivência própria e específica dos processos de formação de figura e fundo; da atualidade e da presença.

***Gestaltificação*** inerente, igualmente, à fenomenologia formativa, atualizativa, das coisas. À fenomenologia das coisas psicológicas, e das coisas materiais. Objetivas e subjetivas. Contempladas, pelo teorético, e irremediavelmente acontecido, ex-tensivo, sujeito. *Sujeitado.* Que dicotomicamente confronta, e contempla objetos. Objetificados.

**FORMATIVIDADE, APORIA, E MÉTODO. O MÉTODO APORÉTICO.**

No limite da aporia, a poiese...

A metodologia fenomenológica gestaltificativa é uma metodologia própria, específica, e eminentemente, *aporética.* Ou seja, é uma metodologia que assume uma vivência da *eticidade da aporia.* Insistensia na insistensia, na fenomenologia da formação, tinha que ser...

Uma ética da vivência da aporia, e da natural vivência afirmativa de finitude e limitação... E uma ética da vivência de sua superação – a poiese, a emergência múltipla de novas possibilidades... Como retorno, eterno retorno, do desdobramento de possibilidades.

Ética da performance, da performação da atuação, da ação, do desdobramento de possibilidades -- da experimentação, e da interpretação, da hermenêutica compreensiva, gestaltificativa, de possibilidades --, a fenomenologia gestaltificativa é igualmente uma ética de estrita performance, experimentação

e interpretação, do baque, ou do *breque*, da aporia. Uma ética da aporia, com a

sua aporética métodológica.

O método aporético era já uma metodologia do filósofo -- empático, empatético, patético, peripatético – Aristóteles -- todos os humanistas, no sentido experimental de *fenomenológicos,* o são. E Brentano, como um dos mais dedicados leitores contemporâneos de Aristóteles, era um dos mais conspícuos. E incorporou a metodologia, a ética experimental e empírica peripatética fenomenológica, fenomenética, aporética, à fenomenologica de sua tradição.

Vejam bem que esta tradição não é a tradição de Husserl...

Na vivência de seu desdobramento como forças, as possibilidades são finitas. Incontornavelmente, as possibilidades são finitas... Uma vez que, enquanto forças, suas forças se desdobram. E, se finam, acabam. De modo que, em seus desdobramentos, as possibilidades terminam na condição do modo de sermos da *coisidade instalativa*. Na condição de coisa, na condição de *instalação* como *coisa.*

Podem ser daí resgatadas... Mas terminam, finam, no seu desdobramento no estágio de coisas. À medida que, ao se desdobrarem, perdem em força -- até à condição de impotência da coisidade instalativa.

Também, nas suas competições e argumentações, gestaltificativas -- constituintes de suas gestaltificativas dominâncias --, as possibilidades se limitam reciprocamente. Determinando finitudes recíprocas.

A *aporia* é o limite, é o *sem passagem* (*Poria,* de *poro. A-poria, sem passagem*), da limitação do fluxo do desdobramento das possibilidade. As possibilidades fluem no desdobramento de suas forças. E têm a sua fluência, a sua passagem interrompidas, ou pelo esgotamento de suas forças; ou limitadas por outras possibilidades, desatualizadas, decaídas, pelos seus desdobramentos.

A vivência plenificativa da força das possibilidades, e a vivência, portanto, dos limites e das finitudes dos desdobramentos das possibilidades, a afirmação de seus limites e finitudes, é a condição de potencialização da vivência da emergência e do concurso de novas possibilidades, plásticas e potentes para a superação. Num processo de retorno eterno.

A *aporia* (*a/*poria) é o limite e o *sem passagem* na vivência do fluxo do desdobramento das possibilidades

A metodologia aporética -- de vivência da afirmação da aporia, e de sua superação --, é, já em Aristóteles, o método da filosofação. Ganha, na cultura da civilização ocidental, o caráter de figura literária. É vista aqui no seu sentido

existencial, que Brentano, Nietzsche, Heidegger lhe recuperam. E que é implí- cito à ética da Fenomenologia Gestaltificativa.

A formação das formas, e mesmo as formas formadas, são finitas. Porque suas forças plásticas, suas forças formativas são finitas... E a formação é limitada pelas forças de formação de outras possibilidades.

Finitivas, as formações, fenomenações, fenomenológicas, gestaltificações, são sempre, assim, *aporias*, *aporiativas*, *aporéticas*.

Ou seja, finam-se na finitude de sua força, e encontram limites, e limitam-se umas às outras. Como forças em desdobramento, que são, já são originariamente finitas.

Na finitude dos momentos existenciais, as aporias inevitavelmente trazem o sofrimento. De matizes diversos.

No desdobramento de sua formação, as formas são afirmativas. Na medida em que são potências, forças, possibilidades. Ainda que assim afirmativas, as possibilidades, nas formações de seus desdobramentos cognitivos, são infirmes. E carecem, e de nós solicitam, a sua afirmação. Na dialógica de uma relação eu-tu. No que Nietzsche chamaria de *afirmação da afirmação.* O *conúbio de Dionísio e Ariadne*.

Em suas finitudes, a afirmação das formas constituídas pelo desdobramento das possibilidades, a afirmação das possibilidades, é, inevitavelmente, também, a afirmação de suas finitudes. E, naturalmente, a afirmação do sofrimento que estas finitudes implicam.

Não obstante, a afirmação da formação, a afirmação da ação, da criação, a afirmação do possível, a afirmação do potente, a afirmação da possibilidade -- que é, igualmente, a afirmação de suas finitudes, de suas aporias, e do consequente sofrimento --, é condição para a sanidade do *eterno retorno das forças*, para o eterno retorno das possibilidades, para o eterno retorno da vontade, o eterno retorno da vontade de possibilidade. Como mostrava Nietzsche.

A afirmação das possibilidades, e de suas aporias, é a condição da vivência do movimento, da moção, da emoção, da alegria e da saúde – na forma do eterno retorno de uma multiplicidade de forças de vida, as possibilidades.

No modo ontológico de sermos, a vivência das possibilidades, da vontade de possibilidade, e de suas finitudes, constitui-se como a condição do retorno, do eterno retorno de uma superabundância de forças de vida, do eterno retorno de uma multiplicidade de possibilidades.

Em específico, este retorno, a potência múltipla deste retorno, é diretamente proporcional ao modo como afirmamos a possibilidade, em particular quando a vivência da possibilidade é aporia, é a vivência da finitude, e do sofrimento, que lhe é intrínseco.

De modo que, no que pese a intrínseca finitude, e o intrínseco sofrimento inerente à finitude, a afirmação da formação, a afirmação da afirmação, em

que se constitui o desdobramento da possibilidade, a ação, como afirmação da possibilidade, é criativa, é a criação. É, em si, na sua vivência, a moção, o movimento do devir; como vivência de forças, e como vivência do desdobramento de forças. Como moção, *comoção,* é a e-moção. A alegria, da moção, e da

emoção. E a motiv-ação. É o desdobramento da possibilidade, da força, onto- lógica da criação e da superação.

E é a condição da promoção do eterno retorno de uma superabundância de forças de vida. Superabundância de forças cuja presença, atualidade, e contínua emergência, é, própria e especificamente, a saúde, a grande saúde, existencial, no sentido que Nietzsche preconizava.

Na sua afirmação, assim, a ação, eminentemente criação e superação, é alegria, do desdobramento de possibilidades; é condição do retorno da possibilidade, como retorno de uma superabundância de forças de vida -- forças que

se constituem como a saúde existencial, a *grande saúde*. A afirmação do des- dobramento de possibilidades, a afirmação vivencial da vivência da ação – no que pese a vivência de sua intrínseca aporia, a vivência de sua intrínseca fini- tude, e sofrimento -- é, condição da alegria, da moção, da emoção, da criação, da superação, e da saúde. A grande saúde (Nietzsche).

Daí que -- para além da mera afirmação das forças das possibilidades -- o método aporético envolve a metódica vivência, a metódica afirmação da aporia, a metódica afirmação da impotência da possibilidade, como inalienável constituinte do desdobramento das possibilidades, do desdobramento da ação, da atualização. Condição, não só do retorno da vontade de possibilidade, e da superação, mas condição da moção, do movimento, da alegria, da criação e da saúde.

Aí onde se dá a aporia dá-se, igualmente, a *poiese*, como retorno de uma multiplicidade de forças de vida. Como retorno da *vontade de possibilidade...*

E essas são, precisamente, as implicações da metodologia gestaltificativa, da metodologia fenomenológico existencial, insistensial, e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Da metodologia aporética. *A insistensia na insistensia.*

Muito pertinente, e significativamente, Heidegger já diria que *a existência só se resolve existencialmente.* Isto especificamente quer dizer que a existência se resolve, e só se resolve, insistensialmente. Implicativa e compreensivamente. Pré-reflexivamente, hermenêutica, e experimentalmente. Tiva e aporeticamente.

A originalidade, e a especificidade, de uma metodologia gestaltificativa estão em sua aderência afirmativa à vivência da eticidade gestaltificativa fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O que quer dizer, a originalidade e a especificidade de uma metodologia gestal- tificativa estão em sua aderência a uma eticidade fenomenológico insistensial e dialógica, hermenêutica e experimental. Que potencializa a vivência da ação,

do desdobramento cognitivamente fenomenológico de possibilidades; que po-

tencializa a vivência plena das aporias, das finitudes, e dos sofrimentos que a estas são inerentes. E que potencializa a vivência da criação, e da superação das aporias, das finitudes, e da instalação coisificativa... Na vivência do retorno das possibilidades, na vivência do retorno do possível, na vivência do eterno retorno da vontade de possibilidade.

## CONCLUSÃO

Assim, a experiência, a ética e a metodológica da ação fenomenológica gestaltificativa, estética e poiética, envolvem a compatibilidade com a própria temporalidade da vivência da ação fenomenológica. Que se dá como a dinâmica sístole-dissistolia de um *fole.*

A momentaneidade instantânea da vivência da ação, fenomenológica, a vivência insistensial, inspectativa, constituinte da dramática ativa da ***insistensia***, dá-se como *diástole e sístole insistensiais,* dramática insistensial e inspectativa da ação. Fenomenológico insistensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Pressão, ex-pressão, *jeto*, projeto.

Que é: (a) diástole -- a vivência, em sua momentaneidade instantânea, da temporalidade do brotamento de forças, as possibilidades, em sua multiplicidade. Em suas origens expansivas, pré-sístole, em***píri***cas, ins***pir***ativas, ex***piri***mentais, de dia-sístole, de diástole. E (b) a vivência fenomenológica da contração da sístole, propriamente dita.

Em seguida a dissistolia – o fole momentaneamente quieto.

... O momento da diástole (a temporalidade da errância ruminativa pelas constituições originárias múltiplas, originativas, das possibilidades, e dominâncias de possibilidades, gestaltificativamente constituintes da vivência fenomenológico insistensial). E a vivência da sístole do desdobramento vivencial intensificativo das tensões que são as intensidades das possibilidades. Na pressão, ex-pressão de um jeto, de um jato, projeto. Que, no seu limite, enquanto intensidade dramática da ação, culmina na instalação da coisa – a *distensão, desistensia, existensia, ex-tensão*.

Vivência de temporalidades ontológicas, lógicas, fenomenológico insistensiais, dialógicas, esta pré-sístole -- esta dia-sístole, diástole --, e esta sístole, não estão sob nosso controle deliberado e voluntário. Ainda que se dêem com

a nosso dialógica participação, em***píri***camente intuitiva, ins***pir***ativa, ex***pir***ativa, ex***piri***mental. Ao modo de sermos tensional, intensional, insistensial, insistensi-

ativo. Da ação fenomenológica gestaltificativa. Dimensão fundamental, incon-

tornável, do modo de sermos fenomenológico insistensial e dialógico, compre- ensivo e implicativo, gestaltificativo; da ética, poiética e estética, e da metodo- lógica, fenomenológico insistensiais gestaltificativas.

Forças alteritárias que as constituem, a diástole e a sístole insistensiais têm o seu ritmo próprio. Ao qual se integra a nossa participação dialógica.

A duração da dialógica, a insistensia na insistensia, é eminentemente um ritmo. O ritmo diástole e sístole, dissistolia, da vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades. Ritmo que podemos romper ou perturbar, com extra-sístoles, ou assistolias, inoportunas...

Mas que tem sempre a sua auto-regulação inerente.

## INTRODUÇÃO

A metodologia fenomenológica gestaltificativa se dá como uma compatibilidade e uma compatibilização com a experiência, com a ética, com a experimentação, da vivência ontológica fenomenológico existencial e dialógica – que, própria e especificamente, é compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Compreendendo a *dramática* dinâmica da ***ação*** -- que se dá, antes, como ***implicação****,* como interpretação, como hermenêutica fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa, no modo ontofenomenológico de sermos --, compreendemos que a sua vivência, a vivência da ação, é vivência de uma *tensão,* é vivência de *tensionalidade,* ***intensionalidade****.* A mera tensão intrínseca à sua mobilização. A ação é *tênsil.* Tensionalidade da vivência da emergência e do desdobramento de forças, de possibilidades.

Por isso, ao contrário da ***ex-sistensia,*** a ação é ***in-sistensia,*** especificamente.

Propriamente *tênsil -- como* emergência e desdobramento cognitivo de forças, de possibilidades, *intensional, in****sist****ensia, in****sist-****tensil --,* a ação, constitui-se como o ciclo estrutural de uma *sístole.* Com a sua intrínseca e correlativa *dias(****sist****)tole,* naturalmente. Na integridade da vivência da momentaneidade instantânea de sua duração fenomenológica, gestaltificativamente constituinte.

Vivência do desdobramento de possibilidades, a vivência fenomenológica, fenomenativa, da ação, no modo ontológico de sermos, é um *jeto;* é um *estado projeto de sermos.*

Vivência, momentaneamente instantânea, do *jeto*, *projeto*, *projetação*, (Heidegger) do desdobramento fenomenológico existencial de possibilidades, que envolve, de um modo intrínseco e correlativo, o momentum de uma expansão, experimentalmente inspirativa, de uma *diástole* (*dia sístole*), seguido do movimento de uma sístole. Ou seja, a sístole da insistensia especificamente compõe-se de diástole e de sístole...

Que se caracterizam como a vivência de uma errância, de um pervagar fenomenológico pela multiplicidade implicativa vivencialmente emergente e desdobrativa de forças, de possibilidades, gestaltificantes, gestaltificativas.

Forças *lógicas* que são -- *sentido, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas --,* as possibilidades emergentes na ***insistensia,*** na vivência fenomenológica gestaltificativa de suas figurações, competem e argumentam entre si. Constituindo dominâncias, em seus desdobramentos, intensionais, intensificações progressivas. *Jetam-se* intensificativamente, como tais, na temporalidade da vivência fenomenologicamente gestaltificativa da ação. A vivência de sua emergência e desdobramento como projetação dá-se como *errância* fenomenológica, cada vez mais intensificativa.

Até a vivência de seu progressivo e inevitável decaimento (Hidegger), na *dessistensia* de sua *dessistolia*. Até a, aparentemente completa, *assistolia.* Ca-

racterística da condição de *coisa instalativa*. Aparentemente completa assistolia da desistensia, ex-plicação, da ***ex-sistensia, ex-tensão***.

Compreendermos que este ciclo estrutural diastólico-sistólico da dinâmica dramática da *insistensia,* da dinâmica dramática, fenomenológica da ação, é interessante, se não fundamentalmente importante, para a compreensão e afirmação da experimentação, da ética e da metodológica, estéticas e poiéticas, da fenomenologia gestaltificativa.

**BIBLIOGRAFIA**

ALBERTAZZI, Lilian **THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO.**

BUBER, Martin **EU E TU.**

**DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO.**

HEIDEGGER, Martin **SER E TEMPO.**

HOUAISS, Antonio **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Dezembro 2001.

**Dictionaire Etimologique.**

## 14. INTUIÇÃO DA INTENSIONALIDADE DA AÇÃO, E O CÁLCULO.

**Afonso Fonseca, psicólogo.**

**CASA DE GESTALT**

Duas formas de avaliação são o cálculo e a dialógica da intuição da intensionalidade da ação. Qualitativamente diferentes, são formas que correspondem aos modos ôntico, e ontológico de sermos.

Metodologicamente -- na medida em que privilegiamos o modo ontológico de sermos --, a dialógica da intuição da intensionalidade da ação é o nosso recurso fundamental. De conhecimento, e de atuação.

Na intuição -- a imediaticidade da vivência pré-conceitual e pré-reflexiva da implicação --, a intensionalidade da ação, além de constituir-se em musculação, especificamente se constitui como compreensão.

A ação é vivência do desdobramento de forças.

Forças plásticas, indicaria Nietzsche. Estéticas, poiéticas.

E, o episódio da ação acontece, desdobra-se, na vivência do modo ontológico de sermos.

Vivência especificamente do desdobramento de forças, o episódio da ação é, assim, experimentado intuitivamente, como uma ***tensão --*** tensão de mobilização***.*** É ***tensional, intensional.***

Sua vivência é, pois, a ***intensionalidade.*** Sua vivência é intensional.

Uma ***tensionalidade, intensionalidade,*** que é vivida como ***intuição.***

***Imediata.*** Já que desprovida da *mediação* da inércia do conceito-- na medida em que se dá, e se desdobra, na vivência episódica do modo pré-reflexivo, e pré-conceitual de sermos.

Cessando -- instalando-se coisificativamente --, ao desguar no modo propriamente reflexivo e conceitual de sermos, modo ôntico de sermos da instalação da coisa***.***

Na sua duração, todavia, a ação é imediatamente consciente, cognição, o conhecer, propriamente dito, pré-reflexiva e pré-conceitualmente – intuitivamente, compreensivamente --, como ***intuição*** de sua ***intensionalidade***. ***A intuição, compreensiva, da intensionalidade da ação.***

Para nós, que adotamos uma metodologia fenomenológico existencial, é ***a vivência da intuição da dialógica da intensionalidade da ação*** que se constitui como o elemento básico. Elemento básico, de conhecimento, e de atuação. Sempre eminentemente compreensivos.

Na duração da instantaneidade momentânea de sua pontualidade improvisativa, a compreensão -- constituída nos fluxos intuitivos da intensionalidade da implicação da ação --, é a intrínseca fonte orientação e atuação, na dialógica do episódio da ação. A cuja efeméride corresponde, e pertence.

Implicativa, e compreensiva -- imediata e improvisativa, pré-conceitual e pré-reflexiva --, a compreensão nada tem do cálculo. Característico do modo ôntico de sermos.

Temos assim

1. a intuição da intensionalidade da ação, ontológica. Na compreensão;
2. E o cálculo, eminentemente ôntico. Explicativo.

Característico do modo ôntico de sermos, o cálculo, é, portanto, explicativo -- e não implicativo. Reflexivo, e conceitual. Mediatizado pelo conceito.

Não é intuitivamente imediato, mas mediatizado pelo conceitual, pelo conceito.

Pelo conceito do dígito, pelo conceito dos dígitos.

Explicativo, o cálculo é reflexivo, e conceitual.

De modo que são duas formas de avaliarmos. Cada uma com suas funções, circunstâncias, características, e condições próprias.

A *dialógica da intuição da intensionalidade da ação.* E o *Cálculo.*

Quando começamos a perder a noção da oportunidade, e da pertinência, de cada uma destas formas de avaliarmos?

A verdade é que a noção da oportunidade da pertinência de cada uma delas é intuitiva. Tão grande a distinção entre a pertinência e as qualidades de cada uma delas, que naturalmente intuitiva, sensível, é a escolha da oportunidade de cada uma delas.

Mas, como a oportunidade da pertinência do ôntico e do ontológico, a confusão, ou uma rígida e não intuitiva escolha é cada vez mais comum?

Não há como confundir. E não como deixar de compreender a sensibilidade e o valor ontológico da intuição da intensionalidade da ação.

Se quisermos sumariar:

A intuição da intensionalidade da ação é para a duração dos momentos quando estamos -- e o parceiro da dialógica --, estamos vivos e ativos. Quando somos ação.

O cálculo é para quando estamos *mortos.*

Exagero dizermos *mortos.*

Porque, efetivamente, estamos *encistados na instalação como coisa.*

Que não é ação -- mas que pode voltar a sê-lo. Desinstalada a instabilidade da instalação  coisific(in)ativa...

A intuição existencial, não há como confundir...

Dá-se a dialógica da intuição da intensionalidade da ação quando vigora o episódio da ação. Quando vigora, não reprimido, o modo ontológico de sermos. De modo que a ação toda está impregnada pelas condições e características deste modo ontológico de sermos.

A ação, e a intuição da dialógica da intensionalidade da ação, estão marcadas pela radicalidade de um modo de sermos que é atualidade e presença, presente e atual, e não passado...

Que não é reflexivo, não é dicotomia sujeito-objeto. Modo de sermos da ação, é o modo de sermos do ator – e não o modo de sermos do sujeito. O modo pré-conceitual de sermos. Um modo de sermos no qual não vigora a causalidade. Modo não pragmático de sermos, no qual não vigora a utilidade.

Modo de sermos no qual não vigora a realidade, mas a vivência da possibilidade. A atualidade, a presença. A ação. Modo estético e poiético de sermos.

O modo de sermos da ação, da intuição da dialógica da intensionalidade da ação, é o modo de sermos da moção, do

movimento, existencial. É o modo de sermos da emoção, do pathos da sensibilidade emocionada. É o modo de sermos da cognição efetiva, a compreensão. É o modo de sermos da criação. Da superação. E da regeneração.

Exagerando na metáfora, mas só didaticamente, poderíamos dizer que o cálculo é modo de lidarmos com coisas mortas. Em estando morto.

Não! É o modo de lidarmos com o que se instalou, ou com o que instalamos, como coisa.

O Cálculo, naturalmente, não tem as propriedades ontológicas do modo de sermos da ação. Porque o Cálculo não é ontológico. Não é pré-reflexivo, nem pré-conceitual.

Ou seja:

É inércia, não é moção, como movimento da atualização de possibilidades. Ação. Atualidade e presença.

Não é emoção. Não é o pathos da sensibilidade emocionada.

Não é cognição efetiva, compreensão, como conhecer.

Não é motivação.

Não é criação.

Nem superação.

Nem regeneração.

Sobretudo, o cáculo não é sentido, é conceito. O cálculo não é a vivência da constituição e desdobramento do sentido. O cálculo é conceitual. E perde a densidade da multiplicidade do sentido, para se constituir na esfera do conceito.

Como é que os humanos vieram a confundir, ou a priorizar, a oportunidade do cálculo, em detrimento da dialógica da intuição da intensionalidade da ação, do sentido?

Independente disto, para os que adotam competentemente uma metodologia fenomenológico existencial, não há como confundir.

O cálculo, naturalmente, tem assegurado o seu lugar próprio.

Mas a proficiência na metodologia fenomenológica demanda uma familiaridade com a oportunidade da dialógica da intuição da intensionalidade da ação -- como elemento metodológico central.

Perguntado acerca do como se instrumentalizava uma metodologia gestaltificativa, Fritz Perls simplesmente teria respondido: *não atrapalhando...*

Hoje poderíamos dizer: porque a ação é o desdobramento de uma força. Se não atrapalharmos, esta força impor-se-á como como experimentação e como hermenêutica.

Mas tem mais.

Hoje poderíamos dizer: *não atrapalhar, e intuitivamente seguir os refluxos e fluxos da dialógica da intensionalidade da ação.*

E isso é especificamente arte. Arte à qual se liga o labor com uma metodologia fenomenológico existencial e dialógica.

Buber já diria: *a possibilidade não acontece sem nós, mas não somos nós que a criamos...*

A possibilidade que nos move na dialógica da ação, e que move a ação em específico, é um *tu.* Interagir com seus fluxos, a eles vincularmo-nos é dialógica.

O episódio da existência, episódio da ação, tem seus grandes movimentos, o que incita uma dialógica. E, a cada momento, é dialógica, a interação intuitiva com as intensionalidades da ação.

## 15. PROJETO, DESIGN, AÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO

**Afonso Fonseca, psicólogo.**

*90% de inspiração, 10% de transpiração...*

Sobre Edison.

Em sua originalidade essencial, o *projeto* e o *design* são momentos da vivência da ação. Pertencem à vivência da ação.

A ação, o episódio da ação, toda ação, intrinsecamente contém a sua dimensão de *projeto* e de *design.*

Sendo a consumação do *projeto* e do *design* um desdobramento da ação.

Isto significa que, em sua originalidade formativa, criativa, o *projeto* e o *design* dão-se ao modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, da ação.

Definitivamente, assim, em sua originalidade formativa, o projeto e o design, *gestaltificativos,* são ontológicos. Vivência ontológica, pré-reflexiva, e pré-conceitual.

Como toda ação, em sua originalidade, a vivência da performática do *projeto* e do *design* submete-se a certas condições e características. Que são as condições e características do modo ontológico de sermos da ação. Fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo.

Ou seja, o modo ontológico de sermos da ação é vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual; é não teorético, e não moralista. É não causal, a vivência do modo ontológico de sermos. É não útil, não pragmático. E não real.

O modo ontológico de sermos da ação é implicativo. É existencial, é movimento existencial; é moção, movimento, neste sentido. É presente, atualidade e presença. É emoção, o *pathos da sensibilidade emocionada.* É cognitivo, é cognição, como implicação e como compreensão. A constituição e vivência do sentido. É estético; ou seja, é poiético. É gestaltificativo. É vivência de criação. É vivência de superação. É vivência de regeneração.

De um ponto de vista gestaltificativo, são sinônimos *projeto, design, ação, gestaltificação*; ou componentes de um mesmo processo, daação.

Da mesma forma, ainda, que são sinônimos, *possibilidade, poiese, poiética, estética, perspectiva, interpretação, ontológico...*

Mais do que sinônimos, imbricam-se como constituintes do mesmo processo da ação, em seu específico caráter de *gestaltificação.*

A que se deve o caráter sinonímico desses processos?

Em especial, a estarem eles intrínseca, e necessariamente, presentes como dimensões do episódio da ação.

1. O episódio da ação é intrínseca, e necessariamente, *projetativo* (constitui-se como *projeto* e como força em desdobramento. Em alguns sentidos diferentes, que o termo implica).
2. O episódio da ação, originariamente, dá-se como um *rascunho,* como um *disegno,* rascunho que haverá de ser refeito, no curso do desdobramento do episódio da ação.
3. O episódio da ação, enquanto *musculação* e *compreensão,* em específico, dá-se como vivência de multiplicidade de forças, as *possibilidades.* Forças lógicas e criativas, que competem e argumentam entre si, na constituição das linhas do episódio da ação.
   Sem que, na duração da momentaneidade instantânea de seu episódio, nenhuma das possibilidades seja excluída. Mas seja, antes, a sua multiplicidade integrada, em totalidades significativas. ***Totalidades que são diferentes da sua soma***.
   Tendo, em específico, gestaltificativamente preservada, a totalização de sua multiplicidade, nas constituições de seus sentidos.

**PROJETO**

A ação é eminentemente *projeto.* Nos vários sentidos que a palavra pode conter.

No primeiro, basicamente, a ação é um jato, um *jeto, projeto.*

Um *jato*, um desdobramento criativo, decorrente da sístole que é a duração do momento *insistensial* da Existência -- a *Insistensia.*

Por ser todo ele ação. Desdobramento de possibilidades.

Este caráter de força em desdobramento responde por um primeiro sentido, e pela própria insistensia como projeto.

Num segundo sentido, que se imbrica com o sentido da ação como *disegno*, o episódio da ação antecipa, como vivência de um *rascunho,* o desdobramento de seu sentido. De um modo não determinista que se reconstitui com o seu desdobramento.

Esta antecipação se dá assim como a vivência de um mero rascunho. Que será preenchido, gestaltificativamente, complementado, de acordo com as intercorrências, no desdobramento do episódio da ação.

### *DISEGNO*

O que está dito no parágrafo anterior – sobre o sentido de *disegno* do episódio da ação como *projeto* – expressa o sentido do episódio da própria ação como *disegno.*

Originariamente, a vivência do episódio da ação constitui a vivência de um *rascunho* do desdobramento do referido episódio.

O desdobramento da dramática da ação haverá de preencher o rascunho, no caráter de sua precariedade, e das criações originais, diante das intercorrências do desdobramento da dramática do episódio da ação.

### *GESTALTIFICAÇÃO*

Em específico, é difícil, e, sobretudo, empobrecedor, tratar reflexiva e conceitualmente, a vivência gestaltificativa da ação. Uma vez que, em sua propriedade, própria e especificamente, no episódio da ação, a vivência da gestaltificação é pré-reflexiva e pré-conceitual. O mesmo acontece com o caráter de *projeto,* e de *disegno* da ação, da gestaltificação. O caráter pré-reflexivo e pré-conceitual do *projeto* e do *design,* que em sua originalidade assim o são. Pré-reflexivo e pré-conceitual, o que quer dizer gestaltificativos.

Em sua profundidade de sentidos, o necessário, e inerente, caráter gestaltificativo da vivência da ação significa o caráter formativo, o caráter criativo, de devir, de vir a ser de uma forma, inerente à ação.

A ação é especificamente criativa, formativa.

De modo que a vivência da conclusão bem sucedida do processo formativo de seu episódio é, em específico, performática. Performance, performática. A ação, a gestaltificação, é, em específico, formática, performática.

Já na vivência das fases iniciais de sua *projetação,* a ação se constitui oriunda da vivência de uma multiplicidade de forças, que se organizam, na vivência da competição e da argumentação, como vivência e constituição de dominâncias, de *implicação.*

Isto é, como vivência da constituição de *dominância,* de *plexos* (*plics),* que fluem na vivência da intensionalidade de sua multiplicidade, e que se constituem como *compreensão*.

A *implicação* da ação é a vivência da constituição, e a vivência, de totalidades significativas, de dominâncias, de *plexos, gestaltificações,* que especificamente preservam e auferem o seu sentido, da vivência da multiplicidade de sua constituição.

Esta preservação da multiplicidade de constituição dos plexos da implicação constitui o caráter pré-conceitual da vivência da gestaltificativa da ação.

Uma vez que, a gestaltificação preserva a multiplicidade -- na constituição da vivência do sentido, como totalidade significativa, como *plics,* como *plexos,* como *implicação compreensiva,* como *gestaltificação --,* que é diferente da soma de suas partes. Este o seu caráter pré-conceitual.

Enquanto que no conceito, predomina a individualidade.

Primando a constituição da experiência conceitual pelo decaimento, e pelo desbaste sistemático da multiplicidade de forças lógicas, fenomenológicas, do sentido.

Em privilégio da clareza, e da unidade do conceito.

Putificado, *input, output,* o dígito pode, assim, se constituir como conceito.

Antes, o dígito é conceitual.

Pré conceitual, o sentido é analógico.

Sobretudo, lógico, fenomenológico, dialógico, ontológico. Pré-conceitual. Sobretudo sentido, que se constitui como compreensão, no âmbito da vivência da implicação.

O que garante o caráter, pré-conceitual, analógico, do sentido, são suas propriedades gestaltificativas. Que, através da constituição da implicação e da compreensão, faz com que o sentido se constitua como *totalidades significativas*, ao nível da vivência da implicação compreensiva; da compreensão, e da musculação.

Tendo em vista o caráter *purificativo* (*put – purificar*), de desbaste, do conceito, e do conceitual, podemos dizer que, em específico o conceito em específico é *purificado* e *purificável. Imputado* e *imputável. Putativo.*

Enquanto que o sentido -- que deve as suas características à pontualidade da vivência pré-conceitual de multiplicidades gestaltificativas de sua constituição, na vivência da *implicação*

*compreensiva* --, é, própria e especificamente, *inimputado* e *inimputável.* Não *purificado,* e não *purificável... O todo que é diferente da soma de suas partes...*

Em específico, constituindo-se em *putaria* o tentar-se tratar como conceito o que é da ordem do sentido.

Sentido e conceito são incomensuráveis. Não há como transformar um em outro. O que é da ordem do sentido, em específico, é pré-reflexivo e pré-conceitual. O conceito, em específico, é reflexivo e conceitual.

A vivência da ação, a gestaltificação, própria e especificamente, é da ordem do sentido.

E, portanto, a vivência da ação é pré-reflexiva e pré-conceitual. Inimputada, e inimputável. Diferente do caráter putativo da experiência inerte do conceito.

Como performática da criação, é ação, em específico, o projeto que o bom projetista projeta; assim como o *design* que o bom designer cria. Isto, em específico, quer dizer que não é experiência subjetiva. Nem objetiva. Nem é experiência comportamental. Que são formas do modo ôntico, acontecido, de sermos.

Como formas da ação, a performance criativa do projeto, e do design, originariamente dão-se como vivência da ação.

Própria, e especificamente, na vivência da implicação compreensiva da ação. Ação que constitui, em seus momentos, e como performance, o projeto e o design. Na vivência da dramática do episódio da ação, no modo eminentemente lógico, ontológico, fenomenológico, existencial, dialógico, de sermos.

## 1. A COMPREENSÃO É EMPÁTICA. A EMPATIA É COMPREENSIVA. (Aliás, *Compreensão Empática* é uma redundância...)

**Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo.***

O que caracteriza as abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, notadamente a Gestalt, e a Abordagem Rogeriana, é que -- privilegiando o modo fenomenológico existencial dialógico, hermenêutico, poiético, estético, e experimental, de sermos -- elas, em específico, própria e especificamente, privilegiam **o modo *compreensivo* de sermos**, em sua concepção, metodologia, e vivência.

Isto representa, do ponto de vista epistemológico, e ontológico, um agudo corte, radical (de *raiz*), definitivo, e definidor.

Ao privilegiarem, em sua concepção, metodologia, e vivência, o modo compreensivo de sermos, ao privilegiarem uma concepção e uma metodologia *compreensivas*, as abordagens fenomenológico existenciais não privilegiam o modo *explicativo* de sermos. Quer ele se dê sob a forma teórica, ou comportamental.

A concepção, a metodologia, a vivência, das abordagens fenomenológico existenciais privilegiam a *implicação*, e a *intensionalidade*, que são próprias e específicas do modo compreensivo de sermos.

Isto, em específico, quer dizer que, por privilegiarem a *implicação*, e não a *explicação*, elas não são *teorizantes* em sua concepção e vivência metodológica.

O que quer dizer que -- não explicativas, não teorizantes, *implicativas* -- elas não são científicas. A não ser que falemos do âmago de uma *ciência compreensiva*. Que falemos do âmago de uma ciência própria e especificamente *estética*.

Aí chegados, ainda teríamos que considerar qual o interesse de reduzir uma arte ao estatuto científico...

Dito isto, dizemos que as abordagens fenomenológico existenciais, igualmente, não são moralistas.

Da mesma forma, fundadas numa concepção e metodologia compreensivas, as abordagens fenomenológico existenciais não são, por isso, técnicas. Mas *hermenêuticas* e *experimentais*, no sentido fenomenológico existencial.

Da mesma forma que não são práticas.

Nem teoréticas, nem moralistas, nem técnicas, nem práticas, as abordagens fenomenológico existenciais são, própria e especificamente, *poiéticas*. Pelo seu caráter de privilegiamento do modo criativo de sermos, que é o modo de sermos da ação: da vivência e vivência da atualização de possibilidades – o modo compreensivo de sermos. Fenomenológico existencial, dialógico, estético, poiético, hermenêutico, e, assim, experimental.

Pela sua própria característica de ser, todo ele, ação, de ser todo ele atualização de possibilidades, este modo compreensivo de sermos, que é o modo sensível de sermos, é todo ele, também, movimento, movimentação. *Moção*, *e-moção, emoção*.

Ou seja, ao mesmo tempo em que é o modo sensível de sermos, o modo compreensivo de sermos é o modo de sermos impregnado pela emoção. É o modo de sermos que contém a emoção. De tal forma, que é o modo de sermos de nossa sensibilidade emocionada.

A esta característica de ***sensibilidade emocionada do modo compreensivo de sermos*** é que alude o sentido do termo e da concepção de ***Empatia***.

*Compreensão* e *Empatia* são, assim, dois aspectos intrínsecos e necessários do mesmo processo da vivência fenomenológico existencial e dialógica – vivência esta experimental, implicativa, intensional, hermenêutica, e poiética.

De um modo tal, que toda *Empatia* é, própria e especificamente, *Compreensiva.* Da mesma forma que toda *Compreensão* é, própria e especificamente, *Empática.* Referindo-se os termos respectivamente a aspectos diferentes de um mesmo processo fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico, poiético, e experimental – neste sentido fenomenológico existencial.

O termo ***Compreensão*** se refere à constituição, como ***sentido*** -- como consciência, pré-reflexiva -- da vivência fenomenológico existencial. Da vivência que é, intrinsecamente, e caracteristicamente, vivência de possibilidade; e vivência do processamento do desdobramento de possibilidade. Como dissemos: **a *ação.***

A possibilidade se constitui e, em sua constituição, é *apreendida* como ***sentido*** (*logos, fenômeno-logos, dia-logos*), como consciência, pré-reflexiva. Isto é a ***apreensão da cum-(a)preensão,*** *cum-a-apreensão* da possibilidade*.* ***Cum-preensão, Cumpreensão,***

***Compreensão.*** Que se dá e desdobra no dito modo de sermos da consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico, poiético; experimental, intensional e *implicativo.*

O termo ***Compreensão*** refere-se, assim, à constituição como *consciência* -- *consciência* pré-reflexiva, fenomenológico existencial, dialógica, hermenêutica, e experimental -- da vivência de possibilidades, e da *ação*, atualização -- que é, especificamente, o desdobramento -- compreensivo, intensional, e implicativo --, de possibilidades em sua vivência.

Processo que é, assim, *implicativo, e não explicativo: própria e especificamente é não teorético. E não comportamental.*

Na verdade, *pré-teorético,* e *pré-comportamental.*

No modo fenomenológico existencial de sermos, própria e especificamente, vivenciamos *possibilidades*.

O próprio às *possibilidades* em sua vivência, em seu *acontecer,* é que elas *se desdobrem*. Já que, em sua vivência intensional, as *possibilidades* são *forças plásticas, potências.* Que, na vivência de seu *acontecer*, performaticamente se configuram em *formas. Formas* da vivência. *Formas*, sempre, *compreensivas* – na vivência de seu acontecer. Mas, estritamente *compreensivas*, ou *compreensivas e musculares,* no seu desdobramento. Ou como as formas objetivadas do mundo e da vida *acontecidos.*

E este desdobramento configura-se e se constitui em si como a ***Ação, atualização***.

Sua vivência e o seu resultado é o que entendemos como *poiese.*

Todo este processamento se constitui como *vivência de sentido*, como ***logos***, *dia-logos, fenomeno-logos.* Constui-se, assim, como consciência fenomenológica e existencial, pré-reflexiva, pré-conceitual, *pré-ente*, *presente*.

Própria, e especificamente, assim, é esta constituição da possibilidade, e da ação, como *logos,* como consciência fenomenológica, e existencial, que constitui o que chamamos de *cum-preensão – Compreensão. O modo compreensivo de sermos.* Que é o modo fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico, poiético e experimental de sermos.

Este modo de sermos fenomenológico existencial dialógico, hermenêutico e experimental, é o modo de sermos *estésico*, o modo *Estético* de sermos. O termo *estésico* igualmente menciona a característica impregnação de possibilidades, e de ação, que é própria a este modo de sermos.

E propriamente foi entendido pelos *estéticos* Gregos como o *modo de sermos da sensibilidade.*

Pela própria ***movimentação*** característica da vivência, e da vivência do desdobramento da possibilidade, e da ação*,* este modo de sermos *da sensibilidade*, o modo *Compreensivo* de sermos, — fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental --, é, própria e especificamente, vivência de *movimento*.

É *movente*. É *moção,* é ***Emoção****. Emocionado.*

Ou, seja, pela própria vivência de possibilidade, e da ação, que se constitui como compreensão, o modo *compreensivo de sermos* é, igualmente, intrinsecamente marcado pela *emoção.*

Assim, o modo de sermos de nossa sensibilidade, o modo de sermos *compreensivo,* fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental, é o modo ***movente*** de sermos, o modo *co-movente* de sermos. O *compreensivo* modo de sermos é, igualmente, portanto, o modo de sermos da ***emoção****, o modo de sermos de nossa* ***sensibilidade emocionada****.*

Os Gregos designaram como *Pathos,* como *Páthico,* este modo *compreensivo* de sermos – o *poiético* modo **compreensivo** de sermos da vivência de possibilidade, e da vivência ativa, modo de sermos *da emoção*, modo de sermos da sensibilidade *emocionada* (no sentido de que contém a emoção).

O modo *compreensivo* de sermos que contém a emoção, e que, fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental, constitui, e configura a *poiesis emocionada* de nossa existência, e da existência do mundo que nos diz respeito. O *Pathos*, o modo *páthico* de sermos.

O modo *Empáthico* (de *dentro do pathos*) de sermos.

Vale particularmente observar que este sentido de *Pathos* é o sentido Grego original. Do qual diverge o sentido Latino do termo. Sentido Latino no qual o conceito de *Pathos* ficou marcado pela acepção de *excesso,* ou *descontrole*, *de emoção*; de sofrimento, de doença.

Assim, o sentido Grego original do termo é o de *modo compreensivo e poiético de sermos da sensibilidade emocionada*. Modo de sermos da sensibilidade.

De modo que o termo *Patológico,* por exemplo, tem um sentido completamente diferente na sua acepção Grega original, e na sua acepção Latina subsequente. Um, no limite, ligado a *sensibilidade compreensiva, poiética, e emocionada*; o outro, ligado no limite a exagero de emoção, ou a doença. Este sentido Latino derivado do

sentido Grego original é o que prevalece na cultura da civilização ocidental.

O termo e a concepção de ***Empatia*** (*dentro do pathos*) – *derivam deste sentido Grego original* do termo *pathos.* É desse sentido Grego original de *pathos* que surge a concepção, e o termo, *Empathia,* como designativo da vivência do modo compreensivo e *poiético* de sermos de nossa sensibilidade emocionada. Ou seja, como designativo da vivência do modo de sermos de nossa sensibilidade estética, *poiética,* fenomenológico existencial, e dialógica, hermenêutica e experimental, neste sentido. O modo de sermos que é própria, e especificamente, ***compreensivo****;* que é, própria e especificamente, ***compreensão****.* A vivência fenomenológico existencial sensível, estética, e poiética, que é a vivência de possibilidades, e da ação -- como desdobramento de possibilidades --, e que se constitui como consciência, fenomenológico existencial.

**A vivência *páthica, empáthica*, de nossa sensibilidade emocionada, é, assim, própria e eminentemente, especificamente, *compreensiva****.*** O termo ***Empatia*** enfatiza este aspecto de ***sensibilidade emocionada --*** *movida*, *e-movida*, *e-mocionada*, em sua form-ação, *per-form-ação,* pela potência plástica da vivência do possível, da vivência da emoção -- na *vivência que é, própria e eminentemente, compreensiva.*

De modo que **toda *compreensão* é *empática***; e **toda *empatia* é *compreensiva***.

Na medida, em particular, que a **vivência eminentemente compreensiva de possibilidade, e do seu desdobramento, na ação, fenomenológico existencial, dialógica, hermenêutica e experimental,** é, própria e especificamente, intrinsecamente, ***movente*** – ***moção, co-moção, emoção. Empática.***

***Empatética, pathética, peripathética.***

Assim, a vivência *páthica* se constitui e se configura como sentido. Como consciência pré-reflexiva, fenomenal – como compreensão --, especificamente, pela força plástica, potência, característica da possibilidade, e de sua *atualização:* do seu desdobramento*.*

A compreensão, como movimento da atualização de possibilidade, é, própria e especificamente, *movente,* (*e*)*mov-ente*, *e-moção*, portanto.

A ***compreensão***, o modo de sermos da compreensão, assim, é, própria e especificamente, páthico, ***empático***.

De modo que não é pertinente afirmar que *Compreensão* e *Empatia* são essencialmente diferentes... Compreensão e empatia são aspectos descritivos do mesmo processo da vivência em nossa sensibilidade emocionada, fenomenológico existencial e dialógica – experimental, hermenêutica, e poiética. *Compreensiva, e empática.*

Toda empatia é compreensiva, toda compreensão é empática.

Fundamental, também, entender que, e como, a ***vivência fenomenológico existencial, compreensiva e empática*** é, própria e eminentemente, ***dialógica.***

**Ao modo dialógico de sermos -- próprio à vivência fenomenológico existencial, compreensiva, e empática -- não nos damos, e desdobramos, numa relação sujeito objeto. Mas sim vivencialmente – na vivência que é vivência da dinâmica inter-ativa de uma relção eu-tu. E não a dicotomização sujeito-objeto que é própria aos modos não vivenciais, e não dialógicos, de sermos. A *explicação*, e o *comportamento*.**

A dialógica interhumana, que é eminentemente vivencial – da mesma forma que a dialógica com a natureza não humana, e a dialógica com o sagrado --, a vivência se caracteriza como o ***compartilhamento*** eu-tu da performática compreensiva de produção de sentido, a partir da vivência e atualização ***compartilhada*** de possibilidades. Há um compartilhamento compreensivo, e empático, que não é objetivo – nem subjetivo – mas ***dia-lógico.***

Assim, no modo de sermos da compreensão, e da empatia, não somos *sujeitos*, nem o outro é *objeto.* O outro é pontualmente um *tu*, e, pontualmente, somos o polo *eu* da dialógica pontualmente interativa de uma inter-ação eu-tu.

Inter-ação e desdobramento vivenciais de possibilidades, que se constituem especifica e eminentemente como ***cognição, pontualmente compartilhada***. Como desdobramento de sentido, de logos, compreensivos e empáticos, enquanto tais. Em sua dialógica, fenomenológico existencial, pré-reflexiva.

**BIBLIOGRAFIA.**

**BUBER, Martin.** Eu e Tu**.**

**HEIDEGGER, Martin.** EL SER Y EL TIEMPO.